

A black and white portrait of Paul Rees, a man with long, curly hair, smiling and resting his chin on his hand. He is wearing a watch on his left wrist and a patterned t-shirt. The background is a plain, light-colored wall.

leYa

P A U L R E E S

ROBERT PLANT

U M A V I D A

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



Ficha Técnica

Copyright © 2013, Paul Rees

Publicado originalmente em inglês por HarperCollins Publishers Ltd. com o título *Robert Plant: a life*.

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © 2014 by Texto Editores Ltda.

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Produtoras editoriais: Pamela Oliveira, Renata Alves e
Maitê Zickuhr

Assistentes editoriais: Marcelo Nardeli e Maria Luiza
Almeida

Diretor de produção gráfica: Eduardo dos Santos

Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Preparação: Lúcia Britto

Revisão: Adriana Ayami Takimoto

Capa: Rico Bacellar

Fotos da capa: © Peter Simon (frente) / © Redfems (verso)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rees, Paul
Robert Plant : uma vida / Paul Rees; tradução de Érico Assis.
- São Paulo: LeYa, 2014.

ISBN 9788544100585

Título original: *Robert Plant: a life*

1. Músicos - Biografia 2. Led Zeppelin (Conjunto musical) 3.

Música - Rock I. Título. II. Assis, Érico

14-0525 CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Músicos : Biografia

2014

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 — Pacaembu — São Paulo — SP

www.leya.com.br

*Para Denise, o amor da minha vida,
e para Charlie e Tom, luzes da minha
vida.*

BIS

Como você pode saber no que vai dar?

Por um instante, ele ficou a sós. De volta ao seu camarim, onde havia andado de um lado para o outro há menos de duas horas. Naquela ocasião, estivera dominado pelo terror do que estava por vir. O peso da história fazendo pressão sobre ele; o fardo de todos os demônios que ele tinha vindo, enfim, liquidar.

Tinha sentido o medo lhe corroer. O medo de como ele iria parecer para os

milhares na escuridão lá fora. Cá estava, aos 60 anos, desejando voltar no tempo e recapturar todas as maravilhas da juventude. Será que isso fazia com que ele parecesse um tolo? Naqueles longos minutos consigo mesmo, havia se olhado no espelho e perguntado várias vezes se ele conseguiria ser tudo que já havia sido um dia; se realmente seria possível fazer sua voz chegar outra vez aos picos que uma vez havia escalado.

Também haveria fantasmas no recinto. Do primogênito, do melhor amigo e de todos os outros que ele havia perdido pelo caminho. Por todos esses, ele queria ser o Deus Dourado nesta última vez...

Passava da meia-noite de 10 de

dezembro de 2007. Robert Plant estava se recompondo logo após o show de reencontro do Led Zeppelin na Arena O2, em Londres. O rugido da multidão, que havia rolado por cima dele como uma trovoadas, se desvanecera. Ele conseguia ouvir muitas vozes tagarelando nos corredores do *backstage*; os mesmos corredores que, mais cedo, estavam silenciosos e sem movimento, tomados de expectativa antes de ele e sua banda passarem ativos por ali outra vez.

Jimmy Page e John Paul Jones, os outros membros originais do Led Zeppelin ainda vivos, estavam cada um em seu canto, com seus pensamentos. Tinham se reunido naquela noite, mas

restava certa distância entre eles. Ela expressava tudo que haviam construído juntos e viram ruir; as vitórias compartilhadas e as amargas recriminações; relacionamentos tão complexos e tão complicados que era quase impossível desenredá-los.

Quando Plant enfim abriu a porta, todos que vieram apertar sua mão e dar tapinhas nas costas disseram o que ele já sabia. Ele, eles, tinham sido fantásticos. Melhores do que qualquer um poderia ter esperado. Suas dúvidas haviam sossegado. Sua dívida, por assim dizer, fora honrada.

Pat e Joan Bonham, esposa e mãe de John, o amigo e colega que ele enterrara há uma vida ou há um piscar de olhos,

estavam entre os últimos que ele cumprimentou, as quais abraçou com especial carinho. Jason, filho e neto delas, ocupara o assento do pai na bateria naquela noite. Plant falou para as duas mulheres o quanto John teria se orgulhado do filho único. E, então, os fantasmas voltaram.

Era para ele se encontrar com amigos numa sala de recepção qualquer no andar de cima. Havia uma festa VIP para ir, em que ele seria festejado por Paul McCartney e Mick Jagger, Kate Moss e Naomi Campbell, Priscilla e Lisa-Marie Presley, entre muitos outros. Em vez disso, ele deu uma última olhada para o cenário de seu triunfo, chamou um carro e pediu que o levassem dali. O que ele

queria agora era ficar o mais longe possível de tudo e de todos.

“O ar rarefeito no *backstage* da O2 era algo que se conseguia curtir só por uns instantes”, ele me contou, três anos depois.

Naquela noite fria e escura, ele seguiu rumo ao norte. Cruzou o rio Tâmis e passou por ruas iluminadas pelas luzes de Natal. Foi até Chalk Farm, um recanto da zona norte de Londres a dois quilômetros dos agitos de Camden Town e a uma curta caminhada da chique Primrose Hill, onde ele tinha uma casa. Desceu do carro em frente ao Marathon Bar, restaurante turco pouco convidativo na Chalk Farm Road.

Ao entrar, passou por dois espetos de

carne cinzenta que cozinhavam perto da janela, pelo balcão de aço inox e pelo cartaz berrante anunciando *kebabs*, hambúrgueres e frango frito. Entrou na salinha dos fundos, abafada e sem janelas. Sentou-se à mesa de madeira, pediu meia garrafa de *vodka* e um prato de *homus*. Era conhecido ali, e deixavam-no quieto. Ali, entre os fregueses de fim de noite do Marathon Bar – a rapaziada, os casaizinhos e os gângsters locais –, enfim se sentia em paz. Por um arco, podia ver o salão principal do restaurante e a rua lá fora.

Conheci Plant em 1998, quando eu trabalhava na *Kerrang!*, revista britânica de rock. Na época, ele e Page estavam

para lançar seu segundo álbum como Page e Plant, *Walking into Clarksdale*. Entrevistei os dois em Londres. Durante nossa conversa, Plant oscilou entre rabugento e desinteressado, apaziguador e comunicativo, e eu achei difícil decifrá-lo. Por isso fiquei fascinado com ele, atraído tanto pelas contradições quanto pelo carisma óbvio. Page, mais fechado e de aparência mais frágil, não deixou impressão tão duradoura.

Nossos caminhos se cruzaram algumas vezes nos anos seguintes. Fizemos uma viagem de balsa juntos em Istambul, e dei de cara com ele nos bastidores de vários programas de TV ou entregas de prêmios. Ao descobrir que eu também era das Midlands e fã de futebol, ele

pareceu ficar mais cordial comigo – embora o time para o qual eu torcesse, o West Bromwich Albion, fosse rival dos Wolverhampton Wanderers, para o qual ele torce desde criancinha. Uma vez ele me mandou *e-mails* propondo uma aposta quanto ao resultado de um jogo entre os dois times. Ainda estou esperando que ele honre a aposta – jantar em um restaurante indiano na Brick Lane, em Londres.

Entrevistei-o de novo em 2010, dessa vez para a revista *Q*, quando ele ainda saboreava o sucesso de *Raising Sand*, álbum que gravara com Alison Krauss, cantora norte-americana de *bluegrass*. Nessa ocasião, ele foi mais cordial e amigável, também pareceu mais à

vontade. Talvez fosse resultado da boa receptividade de *Raising Sand* e de seu trabalho subsequente, e provavelmente também por Page não estar junto. Ele fez reflexões sobre seus anos de formação no coração da Inglaterra, sobre a louca aventura com o Led Zeppelin e sobre a carreira solo, na qual sua sorte foi tão variada quanto os álbuns que ele gravou.

As duas coisas que mais me impressionaram em Plant foram sua paixão pela música – que arde com tanta fúria hoje quanto ardia quando ele foi cativado pelos grandes cantores americanos de blues, ainda no colégio – e a singularidade de sua história. Os melhores trabalhos da grande maioria de seus colegas ficaram para trás há muitos

anos, mas Plant continua em busca de novos desafios e novas aventuras. É o que mantém sua música atualizada e vigorosa, enchendo-a de supresas e encanto. Foi essa a centelha para este livro, ataçada por saber que ninguém ainda havia documentado toda a sua vida.

Também havia o desafio de encontrar um sentido no que motivava Plant e o levava em frente. Para quem o observa casualmente, ele pode parecer loquaz, mas, por trás da fachada, é resguardado e reservado, cuidadoso para nunca revelar demais sobre si. Eu queria alcançar o homem por trás da música, pois ter uma melhor compreensão dele lançaria uma nova luz sobre o caminho

que percorreu.

Enquanto estava no Marathon Bar colocando os pensamentos em ordem naquela noite de dezembro, nas horas que conduziam à manhã, será que ele refletiu sobre quão longe havia chegado e há quanto tempo estava nessa jornada? Sobre os anos de esforço, sobre as brigas com os pais, quando não tinha dinheiro no bolso e sentiu que o sonho que o impelira estava se esvaindo? Sobre os pontos altos aos quais o Led Zeppelin o levava, quando ele desfrutava da bajulação de milhões e sentia a vertigem inebriante do poder da banda pulsando em suas veias? E sobre as profundezas escuras em que afundou

quando não havia nada para preencher os espaços vazios em seu coração?

Ao longo de tudo, sempre houve a música. Era ela, tanto então quanto hoje, o que mais o iluminava. Primeiro veio aos estalos pelas ondas do rádio, depois como uma coisa selvagem, primitiva, vinda de dentro. As possibilidades infinitas que oferecia fizeram sua cabeça girar. Foram tantas e tão impactantes as vezes em que foi provocado por Elvis Presley e Robert Johnson, pelos sons que se precipitavam até ele vindos do oeste norte-americano e do norte africano. Tudo isso o levou em frente. Deu mais do que ele ousaria pedir. E ele sorveu até a última gota. Por conta disso, o preço foi alto e horripilante.

Ao olhar para trás, será que ele também contemplou seu presente e o que poderia estar além do horizonte? *Raising Sand*, do qual tinha tanto orgulho, despertara algo novo dentro dele, mas restava a questão do que fazer a seguir, aonde ir e com quem. Ele nunca perdeu a curiosidade implacável em relação a tudo que poderia acontecer. Mesmo naquela noite, quando estufou o peito e emproou o passo para voltar ao passado, o que o sustentava era, acima de tudo, a sensação de seguir adiante, de novas fronteiras e dos mistérios contidos dentro delas.

“Não tem como fazer um plano de vida se você se vicia em música”, foi o que ele me disse quando perguntei sobre

essas coisas. “Nessa idade, quando você percebe que ainda se arrepia e sente um nó na garganta ao ouvir música, como pode saber no que vai dar?”.

PARTE UM O PRINCÍPIO

*Não havia a menor ideia para onde
estávamos indo,
mas também não havia cura.*



1

BLACK COUNTRY

“Caramba, Rob fazia uma imitação fantástica de Elvis.”

Robert Anthony Plant nasceu em 20 de agosto de 1948 em West Bronwich, no coração das Midlands industriais

inglesas. Seus pais estavam entre os primeiros a se beneficiar do novo Sistema Nacional de Saúde – o grandioso plano de saúde gratuito universal proposto pelo governo trabalhista de Clement Attlee, quando chegou ao poder em 1945, e que se tornara realidade um mês antes do nascimento do filho.

O pai de Plant também chamava-se Robert, assim como o seu avô paterno. Engenheiro civil de formação, servira na força aérea britânica durante a Segunda Guerra Mundial. Antes da guerra, fora um violinista dedicado, mas a responsabilidade de sustentar a família tomou precedência quando ele voltou para casa. Entretanto, manteve o amor

pela música clássica. Sua outra grande paixão era o ciclismo – e ele competia com frequência em corridas locais. Dizem que era um homem honrado e honesto, de perfil nem mais nem menos conservador que outros pais de sua época.

Pai e filho encontraram um laço em comum no futebol. Plant tinha cinco anos quando seu pai o levou para ver, pela primeira vez, um time profissional da cidade, os Wolverhampton Wanderers. Sentado no joelho do pai, ele viu os jogadores saírem do vestiário e entrarem no campo verde – os Wolves de listras douradas e negras – e ficou eufórico ao ser consumido pelo barulho da multidão de milhares de torcedores. Seu pai lhe

disse que Billy Wright, o capitão dos Wolves e da seleção da Inglaterra, havia abanado para ele ao sair do túnel naquele dia.

Sua mãe era Annie, embora fosse comum as pessoas a chamarem pelo nome do meio, Celia. Como em muitos lares da época, era ela que cuidava da casa e colocava a comida na mesa. Plant herdaria a risada da mãe, um risinho abafado de contentamento. Ela o chamava de “meu marotinho”. Os Plants eram católicos e criaram o filho segundo os ditames da religião. Mais tarde, teriam uma segunda criança – uma filha, Alison. Robert, porém, seria o único filho homem e, por isso, depositário de seus sonhos e esperanças.

Desde tenra idade, Plant se lembra de haver música na casa da família. Seu avô havia fundado uma fanfarra em West Bromwich e tinha talento no trombone, no violino e no piano.

“Meu bisavô também era das fanfarras”, ele me contou. “Todo mundo tocava. Meu pai sabia tocar, mas nunca o fazia. Aquela coisa de ficar tocando em volta da lareira pulou a geração dele. Ele foi para a guerra, perdeu as oportunidades, voltou para casa e teve de ralar muito para reavê-las, assim como muitos homens da época.”

A cidade na qual o jovem Plant passou seus primeiros anos ficava a três quilômetros da ampla zona urbana de Birmingham, segunda maior cidade da

Inglaterra. Os habitantes locais chamavam as regiões ao norte e oeste de Birmingham de *Black Country* [“País Negro”]. Isso por conta da fumaça asfixiante vomitada pelas milhares de chaminés das fábricas que haviam pipocado durante a Revolução Industrial britânica do século XIX. Ao escrever sobre as emissões pungentes em *A velha loja de antiguidades*, Charles Dickens descreveu como “derramavam sua peste fumacenta, turvando a luz e imundecendo o ar de melancolia”.

Por volta de 1830, os 336 quilômetros quadrados do *Black Country* haviam se transformado num espaço quase que totalmente industrializado de minas, fundições e fábricas – consequência de

estar sobre um dos veios de carvão mais ricos do país. A corrida da indústria pesada trouxe não apenas tijolo e cimento, mas também a criação de um novo canal e uma nova rede ferroviária, o que permitiu ao *Black Country* exportar sua riqueza mineral aos recantos distantes do império britânico.

Ainda extraíam carvão das minas do *Black Country* nos anos 1950, embora os dias de glória já houvessem passado. Ainda se trabalhava intensamente com ferro e aço nas fábricas locais até os anos 1980, e com vidro – com que se trabalha até os dias de hoje. As âncoras e correntes da primeira – e última – viagem do *Titanic*, em 1912, foram forjadas na cidade de Netherton, parte

do *Black Country*, e as taças de vidro e cristal do navio foram moldadas nas fábricas de vidro da vizinha Stourbridge.

Em conformidade com seus princípios austeros, o povo do *Black Country* se orgulha de trabalhar pesado; durões e resistentes, no geral tendem à disposição estoica e ao senso de humor bobo. Seu dialeto particular, que sobrevive até hoje, tem raízes nas primeiras amostras de inglês falado e costuma ser incompreensível para forasteiros. Falado habitualmente com voz cantada, transmite nada mais que diversão e perplexidade. Há um velho ditado naquela terra: “*Black Country born, Black Country bred, strong in the arm*

and thick in the head” [“No *Black Country* nascido, no *Black Country* criado, o braço forte, a cabeça fechada”]. Era assim que eles saíam mundo afora.

Dois dos pistoleiros mais ativos do Velho Oeste, Wes Hardin e “Bad” Roy Hill, que mataram um total de setenta homens, tinham raízes na cidade de Lye, no *Black Country*, com suas famílias tendo partido para a terra prometida da América e a subsequente infâmia. Os ancestrais de Wyatt Earp, o grande homem da lei do Velho Oeste, que gravou seu nome na história em O.K. Corral, em 1881, vinha de Walsall, a pouco mais de seis quilômetros do local em que Plant deu seus primeiros passos.

Quando veio a Segunda Guerra Mundial, a região ficou emaranhada no conflito. Neville Chamberlain, primeiro-ministro britânico na época da eclosão da guerra e que, erroneamente, tentou aplacar Adolf Hitler, descendia das grandes dinastias políticas de Birmingham. Embora a guerra viesse a ser ganha, suas consequências perduraram ao longo da década seguinte. O racionamento de alimentos como carne e laticínios continuou até 1954 na Grã-Bretanha. À época da infância de Plant, West Bromwich e o *Black Country*, assim como várias cidades e vilarejos do país, ainda carregavam cicatrizes dos seis anos de conflito. Sendo centro de fabricação de munições,

a área fora um alvo primário das bombas alemãs. Por toda Birmingham e por todo *Black Country* viam-se carcaças de prédios e casas destruídas. Era comum encontrar pontas de bombas ou estilhaços pela rua.

“No início dos anos 1950, a região toda ainda era cheia de buracos das bombas”, lembra Trevor Burton, que cresceu em Aston, a nordeste do centro da cidade de Birmingham, e que cruzaria com Plant na cena musical local dos anos 1960. “Os locais bombardeados, as pilhas de pedregulhos, as casas explodidas, eram nosso *playground*.”

Os anos 1950 trariam grandes mudanças para a Grã-Bretanha. No início da década, eram poucos os

britânicos que possuíam um aparelho de televisão; os que tinham podiam assistir a um único canal – em preto e branco. A coroação da rainha Elizabeth II, em 2 de junho de 1953, levou a um aumento abrupto dos proprietários de TV e, ao fim da década, 75% dos lares britânicos tinham o aparelho. Os anos 1950 também testemunharam a abertura das primeiras autoestradas britânicas – a M6, em 1958, e a M1, em 1959 –, criando conexões mais velozes e mais diretas entre cidades como Londres, Birmingham, Liverpool e Manchester. O progresso deixou o mundo mais próximo da Grã-Bretanha, com uma aparência de maior acessibilidade.

Ao mesmo tempo, porém, o papel

britânico no palco global estava em declínio. A Crise de Suez, em 1956, durante a qual a Grã-Bretanha tentou e não conseguiu retomar do Egito o controle do Canal de Suez, precipitou o fim do império. Estados Unidos e União Soviética eram as novas superpotências, com a Grã-Bretanha relegada ao papel de sócia minoritária dos norte-americanos nas décadas da Guerra Fria, que se desdobraria entre as duas nações.

O clima na Grã-Bretanha, contudo, era de alívio com o fim da guerra na Europa e esperança de tempos melhores. Isso começou a se tornar perceptível a partir do meio da década, quando a economia nacional entrou em expansão e os salários da mão de obra qualificada

estavam em alta. A corrida dos britânicos em busca da ascensão social deixou um vácuo na mão de obra não especializada, preenchido por governos sucessivos com trabalho imigrante da Commonwealth. Com esses operários a povoar as siderúrgicas e fundições – além da novidade que era a indústria automobilística –, Birmingham e o *Black Country* logo ficaram entre as regiões mais multiculturais do país. À já robusta população irlandesa de Birmingham somariam-se vibrantes comunidades vindas do Caribe, da Índia e do Paquistão.

Em 1957, o sentimento coletivo de riqueza e aspirações estava tão em alta que Harold Macmillan, primeiro-

ministro conservador, previu uma era de prosperidade sem precedentes para o país. “Sejamos francos”, disse ele, “em termos gerais, nosso povo nunca esteve tão bem de vida”. Os britânicos concordaram e elegeram Macmillan para um segundo mandato em outubro de 1959.

A família Plant encarnava a ascensão das classes médias na Grã-Bretanha de Macmillan. Sendo mão de obra qualificada, sr. Robert Plant logo teve como bancar a mudança da esposa e do filho de West Bromwich para as periferias mais viçosas do *Black Country*. Foram para a frondosa Hayley Green, enclave suburbano endinheirado a 24 quilômetros do centro de

Birmingham.

O novo lar da família Plant ficava na Causey Farm Road, 64, uma rua ampla de robustas casas pré-guerra, bem na saída da estrada principal entre Birmingham e a cidade-satélite de Kidderminster. Era uma vizinhança habitada por trabalhadores de colarinho branco, de valores tradicionais e do tipo que se esconde atrás da cortina para espiar. Diferente de West Bromwich, era cercada pela zona rural. As fazendas eram abundantes, tendo a Floresta de Wyre nas proximidades e Hayley Green se estendendo até as Colinas Clent.

Situada próximo ao fim da Causey Farm Road, a casa de número 64 era uma das mais modestas da rua. De

tijolos vermelhos, tinha uma calçada curta e garagem, e de seu elegante quintal tinha-se visão total das colinas. Para o jovem Plant, haveria vários lugares aonde ir e explorar: os morros, o bosque no final da rua, ou, pulando cercas e atravessando os campos, a cidade de Stourbridge, com sua agitada rua principal.

Foi durante esse período que se ativaram muitas das paixões vitalícias de Plant. As Colinas Clent e as cidades e vilarejos ao seu redor foram a inspiração para a paisagem da Terra Média de J. R. R. Tolkien; o escritor da trilogia *O Senhor dos Anéis* e de *O Hobbit* cresceu na região na década de 1890. Plant devorou os livros de Tolkien

quando criança, e vez por outra faria referência àquele mundo fantástico em suas letras.

No verão, os Plants, assim como muitas outras famílias do *Black Country*, iam passar as férias no leste, cruzando a fronteira do País de Gales. Dirigiam-se ao Parque Nacional de Snowdonia, mais de 2 mil quilômetros quadrados de terras escarpadas no planalto do noroeste do país. Era uma região rica em folclore e história celta, e foi isso, aliado ao caráter ermo do terreno, que cativou o jovem Plant.

Ele foi seduzido por mitos galeses como os que circulavam em torno da montanha Cadair Idris, um maciço soturno na ponta sul da Snowdonia

próxima ao pequeno ponto comercial de Machynlleth, aonde os Plants iam com frequência. Dizia-se que a montanha fora tanto trono do rei Artur quanto do gigante Idris, que a usava como local de descanso para sentar-se e olhar as estrelas. De acordo com as lendas, quem passa uma noite de sono nas encostas de Cadair Idris está destinado a acordar na manhã seguinte como poeta ou louco.

Em Machynlleth, Plant ficou sabendo das façanhas de um homem que viria a se tornar seu grande herói folk, o rei galês Owain Glyndŵr. Foi naquela cidade que Glyndŵr fundou o primeiro parlamento galês, em 1404, após liderar rebelião armada contra as forças de ocupação inglesas do rei Henrique IV. O

levante foi arrasado cinco anos depois, e a esposa e duas das filhas de Glyndŵr foram enviadas para morrer na Torre de Londres. Glyndŵr conseguiu fugir, tendo lutado até a morte, em 1416.

Mas, para Plant, não haveria nada comparável ao impacto que o rock'n'roll teria sobre ele quando criança. Como todo jovem que cresceu na Grã-Bretanha pós-guerra, ele vivia numa atmosfera quase sufocante de afetação e retidão. Ensinava-se as crianças a respeitar os mais velhos e mais experientes. Tanto na forma de se vestir quanto nas expectativas de comportamento, elas eram moldadas para parecer versões menores dos pais. A autoridade não devia ser questionada,

e o conformismo era norma.

O panorama musical da Grã-Bretanha nos anos 1950 era igualmente deficiente em termos de diversidade geracional. Os shows de variedades, as grandes bandas de *swing* e os bailes faziam sucesso tanto entre jovens quanto velhos. Na passagem das décadas, os clubes do país se agitavam ao som do jazz tradicional, tornando estrelas os líderes dessas bandas, gente como Chris Barber, Acker Bilk e Kenny Ball. Tocavam músicas tão cômodas e inofensivas quanto os costumes sociais da época. Nos Estados Unidos, porém, começava a formar-se uma tempestade cultural.

Elvis Presley, jovem e puro brio, lançou seu primeiro disco, *That's All*

Right, pelo selo Sun Records, de Memphis, no verão de 1954, e deu à luz um som inovador. Filho bastardo do blues tradicional dos afro-americanos e da música country de seus comparsas brancos, o rock'n'roll era alto, impetuoso e louco de empolgante – e chegou como um terremoto, cujos tremores reverberaram pelo Atlântico. Logo atrás de Elvis vieram Jerry Lee Lewis, Little Richard, Eddie Cochran, Buddy Holly, Gene Vincent e outros, todos jovens com fogo nas entranhas e, quase sempre, um brilho de malícia e loucura nos olhos.

Em 1956, a simples imagem de Elvis girando o quadril na TV, no *Ed Sullivan Show*, foi o suficiente para chocar os

guardiões da moral nos Estados Unidos. Também foi determinante para abrir o primeiro abismo de verdade entre gerações dos dois lados do Atlântico. As rotações de Elvis foram o ponto de encontro entre adolescentes tanto britânicos quanto americanos e uma afronta ao senso de decência moral de seus pais.

Nas Midlands inglesas, o rock'n'roll chegou em pessoa, na forma de Bill Haley. Em 1954, Haley, saído de Michigan, lançou um dos primeiros *singles* de rock'n'roll, "Rock Around the Clock", ao qual deu sequência com um sucesso ainda mais estrondoso, "Shake, Rattle and Roll". Quando chegou ao Odeon de Birmingham em

fevereiro de 1957, em sua primeira turnê britânica, os adolescentes da cidade fizeram fila de dar volta na quadra para garantir seu ingresso. No show em si, pularam dos assentos e dançaram loucamente nos corredores. Não importava que, em carne e osso, Haley não tivesse nem um pouco da virilidade juvenil de Elvis.

Laurie Hornsby, historiadora da música de Birmingham, recorda: “O homem responsável por ir até as docas de Southampton e receber Haley no desembarque era Tony Hall, o divulgador da Decca Records em Londres. Ele me disse que ficou na ponta da prancha de desembarque, e por ela desceu um aposentado caquético

agarrando firme. Hall pensou: ‘Meu Deus, tenho que vender isso para os adolescentes britânicos’. Mas vendeu mesmo”.

Na época em que Elvis surgiu em cena, Plant estava no primário. Alto para a idade, foi agraciado com a boa pinta e uma massa de cabelos loiros e ondulados. Ele podia ser muito novo para captar a exata natureza do *sex appeal* cru de Elvis, mas foi imediatamente atraído pelo poder indômito de sua voz e o ritmo exótico de sua música. Desde os 9 anos, ele se escondia atrás do sofá na sala da Causey Farm Road, número 64, para imitar os discos de Elvis no rádio – a escova de cabelo fazia as vezes de microfone.

Ele logo passou a Eddie Cochran e Gene Vincent. Todo fim de semana, ele e os pais se reuniam em volta da TV para assistir ao programa de variedades *Sunday Night at the London Palladium*. Foi nele, na primavera de 1958, que o Plant de 10 anos conheceu Buddy Holly & the Crickets. Naquele ano, Holly também foi às Midlands e tocou no Gaumont Cinema de Wolverhampton em 7 de março. Três dias depois, fez shows de início e fim de noite no Salão Municipal de Birmingham.

Plant já havia começado a usar um penteado levemente similar aos topetes de Elvis e Cochran, para grande desgosto dos pais. Também digeria os outros sons que tomavam conta do Reino

Unido e tornavam o ato de levantar-se e fazer música parecer bem mais alcançável. Suas raízes estavam na cultura musical afro-americana do início do século XX – o jazz e o blues. Nos anos 1920, as *jug bands* haviam brotado nos estados sulistas dos EUA, e eram chamadas assim por conta das moringas e outros instrumentos improvisados. Essa música ganhou nova vida trinta anos depois, na Grã-Bretanha, e recebeu o nome de “*skiffle*”.

O rei incontestado do *skiffle* era Lonnie Donegan, natural de Glasgow, que começara a tocar nas bandas de *trad jazz* no início dos anos 1950. Autodidata no banjo, Donegan fundou uma banda de *skiffle* que usava violões baratos, uma

tábua de lavar e o *tea-chest bass*¹. Eles tocavam canções folk norte-americanas de gente como Woody Guthrie e Leadbelly. A partir de 1955, com uma versão acelerada de “Rock Island Line”, de Leadbelly, Donegan chegaria a ter vinte e quatro *hits* consecutivos no Top 30 do Reino Unido, uma série ininterrupta que se estenderia pelo início dos anos 1960.

O sucesso de Donegan e a simplicidade do esquema incitaram pilhas de garotos britânicos a formar bandas de *skiffle*. Uma delas, os Quarrymen, foi montada em Liverpool, na primavera de 1957, por John Lennon aos 16 anos. Da sua parte, Plant ainda era muito novo e inexperiente para

sequer pensar em montar uma banda. Mas no *skiffle*, assim como no rock'n'roll, ele encontrou uma rota para a música folk negra dos EUA, o blues. Era essa rota que ele logo seguiria com a obstinação de um peregrino.

Na manhã de 10 de setembro de 1959, porém, o que mais se destacava na cabeça de Plant não era a música, mas sim o quanto detestara seu novo uniforme escolar. Lá estava diante da mãe embevecida, vestindo calças curtas cinzas, meias cinzas compridas, camisa branca, gravata listrada vermelha e verde, blazer verde e um quepe verde que aplainava o cabelo bem cuidado. Aos 11 anos, após passar nas provas de

ingresso, ele ia começar o liceu.

Mas não qualquer liceu. Plant conseguira vaga na King Edward VI Grammar School for Boys de Stourbridge, reputada como a melhor da região. Para seus pais, ele frequentar tal estabelecimento significaria gastos extras, mas os vizinhos iriam se impressionar. A escola fora fundada em 1430 como Chantry School of Holy Trinity e tinha entre seus egressos o escritor Samuel Johnson, no século 18. Escola exclusiva para meninos, com 750 estudantes, era tão calcada na tradição que os calouros eram apresentados no jornal escolar sob o cabeçalho *salvete*, o latim da Roma antiga utilizado para recepcionar um grupo.

Na primeira manhã, Plant e aproximadamente 90 recém-chegados fizeram fila em frente à casa dos funcionários, no *playground* da escola. Ao seu redor, viam-se prédios de tijolo vermelho, incluindo a biblioteca de tetos abobadados e vitrais. Vieram os mestres, de toga negra e barrete com borla, e destinaram cada calouro a uma de três turmas. Os meninos que haviam demonstrado distinção na prova de ingresso e eram considerados futuros candidatos à universidade foram reunidos na 1C. Plant ficou na turma intermediária, a 1B.

A escola operava um código disciplinar severo, supervisionado pelo diretor Richard Chambers. Alto e com

óculos de aro de tartaruga, Chambers tinha um nariz aquilino que levava os estudantes a apelidá-lo de “Bicudo”. Pelas costas, também era motivo de troça por um problema de dicção que não o deixava pronunciar corretamente a letra “r”. Mesmo assim, Chambers inspirava tanto respeito quanto temor.

“Ele era extremamente rígido, realmente um sádico”, lembra-se Michael Richards, colega de Plant. “Se você fazia algo que não devia, ele chamava seu nome na frente do colégio inteiro. Aí você tinha que ir à sala dele e ficar esperando até ser convidado a entrar. Ele dava a reprimenda pelo que você havia feito e mandava quatro bengaladas no traseiro. Então dizia para

você voltar lá depois da aula. Aí você passava o dia pensando naquilo, voltava e levava o mesmo castigo.”

Pelo menos no início, Plant podia ser visto como um típico garoto de liceu. Colecionava selos e, no inverno, jogava rúgbi. Embora o colégio não admitisse a prática de seu amado futebol – a bola de futebol era proibida no *playground*, aliás –, ele se juntava a grupos de outros meninos que ficavam chutando uma bola de tênis durante o intervalo, improvisando traves com os *blazers*. No segundo ano, seu tutor o nomeou monitor da classe 2B, cargo que lhe rendeu responsabilidades prosaicas como apagar o quadro negro e dirigir-se à sala dos professores para notificar os outros

mestres caso um tutor não chegasse no horário.

O que o diferenciava era o amor pela música e a maneira como se comportava. Era normal vê-lo caminhando pelo colégio com uma coleção de vinis debaixo do braço – discos, na maioria das vezes, de Elvis Presley. Começou a imitar até os pés tortos de astro.

“Caramba, Rob fazia uma imitação fantástica de Elvis”, diz Gary Tolley, que se sentava perto de Plant na mesma classe. “Ele era vidrado em Elvis, mas o Elvis do início, não o Elvis de *Saudades de um pracinha*, depois que ele ficou *showbiz*. Também era muito ligado em Eddie Cochran. O topete dele era igual. Sabe aquelas fotos de Cochran de lado,

olhando para a câmera? Aquilo era o Robert.”

Plant e Tolley, que estava aprendendo a tocar violão, formaram uma panelinha na escola cujo interesse comum era a música. Também faziam parte Paul Baggott, outro colega de aula, e John Dudley, iniciante na bateria. Tinham orgulho de ser os primeiros a saber os discos quentes do momento e quando gente como Cochran ou Gene Vincent vinha fazer show na região.

“Sem querer me gabar, mas a gente fazia sucesso no colégio”, lembra Dudley. “Os outros meninos meio que nos admiravam, porque a gente sabia de coisas que eles não sabiam. Robert era um cara legal, mas meio cheio. Era

muito convencido. Sempre foi. A era dos Teddy Boys já tinha acabado, mas ele fazia questão de usar casaco de lapela e tudo mais. Muita gente achava que ele era arrogante por conta daquele jeito dele de se portar.”

“Rob era muito bonito e parecia estar sempre no centro de tudo que acontecia”, complementa Tolley. “Ele tinha um algo a mais. Carisma, acho eu. Naqueles tempos, os católicos tinham uma missa matinal separada dos outros e, depois, vinham nos encontrar na concentração. Robert andava pelo salão principal com aquele topete, a gola do casaco virada pra cima, e dava pra ver os mestres e decuriões fazendo olhar de reprovação. Ele usava o uniforme da

escola, mas de algum modo nunca parecia igual a todo mundo.”

Plant e Tolley se tornariam bons amigos. Fora do colégio, iam ao clube juvenil local jogar tênis de mesa ou sinuca, e Plant levava *singles* de Elvis e Eddie Cochran para rodar no toca-discos do clube. Plant também herdara o amor do pai pelo ciclismo, e ele e Tolley saíam a pedalar pelas Midlands em bicicletas de corrida.

“O pai do Robert conhecia alguém do clube de ciclismo e lembro que fomos num velódromo perto de Stourbridge, ficamos dando voltas e voltas e achando-nos sensacionais”, diz Tolley. “Ele vinha muito na minha casa e sempre aparecia na hora da refeição. Se a gente

ia pedalar à noite, ele chegava quarenta e cinco minutos antes do combinado. Era inevitável minha mãe perguntar: ‘Sobrou um pouco de chá, Robert. Você gostaria?’ ‘Sim, por favor, Sra. Tolley.’”

“No domingo, ele aparecia na nossa casa na hora do chá”, diz John Dudley. “Ele sempre foi muito educado. Pedia sanduíches de geleia para minha mãe. Se você pensar em termos de classe, a mãe e o pai dele estavam uma classe acima dos meus. Meu pai trabalhava na ferrovia. Acho que, na época, o pai do Rob era arquiteto. Eles moravam numa casa melhor que a nossa. Rob não passou nem perto da penúria.”

Desde que o filho mantivesse seus estudos acadêmicos, os pais de Plant

toleravam sua paixão pelo rock'n'roll. O pai, porém, acostumado a ouvir Beethoven em casa, se dizia perplexo. Em 1960, eles compraram para Plant seu primeiro toca-discos, um Dansette Conquest Auto vermelho e creme. Quando ele abriu, achou um *single* na bandeja: “Dreaming”, do cantor *rockabilly* norte-americano Johnny Burnette. Com seu primeiro vale-presente, comprou “Shop Around”, dos Miracles, um dos efervescentes pilares do soul, que rendera à nascente Motown de Berry Gordy o primeiro sucesso nos EUA.

Aos 11 anos, o futuro começava a abrir-se para Plant. Não constava nesse futuro o fantasma dos dois anos de

forças armadas assim que deixasse o colégio, pois o governo Macmillan acabara de abolir o serviço militar obrigatório. Mesmo assim, era um futuro sobre o qual ele ainda não tinha controle, o que se enfatizou quando a mãe insistiu que ele aparasse o topete. Plant fez cara feia, mas obedeceu.

1 Baixo improvisado com caixa de madeira, cabo de vassoura e corda. [N. do T.]

2

A MÚSICA DO DEMO

*E tinha o nosso povinho,
geniozinhos da academia em plena decadência.*

Na época em que Plant entrou no terceiro ano do liceu, em 1962, a música havia superado qualquer outro interesse dele. Para início de conversa, ele se frustraria na busca de algo que provocasse o mesmo arrebatamento que ele tivera na primeira vez que ouviu Elvis. Essa era uma coisa totalmente ausente do entretenimento morno da TV da época, e suas opções no rádio se limitavam a uma emissora, a rádio Luxembourg. Nesta, pelo menos, ele podia ouvir Chris Kenner, cantor negro de R&B saído de Nova Orleans, mais um empurrãozinho na sua trajetória.

“Quando eu era garoto, não tinha no que me apoiar”, ele me disse. “No meio de tudo aquilo, um desses cometas

passava pela rádio lá de vez em quando. Mas pense na diferença entre aqui e os EUA. Nos EUA, era só girar cinco graus no *dial* que você estava numa rádio de *black music*.

“Nós, britânicos, éramos monossilábicos em termos de música. Quando dizem que a gente devolveu o blues para os EUA, que bobagem. Porque John Hammond, Canned Heat, Bob Dylan, Mike Bloomfield, Elvin Bishop... todo esse pessoal já tocava blues. A visão e conhecimento de música que eles tinham eram muito maiores que os nossos. Tudo isso estava acontecendo, e, como eu era britânico, só tinha acesso a umas migalhinhas. Não se dava muita atenção para as coisas que

me empolgavam.”

Meio milhão de soldados negros norte-americanos foram convocados para lutar no estrangeiro durante a Segunda Guerra Mundial; foram eles que levaram os primeiros discos de blues para a Grã-Bretanha. Com o tempo, esses discos chegaram às lojas especializadas, e de lá passaram às mãos dos colecionadores. Com 45 e 78 rotações, eram assinados por homens e mulheres de nome provocante, como Muddy Waters, Howlin' Wolf, Memphis Minnie e Blind Lemon Jefferson. Suas músicas documentavam toda a gama da experiência negra americana, dos grilhões da escravidão e da pobreza opressiva aos prazeres do álcool e do

amor de uma mulher – boa ou má.

Era a música folk no que tinha de mais cru e mais puro, o ponto zero dos doze compassos do rock'n'roll. Para Plant, da mesma forma que para incontáveis garotos britânicos da época, era o que bastava. Ironicamente, seria um inglês quem viria a abrir as comportas para ele. De antenas atentas nos *singles* do rock e nas velhas pepitas que capturava no rádio, ele conseguiu um livro intitulado *Blues Fell This Morning*, publicado pela primeira vez em 1960 e escrito por Paul Oliver, um pesquisador de Nottingham. Oliver contava a história do blues negro norte-americano de forma completamente seca e acadêmica, mas isso não deteve Plant. Organizado,

ele começou a anotar cada um dos discos que Oliver citava no livro. Seu momento de *eureka* veio quando descobriu que uma loja de Birmingham tinha todos aqueles discos em estoque, além de outros.

A loja Diskery, que segue com força até hoje, foi fundada em 1952 por um fã de jazz chamado Morris Hunting. Em 1962, ficava na Hurst Street, uma ruela escondida a alguns minutos de caminhada da principal estação de trem de Birmingham. Atulhada e minúscula, a Diskery tinha estantes que iam do chão ao teto recheadas de vinis raros e importados. Tornou-se a meca dos aspirantes a músico da região. Um dos caras que trabalhavam lá, um DJ local

negro chamado Erskin T, se especializou em apresentar os fregueses aos primeiros blues, R&B e aos sons da Tamla Motown.

“No colégio, a gente tinha um grupo de uns vinte que era muito chegado nos artistas americanos, igual a Robert”, diz Gary Tolley. “Mas ele era mais ligado nas gravações originais. Naqueles tempos pré-Beatles, tinha muito artista britânico fazendo *covers* patéticas das músicas norte-americanas. Todos nós íamos a Birmingham, mas Rob, assim como Paul Baggott, era o que mais se ligava em encontrar as versões originais.”

Para financiar as visitas, Plant entregava jornais. Saía de bicicleta toda

manhã antes do colégio. Com o dinheiro ganho, comprou discos como *Folk Blues*, de John Lee Hooker, e *King of the Delta Blues Singer*, de Robert Johnson. Este último teve efeito profundo sobre sua pessoa.

Nascido no Mississippi em 1911, Robert Johnson, mais do que qualquer outro *bluesman*, teve uma vida cercada de mitos e mistérios. Diziam que seu talento mercurial como guitarrista, cantor e compositor surgiu da noite para o dia. Cresceu a lenda de que uma noite ele foi para a encruzilhada das rodovias 49 e 61, na saída da cidade de Clarksdale, e lá fez um pacto faustiano com o Diabo. A morte precoce de Johnson, aos 27 anos, alimentou essa

especulação, embora o mais provável é que tenha sido envenenado pelo marido ciumento da mulher com quem vinha saindo.

Décadas depois, Plant diria ao jornal *Guardian*: “Quando ouvi ‘Preaching Blues’ e ‘Last Fair Deal Gone Down’ de Robert Johnson pela primeira vez, pensei: ‘É isso aí!’”.

Plant complementou que nunca havia ouvido algo tão sedutor quanto a voz de Johnson – um uivo ferido que falava ao mesmo tempo de dor e luxúria. Impulsionado mais fundo no blues por Johnson, Plant começou a fazer crescer sua coleção de discos na velocidade permitida pelo dinheiro da entrega de jornais.

Ao voltar do colégio, ele subia para seu quarto e tocava os discos repetidamente. Catalogou e arquivou cuidadosamente cada um, primeiro repassando os encartes e os créditos de gravação. Aquilo tinha virado uma obsessão que seus pais achavam cada vez mais difícil de entender. Católicos fervorosos, começaram a chamar as canções que ribombavam do quarto do filho de “música do Demo”.

“O máximo de blues do meu pai era Johnny Mathis”, Plant comentou ao *Guardian*. “Acho que Robert Johnson era sombrio demais para ele.”

Numa noite, depois de Plant tocar “I Like It Like That”, de Chris Kenner, dezessete vezes seguidas, seu pai subiu

até o quarto e cortou o cabo de força do toca-discos do filho.

Enquanto Plant embarcava em sua jornada pelo blues, a cena dos *beat groups* borbulhava em Birmingham e arredores. Em 1962, montes de bandas de terninho e botina tinham começado a tocar nos *pubs* e clubes da região. Algumas eram fruto das bandas escolares de *skiffle*, mas todas eram mais inspiradas nos Shadows. Banda de apoio do roqueiro britânico Cliff Richard, espécie de Eddie Cochran casto, os Shadows haviam lançado carreira própria em 1960, quando a instrumental tremulante “Apache” subiu ao topo das paradas britânicas. Hank

Marvin, o guitarrista solo de óculos, foi o Eric Clapton de sua era, levando manadas de meninos imberbes a pegar na guitarra.

Eram bandas *covers*, cujos integrantes vasculhavam as lojas de disco da cidade para encontrar canções dos EUA que eles pudessem aprender a tocar. Jimmy Powell levou o crédito da primeira gravação a surgir dessa cena, seu *cover* do R&B “Sugar Babe”, de Buster Brown, lançado em *single* pela Decca Records naquele ano. Posteriormente, afirmaram que um garoto de 18 anos chamado Jimmy Page havia tocado guitarra na sessão, embora em Birmingham também se dissesse que, se falar merda fosse esporte olímpico,

Powell teria a casa cheia de medalhas de ouro.

Na virada de 1962 para 1963, a Grã-Bretanha passava por um dos invernos mais frios já registrados, com nevascas e temperaturas congelantes que deixaram o país praticamente em ponto morto ao longo de dois meses. O ano de 1963 seria o da morte do presidente Kennedy em Dallas e o da escalada da Guerra do Vietnã – e também o ano em que os Beatles vieram a Birmingham, no meio daquele frio. Assim como muitas das bandas locais, os Beatles nasceram de um grupo de *skiffle* que começou vidrado em Elvis e Buddy Holly; também ganharam experiência reinterpretando músicas que haviam

atravessado o Atlântico. Os Beatles, entretanto, também tinham músicas próprias. Seu segundo *single*, “Please Please Me”, era uma delas e foi lançada no Reino Unido em 11 de janeiro de 1963, dando início à corrida de um mês rumo ao topo das paradas nacionais.

Em 13 de janeiro, os Beatles chegaram aos estúdios ATV em Birmingham para tocar “Please Please Me” no programa de variedades *Thank Your Lucky Stars*. A polícia foi obrigada a fechar as ruas ao redor do estúdio, pois apareceram milhares de garotos a fim de ver a banda passar. Seis dias depois, os Beatles voltaram para um show no Plaza em Old Hill, a 3 quilômetros da casa dos Plant.

Quem promovia o show era Mary Reagan, que viria a ter papel significativo no início da carreira musical de Plant. Irlandesa de meter medo, era conhecida por todos como Ma Reagan; ela e o marido, Joe, ambos com um metro e meio de altura, haviam criado o circuito dos *dancehalls* nas Midlands em 1947. Em 1963, os Reagans controlavam quatro casas de show na região, todas do tamanho de salões de baile, sendo que o Plaza de Old Hill era o de maior prestígio graças a seu palco giratório.

A cena musical das Midlands decolou na esteira da visita dos Beatles. Ao fim daquele ano, estimava-se em 250 os grupos na ativa pela cidade. Dizia-se

que metade ainda queria ser os Shadows, a outra metade queria ser os Beatles. As bandas eram constituídas por garotos que ainda estavam no colégio ou eram recém-formados. Faziam até vinte shows por semana nas centenas de *pubs* e clubes da cidade que ofereciam música ao vivo toda noite, e ganhavam mais que o salário dos pais nas fábricas. Toda banda aspirava a tocar no circuito Reagan, como ficou conhecido. As figuras locais que passavam no teste com Ma Reagan podiam tocar regularmente em todas as suas casas, geralmente com noite exclusiva e bom cachê.

Em julho de 1963, o produtor dos Shadows, Norrie Paramor, tomou

assento no Old Moat House Club de Birmingham para ouvir bandas locais para a EMI, que estava louca para desencavar mais um Fab Four. O selo acabou assinando contrato com seis bandas de Birmingham. Embora nenhuma tenha chegado perto de ser os novos Beatles, Paramor pelo menos deu nome à cena das Midlands: “*Brumbeat*”, adaptação explícita do som *Merseybeat* que reinava em Liverpool.

Uma das bandas que estava começando na cena *Brumbeat* viria a ter influência direta sobre Plant. O Spencer Davis Group estreara num baile de alunos da Birmingham University em abril de 1963, com um *set* de *covers* de blues e R&B. A banda era firme, e a

estrela incontestada era o vocalista Stevie Nicks, colegial branquelo com a voz negra do soul. Nicks tinha os mesmos 14 anos de Plant, mas estava adiantado.

Em setembro de 1963, no início do ano letivo, os alunos da King Edward VI foram reunidos para uma fotografia. Nesse retrato, Plant está de pé no centro do grupo, na sexta fileira. Entre as centenas de estudantes, é o único que parecia posar para a câmera – os cabelos cacheados enrolados no topete de sempre, o rosto transmitindo aquela indiferença que surge da prática. À direita está Gary Tolley, que parece mais novo e menos preparado para o

mundo.

Mas era Tolley, não Plant, que já havia formado uma banda com dois amigos, Paul Baggott e John Dudley. Tolley tocava a guitarra solo, Baggott, baixo, e Dudley, bateria. A escalação fechava com mais uma dupla de garotos do mesmo ano escolar: Derek Price na guitarra e o vocalista Andy Long. A banda havia começado a tocar em *pubs* e clubes juvenis com o nome de Andy Long and the Jurymen. Tocavam *covers* de pop e rock'n'roll contemporâneo e vestiam terno marrom com gola de veludo preto. Plant costumava acompanhá-los nos shows.

“Ele meio que ficou na nossa cola por um bom tempo”, diz Tolley. “Ele vinha

ver a gente tocar, mas também trazia o equipamento dele. O pai de Derek Price dirigia nosso furgão, e ele morava na mesma rua que Robert. Pegava Rob primeiro, depois a gente.”

“Parece um absurdo, mas ele ficava basicamente à toa lá no palco”, segue Dudley. “Levou um tempo até a gente se dar conta de que o que ele queria era cantar.”

Os compromissos noturnos dos Jurymen logo chegaram à atenção do diretor Chambers. Ele viu uma matéria sobre a banda no jornal local, o *Express & Star*, que destacava o fato de eles tocarem em locais em que nem tinham idade para beber.

“Na época, era assim com a garotada:

se o seu cabelo tivesse um centímetro a mais e você tocasse numa banda, as autoridades ficavam de olho”, diz Dudley. “Chambers convocou todos nós. Também chamou Robert, porque sabia que ele andava com a gente. Falou que a gente não passava de *rabble* [ralé] – mas, como ele não pronunciava os erres, saiu ‘*wabble*’ [balançante]. Pode ter sido ali que os professores começaram a desaprovar Robert.”

Para Plant, contudo, o mundo estava se expandindo para além dos portões do liceu e do número 64 da Causey Farm Road. Logo adiante, em Stourbridge, algo acontecia. Os clubes de blues, jazz e folk começaram a brotar na cidade; os cafés também. O Swiss Café se tornou o

ponto de encontro dos adolescentes locais. Mais tarde, um cantor local chamado David Yeats abriu a loja de discos Groove, atendendo os entusiastas de R&B como Plant.

Nos *pubs* e clubes, podia-se ouvir de tudo, desde canções de Woody Guthrie até o jazz *Dixieland*. Era um movimento conduzido acima de tudo pelo Stourbridge College, instituição técnica e artística que começara a atrair alunos de todo o país e do resto da Europa nos anos 1960. Plant se atirou.

“Foi um momento grandioso, sensacional, subterrâneo”, ele me contou. “Tinha poesia e jazz, tinha canto celta sem acompanhamento. Tinha os policiais de folga nos clubes de folk, de

copo na mão, cantando ‘Santy Anna’.

“Tinha droga pesada. Tinha *junkies* de carteirinha andando com as lindas estudantes de Arte. E tinha o nosso povinho lá do liceu, geniozinhos da academia em plena queda livre. Eu ficava só me exibindo com minha bicicleta Dawes Double Blue, carregando os sapatos de bico fino na bolsinha embaixo do selim, ouvindo aquilo tudo.”

Naquela época, Plant já havia comprado uma gaita de boca, que aprendeu a tocar sozinho acompanhando as músicas no seu toca-discos Dansette (depois do concerto). Começou a levar a gaita consigo aonde quer que fosse, feliz em puxá-la do bolso de trás e tocar, mais

para diversão própria do que dos outros. Em uma ocasião no colégio, o diretor Chambers, que logo se tornaria a nêmesis de Plant, o espiou tocando no *playground*. Chambers o informou em alto e bom som que ele não chegaria a lugar nenhum na vida perdendo tempo com aqueles absurdos.

“Rob era muito chegado num tipo de música que não era o da gente”, diz Dudley. “Quer dizer, não sei de onde diabos ele tirou aquele conhecimento de blues. Ele vivia falando de gente como Sonny Boy Williamson e daquela época. Por Deus, naquele tempo não se ouvia nada disso no rádio.”

Plant conseguiu ver uma manifestação física do blues pela primeira vez em 10

de outubro de 1963, quando sua tia e seu tio o levaram ao Gaumont Cinema, em Wolverhampton, para assistir a uma das novas turnês que começara a viajar pelo Reino Unido. Ela trazia os jovens Rolling Stones, os Everly Brothers, Little Richard e um *bluesman* do Mississippi, Bo Diddley. Foi Diddley que o deixou petrificado.

“Eu suava de tão excitado”, disse Plant à revista Q em 1990, recordando aquela noite. “Embora os Stones tenham sido demais, eram uma bosta perto de Diddley. Todo o ritmo dele era tão sexual – ele exalava sexo, mesmo em vinte minutos. Isso que é show.”

Antes daquele ano acabar, o próprio Plant subiu ao palco. Sua oportunidade

surgiu quando Andy Long foi acometido de apendicite, que, na época, exigia um período de convalescença de seis semanas. Os Jrymen de Long tocavam várias noites por semana e não queriam recusar serviço. Quem melhor para substituir o vocalista do que o amigo Robert Plant, que conhecia o *set* de cor e salteado?

A estreia ao vivo de Plant aconteceu no *pub* Bull's Head, em Lye, antro usual dos Jrymen porque o gerente era avô de John Dudley. Pode-se imaginar que, naquela noite, no palco pequeno e baixo, ele se atacasse dos nervos ao olhar nos olhos do público pela primeira vez. Que ali, naquele bar fumacento, ele murchasse diante de olhares julgadores e

ao lado dos colegas de colégio com experiência de sobra.

“Assim que ele subiu, ele se inflou – autoconfiança plena e absoluta”, diz Dudley, rindo das memórias. “Já naquela época, ele tocava gaita mais do que bem e acabou transformando nosso *set* num negócio mais blues. A gente teve de se preparar, mas deu certo. Não lembro quantos shows a gente fez com Rob, mas a receptividade sempre foi boa. Ele já cantava naquele lamento do blues. Ele gostava de baixar a voz até virar um ronquinho e, depois, subir em um crescendo.”

A atuação como vocalista dos Jarymen levou Plant até a cidade de Leicester, no leste das Midlands, uma viagem de duas

horas no furgão velho da banda. Também deu a perspectiva do que ele queria fazer da vida. Antes de Andy Long voltar, Plant começou a falar com seus colegas Jurymen, tentando convencê-los de que ele deveria tornar-se o vocalista fixo. Seu esforço seria em vão, experiência que teria diversas vezes nos anos seguintes.

“Dissemos para ele que o nosso vocalista era o Andy e muito obrigado”, diz Tolley. “A gente era meio mercenário. Para ser sincero, todo mundo tinha seu traje de palco, e não tinha um que coubesse em Robert.”

3

O REI DO *MOD*

Vou te contar, ele era um sujeitinho metido.

Plant entrou no décimo-sexto ano de vida conseguindo responder à atração da

música e tudo que ela oferecia, e, ao mesmo tempo, manter o colégio em dia. Em novembro de 1963, ganhou um prêmio escolar por encerrar as provas de fim de ano como melhor da turma. Mas era um equilíbrio precário, fadado a desandar.

A balança começou a pender contra o êxito acadêmico quase que exatamente na entrada de 1964. Às 18h36 do primeiro dia do ano, a BBC lançou *Top of the Pops*, um novo programa semanal de música. Transmitindo os *hits* pop da época aos lares britânicos, o programa de TV trazia aos adolescentes da nação a promessa de algo a mais que a monotonia e o cotidiano. Da sua parte, Plant era ambivalente quanto aos *beat*

groups britânicos, mas até ele deve ter se agitado ao ver os Rolling Stones em início de carreira abrindo o primeiro programa – o jovem Mick Jagger fazia biquinho e se pavoneava em a “I Wanna Be Your Man”, de Lennon e McCartney, como se quisesse celebrar sua linda juventude.

Em 28 de fevereiro, Plant pulou num ônibus para Birmingham. Era a primeira vez que seus pais o deixavam ir à cidade sozinho para um show. Foi no Salão Municipal, sendo Sonny Boy Williamson a principal atração. Plant se meteu nos bastidores depois do show e foi apresentar-se ao venerável *bluesman* norte-americano. Encontrou-o no mictório. Williamson, com 1,88 metro,

do tamanho de um urso, e com a cabeça coroada por um chapéu coco, virou e fitou o jovem clandestino com um olhar gélido. “Cai fora, porra”, rosnou.

Em debandada, Plant passou pelo camarim de Williamson e afanou uma gaita de boca. A experiência pode ter sido penosa, mas Plant também ficou obcecado com três shows de bandas jovens que tocaram naquela noite. Todas eram parte da explosão do blues britânico, e todas sinalizavam a mesma mensagem: tudo isso pode ser seu também.

Lá estavam os Yardbirds, na potência da guitarra de um Eric Clapton ainda com rosto glabro; Long John Baldry and his Hoochie Coochie Man, com seu

petulante vocalista de 20 anos atendendo pelo nome de Rod Stewart (embora a produção tivesse divulgado “Rod Stuart”); e o Spencer Davis Group, com o pequeno Stevie Winwood no vocal e no órgão. Winwood vinha de muito perto, Handsworth, e estava no mesmo ano de colégio que Plant. Não poderia haver empurrão melhor.

Ele voltou ao mesmo salão no mês seguinte, agora com o amigo John Dudley para assistir a “*The Killer*”, Jerry Lee Lewis. Como era o usual da época, o show terminou às 21h30 e deixou o insaciado Plant à procura de mais aventuras. Ele arrastou Dudley para um *pub* do centro, o Golden Eagle, dizendo que havia ouvido falar de uma

novíssima banda de blues que tocava lá.

“A gente deu um jeito de entrar e subiu para o segundo andar”, recorda Dudley. “Era o barzinho típico, todo enfumaçado, teto baixo. Tinha quatro caras novinhos no palco. Era o Spencer Davis Group. Que impressão que eles causaram em nós! Lembro até hoje do equipamento: amplificador Ampeg, guitarra Hofner, bateria Premier. A banda inteira era sensacional, mas Stevie Winwood era de outro mundo. Ele foi uma grande influência para o Rob naquele início.”

Voltando a Hayley Green, Plant comprou uma tábua de lavar roupa e começou a fazer seus próprios *kazoos*, inspirado tanto pelo *skiffle* quanto por

tudo mais que estava vendo. Desenvolveu um vivo interesse por roupas e moda, e começou a deixar o cabelo crescer, tendo notado como os *mop-tops* e a *juba mod* de Mick Jagger faziam as meninas gritarem. Também encontrou um espaço para chamar de seu. O *pub* Seven Stars, de Stourbridge, abriu um clube de blues e folk, e Plant virou frequentador, levando sua tábua e a gaita de boca de Sonny Boy Williamson.

O Seven Stars seguia o molde dos grandes antros do blues em Chicago. Uma multidão de aficionados começou a reunir-se ali para beber, fumar e tocar. Entre os *habitués* estava Perry Foster, figura local que já tinha andado com os

Yardbirds em Londres e fora chofer de Sonny Boy Williamson por Birmingham. Foster, sempre de terno azul e chapéu *porkpie*, tocava um *slide* irado numa guitarra Hofner customizada de nove cordas. Recentemente, ele também havia armado um grupelho passável para tocar blues, a Delta Blues Band.

Para Plant e seus amigos de olhos arregalados, Foster era o cara para se conhecer, visto que, para eles, se tratava de um músico de verdade. Uma noite, Plant foi perguntar se podia subir no palco e cantar com a banda.

“Ele disse que se chamava Bob Plant e puxou uma tábua de lavar”, diz Foster, lembrando do primeiro contato. “Sou nove anos mais velho que ele, mas vou

te contar: ele era um sujeitinho metido. Precisava ser orientado. Como eu era mais velho, entendia muito mais de blues. Ensinei o beabá e quem era quem, mostrei como fazer os doze compassos. Mas era dizer uma só vez que ele pegava.”

Junto à Delta Blues Band, Plant começou a se apresentar no Seven Stars e outras casas locais. Ele, Foster e Peter Groom na guitarra rítmica – que ia virar “Gobsy” por conta da boca enorme – também subiam no palco como trio em noites folk como a do Stourbridge Conservative Club, que tinha a sua toda semana. O *set* padrão da banda continha pérolas do blues como “Ain’t Nothing Like Whiskey”, de Lightnin’ Hopkins, e

várias de Robert Johnson.

A banda ganhava £16 por noite, que dividiam por cinco, guardando uma libra para a gasolina. Era normal o público mamado receber o aluninho de liceu, com seus 15 anos, aos gritos de: “Vai cortar o cabelo!”, ou coisa pior. Mas parecia que nada o incomodava.

“Nem todo mundo queria blues, mas ele topava tudo”, diz Foster. “Eu sempre dizia: ‘Se aquele garoto não estiver milionário aos 25 anos, meu nome não é Perry’. Eu era de rosnar com a banda se faziam alguma coisa errada, e, às vezes, eu era meio difícil de lidar. Por isso o Robert dizia que eu era malvado. Mas a gente se dava bem pra caramba.

“Ele era um adolescente grandão,

desajeitado, desengonçado. A gente andava em um carrinho MG esporte e o colocava no banco de trás. Ele dizia que o pai queria que ele fosse contador. Ir no Seven Stars era um tabu – ele sempre dizia para os pais que ia em outro lugar.”

Para Plant, foi outro mundo que se abriu. Tocava com caras mais velhos, mas era tratado como igual, filava cigarros e bebia cerveja antes da idade permitida por lei. Não pegou bem nem com seus pais, nem com os professores quando ele começou a chegar geralmente atrasado e de olhos turvos toda manhã. Mas ele não podia – e não iria – voltar atrás. Seu caminho estava traçado.

Plant começou a sair e tocar com

outros músicos jovens e ambiciosos que começaram a aparecer no Seven Stars. Havia Chris Wood, 21 anos, quieto, introvertido e talentoso em diversos instrumentos, e um baixista chamado Andy Silvester. Os dois estavam numa banda chamada Sounds of Blue, sob o comando do vocalista David Yeats, com um guitarrista estrela, Stan Webb, e a pianista Christine Perfect. A Sounds of Blue acabou passando por uma mutação e virou Chicken Shack, de blues rock, na época em que Wood já havia se acertado com Stevie Winwood no Traffic. Mais tarde, Christine Perfect se casou com o baixista do Fleetwood Mac, John McVie, e entrou para a banda.

“Foi no Seven Stars que eu conheci

Robert”, diz Stan Webb. “Ele estava com Perry Foster. Ele não falou muito, mas lembro que usava o cabelo bem *mod* e estava com um casaco de pele. Na primeira olhada, você via aquele lance dele. Acho que daria para chamar de arrogância ou de ego.”

Mas a Delta Blues Band não durou. Como não rendia e não havia sinal de evolução, os shows sempre a mesma coisa, o vocalista caiu fora.

“De repente, Robert sumiu. Mas me deixou a tábua de lavar”, diz Foster. No decorrer de 1964, a música que saía das Midlands e que passava por lá também começou a avançar. Um forte movimento R&B havia fincado raiz em Birmingham, detonado pelo lançamento

da *cover* que os Rolling Stones fizeram de “Not Fade Away”, de Buddy Holly, em fevereiro, e tendo o Spencer Davis Group como ápice. Foi esse cenário que levou à ascensão do Moody Blues, em abril de 1964.

O *mod* chegou para valer à cidade no fim do ano. Inspirando-se nos sons americanos negros da Stax e da Tamla Motown, uma fartura de bandas brotou no circuito de *pubs*, todas bem trajadas e praticamente todas com “Dancing in the Street”, de Martha and the Vandellas, no repertório. No início de 1964, saíra uma compilação intitulada *Brum Beat* (“as 14 maiores bandas de Birmingham”, anunciava erroneamente), com uma banda chamada The Senators tocando

“She’s a *Mod*”. O baterista da faixa tinha 16 anos e se chamava John Bonham.

Plant não ficou alheio ao que se passava. Estava decidido a se enfiar no circuito local dos salões de baile, embora ainda tocasse seu amado blues. Os nomes das bandas pelas quais ele borboletearia ao longo do ano seguinte falam por si: New Memphis Bluesbreakers, Black Snake Moan (nome inspirado numa música de Blind Lemon Jefferson) e The Crawling King Shakes (de uma faixa de John Lee Hooker). Fora a última, nenhuma durou e todas acabaram esquecidas.

“Fui ver a Black Snake Moan tocar num *pub* perto de Stourbridge”, diz o

colega de colégio Gary Tolley. “Todos nós achávamos que aquele negócio dele nunca iria pegar. A gente ainda falava de pop enquanto Robert estava noutra, fazendo a dele sozinho.”

Uma música que Robert já havia começado a tocar era “Travelling Riverside Blues”, de Robert Johnson, mais conhecida como “The Lemon Song” devido à letra sugestiva – a malícia lasciva de Johnson em “*You can squeeze my lemon ‘til the juice run down my leg*” [“Pode espremer meu limão até o suco escorrer perna abaixo”]. Antes do fim da década, ela iria virar cartão de visita de Plant. Naquele momento, porém, não havia nenhum indício disso.

“Provavelmente era a que ele mais gostava de tocar”, diz Tolley. “Tenho certeza de que, às vezes, ele cantava só para ver a cara das pessoas quando chegava na parte de espremer o limão. A gente não tinha coragem de cantar, mas ele tinha. Por ele ser diferente, as pessoas com autoridade reagem fortemente contra ele. Um ou dois dos caras mais desagradáveis do colégio também não gostavam dele, pois ele nunca pareceu ter qualquer problema para pegar as meninas.”

Plant tinha outros problemas na King Edward VI. Os estudos estavam em um segundo e distante plano em relação aos ensaios e shows. Era comum ele lutar para chegar ao colégio na hora, mas os

atrasos e uma reprimenda subsequente dos decuriões responsáveis pelo portão eram um acontecimento diário.

“Os decuriões tinham a salinha deles”, diz Tolley. “Se não iam muito com a sua cara, você tinha de entrar lá, e o deixavam de pé diante da mesa enquanto ficavam sentados em volta, olhando. Acho que a intenção era humilhar, envergonhar, mas Robert achava uma bobagem. Todo mundo que tocava em banda sofria nas notas. A gente ensaiava uma noite por semana, tocava geralmente na quarta e na quinta e sempre na sexta-feira. Era chegar em casa do colégio, tomar o chá, passar o dever de casa rapidinho, e a *van* vinha buscar.”

Ao fim de cada trimestre, os

estudantes faziam fila na biblioteca do colégio para defrontar-se com o diretor Chambers, que convocava um por um e comentava as notas. Chambers teria dito com todas as letras ao errante Plant para tratar de melhorar seu desempenho.

Com os exames de conclusão chegando e a pressão das expectativas do pai em cima dele, Plant passou por um período de nervosismo quanto às notas em queda. Mas a preocupação passou e levou junto qualquer chance de ele se recuperar. Ele passou o resto daquele ano letivo matando aula para ir ao centro de Stourbridge com sua patota de músicos novatos.

“A gente escapulia da escola e ia ao café da estação de trem”, lembra Tolley.

“Ou num outro lugar chamado Chicken Run, que ficava descendo uma rua perto do salão municipal. A gente ia lá por causa do pão com *bacon*, que se comia na adega, se sentindo mais adulto. Naquele tempo, parecia que Robert nunca tinha dinheiro. Ele sempre filava cigarro. Quatro de nós levávamos o dinheiro do lanche até a estação, cada um pegava um café, feijão e torrada, e tínhamos de dividir com Rob.”

Naquele verão, Plant e os amigos prestaram os exames de O-level². Dos Jurymen, Tolley, Dudley e Baggott passaram raspando em algumas disciplinas e saíram do colégio para procurar emprego. Plant conseguiu passar em apenas uma disciplina:

História. Os pais queriam que ele ficasse mais um ano na King Edward VI e repetisse as provas.

Pelos menos fora do colégio as coisas tinham tomado melhor rumo. Plant cantava e tocava gaita na Crawling King Snakes, banda que se formara em Kidderminster, cidade mais próxima a sudoeste de Stourbridge. Dos primeiros shows confusos, em lugares como a YWCA, eles foram melhorando aos poucos, até chegar ao circuito de Ma Reagan, tocando vinte minutos em suas casas como show de abertura.

“Na época em que eu comecei a ter competência para ficar diante do microfone, a cena das Midlands estava cheia de *beat groups*, e eu peguei o

bonde andando”, Plant me disse. “Mas eu tive uma escola muito boa, tocando com gente um pouco mais velha. Eu já subia no palco em clube de blues há mais de um ano, antes de sequer pensar em ir a lugares em que as mulheres dançavam.”

Em muitos aspectos, 1965 estava destinado a ser um ano essencial. Os primeiros rumores dos dias sombrios e loucos por vir foram sentidos naquele verão nos EUA, quando Los Angeles pegou fogo durante os Tumultos de Watts. Em outubro, com a duplicação do número de convocados ao Vietnã, as manifestações antiguerra se espalharam pelas cidades americanas. Naquele

mesmo mês, na Grã-Bretanha, a polícia de Manchester prendeu Ian Brady e sua namorada Myra Hindley, acusando-os da morte de cinco crianças – sendo que três dos corpos haviam sido descobertos nas redondezas, em Saddleworth Moor.

Também seria o ano em que a música pop chegaria à maturidade. Os Beatles fizeram *Rubber Soul*; Bob Dylan adotou a guitarra elétrica e lançou sua primeira obra-prima, “Highway 61 Revisited”; os Byrds apareceram na Costa Oeste dos EUA; e o Who saiu de Londres gritando “My Generation”. À medida que o rock emergia do pop, a ideia de que aquilo era fogo de palha ficava para trás.

Em Stourbridge, o Salão Municipal virou o centro do burburinho, com “Big

Beat Sessions” semanais que trouxeram à cidade tanto The Who quanto Small Faces. As duas bandas encontraram um adepto entusiasmadíssimo: Plant, aos 16 anos, àquela altura um *mod* consumado. Ele também teve um gostinho do que acontecia nas suas redondezas. De Wolverhampton vieram The N’Betweens, que, depois, mudariam o nome para Slade e aí soltariam *covers* de Tamla Motown pegadas na *fuzzbox*. Também havia o Shakedown Sound, formado – assim como os Crawling King Snakes – em Kidderminster, mas à frente da banda de Plant, contratado para abrir para nomes como The Who e os heróis locais, o Spencer Davis Group.

Plant ficou especialmente

impressionado com o vocalista da Shakedown Sound, Jess Roden. Um ano mais velho, Roden tinha a mesma voz assustadora e fervorosa de Stevie Winwood. Sua banda fazia show quase todas as noites no circuito Reagan e em outros lugares, tocando versões potentes de blues como “Smokestack Lightning” e “Hoochie Coochie Man”. Os Crawling King Snakes e a Shakedown Sound fizeram amizade, saíam juntos e filavam músicas uns dos outros.

“Acho que Robert era o Rei do *Mod*”, diz Kevyn Gammond, na época guitarrista da Shakedown Sound. “Ele tinha um olho bom para moda, andava sempre com a última camisa da Ben Sherman e o penteado da hora. Acho que

os N'Between e a Shakedown tiveram grande influência sobre ele, porque todo mundo era meio *mod* e nossa banda tinha tocado com The Who.”

“Rob ficou realmente impressionado com Jess. Os dois iam à casa dos meus pais e pediam para eu pegar todos os acordes de músicas tipo ‘I Go Crazy’, de James Brown. Era assim que se aprendia na época, ouvindo o disco. Eles me deixavam lá sentado, trabalhando na coisa, e iam jogar *pinball* no Flamingo Café, descendo a rua.”

Foi em Kidderminster, na mesma época, que Plant se deparou pela primeira vez com um jovem e talentoso guitarrista chamado Robbie Blunt. Os dois se encontravam depois do colégio,

um ia à casa do outro ouvir discos e trabalhar as músicas juntos.

Nada disso melhorava a relação de Plant com seus pais, nem seus estudos, do que seria seu último ano na King Edward VI. Ele até gostava do professor de Matemática, o sr. Colton. Mas, fora isso, a situação entre si e os mestres havia piorado, para dizer o mínimo.

Michael Richards, contemporâneo de Plant no colégio, lembra que, na época, ele tinha reputação “meio que de *hooligan*”, embora qualifique a afirmação dizendo que, “acima de tudo, ele tinha malícia”. Prossegue: “O professor de Química era um cara chamado Featherstone, sujeitinho legal, mas que já devia ter se aposentado há

anos. Lembro que Robert passava tirando onda dele. Mas Robert também fazia sucesso. Ele andava com muita gente. Todo mundo queria ser amigo dele.

“Falavam muita coisa do cara, e não sei ao certo se era tudo verdade. Circulava uma história de que os pais de Robert tinham viajado e o deixado na casa de outra pessoa, e que ele tinha arrombado a própria casa para fazer uma festa.”

No último ano, Plant entrou para a sociedade de jazz do colégio e acabou participando do comitê de eventos. Nesse cargo, supervisionou três concertos no salão escolar com a banda de jazz da King Edward VI, a Cushion

Foot Stompers. Também participou por algum tempo de um grupo de influência jazz chamado The Banned, que tinha outro colega de aula, Martin Lickert, no baixo. Lickert viria a ser chofer de Ringo Starr, tendo aparecido junto ao patrão no surreal filme de Frank Zappa, *200 Motels*, de 1971.

Na primavera de 1965, a Banned chegou a abrir a noite nos salões tanto de Stourbridge quanto da vizinha Dudley, embora Plant tenha perdido a última data por força de uma mononucleose. O proprietário da loja de discos Groove, David Yeats, que havia cantado na Sounds of Blue e visto Plant no Seven Stars, o substituiu naquele show. Ele foi à casa da família Plant na

noite de véspera para um ensaio convocado às pressas. Conduzido até seu pequeno quarto, viu Plant de cama, arrasado.

“Ele me passou um livro de letras que tinha montado”, diz Yeats. “Eu fiz o show, e nunca tinha ouvido uma coisa tão alta. Lembro de ficar lá no meio daquele barulho sensacional. O público parecia bem contente, mas não tenho ideia do que devem ter pensado ao ver um deus juvenil do sexo substituído por um carinha que nem eu.”

Sempre que as coisas complicavam em casa, o que ocorria cada vez mais, Plant passava a noite na *van* da Banned. O veículo era uma sensação, pois a banda o tinha grafitado com batom e

esmalte.

Naquele verão, ele refez seus O-levels e teve um pouco mais de êxito. Passou em Inglês, Literatura Inglesa, Geografia e Matemática. Foi o relatado no jornal de seu colégio, o *Stourbridge Edwardian*, assim como o fato de que ele deixaria a King Edward VI em 22 de julho para estudar Contabilidade. Sua partida, porém, parece ter ocorrido mais cedo, e foi forçada.

“Ouvi que, um dia, ele estava matando aula em Birmingham, andando com um colega e fumando, quando deu de cara com um dos professores, que, por acaso, estava de folga na cidade”, diz Michael Richards. “Ele ainda estava de uniforme do colégio, por isso o vexame foi maior.

Acho que foi a gota d'água de uma longa série de problemas, e Robert foi expulso. Ficou um burburinho no colégio. A maioria achou que ele merecia, mas também ficou uma sensação de que foi um pouco de azar.”

Existem algumas dúvidas quanto à veracidade dessa história. Gary Tolley a nega, embora tenha saído da King Edward VI no ano anterior, e não exista registro do acontecimento no colégio atual. Mas outro colega de Plant naquele último ano, Colin Roberts, que voltaria ao colégio como professor, apoia a versão de Richards.

“Não conheço as circunstâncias da expulsão”, Roberts me diz, “mas ele deve ter feito uma coisa ruim, porque

era raro alguém ser expulso. Dizem que o diretor Chambers falou que ele nunca ia ser nada na vida. Quando voltei ao colégio no início dos anos 1970, o próprio Chambers me disse que Robert apareceu em sua casa de Rolls-Royce e perguntou se o diretor se lembrava de quem ele era”.

2 As provas de “Ordinary level” ou “O-level” correspondem a um nível dos exames pelos quais os alunos têm de optar ao encerrar o ensino médio na Inglaterra. As provas são separadas por disciplina. [N. do T.]

4

O HOMEM BORRACHA

Ele dançava pelo palco como se estivesse flutuando.

O verão de 1965 seria a última vez em que os pais de Plant poderiam impor-se em relação às perspectivas de futuro do filho. A pedido dos pais, ele se matriculou em um curso de Administração no Kidderminster College of Further Education, o que, supostamente, lhe daria uma formação para carreira na contabilidade.

Antes do início do semestre, ele conseguiu um emprego temporário no estoque da loja de departamentos Stringers, na rua central de Stourbridge. Ele aproveitava bem o tempo por lá, contando piadas para as funcionárias. Com dinheiro no bolso, o jovem *mod* era visto cruzando a cidade numa *scooter*, trajando uma parca com a bandeira

britânica estampada nas costas.

Seu segundo contato com o mundo acadêmico, contudo, não foi mais divertido que o primeiro. Ele não passou muito tempo na faculdade, mas ficou o suficiente para os colegas terem lembranças. Ao registrar as memórias da época em um *website* local, anos depois, um deles escreveu: “Frequentei o Kidderminster College na mesma época que Robert Plant. Ele ficava dedilhando o violão na sala comunitária, mas, infelizmente, não agradava muita gente e era normal dizerem para ele calar a boca.”

Como de regra, era na outra vida que Plant estava animado. Ainda cantando com os Crawling King Snakes, ele

também caíra nas graças da produtora local de shows Ma Reagan. Ela o chamou para tocar discos entre cada show no Old Hill Plaza. Ele tocava músicas da Stax e da Motown, mas também Small Faces, Rolling Stones e Beatles. Vez por outra Ma Reagan também o convidava para cumprir a função de MC no salão de baile.

“Virei o menino dos seus olhos”, Plant me contou. “Quando ela me fez mestre de cerimônias, eu chegava no Plaza com minha Lambretta, entrava no vestiário, colocava meu terno e saía para me apresentar para gente como Little Stevie Wonder. Lembro que ele entrou com a mão no ombro do líder da banda, que o conduziu até o microfone. Aí começaram

a tocar ‘Fingertips Part 2’. Isso lá em Old Hill, no *Black Country*!

“Era surreal a gente ouvir tanta qualidade – ver essas coisas e ainda estar na faculdade. Ficar tão perto de tanta energia... Meu, não tem como ter escalação melhor. É de virar a cabeça e fazer você dizer: ‘Tem alguma coisa mais que eu posso fazer?’”

Havia questões mais mundanas a se resolver antes. Seu pai o havia despachado para uma entrevista de emprego em uma firma de contadores, e ele foi aceito. Plant foi trabalhar como estagiário de contabilidade em Stourport, cidadezinha pitoresca às margens do rio Severn, a 25 quilômetros de Stourbridge. Seu salário era de £2

por semana, menos do que ganhava por um show.

Isso não o impedia de sair quase toda noite – para tocar, assistir a outras bandas ou dançar nos clubes. Ele se arrastou até a firma durante duas semanas até que, educadamente, foi convidado a limpar a mesa. Foi então que decidiu se profissionalizar com os Crawling King Snakes, embora tenha tido que pegar um serviço extra em uma fábrica de carpetes para complementar a renda. De qualquer forma, esse último ato de rebeldia deixou seu pai em desespero, achando que o filho estava jogando a vida fora.

Foi nesse momento que Plant topou com John Bonham. Conhecido por tudo e

todos como “Bonzo”, Bonham foi falar com ele depois que os Crawling King Snakes fecharam seus vinte minutos no Old Hill Plaza. Disse a Plant que a banda era boa, mas que o baterista era um caso perdido e que ele era melhor. Bonzo entrou nos Crawling King Snakes logo a seguir.

Nascido na primavera de 1948 nas Midlands, na cidade de Redditch, Bonham tinha 10 anos quando a mãe comprou sua primeira bateria. O filho fora fisgado no instante em que vira o grande baterista de jazz Gene Krupa espancando o ritmo tribal de “Sing Sing Sing” no filme *A música irresistível de Benny Goodman*, de 1956. Bonham tocava bateria em bandas desde os 15,

tendo passado por Blue Star Trio, Senators e Terry Webb and the Spiders.

Bonham era apenas três meses mais velho que Plant, mas já estava casado. Morava com a esposa, Pat, num *trailer* estacionado nos fundos da casa da família dele. Não só era mais vivido que o novo amigo, mas também estava, em termos de competência, à frente de qualquer um com quem Plant havia tocado até aquele momento. Nos *pubs* e clubes do *Black Country*, ele já era comentado como baterista prodigioso, um portentoso.

“John já era meio estranho naqueles tempos”, comenta Tolley, o amigo de colégio de Plant. “Toda vez que entrava numa sala dava para sentir aquele aroma

estranho – certo que ele fumava muito banguê. Mas era um grande baterista e tinha uma bateria melhor que a de todos os outros.”

Por um curto período, as possibilidades pareceram infinitas. Impulsionados por Bonham, os Crawling King Snakes abriram para The Spencer Davis Group, Gene Vincent, Walker Brothers e outros. Plant estava mais perto do que nunca do centro mágico de tudo, tão perto que podia sentir o gosto da glória que lhe ofereciam.

Ele e Bonham ficaram na coxia do palco do Salão Municipal de Stourbridge e assistiram aos Walker Brothers, ouvindo garotinhas gritarem para o vocalista Scott Walker como se

ele fosse um deus. Mesmo bandas como The Merseybeats, de Liverpool, que tiveram fama fugaz, podiam chegar na cidade em sua perua azul e branca e, para Plant, serem “forasteiros que fugiam com nossas rainhas”.

“Não se tinha ideia daonde a gente estava indo, mas também não tinha cura”, ele me contou. “Olha, aos 17 anos, eu não tinha nem noção do que era fama. Para mim, tratava-se apenas de poder sair da mesa de escritório de contador. E aí fui aos meus pais, que só queriam o melhor para mim, e anunciei que eu tinha de ir embora... para sempre.”

Plant agora sentia mais do que atração por cantar blues. Ele havia ouvido os

gritos, sentido o cheiro do sexo e percebido o poder que se outorgava ao homem no microfone. E então, como era o costume na época, Bonham caiu fora dos Crawling King Snakes. Fora tentado a voltar à sua banda anterior, a Way of Life, com a promessa de mais grana, coisa de que estava precisando por causa da gravidez de sua esposa, Pat.

Com a saída de Bonham, os Crawling King Snakes acabaram. Mas Plant não ia ter de esperar muito pelo próximo show. Enquanto estava de DJ no Old Hill Plaza, deu de cara com uma banda chamada Tennessee Teens. Era um trio que tocava blues e *covers* da Tamla Motown e, recentemente, voltara de uma residência em um clube em Frankfurt, na

Alemanha. Plant se apresentou ao guitarrista deles, John Crutchley.

“Ele me perguntou se podia cantar com a gente”, lembra Crutchley. “Foi assim que começou. A gente tocava no Plaza três ou quatro vezes por semana; era sempre o último lugar dos dois ou três em que a gente tocava na mesma noite. Quando chegamos, Robert se levantou e cantou pra nós; uns blues, uns Chuck Berry, ‘Everybody Needs Somebody to Love’, de Solomon Burke. Não lembro quem pediu para quem, mas a gente resolveu formar uma banda.

“Ele já se sobressaía. Gostava de usar jaqueta aviador e tinha aquela cabeleira loira e crespa. A gente era meninada de classe operária, e ele vinha de um

mundo totalmente diferente. A gente costumava buscá-lo no sábado à noite. Lembro que a mãe dele era bem empertigada e que o pai era do tipo ex-sargento. O pai parecia legal, mas nenhum dos dois apoiava de jeito nenhum o que ele estava fazendo. Nunca foram vê-lo se apresentar.”

Ao ver o filho sair com mais uma banda, os pais de Plant tentaram, pela última vez, apelar para a razão. A consequência da conversa foi sua saída de casa aos 17 anos. Foi morar com seu novo baixista, Roger Beamer, cujos pais tinham um *bed and breakfast* em Walsall.

No início de 1966, os Tennessee Teens

mudaram o nome para Listen. Os integrantes também haviam inventado apelidos para si, mas parece que não se esforçaram muito na criatividade. John Crutchley virou “Crutch”, e a corpulência do baterista Geoff Thompson o fez virar “Jumbo”, mas os motivos pelos quais Roger Beamer virou “Chalky” e Plant, “Plonky” perderam-se no tempo.

Em uma nota biográfica divulgada à imprensa na época, Plant listava que seus *hobbies* eram automobilismo e ouvir discos de soul. “Garotas *mod*” e roupas tinham destaque nos seus gostos, “falcatruas” eram a maior aversão. Ele demonstrou faro para as relações públicas desde cedo.

Plant passou uma matéria a John Ogden, o colunista pop do jornal local *Express & Star*. Disse a Ogden que ele havia vencido um concurso de dança julgado por Cathy McGowan, a atraente apresentadora do programa de TV *Ready Steady Go!*. Plant afirmou que McGowan havia aceitado o convite para vir assistir à sua nova banda, e depois havia pedido para eles tocarem em seu programa. A Listen, disse Plant, havia recusado porque a data sugerida batia com um show – “E a gente não é de não cumprir a agenda”, ele emendou, todo nobre. Foi o que bastou para eles aparecerem no jornal. A matéria de Ogden saiu em 3 de março de 1966, na mesma semana em que os Rolling Stones

chegaram ao topo da parada britânica com “19th Nervous Breakdown”.

“Eles chegaram na redação, e a gente bateu um papo na cantina”, diz Ogden. “Não me surpreendia que Cathy McGowan tivesse ido atrás dele – ela não era a única. Ele tinha o maior visual. Havia algo de especial em Robert, embora na época nem todo mundo percebesse.”

Os primórdios da Listen, contudo, foram comedidos. Moldada como um banda *mod*, os primeiros shows costumavam ser em *pubs* como o Ship and Rainbow e o Woolpack, de Wolverhampton, além dos já tradicionais compromissos de abertura no circuito Reagan. Nesse estágio, porém, Plant já

havia se tornado um artista impressionante. Havia aprendido a controlar melhor a voz, ainda que ela continuasse um rugido estridente de blues. E ganhara autoconfiança o bastante para revelar a dança que aperfeiçoara pavoneando-se nos clubes *mod*.

“Ah, ele era demais”, diz Crutchley. “A gente abria o *set* com ‘Hold On I’m Comin’”, de Sam & Dave, e Robert dançava pelo palco como se estivesse flutuando. A gente ensaiava na casa dos meus pais, que era uma lojinha antiga de esquina. Meu pai perguntava: ‘O Homem Borracha vem hoje?’.

“Rob nos deu um extra de confiança. Ele era ambicioso, mas não era

exagerado. Era mais tranquilo fora do palco. Mas, quando subia nele, entrava em outra. Ele tinha grande presença de palco, e a voz já estava lá praticamente desde o começo. É óbvio que ele fazia sucesso com as meninas.”

Bill Bonham, sem parentesco com John, era então um colegial de 14 anos que tocava teclado numa banda *cover* chamada Prim and Proper. Eles tocaram junto com a Listen num desses primeiros shows. “Lembro de dizer ‘Uau’ quando começaram a tocar a primeira música, e só consegui respirar quando terminaram”, ele diz. “Para mim, Robert era uma estrela e fiquei hipnotizado. Ele já tinha um séquito feminino. A gente fez amizade, mas não dava para deixar a

namorada com ele nem dois segundos.”

Naquele maio, Bob Dylan e sua nova banda de apoio, The Hawks, tocaram no Odeon de Birmingham. Na mesma turnê, uma pessoa na plateia do Free Trade Hall de Manchester gritou “Judas!” contra Dylan pelo crime de plugar a guitarra. Mas Dylan foi decisivo para debelar as nuvens tempestuosas da transformação cultural que sopravam do Atlântico. Em toda sua maravilha movida a anfetamina, *Blonde on Blonde*, nada menos que um álbum duplo, cimentou naquele ano a ideia do disco de rock como obra de arte.

No verão, Dylan bateu sua motocicleta em Woodstock e saiu das vistas do público. Mas tudo que ele havia posto

em marcha começou a voar. Os Beatles fizeram *Revolver*, Brian Wilson foi ao limite e voltou de lá com *Pet Sounds* para os Beach Boys, e os Byrds alçaram-se com “Eight Miles High”. Foi esta última faixa, e o álbum no qual saiu, *Fifth Dimension*, que anunciou a chegada do movimento psicodélico. Seria a trilha sonora propícia para uma década de rebuliço social e civil nos EUA, filtrada pela nova perspectiva do alucinógeno LSD.

Esses sons que saíam da América logo teriam efeito profundo sobre Plant. Levaria mais um ano, porém, para a Grã-Bretanha se entregar ao sol do Verão do Amor. Todavia, as areias estavam se remexendo até mesmo nas

Midlands, onde as pessoas tradicionalmente eram cautelosas diante do radicalismo, como se antes quisessem avaliar a situação. A explosão de locais que se abriam para a música continuou inabalável, os classificados dos jornais locais se enchiam toda noite com anúncios de shows em *pubs*, clubes e salões.

Em Birmingham, o Elbow Room e o Cedar Club eram os lugares para ver e ser visto. O último, dizia-se, atraía os beberrões, enquanto a clientela do primeiro preferia fumar bomba e papos intelectualoides sobre jazz. Foi nas apresentações do Elbow Room que o Traffic de Stevie Winwood viria a formar-se no ano seguinte. Do Cedar

Club, nas primeiras semanas de 1966, saiu a Move, que já de início dificultou a coisa para as outras bandas locais, incluindo a Listen, de Plant.

Reunindo o fino dos músicos de Birmingham, a Move consistia no vocalista Carl Wayne, os guitarristas Trevor Burton e Roy Wood, o baixista Ace “The Face” Kefford e o baterista Bev Bevan, sendo que cada um tinha passado por um aprendizado de *beat group*. Para começar, faziam *covers* das mesmas músicas que toda banda da cidade, mas misturavam com músicas dos Byrds e outras bandas novas da Costa Oeste. As músicas próprias vieram depois, embora de saída a harmonia multivocal da Move fosse uma

das coisas que os distinguisse. A outra era a imagem. Por insistência do empresário Tony Secunda, ex-marinheiro mercante, a Move trajava ternos no estilo gângster. Ao garantir uma residência da banda no Marquee Club de Londres, Secunda ainda os instigou a acrescentar um elemento teatral às apresentações.

“Uma noite, Tony disse pro Carl: ‘Ia ser legal se você detonasse uma TV no palco’”, lembra Trevor Burton. “No dia seguinte, Carl saiu e comprou uma TV e um machado. Foi uma afronta. A gente também soltou bombas de fumaça. Na terceira vez que a gente fez isso, a brigada de incêndio e a polícia entraram no local. Saiu em todos os jornais, e era

isso que importava.”

O efeito sobre a Listen foi instantâneo. Os quatro foram a um brechó em Aston, Birmingham, e compraram ternos transpassados, assimilando o chiquê gângster da Move. A ideia de dramaticidade deles foi mais prosaica: consistia apenas em Plant e Crutchley fingirem uma briga toda noite.

“Rob e eu ficávamos naquela uns dois ou três minutos”, diz Crutchley. “Os seguranças, em geral, intervinham. A gente devia ter avisado antes que fazia parte do show.”

Esses incidentes parecem ter sido corriqueiros. Jim Lea, na época baixista dos N’Betweens, lembra de ver a Listen com frequência.

“A primeira vez foi no Civic Hall em Wolverhampton”, ele diz. “Plant tinha um quê de pura testosterona. Ele estava de calça xadrez e uma camisa abotoada até o pescoço, e tinha penteado o cabelo para trás. Estava exagerando naquele lance de se pavonear. Uma hora, ele subiu na caixa do baixo, que estava virada de lado. Ficou lá e começou ‘Ooh, baby, baby’, e o suporte do microfone prendeu na caixa. Ele pulou, saiu se pavoneando e foi puxado para trás. Quase caiu de costas.

“Mas as meninas achavam ele maravilhoso. Tinha uns bailes de segunda à noite nas piscinas em Willenhall, logo passando Wolverhampton. Eu o via lá, dançando

de sobretudo, exibindo-se para as minas.”

Na época, os N’Betweens já eram a maior banda de Wolverhampton e estavam à procura de um vocalista. O novo guitarrista, Neville ‘Noddy’ Holder, havia assumido o cargo, mas sugeriu a Lea e aos outros que contratassem Plant. Assim como os outros integrantes da Listen, Holder vinha de Walsall e havia levado-os para shows na perua do serviço de lavagem de janelas do pai.

Diz Lea: “Nod falou pra nós: ‘Plonk canta bem, mas o negócio é que todas as minas são gamadas nele – por isso que vai ser bom pra gente.’ Na época, não entendi por que tanto alvoroço. A

reputação que ele tinha era de ter se metido em tudo que era banda de segunda da cidade. O fato é que, quando ele subia no palco, não tinha como tirá-lo de lá. Por isso bati o pé que não queria ele com a gente.”

O argumento de Lea, de que manter Holder como único vocalista renderia mais dinheiro para cada um, venceu a discussão. Plant não foi convidado para a banda. Caso tivesse, duvida-se que tivesse permanecido fiel à Listen. Naquele mês de maio, ele fora assistir ao The Who no Salão Municipal de Kidderminster. Pete Townshend havia sido o vocalista da noite, com Roger Daltrey temporariamente fora depois da primeira de muitas brigas. Após o show,

Plant esperou Townshend em frente à entrada do palco e ofereceu seus serviços. No mínimo, era seguro de si.

* * *

O verão inglês de 1966 foi molhado. O novo governo do Partido Trabalhista havia tomado posse e crescia a expectativa para a Copa do Mundo, que começaria no país em julho. Numa noite gelada e úmida, Plant conheceu sua futura esposa num show da cantora de R&B britânica Georgie Fame. Embora ela tivesse nascido em West Bromwich, a família de Maureen Wilson havia chegado ao *Black Country* vinda de Goa, Índia. *Mignon* e bonita, dançava com ardor, e a atração entre ela e Plant

foi imediata.

O relacionamento dos dois seria motivo de olhares desaprovadores de muita gente das Midlands na época. Há menos de dois anos, a eleição geral de outubro de 1964 havia exposto as sórdidas tensões latentes na região. Em uma votação notória do eleitorado de Smethwick, vizinha a West Bromwich, o parlamentar do Partido Trabalhista fora derrotado pelo candidato conservador Peter Griffiths, que liderara uma campanha de protesto contra o influxo de imigrantes asiáticos à cidade.

A acrimônia incitada por Griffiths foi tamanha que o primeiro-ministro trabalhista vitorioso, Harold Wilson, sugeriu que ele fosse visto em

Westminster como um “parlamentar leproso” quando assumisse o cargo. Griffiths foi deposto na eleição subsequente, em março de 1966, mas as feridas que ele havia aberto levariam anos para cicatrizar.

“Robert fez tudo contra as regras na época e nisso teve muita coragem”, reflete Perry Foster, primeiro mentor de Plant. “Seja por ter deixado o lar perfeito de classe média ou por sair com uma garota de Goa. Uma coisa eu digo: ele tinha mais culhões do que eu.”

Era igualmente verdade que Maureen teve influência positiva sobre Plant. Ele se tornou um convidado frequente da casa de sua família na Trinity Road, em West Bromwich, onde adquiriu o gosto

por *curries* e temperos indianos, e também ouviu novos e exóticos sons.

“Tinha muita família asiática morando naquela região de West Bromwich”, ele me contou. “Aquele som fantástico dos cantores indianos dos anos 1950... estava por tudo, saía da porta do vizinho e subia a viela da casa onde eu ficava. Eu ficava intrigado.”

Diz John Crutchley: “Maureen fez bem pro Robert, e ele não poderia ter desejado uma família melhor, porque eles o adotaram. Ele passava bastante tempo na Trinity Road, entre as idas e vindas de lá. Eu estava de olho na irmã mais moça de Maureen, Shirley, e saíamos os quatro juntos. Era um ambiente legal, aconchegante.”

Não que as ambições de Plant estivessem aplacadas. Ele sabia do precedente criado pela Move, que havia se aventurado para além das Midlands, e convenceu os outros de que também deviam sair do circuito local. A resposta da Listen a Tony Secunda seria Mike Dolan, dono de uma alfaiataria em Birmingham. Dolan foi falar com a banda interessado em se tornar empresário, dizendo que tinha dinheiro para investir.

A grana não era muita, mas Dolan conseguiu colocar a Listen na lista de duas agências que agendavam shows, a Malcolm Rose Agency de Londres e a Astra de Wolverhampton. Eles começaram a conseguir shows em locais

distantes, como o 400 Ballroom em Torquay, na costa sul da Inglaterra, e ao norte, no Club A'GoGo de Newcastle. Em 30 de julho, o dia em que a Inglaterra venceu a Copa do Mundo no Estádio de Wembley, a Listen abriu para os Troggs, da famosa “Wild Thing”, no Boston Gliderdrome de Lincolnshire.

“A gente ia pra tudo que era lugar numa van que a sra. Reagan nos deu”, lembra Crutchley. “Havia pertencido a outra banda dela, os Redcaps, mas eles acabaram. Um amigo de Robert em Kidderminster, um rapaz chamado Edward, era quem dirigia pra nós. Ele era piradaço, um gordinho que usava de tudo.”

Carole Williams era recepcionista da

Astra na época. Seu trabalho era entregar a remuneração às bandas da agência a cada semana.

“Os rapazes vinham receber a grana na sexta de manhã”, ela diz. “Robert morava com Roger Beamer, e nenhum dos dois era chegado em acordar cedo. Uma das minhas tarefas na sexta era ligar para eles às 10 da manhã e acordá-los. Eles ganhavam £15 por noite para duas entradas de quarenta e cinco minutos, e, naquela época, isso era bem bom.

“Robert tinha uma aura própria e se destacava dos outros caras na banda. Também era lindo de morrer. Uma vez, uma banda que eu gostava, chamada Roulettes, estava fazendo show em

Shrewsbury, que ficava a algumas horas de lá. Robert se ofereceu para me levar. Era sexta à noite, e ele foi me buscar depois do serviço. Apareceu num carro preto bem velho – acho que era um Ford Poplar.

“Fomos sacolejando até Shrewsbury, vimos a banda e tivemos uma noite ótima. Chegamos em casa, e só aí ele me disse que não tinha carteira de motorista. Ele achava que era um mero detalhe. Sorte que a estrada era reta.”

Apesar de todas as andanças, o show mais alto nível em que a Listen tocou foi no próprio *Black Country*, em 20 de outubro. Naquela noite, eles e os N’Betweens abriram para o novo trio de blues-rock peso pesado de Eric Clapton,

o Cream. Mas seria uma ocasião infeliz para a Listen.

“No fim do *set*, Plant e John Crutchley começaram a briguinha de mentira, e o Crutch caiu do palco”, diz Jim Lea. “Que eu me lembre, ele quebrou o tornozelo. Plant me disse depois que a briga foi de verdade. Disse que eles discutiam bastante, de modo que a coisa fajuta era só uma desculpa pra um quebrar a cara do outro.”

A última cartada da Listen foi gravar uma demo *tape* com três faixas que Dolan levou a várias gravadoras em Londres. Conseguiu contrato com a CBS Records. Os outros não sabiam, mas o olheiro da gravadora, Danny Kessler, ficara enlevado com a voz de Plant. A

CBS contratou o vocalista, não a banda.

Assim, quando chegou a hora da Listen gravar seu primeiro *single*, a *cover* de uma música chamada “You Better Run”, originalmente da banda pop-rock norte-americana The Rascals, Plant foi o único convocado para passar um dia em Londres.

“A CBS disse que queria músicos de estúdio na gravação para deixá-la mais comercial”, diz Crutchley. “A gente ficou meio chateado, mas era o esquema. A gente queria um disco de sucesso, por isso nos deixamos levar.”

Mesmo de tão longe, a potência da voz de Plant na faixa é marcante. Mas a produção por demais espalhafatosa de Kessler a sufoca com cordas, metais e

backing vocals, sendo uma dessas a futura parceira de Elton John, Kiki Dee.

Por uma infeliz coincidência, os N'Between também tinham escolhido “You Better Run” para o primeiro *single*, embora de forma mais despojada. As duas versões foram lançadas no mesmo dia, em novembro de 1966. Para impulsionar as vendas, Dolan mandou seus funcionários irem a toda loja de discos na região e pedir a música deles. Acabou que ela subiu ao Top 50 só por uma semana e, depois, sumiu.

“Aconteceu de eu ficar na mesma hora com Robert numa linha e Noddy Holder na outra, os dois me perguntando de qual versão eu gostava mais”, diz Carole

Williams. “Minha lealdade era com os N’Betweens, mas contei uma mentirinha pro Robert.”

“Depois daquilo, as coisas começaram a malogar pra nós”, diz Crutchley. “A gente tinha investido muita grana na divulgação do disco. Nós nos reunimos e meio que admitimos que não estava dando certo. Fora que estávamos quebrados.”

Sem banda e sem perspectiva de grana, Plant se mudou para a casa dos pais da namorada. O casal vivia do salário de Maureen como vendedora na Marks & Spencer, de £7 por semana. Plant, que acabara de completar 18 anos, fez uma promessa: se não realizasse seu sonho até os 20, iria desistir e arranjar

um emprego de verdade.

5

DESESPERO PURO

Eu uivava tanto que não conseguia fazer mais nada.

Ainda restava algo em que Plant podia

se agarrar: o contrato assinado com a CBS Records. Ele estava quebrado e, mais uma vez, fora empurrado para a margem, mas, enquanto mantivesse o pé segurando a porta, o sonho não morreria. Ele só tinha de achar um jeito – qualquer jeito – de escancarar a porta. Se, para isso, precisasse entregar-se aos caprichos de outros, que assim fosse.

O caso era que a CBS tinha planos para o jovem cantor. Haviam decidido transformá-lo em *crooner*. Com aquela voz e aquele visual, era certo que ele poderia fazer o coração da mulherada disparar e palpitar. Os concorrentes da Decca haviam feito a mesma coisa com dois de seus cantores, e com êxito. O primeiro fora um sujeito parrudo que

havam tirado dos vales galeses, chamado Tom Jones. O outro era o ainda mais improvável Gerry Dorsey, cantor de clube que nascera na Índia e que a gravadora rebatizara de Engelbert Humperdinck. No início de 1967, Humperdinck estava curtindo um sucesso de arromba nos dois lados do Atlântico com “Release Me”, uma balada brega que a Decca descobriu para ele.

Para o contra-ataque, a CBS havia separado uma balada italiana, “La Musica è Finita”, que chegara ao topo no país de origem. Para Plant, a faixa foi rebatizada de “Our Song”, e, mais uma vez, ele foi colocado com o produtor da casa, Danny Kessler, para gravar.

Kessler foi tão generoso no uso de cordas e metais quanto fora na malfadada “You Better Run” da Listen, mas esse fundo combinou melhor com “Our Song”, visto que esta era uma baba das mais melosas. Não se pode dizer o mesmo de Plant, que cantou como se vestisse uma camisa de força. Ele disse ao amigo Kevyn Gammond que teve de fazer noventa *takes* para a faixa, sendo que o processo o deixou em lágrimas.

O primeiro *single* solo de Plant foi lançado em março de 1967, mesmo mês em que saíram “Arnold Layne” do Pink Floyd e “Purple Haze” de Jimi Hendrix. Foi um fiasco: vendeu menos de 800 cópias. Mesmo um de seus primeiros defensores, John Ogden, colunista de

pop do jornal *Express & Star*, chamou-a de “desperdício de um grande cantor de soul.”

“Pouco tempo depois, recebi uma ligação da mãe de Robert”, diz Ogden. “Ela queria saber se eu realmente achava o filho dela bom cantor ou não. Respondi que, embora não existisse nada garantido, ele tinha a mesma chance que qualquer outro de fazer acontecer. Ela deve ter ficado muito desapontada durante aquele ano, porque simplesmente não aconteceu.”

Plant não se deu por vencido e partiu para uma transformação radical. De volta às Midlands, armou o cabelo no estilo *bouffant*, comprou um terno preto e dizia a quem quisesse ouvir que iria

fazer carreira no cabaré. Seu raciocínio era de que não havia o que não valesse a pena tentar. Chegou a fazer cartões que revelavam uma nova identidade, anunciando “Robert – com E mudo – Lee, disponível para shows”.

Conseguiu um aliado inesperado: seu pai. O líder de uma *big band* local, Tony Billingham, havia contratado sr. Robert Plant para projetar e construir uma ampliação de sua casa.

“O pai de Robert notou o ir e vir de músicos, e um dia me disse que tudo que o filho queria na vida era cantar, aí perguntou se eu podia dar um jeito”, lembra-se Billingham. “Eu disse que ia dar uma chance. Nosso nome era The Tony Billingham Band, e era uma banda

de baile tradicional.

“Não lembro quantos shows o Robert fez com a gente, mas um foi no Kidderminster College. Ele cantou algumas músicas dos Beatles naquela noite. Na época, costumávamos usar traje a rigor, mas não para se apresentar numa faculdade. Nesse caso, a gente usava camisa preta ou coisa do tipo. Robert tinha cabelo comprido e deixava a camisa aberta até o último botão. O pessoal dos bailes não fazia isso.”

Cinco meses depois de “Our Song” afundar, a CBS tentou a sorte mais uma vez com outro *single*, “Long Time Coming”. Esta era mais apropriada à voz de Plant graças à base de R&B, mas tão sem sal quanto a antecessora. E

igualmente não fez sucesso. Mas Plant já tinha tomado outro rumo, dessa vez mais próximo do espírito de época.

Ele montou uma nova banda, chamada Robert Plant and the Band of Joy. O guitarrista, Vernon Pereira, era parente da sua namorada Maureen. Embora a escalação da Band of Joy fosse variar ao longo de toda sua existência, a inspiração de Plant continuou a mesma: a nova música norte-americana que ele começara a seguir.

O empurrão veio de John Peel, DJ de 27 anos nascido em família abastada de Liverpool e educado em internato. O pai de Peel era comerciante de algodão e, em 1961, mandou o filho trabalhar com um de seus fornecedores nos EUA. Ele

ficou seis anos no país, durante os quais conseguiu seu primeiro emprego de DJ – sem remuneração, numa estação de rádio de Dallas – e também adquiriu uma pilha dos discos que emanavam da Costa Oeste dos EUA.

Ao voltar para casa em 1967, Peel foi capturado pela estação pirata Radio London, na qual criou o programa *The Perfumed Garden*. Ele recheou o programa com os discos que havia comprado nos EUA, expondo as bandas por trás deles para o público britânico pela primeira vez. Saídas de L.A. e de San Francisco, entre elas estavam The Doors, The Grateful Dead, Captain Beefheart and his Magic Band e Quicksilver Messenger Service. Eram

bandas de rock nascidas da tradição do blues, do folk, do country e do jazz, mas que iam mais longe consumindo a novidade das drogas psicodélicas, numa vontade louca de perder as estribeiras.

“A gente nunca tinha ouvido esse tipo de música até o John começar a tocá-las”, diz Bob Harris, também DJ. “Mudou meu jeito de ver as coisas e acho bem provável que tenha sido a mesma coisa com Robert.”

De fato, Plant ficou arrebatado, digerindo essa música norte-americana com apetite idêntico ao que havia tido com o blues negro. Das bandas que emergiam da cena psicodélica de San Francisco, as que o atingiram com maior potência foram Jefferson Airplane e

Moby Grape. *Surrealistic Pillow*, álbum do Jefferson Airplane naquele ano, fez nascer dois hinos do *acid rock*, “White Rabbit” e “Somebody to Love”, com o vocal assustador de Grace Slick a assombrar o zumbido lisérgico da banda. Lançado naquele verão, o LP homônimo de estreia da Moby Grape misturava rock, blues, country e pop num som que exalava impetuosidade e alegria desenfreada.

De L.A., ele adotou mais duas bandas. A Buffalo Springfield unia dois talentosos compositores de origem canadense, Neil Young e Stephen Stills, cujo folk rock destrambelhado foi referência de época tanto quanto os Byrds – as duas bandas viriam a se

desfazer pelas mesmas tensões. E tinha também a Love, com suas sinfonias psico-pop cheias de penduricalhos, conjuradas por outro talento singular, Arthur Lee. A Love lançou dois álbuns em 1967: *Da Capo* e, depois, *Forever Changes*, sua obra-prima. Embora nenhum desses discos viesse a fazer de Lee e banda estrelas, ambos ofereceram um panorama musical caleidoscópico no qual outros se banquetearam.

“Aquele monte de música da Costa Oeste foi um ‘*Bang!*’ – e, para mim, depois daquilo, não teve mais nada”, Plant disse, em 1970, a Richard Williams, da *Melody Maker*. “Uns três anos antes, eu ficava tremendo quando ouvia Sonny Boy Williamson. Agora eu

chorava com Arthur Lee.”

John Peel logo estaria levando tal música à sua porta. O DJ começou a fazer apresentações nas noites de domingo no Frank's Ballroom, em Kidderminster, geralmente pedindo carona até as Midlands no ar.

“Era sensacional”, comentou Kevyn Gammond, que, assim como Plant, era grande entusiasta desses shows. “Peel trazia gente tipo Captain Beefheart e Ry Cooder, junto com a primeira encarnação do T-Rex. Rolava uma história fantástica da banda de Captain Beefheart no camarim, enrolando uns baseadões, e Peel oferecendo chá e sanduíche de pepino. Peel chamou nossa atenção para esse cenário fantástico, e o

Rob, mais que outros, caiu de cabeça.”

A primeira versão da Band of Joy começou a tocar na primavera de 1967 nos dois clubes mais badalados de Birmingham, o Elbow Room e o Cedar Club. No último, abriram para a Electric String Band de Denny Laine, ex-Moody Blues. Ainda era uma banda de *covers*, mas que, aos poucos começava a se aventurar nas fronteiras do *acid rock*.

Historiador da música local, Laurie Hornsby relembra que o grupo no qual ele tocava guitarra fez um show com a Band of Joy no Cofton Club, em 25 de abril.

“O clube era um antigo ringue de patinação”, diz Hornsby. “Lembro que o lugar estava lotado. As drogas ainda não

estavam em cena. O negócio era ir lá, tomar uns goles, pegar uma mina. O *visual mod* era coisa do passado – Robert e banda usavam casaco afegão, camurça e essas coisas.

“Como eles eram muito superiores a nós, tocamos 45 minutos, e eles fizeram uma hora. Assisti o show da Band of Joy, mas só lembro do Robert. Ele se vendia muito bem, sabia exatamente como fazer os outros olharem pra ele.”

“Nas Midlands, naquela época, havia duas correntes de pensamento em relação a Robert”, diz John Ogden. “As pessoas gostavam dele, ou o detestavam. Todas as mulheres se amarravam nele. Dava pra ver como elas ficavam de olho nele da plateia. Por isso, a maioria dos

caras não olhava.”

Essa antipatia com o vocalista se estendia ao empresário propriamente dito da banda, “Pop” Brown, pai do tecladista Chris Brown. Após uma altercação acalorada entre os dois, Plant armou para ser demitido da Band of Joy.

“Robert tinha as ideias dele, e ‘Pop’ Brown não curtia”, sugere Ogden. “Robert sempre foi decidido e sabia o que queria – basicamente, queria ser uma estrela.”

Naquele junho, os Beatles apresentaram ao mundo *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* e foi com ele que a Grã-Bretanha se lançou no Verão do Amor – baseado nos sons, na moda e na predileção por drogas alucinógenas

importados diretamente da Califórnia. Dizer que foi uma revolução cultural totalmente abarcante é exagero. O disparatado Humperdinck, Tom Jones e um *crooner* de ainda mais idade, Frankie Vaughan, comandaram quatro dos dez *singles* mais vendidos na Grã-Bretanha naquele ano. Não há, porém, como negar a extensão do impacto daquele verão.

Para Plant, estava na cara. Em questão de semanas do lançamento de *Sgt. Pepper's*, tanto sua adorada Small Faces quanto a nova banda de Stevie Winwood, a Traffic, conseguiram *hits* com músicas que garimpavam o veio dos caprichos psicodélicos: “Itchycoo Park” e “Hole in My Shoe”. A música do Traffic era a que o deixaria mais

abalado. Mais uma vez, ele se defrontava com o duro fato do quanto seu contemporâneo Winwood tinha avançado e da distância a que ele estava.

Quando “Hole in My Shoe” subiu a Número Dois nas paradas do Reino Unido, Plant estava trabalhando como operário da construção civil na firma Wimpey, asfaltando a rua central de West Bromwich. Ao aparecer para o primeiro dia de trabalho, seus novos colegas só deram uma olhada nos cabelos loiros e compridos e começaram a chamá-lo de “Cantor Pop”.

Não tardaria para Plant erguer-se dessa última maré baixa, pois determinação e

autoconfiança nunca lhe faltaram. Logo reuniu em torno de si mais um grupo de músicos, anunciando-os como Robert Plant and the Band of Joy. “Pop” Brown reclamou aos gritos, e durante algum tempo viu-se duas Band of Joy batalhando shows. Mas os outros cederam, mudaram o nome para Good Egg e caíram na obscuridade. No ano seguinte, Plant entraria para a família do guitarrista da banda, Vernon Pereira – primo de Maureen –, embora os dois nunca mais voltassem a tocar juntos. Pereira morreu num acidente de carro em 1976, numa época em que Plant era consumido por outros problemas.

Para gerenciar sua nova banda, Plant chamou um contato antigo, Mike Dolan,

que havia guiado a Listen. Dolan teve efeito imediato, embora não muito estimado. Plant tinha que se apresentar a um tribunal para responder por uma infração de trânsito, e Dolan o convenceu de que podia usar a ocasião para obter publicidade. Dolan armou os planos de uma marcha pela “Legalização da Maconha” no mesmo dia e entrou em contato com a imprensa local, dando a entender que o cantor ia liderar uma multidão de jovens discípulos até a escadaria do tribunal para reclamar seus direitos civis.

Plant chegou ao Tribunal de Wednesbury na manhã de 10 de agosto de 1967 acompanhado de apenas sete apoiadores, sendo que um deles era a

irmã mais nova da namorada, Shirley. A manifestação esfarrapada brandia cartazes borrados com *slogans* do tipo “A felicidade em forma de erva” e “Não é pra plantar... É pra fumar.”

Uma matéria na edição noturna do *Express & Star* descreveu a cena: “A polícia espiava curiosa das janelas da delegacia e alguns até saíram para fotografar aquele estranho ajuntamento, que incluía duas garotas de minissaia”. Dolan negou que a salgadeira fosse uma armação, tendo dito ao jornal: “Foi um ato totalmente espontâneo da parte dessa juventude, que vê Bob como uma espécie de líder”.

Embora Plant tenha livrado-se da acusação de direção perigosa, uma

manifestante, uma enfermeira chamada Dorette Thompson, não teve a mesma sorte: perdeu o emprego por ter participado da marcha.

“Aquela pantomima era o lado desordeiro do Robert”, diz John Ogden. “Ele não precisava, mas tentava de tudo. Ele chegou a se apresentar à corte vestindo uma roupa de noivo indiano. Eu já estive no tribunal uma vez, para dar um atestado de caráter, e fui inspecionado dos pés à cabeça pelo advogado esnobe. É uma experiência que intimida qualquer um. Mas ele fez isso quando tinha apenas 18 anos.”

A situação doméstica de Plant na época era tão desordenada quanto a marcha. Ele ia e vinha da casa de

Maureen e família em West Bromwich, mas também passava na casa de amigos. Naquele verão, também mudou-se para uma casa na Hill Road, número 1, em Lye, perto de sua terra natal em Stourbridge. Um de seus colegas na casa era Andrew Hewkin, aspirante a pintor que estava no último ano do Stourbridge College.

“Não imagino que a casa ainda esteja de pé – depois do que a gente fez lá, acho que precisou de uma reforma séria”, diz Hewkin. “Era gente entrando e saindo o tempo todo. Difícil saber quem morava e quem não morava lá, porque toda manhã você via uma menina ou um cara diferente. A gente pagava praticamente nada de aluguel.

“Tinha um monte de quartos, cada um de uma cor e cheiro diferente, e de todos saía tudo que era tipo de música. Não me lembro de ver muito o quarto do Robert, mas também não me lembro muito de ver o Robert. O dormitório gigante lá da faculdade se chamava West Hill; era lá que tudo acontecia e lá que Robert ficava mais. Ele não era aluno, mas sabia que todas as minas mais bonitas circulavam por lá.”

A casa de Lye logo serviria de local de ensaio da Band of Joy. A banda montava seu equipamento no porão, que era apertado, sem janelas e de um calor febril.

“O som lá era absurdamente alto, e Robert suava de pingar”, diz Hewkin.

“Vi muitas apresentações deles. Ele era praticamente igual ao que é hoje no palco, com o peito estufado, quem sabe até mais. Acho que deve ter aprendido muito com Mick Jagger, porque Robert também ficava todo empertigado, embora fosse mais frangote.

“Quando não estava nessas, ele era bem pé no chão, caloroso, embora fosse muito chegado nessa coisa de *hobbits* e mundos subterrâneos. Que triste, né? Ele comprou um carro, um Morris Minor velho, e o estacionou no jardim da casa, que era um matagal. Não tirou o carro dali nenhuma vez enquanto morou lá. Depois ouvi dizer que, um dia, a polícia apareceu e levou o carro.”

Essa segunda versão da Band of Joy

não viria a durar mais que a primeira. A causa não foi exatamente reforçada pela imagem que adotaram – emplastrando o rosto com pintura de guerra. O visual não foi uma boa principalmente para o baixista Peter Bowen.

“Aquilo metia medo em todo mundo”, Plant disse a Richard Williams. “Um baixista grande e gordo que vinha correndo, de *kaftan* e penduricalhos, e pulava direto do palco para a plateia. Eu uivava tanto que não conseguia fazer mais nada.”

Ao fim do ano, Bowen e os outros tinham caído fora, deixando Plant, mais uma vez, a juntar os cacos. Foi o que ele fez com grande entusiasmo, tendo persuadido tanto Bonham a voltar quanto

Kevyn Gammond a sair da banda de apoio do cantor de *reggae* Jimmy Cliff. Com a típica fanfarronice, ele, depois, se voltou para a Good Egg e recrutou o baixista Paul Lockey e o tecladista Chris Brown, sem dúvida para considerável ira de seu pai.

Com esta formação, a Band of Joy finalmente ganhou consistência. A bateria possante de Bonham deu mais peso, o grupo ficou pura massa e potência, permitindo-se compridíssimos exercícios instrumentais. Foi o precursor de tudo que logo viria a mudar a vida de Plant e de seu baterista furioso, embora nenhum dos dois tivesse como prever. Para o público das Midlands na época, porém, era um exagero.

“Eu cuidava de um clube no *pub* Ship and Rainbow, em Wolverhampton, e agendei um show deles”, diz John Ogden. “Não foi bem um sucesso porque muita gente da plateia ainda era louca por blues e, na época, o Robert não estava nessa.

“Lembro de ele cantar ‘White Rabbit’ do Jefferson Airplane, e foi realmente bárbaro. A gente bateu um papo depois, e ele estava decepcionado com a reação. Ele disse que as pessoas tinham de ouvir, que ele não podia ficar fazendo sempre a mesma coisa. Mas, na época, se você fosse fora do comum, e principalmente se fosse barulhento, não tinha como conseguir show por aqui.”

Mike Dolan tirou a banda da região

para levar a clubes de Londres, o Middle Earth e o Marquee, e mais ao norte, como o Club A'GoGo de Newcastle. Em março, fizeram alguns shows pelo país com um cantor de folk norte-americano expatriado, Tim Rose. Esses shows aconteciam uma vez ou outra e rendiam menos que o circuito de *covers* no qual eles tinham se iniciado. Ter um propósito em comum, porém, lhes deu impulso.

“Não dá pra chamar o que a gente fazia de *freak rock*, mas o espírito era esse”, diz Kevyn Gammond. “Era empolgante e distinguia-nos dos doze compassos em que a gente tinha crescido. Uma música chegava a durar dez, quinze minutos – pobre da plateia.

Também tinha uma batalha entre John e Rob, porque Bonzo era muito *showman*. Ele armava a bateria de um jeito que Rob e eu ficávamos meio empurrados pro lado ou até pra trás dele.”

Assim como tinha feito com a Listen, Dolan levou a banda para gravar uma fita demo. Foi no Regent Sound Studios de Londres, e trazia versões de “For What It’s Worth”, do Buffalo Springfield, e da *murder ballad* “Hey Joe”, além de duas músicas de composição própria, “Memory Lane” e “Adriatic Seaview”. As duas *covers* indicavam a potência da Band of Joy, embora sobrasse pouco espaço para sutileza e menos ainda para restrição. Plant investia com tudo, mesmo com a

voz num timbre mais baixo do que viria a ser, atacando “Hey Joe” como se ao fazê-lo pudesse livrar-se de todas dúvidas e demônios.

Mas as músicas da Band of Joy eram banais, e a fita não despertou grande interesse; Plant não conseguiu sequer entusiasmar a CBS, ainda com seu contrato. Dolan deu um jeito de garantir uma residência da banda no Speakeasy Club de Londres, mas àquela altura a banda já era. Bonham aceitou a esplêndida soma de £40 por semana para entrar na banda de apoio de Tim Rose, e a Band of Joy veio abaixo.

Aquela situação de nadar e morrer na praia já era familiar até demais para Plant. E agora ele também tinha outras

questões mais prementes na cabeça. Maureen estava grávida. E ele estava a poucos meses de completar 20 anos, ponto em que prometera a ela que desistiria de tudo isso.

Plant voltou ao trabalho e noivou com Maureen. Pode-se imaginar a pressão que ele sofreu de seus pais para fazer a coisa certa e abraçar valores tradicionais, ainda que tardiamente. Ele passara a apreciar o verdadeiro valor do dinheiro, como ficava desamparado sem ele, como conservá-lo e não desperdiçar. Mas ainda não iria desistir. Ainda estava atrás daquela oportunidade fugidia.

Enquanto isso, o guitarrista da Move,

Trevor Burton, havia passado a demo da Band of Joy a seu empresário, Tony Secunda. Quando finalmente ouviu, Secunda convidou Plant a Londres para uma audição com ele e seu sócio, Denny Cordell. Plant convidou Kevyn Gammond para ir junto.

“A gente não tinha grana, então foi pedindo carona”, lembra Gammond. “Botaram a gente no hotel mais merda e detonado que existia – o Madison. No dia seguinte, fomos ao Marquee Studios, só eu, Robert e os caras. Eles disseram: ‘Muito bem, escrevam uma música para nós’. A gente inventou uma coisa, fez a demo... Não sei onde ela foi parar.

“Na volta, a gente não conseguia carona. Encontramos uma garota

pedindo carona bem no início da M1. A gente pediu para ela levantar a saia, aí saiu correndo e se escondeu atrás de uma moita. Parou um carro, a porta abriu, a gente pulou de trás da moita e entrou junto. Fomos levados até Birmingham.”

Durante a residência da Band of Joy no Speakeasy, o *bluesman* Alexis Korner enfiou a cabeça pela porta do camarim para dar um oi. Na época com 40 anos, Korner era filho de pai judeu austríaco e mãe de ascendência grega e turca, e viera à Inglaterra depois de passar pela França, pela Suíça e pelo norte africano. Competente no violão e no piano, fizera parte da banda de jazz de Chris Barber nos anos 1950, tendo

montado seu próprio conjunto de blues em 1961. Batizou-o de Blues Incorporated, e a banda virou escola profissionalizante para uma geração de jovens jazzistas britânicos. Em algum momento, Charlie Watts, Ginger Baker e Jack Bruce passaram pelas fileiras da Blues Incorporated. Mick Jagger, Keith Richards, Brian Jones, Rod Stewart e um guitarrista com cara de anjo, Jimmy Page, tiveram chance de tocar com Korner nas residências de sua banda no Marquee Club.

Plant foi ver Korner tocar no Cannon Hill Arts Center em Birmingham, reapresentando-se ao músico com a audácia de sempre. Ele me contou: “Alexis estava lá tocando todas. Ele

tinha Steve Miller no piano, um grande pianista. Eu tinha uma gaita no bolso e comecei a tocar junto, olhando para Alexis enquanto ele estava no palco. Eu tinha essa audácia, não me continha em nada.

“Ele terminou a música e olhou para mim lá de cima. Perguntei: ‘Posso subir aí e tocar com vocês numa música?’. Ele disse para eu passar no camarim no intervalo. A gente acabou fazendo uns blues de oito compassos. Era um homem encantador e com pose de nobre.”

Korner chamou Plant de volta a Londres e o instalou em seu apartamento em Queensway. Disse ao hóspede que o sofá em que ele estava dormindo era o mesmo que Muddy Waters usava quando

vinha à cidade. Junto a Steve Miller, Korner e Plant fizeram alguns shows em clubes e começaram a compor.

O trio gravou duas dessas músicas – “Operator” e “Steal Away” – numa sessão em estúdio. As duas eram blues consistentes, porém medíocres. Plant, contudo, cantou cada uma como se sua vida dependesse daquilo. Ladrou, uivou, desesperou-se, finalmente conseguindo mostrar que tinha a estatura de Jagger, Rod Stewart e todos os outros que estavam à sua frente na fila. A ideia de que os três poderiam fazer um álbum juntos ficou no ar.

De volta ao *Black Country*, ele foi ver a nova banda do velho amigo Bill Bonham e perguntou se podia participar.

Eles tinham um nome verdadeiramente terrível, Obs-Tweedle, mas, pelo menos, ele ganharia uma grana para a cerveja e, já que os pais de Bonham tinham um *pub* em Walsall chamado The Three Men and a Boat, teria onde ficar quando não estivesse com a família de Maureen.

Apresentada como Robert Plant with Obs-Tweedle, a banda fez alguns shows locais em junho e julho de 1968. Eles tocavam no Three Men and a Boat toda quarta-feira e quase todo sábado. Também houve shows no Connaught Hotel e no *pub* Woolpack, em Wolverhampton, o tipo de lugar que Plant deve ter achado que já conhecia do avesso. Ensinou-lhes as mesmas músicas de Buffalo Springfield e Moby Grape

que fizera inicialmente com a Band of Joy, embora agora não houvesse Bonham para elas terem o toque assassino.

“Eu seguia o que ele dissesse, todas as ideias”, diz Bill Bonham. “Era ótimo ter banda com ele; ele dava duro, as críticas dele eram construtivas. Teve bastante gente que me disse que Robert era indiferente ou frio, mas nunca tive disso com ele.”

Em 20 de julho, a Obs-Tweedle estava agendada para um show no West Midlands College of Education, em Walsall. Era uma noite de sábado, e Bill Bonham lembra que havia a típica plateia estudantil: “Ficaram lá parados, olhando, tentando dar pinta de *cool*.”

Havia, porém, três participantes bem

interessados na pequena plateia daquela noite: um deles era Jimmy Page, agora guitarrista dos Yardbirds; o segundo era o baixista da mesma banda, Chris Dreja; e o terceiro era o mais notável, o empresário deles, Peter Grant. Do tamanho de um armário, Grant já havia trabalhado de leão de chácara – e também fora lutador de luta livre – antes de entrar no negócio da música como guarda-costas de Gene Vincent e Little Richard. Ele pastoreava roqueiros norte-americanos que visitavam a Grã-Bretanha, bajulando e metendo a porrada. O motivo pelo qual os três estavam em Walsall naquela noite específica era Robert Plant.

Os Yardbirds estavam nos seus

estertores – os guitarristas prodígios Eric Clapton e Jeff Beck haviam caído fora, desde então os *hits* do auge blues haviam se esgotado. Na última e desgraçada turnê, Page confiara a Grant seu conceito para uma nova banda, uma em que todos os talentos pudessem usar o blues como artilharia pesada e fazer muito mais. Ele seria o general, e Grant, seu braço direito.

Page inicialmente abordara o batedor do Who, Keith Moon, e o baixista deles, John Entwistle, mas não deu em nada. Para vocalista, ele pensara em Steve Marriott do Small Faces – até o empresário deles, o notório Don Arden, perguntar se ele gostaria de tocar em uma banda com os dedos quebrados.

Depois ele abordou Terry Reid, cantor britânico de blues de 18 anos que diziam ser a grande promessa. Reid estava trabalhando no seu primeiro álbum solo e recusou, mas passou para Page a dica de Plant, lembrando de um show que havia feito no início do ano com a Band of Joy.

Assim, Page e os outros partiram para Walsall, e lá ficaram assistindo a Obstweedle carregar o equipamento no palco. A primeira impressão não foi boa.

“Eles me confundiram com um *roadie*”, Plant me disse. “Faz sentido – eu sou grandão. Terry Reid me disse que tinha falado a meu respeito para o Jimmy, e eu sabia que os Yardbirds

tinham feito ótimos discos – eu tinha visto eles tocarem com Eric. Eu não tinha nada a perder.”

A Obs-Tweedle não causou impressão em Page naquela noite. Já com o vocalista a coisa foi diferente. Page deixou as Midlands perguntando-se como Plant ainda não havia sido descoberto, temendo que fosse por conta de algum problema na sua personalidade ou uma falha que ele ainda não percebera. Decidiu pensar melhor no assunto.

Plant ficou a ver navios de novo. Naquele verão, abriu um clube num antigo salão de baile em Birmingham. Chamava-se Mothers, e logo se tornou um ímã para o bando cada vez maior de

doidões e *hippies* da região. Plant começou a marcar presença por lá, um rei ainda em busca de seu reino.

Lembrando de ter visto Plant pela primeira vez no Mothers, o cantor folk inglês Roy Harper diz: “Eu tinha 26 e ele, 19. Ele estava acompanhado – ou sendo seguido, não sei – por quatro mulheres. Ele ganhou o meu respeito no ato. Minha memória mais clara é de vê-lo indo embora a meia distância, cercado pelo grupinho de brotos, e pensar: ‘Esse cara está atraindo geral.’”

Ao voltar para o alojamento no Three Men and a Boat, certa noite Plant encontrou um telegrama de Grant. Dizia: “Prioritário – Robert Plant. Tentei ligar várias vezes. Por favor, ligue se tiver

interesse em entrar no Yardbirds”.

A um mês de completar 20 anos, o momento de Plant finalmente havia chegado. Não que isso tenha ficado aparente na hora. Afinal, ele se acostumara a ter altas esperanças e aí tudo vir abaixo. Além disso, ninguém mais considerava os Yardbirds uma certeza enquanto banda.

“Encontrei-o uma noite no Salão Queen Mary, em Dudley, e ele me disse que tinha essa proposta de entrar para os Yardbirds”, diz Jim Lea, dos N’Betweens. “Ele estava com Maureen e disse que não tinha certeza, não sabia se ia dar certo. Disse que preferia tocar blues com Alexis Korner.

“A gente estava indo muito bem na

época, e eu tinha comprado um carro esporte, um MG Midget. Planty tinha um Ford Prefect verde. Eu estava entrando no meu carro, e ele gritou: ‘Que carro bacana – acho que preciso começar a tocar pop!’.”

Plant foi ligar para Grant. Que outra coisa poderia fazer? Um ano depois, conversando com Mark Williams, do *International Times*, ele disse: “Meu, era o quadro do desespero. Eu não tinha mais para onde ir”.

PARTE DOIS NAS ALTURAS

*A gente era bom mesmo e não ficava de
sacanagem.*



6

BUM! BUM! BUM!

Faz o que o cara diz ou se manda.

Peter Grant convidou Plant para encontrar-se com Jimmy Page na casa

deste em Pangbourne, às margens do Tâmis, para que os dois pudessem sentir o clima e ver qual era a do outro. Vindo de Birmingham, Plant saiu do trem e foi atacado por uma idosa. Ela começou a lhe dar tapas no rosto e gritar por conta do cabelo comprido. Muito em breve isso pareceria estar de acordo com tudo que lhe acontecia. Ele se sentiria andando em uma terra alienígena, em um terreno infestado pelo inesperado e pelo desconhecido.

O vilarejo de Pangbourne era um retiro rural para onde fugiam os londrinos bem de vida, e Page havia encontrado seu aconchego numa casa encantadora às margens do rio. Havia um Bentley novinho estacionado na

entrada. Aos fundos, um lance de escada levava a um ancoradouro e ao rio. Dentro da casa, Page instalara um grande aquário e enchera o lugar de antiguidades que havia colecionado em viagens.

Tudo havia sido pago com o dinheiro que ele ganhara com os Yardbirds e nos anos precedentes como músico de estúdio. Para Plant, aquela era uma amostra do sucesso. Mas também deixava claro que, naquele momento, ele e Page não estavam no mesmo patamar.

“Eu fiquei pasmo quando o Jimmy me convidou para ir a casa dele”, Plant me disse. “Porque, veja bem, os Yardbirds já tinham dado um caldo numa época e obviamente estavam funcionando na

América. Aí eu conheci o Jimmy e vi como ele era carismático. Os contatos dele eram fenomenais.”

Quatro anos mais velho que Plant, Page nascera em Heston, subúrbio de Londres, cinco meses antes do fim da guerra na Europa. Filho único, fora um atleta dedicado no colégio, um fundista promissor, mas largou tudo de mão quando ouviu Elvis no rádio. Aos 12 anos, comprou seu primeiro violão, um espanhol, e aprendeu a tocar sozinho copiando as *licks* de James Burton, guitarrista de Elvis.

Na adolescência, Page entrou na sua primeira banda, Neil Christian and the Crusaders, e fez shows pelo país inteiro, mandando ver nos *covers* de rock'n'roll.

Quando saiu do colégio, matriculou-se numa faculdade de artes em Surrey. Quase toda a noite ia ao West End de Londres com seu violão e começou a subir no palco com bandas de clubes como Marquee e Crawdaddy. Foi o que o levou ao circuito de estúdios, onde desabrochou por aprender rápido e ser flexível, tão versado nas melodias acústicas e elaboradas quanto na guitarra elétrica pungente.

Os serviços de estúdio começaram a chover. Ele tocou nos *singles* de “I Can’t Explain”, do The Who, e “You Really Got Me”, dos Kinks, mas também com Burt Bacharach e em *jingles* publicitários. Em 1965, o empresário dos Rolling Stones, Andrew Loog

Oldham, o contratou para ser produtor fixo de seu novo selo, o Immediate, no qual gravaram Small Faces e Fleetwood Mac. Ele entrou para os Yardbirds no ano seguinte, como baixista, e passou para a guitarra quando Jeff Beck, que Page conhecia desde o colégio, caiu fora. Fez turnê pelos EUA acumulando conhecimento e sendo moldado por tudo que ouvia.

Kim Fowley, veterano produtor e pilantrão empreendedor norte-americano, lembra de Page chegar nele em Los Angeles numa dessas primeiras visitas. “Um dia estou tomando café da manhã no Hyatt House Hotel, na Sunset Strip, e lá vem o senhor garotinho do veludo amassado. Ele me avistou,

chegou e sentou. Disse que tinha acabado de ter a experiência mais louca e perturbadora da vida.

“Uma cantora-compositora bem conhecida na época, uma loira linda, tinha convidado Page para ir a sua casa. Chegando lá, ela o amarrou. Ele disse que ela tinha usado amarras. Perguntei se ele queria dizer algemas, e ele disse que sim, mas também chicotes – três dias e três noites seguidos. Ele disse que tinha sido assustador, mas divertido. Dizem que sempre tem um incidente que diz como vai ser seu caráter. Eu diria que esse foi o de Jimmy Page. Porque estar no controle tornou-se o lance dele.”

Plant ficou uma semana na casa de

Page. Passaram o tempo se avaliando e repassando a coleção de discos de Page para encontrar marcos em comum. Chegaram à consonância quando Plant se iluminou com a versão de Joan Baez para “Babe I’m Gonna Leave You”, escrita por Anne Bredon nos anos 1950. Page, muito contente, disse que havia selecionado a música para sua nova banda e que eles a fariam em versão elétrica.

Em quase todos os outros aspectos, porém, os dois eram muito diferentes. Page era reservado e introvertido, Plant era extrovertido e convencido. Plant saía de casa aos 17 anos e, desde então, batalhava na periferia da cena musical. Page morara com os pais até os 24 anos,

e eles haviam alimentado e incentivado sua paixão. No mesmo período em que Plant estivera batalhando, Page estivera no centro dos acontecimentos.

Antes de ir embora, Plant tocou para Page suas demos antigas da Band of Joy. Page ainda não tinha baterista, então Plant sugeriu que ele desse uma conferida em John Bonham. Na noite de 31 de julho de 1968, Page e Grant foram juntos a um clube em Hampstead, no norte de Londres, para ver Bonham tocar com Tim Rose. A bateria de Bonham tocava num volume ridiculamente alto, mas também era rápida e habilidosa, e podia-se não perceber a grande destreza por trás do estrondo. Page, contudo, tinha ouvido afinado e se rendeu.

Bonham não ficou tão animado com a ideia de uma parceria com Page para o que desse e viesse. Ele e a esposa, Pat, estavam morando num motor home atrás da casa dos pais dele. O casal tinha um filho de 2 anos, Jason, e Bonham tinha uma dívida com o pai. Faturava uma grana fixa com Rose, sem falar que Pat era da opinião que qualquer coisa que envolvesse o pirado do Robert Plant estava fadada a terminar em ruína financeira.

Mesmo assim, Plant foi enviado para persuadir o amigo. Bonham, porém, só se convenceu depois de uma visita de Page e Grant, e de lhe oferecerem mais do que Rose vinha pagando. Plant agora tinha um rosto conhecido junto com ele,

alguém em quem se segurar caso o negócio ficasse feio. Ele abriu uma conta em banco e depositou £35, os primeiros dividendos de sua nova banda.

Uma semana antes de Plant completar 20 anos, ele e Bonham voltaram a Londres para ensaios. O verão veio com bons augúrios para eles. Os dois outros guitarristas prodígios que haviam feito parte dos Yardbirds, Eric Clapton e Jeff Beck, haviam lançado novos discos. O Cream de Clapton lançou *Wheels of Fire*, terceiro álbum da banda, um duplo disperso impregnado de blues incandescente, mas também sobrecarregado por excessos. Beck estreou seu Jeff Beck Group com *Truth*,

com Rod Stewart no vocal, trazendo um som também calcado no blues, mas pesado e prodigioso. O Cream, porém, não sobreviveria àquele ano, e o grupo de Beck tampouco nascera para durar. Como resultado, a pista estaria livre para o que Page tinha em mente.

Ao chegar à minúscula sala de ensaio embaixo de uma loja de discos na Gerard Street, no Soho londrino, Plant e Bonham conheceram seu novo colega de banda. Assim como Page, John Paul Jones era filho único. Nascido em 1946 numa família musical em Sidcup, Kent, ele também havia feito turnês com bandas quando ainda era adolescente, tocando baixo para a dupla Jet Harris e Tony Meehan, ex-Shadows. Ele também

tinha tocado em estúdios, onde ele e Page se cruzaram pela primeira vez.

Jones era bem resolvido tanto no baixo quanto no teclado, mas também talentoso como arranjador. Havia orquestrado “She’s a Rainbow” para os Rolling Stones e “Sunshine Superman” para o cantor folk escocês Donovan, que foi Número Um nos EUA em 1966. Assim como Page, Jones era introvertido, embora também tivesse algo de enigmático, como se mantivesse uma parte de si fechada o tempo todo.

Esta, enfim, era a banda. Dois ingleses do sul com mais experiência que idade, dois tagarelas das Midlands tão verdes quanto motivados. De início, Page os chamou de New Yardbirds, já que

renderia reconhecimento instantâneo e a oportunidade de assumir algumas datas que haviam sobrado da sua antiga banda.

A reação a eles na Grã-Bretanha foi, no máximo, morna. O jornal semanal de música *NME* chamou o vocalista de “Bob Plante” e, lá nas bandas do próprio Plant, John Ogden do *Express & Star* se comoveu ainda menos.

“Acho que eu não escrevi nada”, ele diz. “Achei que os Yardbirds eram velharia. Pareceu-me que ele tinha se metido em mais uma causa perdida.”

Os quatro sabiam que não era o caso. Isso havia ficado claro depois daquele primeiro ensaio. Eles se lançaram em “Train Kept A-Rollin”, uma clássica dos shows dos Yardbirds, e a potência do

som coletivo chocou o quarteto. A coisa ficou ainda mais evidente durante os primeiros shows que fizeram juntos em setembro. Foram em clubes na Dinamarca e na Suécia, sets de 40 minutos por noite, com músicas escolhidas a dedo por Page: covers de blues, faixas que ele havia trabalhado com os Yardbirds, e uma elegia agourenta chamada “Dazed and Confused”, na qual ele vinha mexendo nos últimos dias da banda.

Cada um deles entendia, sem precisar trocar uma palavra, que aquela era uma banda sem igual. Eles haviam tirado a sorte grande.

“A gente notou a potência na mesma hora”, Page me disse anos depois. “Foi

uma coisa muito intensa. Se era pesado pra época? Meu Deus, sim. O uso de violão e guitarra – aquilo não tinha sido feito por ninguém – ou o formato das músicas. Havia uma alquimia totalmente singular entre nós quatro.”

Plant concordou, acrescentando sua réplica: “A gente era bom mesmo e não ficava de sacanagem”.

Ainda com os ouvidos tinindo da curta turnê escandinava e juntos há poucas semanas, em 27 de setembro a banda se dirigiu ao Olympic Studios de Londres para gravar o álbum de estreia. Situado em Barnes, no extremo sudoeste da capital, o Olympic era um estúdio pequeno de oito canais alojado num teatro antigo. Os Rolling Stones o

havam usado no mesmo verão para gravar *Beggars Banquet*.

Como faria em todos os álbuns, Page assumiu a produção das sessões, com a assistência do engenheiro da casa, Glyn Johns. A experiência de estúdio de Plant, assim como a de Bonham, era limitada, tanto que tiveram que lhe dizer para usar *headphones*. Apesar disso, ele transmitia sua aura usual de autoconfiança.

Phill Brown era um aprendiz adolescente do Olympic na época. “Glyn Johns deixou o tempo ocioso do estúdio para eles”, lembra-se. “Trazia-os no fim de semana, quando ninguém mais usava o lugar, e foi assim que eles fizeram o disco. Conheci Robert e Jimmy. Robert

era um espanto. Parecia um ser divino. Enquanto banda era certo que eles tinham vibração. Eram muito focados, investiam muito naquilo. Arrogante não é a palavra certa, mas eles eram reservados e seguros de si.”

Page, contudo, era o líder indiscutível da banda. Já que até então não havia contrato para disco, ele financiou as gravações do próprio bolso e ficou de olho forense nos custos. Plant se queixou com Kevyn Gammond, seu amigo da terra natal, por Page ter cobrado pelo prato de feijão e torrada que ele havia pedido num almoço.

Page não afrouxou no controle do estúdio, onde assumiu o papel principal de criar e moldar as canções, embora,

muitas vezes, aproveitasse a habilidade de Jones para os arranjos (Plant, ainda sob contrato na CBS, não podia ter créditos de composição). Com sua fala mansa, Page dirigia os outros, especialmente Plant e Bonham. A dupla recebia salário, não passava de mão de obra contratada. O vocalista parecia despreocupado, mas temia ser substituído a qualquer momento, por isso era obediente. Bonham era mais taurino teimoso. Coube a Grant entrar em cena e dar jeito no baterista. “Faz o que o cara diz”, instruiu ele, “ou se manda”, como relata Charles Cross em *Led Zeppelin: Shadows Taller than Our Souls*.

“Eu queria todo o controle artístico na minha mão”, Page disse ao jornalista

Brad Tolinski, “porque sabia exatamente o que queria fazer com a banda. O primeiro disco ficou tão bom porque eu tinha bastante experiência em estúdio. Eu sabia exatamente o que queria e como chegar lá”.

O detalhismo de Page e a ética de trabalho que incutiu eram tais que a gravação foi finalizada em apenas trinta horas de estúdio. As sessões haviam lhe custado £1.782, o investimento mais perspicaz que Page faria na vida. Muito antes do álbum sair, a banda que o havia gravado transformou-se em Led Zeppelin. O nome voltava à primeira proposta de Page de formar uma banda com a seção rítmica do The Who, e Keith Moon ter lhe dito que aquilo viria

abaixo como um “balão de chumbo”.

Para a capa do disco, Page escolheu uma aeronave em chamas serigrafada. A natureza explosiva e marcante da imagem caía bem. *Led Zeppelin* foi um álbum inovador. Perfeito não era – o material era confuso demais para isso, e nem tudo decolou. Todavia, quando alçava voo, seu poder parecia vir dos próprios elementos, a guitarra de Page a metralhar o desalinho de “Dazed and Confused”, Bonham preenchendo “Good Times, Bad Times” com floreios deslumbrantes, mais o veneno de “Communication Breakdown” e a estimulante “Your Time Is Gonna Come”. Em momentos como esses, o Zeppelin ganhava as alturas.

Plant brilhou em “Babe I’m Gonna Leave You”, a primeira canção que o conectara a Page. Aqui ela encarnava a sensação de luz e sombra que Page queria que estivesse no cerne da banda – passagens acústicas cativantes que se abriam para rock puro, Plant captando bem o fluxo de ambas. O que não convenciam tanto eram dois *covers* de Willie Dixon, “You Shook Me” e “I Can’t Quit You Baby”, Plant exagerado demais em sua leitura do velho *bluesman* e a banda pesadona. No restante, ele ficou levemente contido, com poucos indícios do abandono desenfreado que demonstrara com Alexis Korner meses antes.

Grant começou a apresentar o álbum a

gravadoras no Reino Unido. Os escritórios da Island Records ficavam um andar abaixo do seu na Oxford Street de Londres, e ele deixou uma cópia com o fundador do selo, Chris Blackwell. O baterista Mike Kellie, de Birmingham, na época era integrante da Spooky Tooth, banda de blues-rock, e tinha contrato com a Island.

“Um dia fomos ver Chris, e ele me passou esse disco, dizendo que tinha uns caras que eu conhecia”, lembra Kellie. “Não tinha ideia de quem podia ser, mas levei comigo. Era naquela época de descansar no campo, e a gente morava numa fazenda em Berkshire. Voltamos para lá e botamos o disco na mesma hora.

“Eu e nosso vocalista, Mike Harrison, tivemos a mesma reação. A gente quis fazer parte daquela banda. Era o melhor de tudo que a gente já tinha ouvido, e tudo que a gente aspirava ser. Só depois que eu descobri que eram Robert e Bonzo. Para mim, Robert estava igual ao Steve Marriott naquele primeiro disco, quando Marriott estava no auge.”

A reação geral à banda, porém, continuou muda. Grant não conseguiu contrato para eles no Reino Unido, e as plateias em geral não reagiam bem durante os primeiros shows pelo país, em outubro e novembro. Se aquilo torcia o nariz de Page, Plant já estava acostumado.

“Quando eu abria shows de Gene

Vincent e dos Walker Brothers em salões municipais, eu tocava para 35 pessoas”, ele me disse. “E aquilo foi o auge das oportunidades. Bonzo e eu nem conseguimos entrar em alguns dos primeiros shows que fizemos porque não estávamos de gravata. A gente ter engrenado e conseguido um público maior foi um ato divino.”

Mais especificamente, foi o ato de Grant de voltar a atenção para os EUA o que favoreceu o Led Zeppelin. Lá os Yardbirds ainda tinham *status* suficiente para lhe abrir portas, e, quando viajou para Nova York, ele também foi abençoado pela sorte e pelo *timing* oportuno.

Na época, a Atlantic Records era

gerenciada por Ahmet Ertegun e Jerry Wexler, uma dupla de fãs devotos que, em conjunto, havia contratado Aretha Franklin, Ray Charles e Wilson Pickett para o selo. Ertegun, nascido na Turquia, era então o mais ascendente dos dois, tendo conseguido tanto o Cream quando uma banda de rock norte-americana, a Iron Butterfly, e as duas haviam decolado.

Embora Wexler fosse mais do soul e tivesse pouco interesse por rock, tinha que mostrar sua capacidade e topou a reunião com Grant. Ao final dela, e apesar de, posteriormente, deixar o Led para Ertegun, Wexler fechou com Grant um contrato de US\$ 200 mil pela banda. Era uma soma sem precedentes para um

conjunto novo e que logo levou a acusações de badalação exagerada.

Ao retornar, Grant entregou aos assalariados Plant e Bonham cheques de £3.000, mais dinheiro do que já haviam visto em toda a vida. Os dois saíram na hora para comprar carros iguais, Jaguars S-Type dourados. De volta às Midlands, Plant ostentou sua primeira maré de sucesso rodando até a Stringers, a loja de departamentos na High Street de Stourbridge onde trabalhara no estoque, para exibir o carrão novo para as meninas do setor de vendas.

Ele tinha, contudo, a promessa de um prêmio ainda maior. A primeira turnê do Led pelos EUA estava agendada para começar no Natal. Ele iria para o oeste,

para o berço de toda a música que o moldara e o expulsara da casa dos pais, que o fizera passar por bandas meia-bomba e empregos sem perspectiva. Ele não conseguia dormir de tanta expectativa, e também por conta da dura realidade: ao chegar lá, ficaria face a face com um público que já havia visto de tudo. Ao olhar no branco dos olhos deles, ele saberia se tinha ou não tinha o que precisava ter.

Em 9 de novembro, no mês antes de partir, Plant se casou com Maureen numa igreja em West Bromwich. Ela estava grávida de oito meses, e a filha Carmen chegou menos de duas semanas depois. Após o casamento, o casal recebeu amigos e familiares no Queen Mary's

Ballroom, no Dudley Zoo. O Zeppelin tinha show na mesma noite, na Roundhouse de Londres, e o marido teve de sair à francesa, levando Bonham consigo.

Enquanto suas famílias se reuniam para o Natal, três quartos do Led Zeppelin embarcavam no avião para Los Angeles. Jones, o desgarrado, em vez disso foi visitar amigos em Nova York com a esposa. Ele iria por conta própria até Denver para o primeiro show da banda em solo norte-americano. Grant também se ausentara, preferindo passar o fim de ano em casa com a esposa e os dois filhos.

Ao aterrissar em L.A., Plant, Page e

Bonham foram recebidos pelo novo produtor da turnê, Richard Cole, carinha de 22 anos, que demonstrara sua competência a Grant na última turnê dos Yardbirds. Cole levou seus protegidos ao Hotel Chateau Marmont, onde Bonham preparou a ceia de Natal. O clima era silencioso e reflexivo.

“Robert e Bonzo estavam nervosos”, diz Cole. “Jimmy já tinha tocado em locais grandes com os Yardbirds, e Jonesy tinha tocado em teatros na época de Jet Harris, mas os outros dois não tinham experiência desse tipo. Estavam apreensivos com tudo.

“É preciso lembrar que, na época, ir para os EUA não era que nem hoje em dia. Agora, todo lugar em que você vai

no mundo está americanizado. A primeira vez que eu fui, em 1967, fiquei louco para ir embora. Fiquei pasmo com o jeito como faziam as coisas, a escala diferente deles.”

Em 1968, os Estados Unidos estavam divididos por fronteiras sociais, políticas e raciais. Os momentos de choque eram brutais. Naquele ano, Martin Luther King foi abatido em Memphis, e o senador Robert Kennedy foi morto a tiros em Los Angeles, derrubado no auge, da mesma forma que seu irmão Jack. A onda de esperança que os Kennedys haviam suscitado estava extinta no mês anterior à chegada do Led. Richard Nixon, o candidato republicano, ganhara a eleição

presidencial em novembro, fazendo as fissuras se expandirem e precipitando os anos 1960 com violência e corrupção.

Esta turnê nos EUA foi diferente de tudo que o Led Zeppelin viria a fazer. O transporte era por carros alugados, os aviões eram os de companhia aérea e eles apagavam em hotéis de classe econômica. E pela primeira – e última – vez, fariam o show de abertura, a começar pela noite de estreia no Auditorium Arena de Denver, em 26 de dezembro, no qual fizeram as honras para o rock norte-americano do Vanilla Fudge.

A impressão causada pelo Led era instantânea e indelével. As plateias norte-americanas da época estavam

numa dieta de bandas com som chapado, mas a pegada do Led não tinha nada de suave nem de ondulante. Eles pegavam pesado e em alto volume e, ao fazê-lo, pareciam uma novidade incrivelmente empolgante.

Quando chegaram à Califórnia, no início de 1969, estavam com tudo em cima. Seriam três shows com Alice Cooper no Whiskey a Go Go em Los Angeles e quatro noites no Fillmore de San Francisco. Passaram pelo oeste deixando bases e contatos que viriam a durar para sempre.

Um desses contatos foi Bill Graham, empresário de 38 anos nascido Wolodia Grajonca em Berlim, em 1931, filho de imigrantes judeus da Rússia. Tanto seus

pais quanto a irmã mais velha haviam morrido durante a guerra, e ele fugira da Alemanha nazista, primeiro passando pela França e depois por Nova York, onde foi adotado por uma família norte-americana e teve seu nome alterado para William Graham. No início dos anos 1960, mudou-se para San Francisco, trabalhou primeiro como gerente de teatro e, depois, chegou a administrar o Fillmore, casa que lançou Grateful Dead e Jefferson Airplane.

Obstinado e direto, Graham foi determinante para revolucionar o negócio dos shows de rock nos EUA, trazendo sistemas de som e iluminação de alta qualidade, e mais tarde estabelecendo a prática de armar

eventos de larga escala em torno de *superstars*. Nos oito anos seguintes, até o sórdido e insensato fim em Oakland em 1977, ele e o Zeppelin tiveram uma relação mutuamente benéfica.

Contudo, se havia um centro no império que o Led havia criado, era Los Angeles – especificamente a Sunset Strip, um trecho de três quilômetros da Sunset Boulevard iluminado por *neon*, cruzando a zona oeste de Hollywood. Desde os anos 1940, a Strip era o *playground* noturno da cidade, um mundo subterrâneo de clubes de jazz e covis do ópio, onde estrelonas e estrelinhas do cinema ficavam ombro a ombro com mafiosos. Brilho e *glamour* na superfície – e decadência logo

abaixo.

Assim que os anos 1960 começaram, ativados pelos Beatles e pelas bandas da Invasão Britânica que se seguiram a eles, a Strip se entregou a novos sons e a um tipo diferente de hedonismo, sendo que os Byrds emergiram na ponta dessa aristocracia recém-chegada. Quando as drogas e os egos derrubaram os Byrds, o The Doors ocupou o trono. Não que Jim Morrison e seus compadres conseguissem respirar o ar rarefeito por muito mais tempo, de forma que, quando o Led Zeppelin chegou à cidade, a Strip estava esperando para ser dominada mais uma vez.

Logo o Led viria a conquistá-la, armando a barraca à sombra da placa de

Hollywood e curtindo a fartura à sua disposição. Isso, porém, ainda estava por acontecer. Nessa excursão inicial, o Zeppelin tinha de mostrar a que vinha – ainda mais seu vocalista, para quem a Califórnia era a terra das promessas.

“Comecei a andar com Janis Joplin e o Jefferson Airplane, esse pessoal”, ele me disse. “Foi uma época maluca. Não tem como dizer que algum de nós tivesse ideia de continuidade. Mas eu passava o tempo todo conhecendo estrelinhas aqui e acolá e à minha volta as galáxias faziam ‘Bum! Bum! Bum!’. Eu absorvia tudo, como poeira lunar.”

Os filhos do Flower Power não estavam preparados para o Led Zeppelin. Durante os oito shows na

Costa Oeste, a banda mais atacou do que divertiu.

“Porra, eles eram muito *blasé* lá na Costa Oeste”, diz Cole. “Não só as bandas, o público também. Tinham ficado podres de mimados com todas aquelas bandas fantásticas por lá. Eram muito mais deitados do que qualquer outro lugar nos EUA. Quando o Led chegou, foi como se eles tivessem levado um foguete na bunda.”

“Assim que a banda aquecia, eles arrebetavam. Eram incríveis, eram mesmo. Depois do segundo show em San Francisco, eu estava voltando para o hotel com Peter e disse que não queria trabalhar com as outras bandas dele. Falei: ‘Me deixa só com essa – eles vão

te fazer bem.””

Diante de rostos estupefatos noite após noite, Plant teve sua resposta – ele estava onde tinha de estar. Mais uma vez, pavoneou-se. Ou, como disse à revista Q em 1988: “Eu devia ser muito inseguro pra querer ficar andando por aí de peito estufado, franzindo os lábios e jogando o cabelo para trás como uma girafa das Midlands”.

“Robert estava começando a encontrar o rumo”, diz Cole. “Mas todo músico tem dois lados: no palco e fora dele. Fora do palco, eu e ele tivemos nossos altos e baixos. Umas picuinhas bobas. Lembro de estar em Miami naquela turnê, sentado na frente da piscina do hotel. Robert disse que ia sair para fazer

compras e, brincando, falei para ele me trazer um sanduíche. Eu teria dito a mesma coisa se fosse Peter, mas acho que Robert nunca me perdoou por essa.”

O álbum de estreia da banda foi lançado nos EUA no dia do último show deles no Fillmore. Os críticos o trataram com desconfiança, quando não desdém escancarado. Na *Rolling Stone*, John Mendelsohn o desprezou, taxando de “álbum de músicas fracas e sem imaginação” e sugerindo que o vocalista da banda “não era nem de longe tão empolgante quanto Rod Stewart”.

Também deu origem à primeira de várias alegações de plágio que perseguiriam a banda. Um jovem cantor e compositor dos EUA, Jake Holmes,

disse que “Dazed and Confused” era sua, insistindo que Page o tinha visto tocar uma versão acústica em Nova York, em 1967. Page e banda não deram a mínima nem para Holmes, nem para os críticos. Na estrada, estavam conquistando o público norte-americano a cada cidade. O álbum assumiu residência nas paradas do país e lá ficaria quase todo o ano seguinte.

A turnê foi concluída na Costa Leste. Na última das quatro noites no clube Tea Party, de Boston, uma multidão uivante se recusou a deixar que eles fossem embora, e o Led acabou fazendo um show de quatro horas, complementado por *covers* dos Beatles. Em Nova York, Grant conseguiu um favor de Bill

Graham no Fillmore East, e fez sua banda passar de primeira para a do meio em uma noite de três shows. Era uma jogada de *showman*, que botaria o Zeppelin em competição direta com a principal atração, o Iron Butterfly, cujo *set* prosaico eles pulverizaram.

Para Plant, mesmo suas expectativas mais loucas estavam superadas. Tudo acontecia rápido demais para ele assimilar. Oito meses antes, ele não tinha um tostão e estava começando a trabalhar como operário; agora tinha os EUA a seus pés. Era o bastante para bagunçar a cabeça de qualquer um.

“Sendo um cara do *Black Country*, eu já me sentia muito deslocado desde o início”, ele me contou. “Sair do

asfaltamento em West Bromwich para tocar no Fillmore em San Francisco... foi desnorteante. Eu tinha 20 anos quando o Zeppelin começou a fazer turnê. Houve muitas vezes em que fiquei abandonado. Tiveram de me salvar uma vez e outra, e também me perdi.”

Em meio a tudo, as experiências mais estranhas devem ter sido as mais empolgantes, já que foi por meio delas que ele pôde avaliar aonde a banda havia chegado.

Em Chicago, perto do fim da turnê, Plant recebeu uma ligação no hotel de uma dupla da Plasters Casters, grupo de meninas que haviam tomado para si a tarefa de tirar o molde dos pênis eretos de jovens estrelas do rock. De qualquer

forma, ele não concordou.

“As duas meninas entraram no meu quarto com uma maleta de madeira, devidamente identificada e cheias de cerimônia”, ele contou a Mark Williams do *International Times*. “De repente, uma delas começa a tirar a roupa. Era bem grandona e ficou lá, nua como veio ao mundo.”

“Aí ela se cobriu de sabonete, *donuts* de creme e uísque, tudo misturado dos pés a cabeça, e vira uma montanha ambulante de carne ensaboada. No início, ela estava curtindo. Mas a amiga dela que veio junto começou a se esconder debaixo da cama. Uma hora, ela entrou no chuveiro, pegou as roupas e caiu fora.”

De volta à Inglaterra, muito familiar à banda foi a antipatia com que os críticos britânicos receberam o álbum de estreia quando finalmente foi lançado por lá, em março. Em casa, voltaram ao circuito de clubes, e Plant, de repente, estava tocando no Club Lafayette de Wolverhampton e no Mothers de Birmingham, não muito longe de onde havia começado.

Uma data típica foi a de 8 de abril, quando o Led tocou no *pub* Cherry Tree em Welwyn Garden City, cidade-satélite de Londres. Dave Pegg, que havia tocado com Bonham no *Way of Life* e que, mais tarde, se juntaria aos roqueiros folk do Fairport Convention,

aceitou um convite do baterista para o show.

“Bonzo veio me buscar, acho que no carro da mãe dele, um Ford Anglia Estate, e a gente se mandou para o show”, lembra Pegg. “Foi fantástico, só que era num *pub*.”

“Da outra vez que a gente se viu, fomos pra Londres no Jaguar S-Type dourado dele. Robert estava junto. Os dois tinham comprado o mesmo carro e só ficavam comparando os ruídos. ‘Tem um barulho diferente ali, mano’, essas coisas. Na volta, paramos num posto da Watford Gap na M1. Robert ficou meio puto porque Maureen estava lá. Ela tinha ido assistir a outra banda, chamada Trapeze, e estava com eles.”

No fim daquele mês, Plant poderia mais uma vez deixar a realidade cotidiana para trás, pois o Led voltaria aos EUA para uma turnê onde seriam atração em pé de igualdade com o Vanilla Fudge. Eles cruzariam os EUA mais duas vezes antes do fim do ano, os shows cada vez maiores, o furor em torno deles sempre crescendo.

Naquele verão, o Led passou por toda a América do Norte ao mesmo tempo em que Neil Armstrong pisava na lua e os integrantes da família Manson invadiam a casa da atriz Sharon Tate em Los Angeles para definir sua sina. Em agosto, Grant recusou uma proposta para a banda participar do canto do cisne da geração paz e amor, o Festival de

Woodstock. A negociação empacou provavelmente por conta do cachê, embora tenham afirmado que Grant declinou porque o Led seria apenas mais uma banda no cartaz. Qualquer que tenha sido o raciocínio, o Led não estava acorrentado à era que findava.

Ao chegar em L.A., em abril, eles começaram a trabalhar no segundo álbum no A&M Studios. As gravações continuariam, vez por outra, pelos oito meses seguintes, sendo que a banda usou nove estúdios diferentes nos EUA, no Canadá e no Reino Unido. Por mais fragmentada que a abordagem fosse, *Led Zeppelin II* mostrou-se um disco mais firme e coeso que o predecessor, com os meses de turnê tendo aguçado a banda

até tornar-se uma unidade treinada com precisão.

A música foi aprimorada com os elementos básicos do Led: o *chop and chug* implacável dos *riffs* elétricos de Page e seus sobretons acústicos, a elasticidade do baixo retumbante de Jones, a artilharia ensurdecadora de Bonham. E ainda havia Plant, agora com uma amplitude vocal muito maior e libido aparentemente descontrolada.

Foi um álbum de grandes músicas, com monstros do exibicionismo como “Whole Lotta Love” e “Heartbreaker”, a varredura panorâmica de “What Is and What Should Never Be” e o tilintar adocicado de “Thank You”. Mesmo contando a penosa “The Lemon Song” ou

os excessos dispensáveis de “Moby Dick”, ele transmitiu visão e senso de propósito singulares.

Plant foi creditado como coautor de cada uma das nove faixas, embora os resultados tenham sido diversos. Ele carregou “Ramble On” com referências toscas a *Senhor dos Anéis*. Em “Thank You”, articulou uma declaração mais digna à esposa. Mas “What Is and What Should Never Be” é a que continuaria rendendo muitas conjecturas. Havia um boato bem conhecido dentro do Led de que Plant já se interessara pela irmã mais nova da esposa, Shirley. Isso, dizia-se, era o “nunca pode acontecer” do título da música. Fatos subsequentes em nada aplacaram a especulação,

embora, na época, os rumores não tivessem base sólida e Plant nunca os tenha comentado.

Assim como o primeiro álbum, *Led Zeppelin II* foi desprezado pelos críticos e se tornou motivo de alegações de plágio, nessa ocasião devido às referências abundantes – e inicialmente não creditadas – a vários blues das antigas. Nada que tenha prejudicado seu impulso implacável quando foi lançado em outubro. O álbum disparou rumo ao Número Um nos EUA, derrubando *Abbey Road* dos Beatles, e também chegou ao topo das paradas no Reino Unido, vendendo 5 milhões de cópias em todo o mundo em seis meses.

Então os anos 1960 acabaram, embora

o espírito daqueles tempos tivesse morrido na Altamont Raceway em 6 de dezembro de 1969. Foi lá, num show gratuito dos Rolling Stones, que um Hells Angel apunhalou o jovem negro Meredith Hunter até a morte.

Com o idílio *hippie* em chamas, qual trilha sonora seria melhor para a conflagração do que o lamento de *banshee* de Robert Plant e os berros da guitarra de Jimmy Page?

7

VALHALLA

Se eu fosse do Led, com certeza hoje não estaria vivo.

A grana de Led Zeppelin II ainda não

havia começado a entrar, mesmo assim Plant estava de bolso cheio para comprar a primeira casa de sua nova família. Havia encontrado uma fazenda desgarrada na mesma rua da casa de seus pais, alguns quilômetros à frente, mais embrenhada na zona rural.

Situada em vários hectares de campo aberto e de cara para as mesmas Colinas Clent nas quais ele caminhava quando menino, a Jennings Farm era um santuário bucólico que pouco tinha a ver com o mundo que Plant habitava no Led Zeppelin. Era para lá que ele podia fugir quando quisesse uma dose de normalidade, por mais breve que fosse, assim que fechava os portões da fazenda às suas costas. Também era uma forma

de se aferrar a suas raízes. Ali ele continuaria agarrado aos antigos amigos e a seus covis conhecidos.

“Tive a grande sorte de ter uma câmara de descompressão nesse lugar e na minha família”, ele me contou. “Porque, quando eu voltava, não conseguia explicar nada das coisas que aconteciam comigo no Led. Não seria correto com ninguém, e eu perderia o contato com o lugar de onde vim. Eu tinha de manter silêncio.”

Plant pagou £6.000 pela propriedade. Levaria meses para mudar a família para lá, dado o péssimo estado de conservação. Enquanto aquele grande abrigo arruinado estava em reforma, Plant, Maureen e a filha Carmen

continuaram alojados com a família da esposa.

John Crutchley, o guitarrista da Listen, a antiga banda de Plant, lembra de eles se encontrarem nesse período de calmaria. “Fomos ao Mothers, em Birmingham, no Jaguar de Robert. Ele estava todo arrumado, de terno, camisa e gravata. Como estávamos com ele, não pegamos fila. O clube estava lotado, e, depois de uma meia hora, o Robert disse que estava com calor. Sendo Robert, ele foi dirigindo oito quilômetros até West Bromwich para vestir um *jeans* e camiseta, aí voltou.”

“Também fomos na Jennings Farm. Para mim, parecia gigantesca. Era escura, detonada. Tinha um lago gigante,

mas não tinha eletricidade. Passamos algumas noites lá à luz de velas. Aí a vida dele virou uma loucura, e perdemos o contato.”

O primeiro ano da nova década tomou algumas das estrelas mais brilhantes dos anos 1960, e fez várias virarem pó e cinzas. Os Beatles anunciariam o rompimento em abril, e, antes do inverno chegar, Jimi Hendrix e Janis Joplin morreram, os dois com 27 anos, ele sufocado no próprio vômito, ela numa overdose de heroína. Os anos 1970 foram mais pesados e menos inocentes que a década precedente, e o Led Zeppelin era feito para eles.

Eles já estavam na ativa na primeira semana de 1970, começando a turnê de

duas semanas que atravessaria Reino Unido e o resto da Europa pelo Salão Municipal de Birmingham – mesmo lugar em que, aos 16 anos de idade, Plant havia afanado a gaita de boca de Sonny Boy Williamson. Ele tinha muita prática em roubar dos velhos mestres do blues.

Duas noites depois, em 9 de janeiro, eles foram a atração principal no Royal Albert Hall de Londres. Prédio vitoriano antigo e imponente, coroado por um domo envidraçado de ferro fundido, o Albert Hall conferia certo renome a quem quer que lá tocasse. Estar lá enfatizava que o Led havia chegado à sua terra natal.

O *set* do Albert Hall está preservado

em filme e, mesmo hoje, é de uma força bruta acachapante. Assim como na maioria dos shows na primeira metade daquele ano, o Led deu a partida com uma releitura titânica de “We’re Gonna Groove”, do *soulman* Ben E. King, menos um *cover* e mais um deitar e rolar com a música. Page, barbudo e magro, invocava um *riff* trepidante depois do outro, a marchinha saltitante da original remanejada por Jones e Bonham até virar um triturador.

Apesar de todos os fogos de artifício musicais, ao se assistir ao show hoje, a atenção recai em Plant fazendo biquinhos, pavoneando-se, curtindo a ribalta. A girafa das West Midlands entrara num casulo e emergira como um

projeto de deus do rock. Ele e o Led ribombaram durante mais de duas horas naquela noite. Quando acabaram, o Albert Hall levantou e rugiu.

Comparada aos teatros e salões que a banda enchera no Reino Unido, a turnê dos EUA que começou em 21 de março teve escala épica. Foram 26 shows em grandes arenas esportivas, tendo início diante de uma multidão de mais de 19 mil no Pacific Coliseum em Vancouver. Tendo batizado a turnê de “An Evening with Led Zeppelin”, Grant dispensou um show de abertura. O Led teve de se puxar para fazer jus.

Havia um fluxo e refluxo bem treinado no *set* do Led. Começava com um ataque pesado: “We’re Gonna Groove”, “Dazed

and Confused” e “Heartbreaker”, uma misturada à outra. Depois acalmava, primeiro com a exemplar “White Summer/Black Mountainside” de Page, seguida de “Thank You”. Depois faziam a tensão subir de novo, soltando-a como uma mola tensionada na última onda de clímax: “Communication Breakdown” no encalço de “Whole Lotta Love”.

Fazia muito tempo que Page usava uma corda de violino para puxar sons profanos de sua guitarra durante “Dazed and Confused”, e a música acabava virando uma encenação teatral quando ele empunhava o arco como um mestre de picadeiro, curtindo seu momento. Nessa turnê, porém, era Plant quem mais se destacava. Livre de qualquer dúvida

sobre o seu lugar no grande esquema das coisas, sem sinal de embaraço, ele desfilava com toda pompa e se tornava o ponto focal da banda. Fora do palco, a atmosfera também havia mudado e estava mais carregada. *Limousines* levavam a banda para lá e para cá. Pegavam andares inteiros de hotéis chiques. Haviam vivido à base de birita e *cannabis* nas primeiras viagens pelos EUA, mas, quando voltaram, a cocaína havia virado a droga da vez para todo roqueiro. As farras pós-show não tinham mais aquele brilho cálido, impreciso, mas uma pressa afiada, ampliada e inflamada. Bonham, que não precisava de muito incentivo nessas situações, se entregava a todo caos que viesse.

“O triste foi que, quanto mais famosos nós ficávamos, mais importante tornava-se aquele aspecto precoce do Led para a mídia”, Plant me disse. “Tinha gente que ficava com um pé atrás, que não queria ser relacionada ao que chamavam de hedonismo. Mas as coisas são assim. Você perde os amigos pelo caminho.”

Ao chegar em Los Angeles, em fins de março, a banda pegou todo o último andar do Continental Hyatt House – no fervo da Sunset Strip. O lobby do hotel começou a se encher de *groupies* e parasitas. Não era nenhuma novidade, mas os números cresciam e junto com eles a sensação de ganância.

“A primeira *groupie* branca chegou a Hollywood em 1964”, lembra Kim

Fowley, macaco velho da cena. “O nome dela era Liz, era ruiva e parecia uma versão miniatura de Maureen O’Hara. Ela apareceu no Hyatt House e exigiu que eu a levasse para conhecer Manfred Mann, porque queria ir para cama com ele. Eu nunca tinha visto uma garota americana aparecer expressamente para dar para um integrante de uma banda britânica.”

Em seu livro de memórias *I’m with the Band*, Pamela Des Barres, que atendia por Miss Pamela quando era uma das *groupies* mais famosas de L.A., descreveu o frenesi instigado pela chegada do Led na cidade. “A seção *groupie* ficou na maior pilha imaginável”, ela escreveu. “Dava para

ouvir a cinta-liga subindo pelas coxinhas macias em toda Hollywood. O Led Zeppelin era uma turminha supimpa. Robert Plant... jogava sua magnífica juba nos rostos das escravas bajulantes. Caminhava como se fizesse parte da realeza, com os ombros para trás, declarando seu poder.”

Page está entre as estrelas do rock que Des Barres levou para a cama. O normal era ele despachar um assecla para fazer a proposta, mandando-o escoltar a escolhida até seu quarto, quanto mais jovem melhor. Lá, as persianas ficavam fechadas e havia um estado noturno permanente. Plant, dizia-se entre o pessoal, preferia cortejar suas namoradas de turnê com flores e poesia.

Ele tinha 21 anos e, dentro da realidade suspensa do Led, sua casa e tudo a ela relacionado pareciam ficar em outro planeta.

“Aquilo teria mudado qualquer um, aquele negócio todo”, diz Cole. “Por conta de todo o dinheiro, do sucesso e tudo mais, você começa a viver de outro jeito. É outro esquema. Mas eles viraram um bando de egomaníacos? Não que eu tenha visto.”

“Depois dos shows, a banda saía junta, sempre. O normal era ir para a balada. Tudo que foi dito sobre o comportamento deles... Claro que muito era verdade, mas algumas coisas não. No geral, eram os mesmo quatro camaradas com as mesmas piadas

internas.”

O calor da turnê, porém, cobrou seu preço. As viagens constantes, ficar sem dormir, muita doideira natural e artificial – tudo aquilo deixou a banda exausta. Enfrentando uma febre que fez os dias se misturarem, Plant persistiu. Sua voz por fim falhou durante o penúltimo show, em 18 de abril, em Phoenix. A última data marcada, em Las Vegas, foi cancelada, e o Led voltou para casa.

A ressaca da turnê durou apenas dois meses, mas foi um momento determinante para a banda. Foi quando se lançaram as sementes não só para o álbum seguinte, mas também para os três

que se seguiram – e estes foram o ápice. Com Plant emergindo ao lado de Page na liderança da base de força criativa do Led, a inspiração se situava no fértil reservatório musical que então circulava entre os dois.

Para ser exato, era um tipo de música enraizada no passado, mas também em outro mundo. Era inteligente e nascida da fuga e de uma noção de isolamento glorioso, tanto figurativo quanto literal. Nos EUA, o antigo grupo de apoio de Dylan, The Hawks, partiu para um retiro rural em Woodstock, no interior do estado de Nova York. Lá, renomeando-se The Band, fizeram dois álbuns evocativos maravilhosos, *Music from Big Pink* e *The Band*, banhando ambos

em aspectos de tom sépia da cultura americana.

O dismantelamento dos Byrds e da Buffalo Springfield fez nascer o Crosby, Stills and Nash, com harmonias imperiais que cativaram principalmente Plant. A Buffalo Springfield também liberou Neil Young, que fermentou um folk-rock mais potente em *Everybody Knows This Is Nowhere*. Plant e Page ficaram ambos perplexos com Joni Mitchell, que, assim como Stills e Young, era canadense de nascença e havia feito o mesmo trajeto para o oeste. As músicas de Young eram apressadas, assombrosas, e apresentaram-se em dois discos espectrais, *Clouds* e *Ladies of the Canyon*.

Mais perto de casa, um irlandês brigão, *Van Morrison*, havia aparecido com um par de álbuns arrebatadores, *Astral Weeks* e *Moondance*, de paisagens bucólicas temperadas com texturas de folk, jazz e blues. Quanto ao Led, havia ainda duas outras bandas folk significativas. A Incredible String Band foi fruto das ideias de uma dupla de excêntricos itinerantes, Robin Williamson e Mike Heron. Williamson viajara pelo norte africano e trouxera consigo instrumentos exóticos, acrescentando-os ao folk extravagante de sua banda e criando um coquetel esotérico singular.

A Fairport Convention formara-se em Londres e, assim como Plant, fora

cativada pelos sons que vinham da Costa Oeste dos EUA. Eles haviam amadurecido no mesmo circuito de clubes que a Band of Joy, mas, em 1969, já haviam aberto seus horizontes e voltado no tempo, inspirando-se em canções do folk tradicional inglês e celta. Enfurnados numa casa do século 17 na zona rural de Hampshire, compuseram *Liege & Lief*, álbum que serviu de referência para todo o folk-rock britânico.

Plant também estava a fim de fugir de tudo. Lembrou-se de um velho sobrado de pedra no norte do País de Gales para onde os pais o haviam levado num verão. Chamava-se Bron-Yr-Aur, que em galês significa “colina dourada”. Ali

perto ficava a montanha Cadair Idris, o lendário trono do reino do rei Artur, e também a Abadia de Valle Crucis, onde se dizia que o Santo Graal fora escondido. Folclore e afastamento: se havia um lugar para acender a fogueira criativa de Plant, era este.

Ele conseguiu convencer Page da ideia. O primeiro calor da primavera estava no ar quando eles partiram, Plant levando consigo a família e um cão, Page, a nova namorada, uma modelo francesa chamada Charlotte Martin. Para cuidar das necessidades domésticas, agregou-se à viagem dois *roadies* do Led, Clive Coulson e Sandy Macgregor.

Para chegar a Bron-Yr-Aur, primeiro deve-se sair da cidade de Machynlleth

pela estrada para a vila Pennal. Um quilômetro e meio depois, saindo dessa estrada, uma trilha íngreme serpenteia pela encosta da colina. Ao caminhar por ela, os únicos sons que se ouve são os pássaros e o borbulhar de um córrego. Logo a trilha aplaina, seguindo o contorno do lago por uma avenida de árvores, campos e brejo de cada lado, com os picos de Snowdonia ao horizonte. No ponto mais distante fica o sobrado, exótico mas intrépido, no “V” entre duas colinas e com toda a extensão do Vale Dyfi pela frente.

Na época, e ainda hoje, o sobrado não tinha água corrente. Para se aquecer, havia dois aquecedores a gás e uma lareira. Havia um banheiro químico, mas

o luxo de tomar banho exigia uma jornada até o *pub* na cidade. Plant, Page e seu grupinho entocaram-se lá por um mês. Foi um período de recuperação, mas também de produção, pois, em Bron-Yr-Aur, os dois manda-chuvas começaram a escrever juntos, com a música a transbordar enquanto vagavam pelas colinas ou quando se reuniam à noite em torno da lareira.

Plant descobriu os acordes de uma balada viajante, “That’s the Way”, numa tarde, quando a dupla se sentou à beira do córrego com violões. Lembrando-se de uma série de escalas que havia aprendido na Índia durante seu período com os Yardbirds, Page as usou de base para outra música nova, um zumbido

místico chamado “Friends”. As duas músicas sairiam no disco seguinte. Outras que se originaram nessa época, tais como “Down by the Seaside” e “Over the Hills and Far Away”, ficariam guardadas para álbuns posteriores.

Ao refletir sobre essa residência temporária, Plant me disse: “Aquilo criava uma dinâmica forte chegar da turnê e ir para Gales. Trocar o excesso pelo nada, ter grandes momentos bucólicos, aquilo era tudo.”

Deixando o retiro idílico, ele e Page reuniram os outros e seguiram os passos da Fairport Convention, indo para uma velha mansão em ruínas chamada Headley Grange, na zona rural de Hampshire. Construída em 1795, ela já

fizera as vezes de abrigo dos pobres e desamparados locais antes de cair aos pedaços. A banda alugou o estúdio móvel dos Rolling Stones, estacionou-o no gramado mal cuidado em frente e começou a trabalhar no terceiro álbum.

“Era um lugar horrível – frio e congelante”, diz Cole ao falar de Headley Grange. “Daquela primeira vez, todo mundo ficou lá, mas, depois, só Jimmy e outros da equipe ficavam nos quartos. Era desgraça demais para o resto de nós.”

“Cada um descia as escadas em um horário diferente. Jimmy ficava lá preparando alguma coisinha. Jonesy vinha ouvir e fazia mais uma coisinha. Robert ficava sentado escrevendo as

letras. Era uma coisa bem informal.”

O disco que saiu dessas sessões tranquilas, *Led Zeppelin III*, ainda é o menos valorizado da banda. Há um nível de intimidade que não existe nos dois primeiros álbuns, a sensação de que se captou um momento específico, no qual a banda estava tocando para si e mais ninguém. A variedade de material é ainda maior do que no disco de estreia, mas sem o desespero e a pressa. Aqui o Led soa confiante, mostrando o que sabe e curtindo o momento.

O trabalho iniciado por Plant e Page em Bron-Yr-Aur e finalizado em Headley Grange abriu as fronteiras da banda. Não mais só para o blues e o rock'n'roll, mas também para sons que

iam longe, do calor da Califórnia e do leste da Índia, descendo às raízes da tradição folk britânica.

Metade dessas novas músicas era acústica. Havia uma segunda balada, “Tangerine”, e um *skiffle* arrastado grafado erroneamente como “Bron-Y-Aur Stomp” (depois corrigido na instrumental “Bron-Yr-Aur”, em *Physical Graffiti*); esta última foi o tributo de Plant a seu cachorro, um *collie* chamado Strider, com Bonham nas castanholas e colheres. “Gallows Pole”, uma velha música folk inglesa, foi turbinada pela banda até virar um rodopio inebriante.

Das faixas elétricas, “Celebration Day” e “Out on the Tiles” passam a

sensação de músicas feitas na hora, uma mais livre que a outra. A melhor de todas, a imponente “Since I’ve Been Loving You”, estreou no fim da última turnê da América do Norte, e foi o primeiro grande blues da banda, com a guitarra fluida e lacrimosa de Page contrabalançando o uivo ferido de Plant.

A música que lançou o álbum, “Immigrant Song”, tomou forma no final dessas sessões; Plant se inspirou para a letra ao voltar de um show na Islândia em junho. Ao galope de guitarra e bateria, ele mandou o grito de guerra do Led: *“The hammer of the gods will drive our ships to new lands, to fight the horde, singing and crying, Valhalla, I am coming!”*³

Em 28 de junho, o Led fez sua segunda participação no Bath Festival, no West Country inglês. Assim como aconteceu no Albert Hall, seria mais um show de alto teor simbólico para eles em território britânico. Naquele final de semana de calor, 150 mil pessoas lotaram o Shepton Mallet Showgrounds, com o Led de atração-mor na noite de encerramento. Foi a plataforma perfeita para selar a vitória em casa.

Eles entraram logo após o Jefferson Airplane e assim que o sol se pôs atrás do palco. O pano de fundo dramático não foi acidental. Ciente do significado daquele show, Grant havia conferido o horário exato do pôr do sol e decidido

que a banda entraria naquele momento. Quando uma banda chamada Flock começou a se exceder em seu *set* no fim da tarde, ameaçando o plano magistral, Grant mandou que fossem tirados do palco. Nada nem ninguém ficaria no caminho de seus garotos.

Roy Williams – que, na época, tinha um clube de rock famoso no *Black Country*, o Dudley JB's – viajou até o festival.

“Eu tinha assistido aos primeiríssimos shows do Led e não entendia porra nenhuma”, disse ele. “Era barulhento, mas eu não entendia. Naquele fim de semana, eu estava com uma turma que havia alugado um furgão para ir ao show. Fomos numas de: ‘Vai, Planty,

mostra o que você sabe’. Na terceira música, a gente estava de pé, que nem todo mundo.”

“Foi uma revelação para todos nós. Eles eram magníficos. Robert agora sabia como lidar melhor com o público, estava mais confiante. Fomos para casa com orgulho. Você sabe as merdas que dizem: ‘Bom e velho Planty’.”

“Foi surpreendente, porque eu nunca tinha ouvido uma coisa daquelas, e acho que o público ali também não”, emenda o cantor folk Roy Harper, que também se apresentou naquele fim de semana. “Passado o choque inicial, eu percebi quem era o cantor – aquele cara que vinha com os braços carregados de meninas lá em Birmingham, quando nos

conhecemos dezoito meses antes. Ali estava ele, com uma voz animal, conduzindo toda aquela potência.”

“Cada vez mais gente se levantava. Notei que lágrimas escorriam pelo rosto da maioria das mulheres. Foi um momento de êxtase. Quando terminaram, ficou óbvio que o mundo estava aos seus pés.”

Para o Led, o respeito era mútuo. Assistir o *set* de Harper naquela tarde rendeu o nome que faltava para a faixa de blues discordante que fecharia o próximo álbum da banda. Virou “Hats Off to (Roy) Harper” [Tirando o Chapéu para (Roy) Harper].

E eles seguiram em frente. Para os EUA, que caía mais fundo mais no

abismo: em 4 de maio, membros da Guarda Nacional mataram quatro estudantes a tiros em manifestações antiguerra na Kent State University. Não que isso tivesse como chegar ao Led, visto que Grant e seu emissário Cole haviam dado início a um escudo de proteção em torno da banda, apartando-os do mundo e deixando que fizessem suas loucuras.

Naqueles meses de fim de verão, o Led atravessou o país com shows cada vez mais soltos e mais estridentes. Eles voltaram a L.A. no início de setembro; o Continental Hyatt House foi rebatizado de Riot House [Casa do Tumulto], tamanha a devastação que o Led deixava ao passar. Depois de um show

incendiário no Forum em 4 de setembro, a banda saiu para desanuviar. Os amigos da Fairport Convention estavam na cidade, tocando no clube Troubadour. Já se havia decretado uma regra: Bonham tinha que tocar mais pesado que qualquer um.

“Não dava pra crer no que acontecia”, diz Dave Pegg, baixista da Fairport Convention. “Se eu fosse do Led, com certeza hoje não estaria vivo. Não sei como alguém consegue passar pelo que eles passaram e sair são.”

“A gente bebeu noite adentro. Abri meus olhos e eram 10 da manhã seguinte, o sol entrando pelas janelas do clube. O local estava deserto, fora Bonzo e eu. Ele me disse: ‘Vem, deixo você em casa,

o motorista da *limousine* está esperando.’ E claro que lá estava – havia ficado a noite inteira esperando.”

“Era para o Bonzo pegar um avião para o Havaí na mesma noite. Ele não compareceu. Eu estava com ele e Janis Joplin no Barney’s Beanery, um estabelecimento bem conhecido do pessoal que bebe. Voltamos para o meu hotel e demos de cara com duas moças superanimadas do Texas, que tinham um sacão de erva, que começamos a fumar. John acabou correndo em volta da piscina só de cuecas. Telefonou-me no dia seguinte para perguntar se eu sabia onde estavam as roupas dele. A gente teve de emprestar uma muda de roupa e comprar uma passagem de avião para

ele.”

Por enquanto eram só estripulias. Afinal, eles tinham direito de comemorar. A turnê terminou com um show de tarde e noite no Madison Square Garden de Nova York, sendo que o lucro bruto dessa única data chegou a US\$ 200 mil. Ao voltar para casa, foram coroados como “Grupo Mais Famoso” no levantamento anual do periódico musical *Melody Maker*. Foi a primeira vez em oito anos que alguém que não eram os Beatles levava o prêmio.

Plant se retirou para as Midlands. Foi atrás de seu velho colega de colégio, John Dudley, em cuja banda fora vocalista pela primeira vez há apenas sete anos, mas em outra vida.

“Robert entrou no *pub* do meu vô, o Bull’s Head, onde a gente fez nosso primeiro show juntos”, relembra Dudley. “Óbvio que agora ele era famoso, aí todo mundo começou a olhar e apontar. Minha banda estava tocando quando ele entrou, e, na hora, a gente começou o *riff* de ‘Whole Lotta Love’. Ele sorriu e disse: ‘Canalhas’.”

Ele e Maureen foram residir na Jennings Farm. Ele havia restaurado o celeiro, transformando-o em sala de música, com bateria e guitarras. Também comprou um jipe velho para rodar pela propriedade. O casal vivia de portas abertas, recebendo velhos e novos amigos.

Mike Kellie, baterista da Spooky

Tooth, foi uma das visitas. “Robert era muito caloroso com as amigadas, embora eu sempre ficasse intimidado na presença dele. Eu não tinha a autoconfiança dele. Lembro da gente caminhando pelo campo – ele tinha umas cabras, e algumas tinham fugido. Não cheguei a conhecer bem Maureen, mas ela gostava de festa. Nossas esposas tinham que se puxar para ficar no nível.”

“Encontrei Robert numa loja de armas em Dudley, e ele veio com aquele papo furado de se tornar fazendeiro diletante”, relembra Perry Foster, que recebera o Plant adolescente como vocalista em sua Delta Blues Band. “Ele foi meio depreciativo. Ficou com aquela voz presunçosa: ‘Aparece lá na fazenda, e

vamos fazer uma fita para a posteridade’.”

“Eu nunca quis ter nada a ver com drogas, mas, na época, ele andava com um certo pessoal à sua volta. Tinha um que ele chamava de gerente da fazenda. Falei que, se ele se livrasse daquela escória, eu ficaria feliz em revê-lo. Robert não gostava de que falassem assim com ele.”

Lançado em outubro, *Led Zeppelin III* vinha envolto numa capa cara que tinha um disco giratório baseada num velho diagrama de rotação de culturas. Nos discos internos do vinil, estavam entalhadas duas citações: “Faz o que tu queres, há de ser tudo da lei” e: “Assim seja”. Ambas as frases eram atribuídas a

Aleister Crowley, ocultista e trambiqueiro nascido no *spa* britânico de Leamington, em 1875, e que já fora considerado “o homem mais maligno do mundo”. Tal era o fascínio crescente de Page por Crowley que ele acabara de comprar sua antiga casa, a Boleskine House, um bloco gótico às margens do Loch Ness, na Escócia. De momento, a referência a Crowley passou batida. Logo ela seria acusada de todos os males que se abateram sobre a banda.

O álbum repetiu a trajetória de seu predecessor direto, chegando ao topo das paradas tanto nos EUA quanto no Reino Unido. Por melhor que fosse, porém, era um disco menos imediato e menos óbvio, e seu sucesso não seria tão

duradouro. Logo ele derrapou nas listas, vendendo cinco vezes menos que *Led Zeppelin II*.

Foi a primeira pedra na estrada do Led. A reação de Grant foi imediata: mandou fazerem outro disco. Eles já tinham bastante material armazenado, grande parte datado da passagem de Plant e Page por Bron-Yr-Aur. Page, principalmente, estava pasmo com o esqueleto de uma música na qual ele começara a trabalhar quando estavam lá. Embora ainda fosse apenas uma melodia no violão, ele sentiu algo de especial nela. Foi o princípio de “Stairway to Heaven”.

3. “O martelo dos deuses há de conduzir nossos navios a novas terras, para enfrentar a horda, cantando e

berrando: Valhalla, aqui vou eu!”, em tradução livre.

[N. do T.]

8

ELVIS LOIRO

Ele era um pavão vaidoso.

Houve uma enchente de música boa em 1971. Entre as melhores delas havia uma

correnteza de inspiração pura e despida, incandescente e crepitante de magia. Era como se os sobreviventes dos anos 1960 tivessem se reunido para lançar uma última investida heroica, suas fogueiras ainda acesas e as drogas ainda fazendo efeito. Assim que terminaram, poucos aspiraram – ou chegaram – tão alto outra vez.

Os Rolling Stones, no ápice de sua pompa decadente, vieram de *Sticky Fingers*; The Who, que nunca estivera melhor, fez *Who's Next*; Jim Morrison se animou para a despedida em *L.A. Woman*, do The Doors. Dos escombros dos Beatles, John Lennon continuou alcançando a grandeza em seu segundo disco solo, *Imagine*, embora viesse a

ser a última vez que o faria.

E ainda havia mais, como a delicada beleza de *Blue*, de Joni Mitchell, e o funk pulsante com jazz narcoléptico na trilha sonora de Isaac Hayes para *Shaft*; e quando outros compositores muito diferentes se mexeram – Leonard Cohen, David Bowie, Elton John e Roy Harper, cujo encantador *Stormcock* tinha participação especial de Page. E também um par contrastante de álbuns visionários do blues: o ciclo agridoce de canções de Marvin Gaye, *What's Going On*, e, numa resposta brilhante ao primeiro, Sly Stone e *There's a Riot Going On*, discurso alarmante sobre o estado da nação.

Em termos de afirmação criativa, o

quarto álbum do Led ficava pau a pau com o que o ano teve de melhor. Era atemporal e irrestrito, e a soma de todas suas partes. Encampava alguns de seus rocks mais pesados e blues mais potentes, mas também músicas que estão entre as mais bucólicas da banda – e que, mais uma vez, remontam à tradição de eras do folk britânico. Logo ele se tornaria um colosso comercial sem concorrência, um colosso maior e mais duradouro que todos os outros.

Não que tenha começado em esplendor. No início de 1971, o Led voltou a Headley Grange. Não havia melhorias nas condições da casa antiga, ainda úmida e fria, e as noites de inverno eram mortalmente geladas. No

plano de fundo, a gravadora da banda, a Atlantic, estava em pânico diante do relativo fracasso do último álbum. Mas aquele disco libertara o Led, e agora eles chegavam ao ápice que manteriam pelos quatro anos seguintes.

O estúdio móvel dos Rolling Stones foi, mais uma vez, estacionado em frente da casa, e o clima relaxado do verão anterior também estava de volta. O som prevalecente entre a banda era o das risadas. Bonham, que sempre acordava tarde, comumente descia e descobria que sua bateria fora escondida, os trabalhos do dia evoluíam com seus resmungos sobre o lugar. O tom lúdico passou às gravações. Havia uma espontaneidade instintiva – as melhores

coisas aconteciam ao acaso, captadas no éter.

Foi o caso de “Black Dog” e “Rock and Roll”, as músicas que abririam o álbum com comoção jubilosa. Foram mutações resultantes de *jams* improvisadas no estúdio; ambas tiveram como ponto de partida duas canções de Little Richard que a banda tocava para desabafar, “Good Golly Miss Molly” e “Keep A-Knockin’”. Elas inspiraram os *riffs* propulsores de Page, sendo que a última deu o tom da bateria com que Bonham abre “Rock and Roll”. Ian Stewart, o coordenador de turnês dos Stones e, às vezes, pianista, se sentou para tocar enquanto a música ia surgindo, seu piano *boogie-woogie*

entremeando-se à faixa como um veio. Plant improvisou a letra de “Black Dog” à moda *scat*, com malícia e luxúria, sem pedir licença.

Uma noite, Bonham voltou a Headley Grange de uma esticadinha em Londres. Estava meio mal das pernas e a fim de sentar na bateria. Foi o que fez, com um par de baquetas em cada mão, o que invocou o murmurar rítmico denso sobre o qual “Four Sticks” foi construída e também deu nome à música. Foi Bonham, mais uma vez, o ingrediente chave de “When the Levee Breaks”. Escrita por Memphis Minnie para documentar a enchente do rio Mississippi, em 1927, que deixou 600 mil pessoas desabrigadas, a música

original era um lamento acústico disperso. O Led a transformou numa onda eletrizante monstruosa. Ela ganhou vida com as salvas ressoantes de Bonham, sendo que Page gravou a cavernosa faixa de bateria no hall de entrada de Grange, de pé direito altíssimo.

Naquela música e em outros pontos do álbum, Plant cantou com a maior confiança e convicção que teria no Led. A fuga para Bron-Yr-Aur com Page o deixara elétrico, e agora ele tinha o incentivo extra da riquíssima variedade da nova palheta da banda. Pela primeira vez, o material revelava tanto a marca dele quanto a do guitarrista. Plant introjetou no disco seus ideais e gostos

hippies por história e mitologia. “Going to California” foi moldada por seu apreço pelos devaneios mais delicados de Neil Young, Crosby, Stills and Nash, e, mais acentuadamente, Joni Mitchell – a “*girl with flower in her hair*” [“menina com flores no cabelo”] da carta de amor de Plant tanto ao estado ensolarado quanto ao estado mental. Ao compasso da banda em “Misty Mountain Hop”, ele recontou a história de uma batida da polícia londrina num *love-in*, polindo-a com uma sensação de jornada mística.

A inspiração para “The Battle of Evermore” veio de um livro que ele vinha lendo sobre guerras de fronteira entre os exércitos de Albion e dos

antigos celtas. Plant temperou a narrativa com referências ao *Senhor dos Anéis*, de Tolkien – de onde saiu o “Dark Lord” da música, Sauron, e seus Espectros do Anel, os cavaleiros negros. Assim como haviam feito com frequência em Bron-Yr-Aur, ele e Page esboçaram a música uma noite diante de uma fogueira, Page com um bandolim que Jones deixara por ali, a primeira vez que tocou o instrumento. Apesar de todas suas diferenças como pessoas, em momentos como este os dois pareciam unha e carne.

“Acho que, hoje, Jimmy e Robert são mais opostos do que eram na época”, pondera Cole, que estava de observador nas gravações. “Eles tomaram rumos

muito diferentes. Não era uma coisa que se notasse se você os visse no Led, pelo menos não em termos da música. Eles formavam uma unidade quando trabalhavam juntos.”

Para cantar a contramelodia etérea da canção, eles convocaram Sandy Denny, que conhecia Page desde sua época na escola de artes e, há pouco tempo, havia deixado a Fairport Convention. Diante do queixume de Plant, os encantos de Denny suscitavam uma atmosfera arcana tomada de mistério e espanto – que sugeria filamentos de névoa a serpentear por muralhas e suas torres à primeira luz da manhã.

No final daquele ano, Denny produziria um disco solo quase tão

sugestivo, *The North Star Grassman and the Ravens*. Seria sua despedida artística. Em breve, um casamento arruinado e a desolação do alcoolismo viriam a consumi-la – ela faleceu em 21 de abril de 1978, aos 31 anos de idade, de lesões provocadas por uma queda.

Mas a música que deixava Plant mais nervoso foi a que passou a definir o quarto álbum do Led Zeppelin, e também a banda em sentido amplo. Ao preencher o esboço que traçou originalmente em Bron-Yr-Aur, Page decidiu que “Stairway to Heaven” seria um épico, a mescla definitiva da dinâmica acústica-elétrica do Led. A partir da melodia cadenciada que Page alcançara em Gales, ela crescia numa série de

movimentos escalonados, concluindo com um final ribombante. Enquanto Page trabalhava nos arranjos com Jones e Bonham, Plant começou a improvisar a letra.

“Estávamos canalizando muita energia”, Page disse ao escritor Brad Tolinski. “Minha memória mais nítida de ‘Stairway’ é de Robert escrevendo a letra enquanto a gente martelava no arranjo. Foi muito intenso. Quando a gente fez a fanfarra no final e conseguiu tocar a música inteira, Robert tinha 80% da letra no papel.”

“Colaborei nas letras dos três primeiros álbuns, mas sempre torci para que Robert uma hora assumisse esse lado da banda. No quarto álbum, ele

estava trazendo um material fantástico. Lembro de perguntar para ele sobre a frase ‘*bustle in your hedgerow*’⁴ e de ele dizer: ‘É para deixar os outros pensando’.”

“Bonzo e Jonesy tinham saído para ir ao Speakeasy Club em Londres – para relaxar, se é que dá para chamar assim”, Plant contou ao jornalista David Fricke da *Rolling Stone*. “Jimmy e eu ficamos lá, e conseguimos o tema e a meada na hora. Era um comentário meio cínico sobre uma mulher que consegue tudo que quer o tempo todo, sem retribuir qualquer consideração. E aí foi amolecendo. Acho que foi a bomba marroquina. É uma musiquinha leve, agradável, bem-intencionada e ingênuas,

bem inglesa.”

Por mais orgulho que Page tivesse de sua nova criação, Plant ficou ambivalente. Mais tarde, quando passou a ansiar por distanciamento do Led e também da aprovação da crítica, sua atitude quanto à música ficou mais dura. Sua presença opressora a transformou em seu moinho. Ele tinha consciência da letra riponga e ficava tremendo toda vez que ela gerava mais uma portentosa balada do rock.

Por mais excessiva que tenha sido sua exposição, “Stairway to Heaven” mantém seu poder. Embora não seja a melhor música do Led nem talvez a melhor do quarto álbum, ainda assim é das boas.

Por melhor que fosse o clima em Headley Grange, pouco daquilo traduziu-se para quem estava de fora quando o Led seguiu adiante. Terminar “Stairway to Heaven” era o principal na cabeça de Page, já que ele ainda tinha que gravar seu solo de guitarra. Ele e a banda fecharam-se algumas semanas nos estúdios da Island Records na Basing Street, de Londres, na intenção de finalizar a mixagem tanto dela quanto de “Four Sticks”.

Era uma sala abafada e sem janelas, já sufocante antes de ficar apinhada com o Led, Grant e uma dupla da equipe deles. O engenheiro de gravação era Phill Brown, que conhecera a banda no

Olympic Studios durante a produção do álbum de estreia. De lá para cá, Brown sentiu algo de obscuro e agourento, algo que emanava de Page e Grant.

“Era realmente pesado”, diz Brown. “Peter Grant estava lá praticamente o tempo todo. Sentava ou comigo na mesa de mixagem ou num sofá grande que ficava atrás. Eu ficava nervoso com ele ali. O Grant era tipo malandrão do East End. Tinha uns 160 quilos na época – era grande, suarento, grosso, e ficava lá com uma dupla de capangas de cem quilos cada um, não era algo comum na Island.”

“Àquela altura, Jimmy Page parecia realmente detonado. Óbvio que tinha muita droga na jogada, mas ele também

estava naquele lance de Aleister Crowley. Aquilo gerava certa tensão na gravação. Tinha algo de desagradável naquele negócio.”

“O resto da banda era legal. Robert era muito educado. Fazia um e outro comentário, mas mais para o Page do que para qualquer outro. John Paul Jones era um queridão, muito esperto em termos musicais. Bonham, às vezes, ficava possesso e agressivo, mas eu não o via muito, porque ele não precisava ficar por lá.”

Diferente do que acontecia na Grange, o ritmo de trabalho era lento e árduo. Repetidas vezes, Page adiou seu solo de “Stairway to Heaven”.

“A faixa ainda estava num estado meio

de esqueleto”, relembra Brown. “Fazíamos um *take* atrás do outro com Page, dias e dias. Robert depois me disse que Jimmy fazia muitos experimentos, e, a partir de cada pedacinho bom, ele moldava um solo. Mas, na hora, ninguém me explicou. Eu ficava lá só me perguntando o que diabos era aquilo.”

“Page também ficava como cego em tiroteio. Passava muito tempo fora do tom. Ele não se comunicava comigo para nada. Muito do que se fazia era na sala de controle, por meio de um amplificador no estúdio, e ele sentado ao meu lado. Ele dizia assim: ‘De novo... De novo... De novo’. Era tudo muito agressivo. Ele parecia uma figura

das trevas, só sei descrever assim.”

Para fazer o teste do material novo, a banda passou por uma série de shows de menor escala pelo Reino Unido em março. Denominada “Back to the Clubs”, a turnê tinha um Led Zeppelin tão animado como na primeira investida nos EUA, com *sets* despojados e infernalmente barulhentos, às vezes com duração de três horas. Fizeram prévias de “Black Dog”, “Going to California” e também de “Stairway to Heaven”. Na noite de abertura no Ulster Hall de Belfast, em 5 de março, Plant apresentou o novo épico como “uma coisinha que vai sair no quarto álbum – espero que curtam”. Depois, ele viria a afirmar que as pessoas cochilaram nas primeiras

vezes em que a música foi tocada.

Em 1º de abril, eles gravaram para o programa de rádio do DJ John Peel diante de 400 pessoas no Paris Theater, em Londres. Peel, que fora determinante em apresentar Plant para a música psicodélica da América e na época um dos poucos representantes da mídia britânica a defender a banda, exibiu o *set* à nação três noites depois.

“A atmosfera no Paris Theater era bem formal, muito austera”, relembra Bob Harris, colega de Peel. “Todo mundo sentado. Não era daqueles shows em que a banda faz o público ir à loucura, era o inverso. Mas a música era sensacional, e Robert tinha se tornado o deus absoluto do *cock-rock*.”

“Na época, Peter Grant já tivera a ideia de tentar tornar o Led intocável, de impedir o acesso a eles para que se criasse uma mística em torno da banda. Acho que a referência dele era Tom Parker e Elvis, mas isso significava ter mão de ferro em termos do ambiente no qual eles trabalhavam.”

A vida seguia em frente fora da bolha do Led Zeppelin. Em março daquele ano, Page se tornou pai pela primeira vez quando Charlotte Martin deu à luz sua filha Scarlet. Não havia, porém, muito tempo para esse tipo de coisa. Chegado o verão, o Led estava de volta à estrada, primeiro nos EUA, onde a falta de um álbum novo não impediu que tivessem vinte e um shows de arena

lotados, e dali para a primeira visita ao Japão.

Era um cronograma implacável e no qual começava a se ver rachaduras. As bebedeiras de Bonham estavam ficando pesadas, e seu comportamento começou a ficar instável e imprevisível. Mas aquilo também deixou Plant satisfazer a sede por viagens que crescera dentro de si desde a infância, quando seus pais o haviam levado para as montanhas de Gales. A atração pelas viagens era tão forte quanto a da família. Em vez de voltar de Tóquio direto para casa, ele e Page fizeram um giro pela Tailândia e pela Índia, acompanhados de Cole. Visitaram os grandes templos budistas em Bangkok e ficaram no Hotel Taj

Mahal, em Bombaim, indo às compras de bugigangas e antiguidades.

“Eles me levaram junto porque precisavam de alguém para cuidar deles e pagar tudo”, diz Cole. “A gente se divertiu demais. Arranjei uns bons motoristas locais que nos levavam aonde a gente quisesse ir, até a lugares que a gente não conhecia. A gente não queria ir aonde todo mundo ia. Naquela época, o negócio era ir em lojas onde dava para comprar antiguidade.”

“Robert adora viajar. Gosta de comer comidas diferentes, conhecer gente diferente, de ouvir todo tipo de música. Como eu descreveria estar com ele? Hã... Dependia do meu humor. Na real, ele era muito querido. É inofensivo, com

certeza nunca foi malicioso.”

“A gente trabalhava numa área em que podia acontecer de tudo. Olha o Bonzo... Às vezes, a gente ia na casa dele, e ele estava vestido de fazendeiro, aí vinha para turnê e se emperiquitava de terno branco. Era um verdadeiro camaleão, sempre mutante. Robert basicamente era sempre o mesmo. Sempre foi riponga. Um deus dourado.”

Plant e Page seguiram explorando, absorvendo as músicas que ouviam nas viagens e transmitindo-as para o Led Zeppelin. No início do ano seguinte, voltaram a Bombaim. Por meio de um contato de Page, marcaram uma data para gravar com a orquestra sinfônica da cidade. Retrabalharam “Four Sticks” e

“Friends” com os músicos locais, criando um precedente que Plant, em especial, viria a seguir outras vezes.

Outra viagem que a dupla fez junta, em 1972, deixou uma impressão ainda mais forte em Plant. Dessa vez para o Marrocos, na ponta noroeste da África, apenas cruzando o mar para quem vinha da Europa, mas a um mundo de distância. Em Marrakech, uma cidade de prédios de tijolo vermelho com séculos de idade, ao sul do país, Plant ouviu pela primeira vez a música dos autóctones berberes e gnaoua – zumbidos sedutores, tipo um transe, rítmicos e hipnóticos.

Ele e Page levaram um gravador de fita e subiram de carro as Montanhas

Atlas, a grande cordilheira que se estende por 2,5 mil quilômetros de leste a oeste do país, gravando as músicas em vilas e mercados de rua. De volta a Marrakech e andando pela rede abundante de *souks*, Plant também encontrou Oum Kalsoum, egípcia de nascença e a maior cantora árabe então viva. Sua voz notável, alta, um instrumento em si, assombrava os rádios da cidade.

“Acho que meu negócio com o norte africano começou mesmo com o norte de Gales”, ele me contou. “Esse negócio das montanhas, de ser remoto, era uma grande alternativa aos meus dias como um aluno de liceu. Fui para o Marrocos, em 1972, atrás de pistas, e elas estavam

por toda parte.”

“Na época, Marrakech era um lugar bem diferente do que é hoje. Ficamos num hotel cercado de arame farpado e caras de carabina Royal Enfield – pareciam nos proteger de um ataque repentino. Mas, no geral, era outro mundo. Lembro de ir à cidade no dia seguinte. Era quase como se eu tivesse acabado de me recuperar de uma grande perda na minha vida e redescoberto tudo. Mas eu nunca tinha ido lá. Eu falava francês o suficiente para me virar, mas, até uns dez anos atrás, sempre fui um turista lá.”

“Eu ouvia aquela voz acima de todo o barulho – Oum Kalsoum cantando. A voz dela estava por tudo, saía de todas as

portas, tremeluzia em meio ao alvoroço, ao caos, às buzinas dos carros e aos asnos zurrando. Fiquei pensando: ‘Nossa! Como que coloco isso no que eu faço?’. E embarquei nessa.”

O quarto álbum do Led Zeppelin só foi aparecer em novembro de 1971. O disco saiu atrasado por conta de uma briga de Page com a Atlantic Records a respeito da arte da capa. Ele estava cada mais irritado, sensível aos ataques que a banda sofria da crítica e principalmente às acusações insistentes de que a gravadora tinha exagerado na promoção. Em reação, ele pretendia não colocar informação alguma na capa do novo álbum: nem o nome da banda nem um

título. O impasse entre ele e a Atlantic levou meses, mas Page venceu.

Por fim, o que enfeitou a capa foi a pintura emoldurada de um velho ermitão – que Plant havia comprado numa loja de tralhas. A fotografia no verso da capa dupla resumia o humor conflitante do próprio álbum: uma árvore murcha em primeiro plano, um fundo de casas geminadas destruídas e um bloco de apartamentos – um idílio bucólico invadido pelos brutamontes.

Page também teve a ideia de que cada integrante da banda deveria escolher seu símbolo. Registrados na parte interna da capa, estes deram ao álbum um de seus títulos – *Four Symbols*, sendo o outro *Led Zeppelin IV*. Há muito, presume-se

que o emblema Zoso de Page possuía conotações ocultistas, mas ele se recusou a explicar a origem. Jones e Bonham escolheram qualquer coisa num livro, sem dar muita bola para o assunto.

Plant, contudo, contratou uma pessoa para projetar seu símbolo: um círculo em torno de uma pena. Explicou que a pena representava a coragem que queria transmitir às tribos norte-americanas e que o círculo deveria representar a verdade. “Mas também dá pra dizer que é uma criada francesa fazendo cócegas na bunda de alguém”, Page brincou com o escritor Mick Wall.

Independente de quanto terreno o Led houvesse perdido com o terceiro disco, o quarto o tomou de volta e seguiu

adiante. Chegou à primeira posição no Reino Unido, e, embora o posto mais alto tenha sido negado nos EUA – devido ao arrasa-quarteirão meloso de Carole King, *Tapestry* –, ele continuaria nas listas de lá durante três anos, vendendo 25 milhões de cópias.

Naquele novembro, eles foram a atração principal em duas noites do enorme Empire Pool de Londres, batizando os shows de “Electric Magic” e enchendo a arena de malabaristas, acrobatas e – por que não? – de porcos fantasiados com golas bufantes. Não houve pausa. O ano seguinte começou com compromissos no Japão e na Austrália. E, então, a banda começou a trabalhar no álbum seguinte, trocando de

casa em Hampshire, de Headley Grange para Stargroves, a terra natal de Mick Jagger.

Tampouco houve intervalo na torrente de material que saía deles. Page e Plant, principalmente, estavam tomados por toda a música que haviam absorvido durante as viagens no ano anterior. Em Stargroves, as músicas pareciam escorrer de seus dedos, de um jeito tão forte que passariam os meses seguintes obcecados em escolher quais usar.

“A banda estava em plena forma”, disse o engenheiro das gravações, Eddie Kramer, ao jornalista Barney Hoskyns. “Eles estavam focados, estavam unidos, e a música era incrível. Era divertido trabalhar com eles – e eles me

aprontaram uma terrível. Eu tinha trazido uma gatinha dos EUA, e Robert comeu a moça assim que a viu.”

Plant deu um tempo na atmosfera libertina de Stargroves por volta do fim de abril, pois ele e Maurren comemoravam o nascimento do segundo filho, um menino que batizaram de Karac Pendragon Plant. Pendragon foi escolha do pai, por ser o nome de um dos tios do rei Artur e também “dragão chefe” em galês. Assim como acontecera com Carmen, ele se apaixonou pelo garoto. Pelo menos em casa, ele era o retrato de um orgulhoso homem de família.

Dois meses depois, porém, ele foi embora. No verão de 1972, o Led partiu para uma louca turnê de dezesseis shows

pela América do Norte. Por mais sucesso que tivessem em casa, era nos EUA que viravam reis supremos. Os Rolling Stones estavam indo para os EUA na mesma época, mas o Led superaria a autodenominada “maior banda de rock do planeta” na proporção de dois para um. Antes de a jornada começar, Grant lançara mão de todo seu poderio para exigir para a banda – e receber – 90% dos lucros da turnê, um percentual sem precedentes.

Eles chegaram aos EUA quando surgiram as notícias de um arrombamento no QG do Partido Democrata no prédio Watergate, em Washington, D.C. O fato viria a engolir o presidente Richard Nixon em escândalo

e provocar sua derrubada. Mas, por enquanto, ele parecia capaz de lidar com a impunidade. Seria um bom paralelo para o caminho que o Led tomou e para onde tal rota iria levá-los.

Durante a turnê, eles pareciam imbatíveis, mas também intocáveis. Em L.A., ouvia-se falar muito que Page estava acompanhado de uma *groupie mignon* de cabelos negros chamada Lori Maddox, com quem guardava semelhança notável. O que quer que acontecesse, e custasse o que custasse, Grant e Cole estavam lá para limpar a bagunça e manter o resto do mundo à distância.

A banda foi para Nova York na segunda semana de junho. Haviam

agendado uma gravação no Electric Lady Studios para seguir os trabalhos no novo disco. Mike Kellie, amigo de Plant e Bonham da Inglaterra, também estava na cidade para uma gravação do seu disco e juntou-se à comitiva do Led por alguns dias.

“Havia sempre *limousines* estacionadas em frente ao hotel esperando por eles; era o sistema deles”, recorda Kellie. “A comitiva – Peter Grant, Richard Cole, a banda – saía toda junta. A exceção era John Paul Jones. Ele nunca ia junto. Jonesy era um cara muito querido, um doce, e trazia a esposa de avião sempre que tinham um dia de folga. Bonzo pegava muito no pé dele, Robert um pouco também, por ele

não ser festeiro. Mas ele era o elo da banda.”

“Não dava pra mexer com Richard Cole. Ele não dava mole e tocava o terror. Ele e Peter Grant – os dois eram definitivamente intimidantes. Acabou dando no que deu, mas eles me receberam tremendamente bem. Mostraram-me um outro lado do mundo, por mais tenebroso que fosse, nas festas e na devassidão.”

Certa tarde em Nova York, o Led marchou para o Madison Square Garden para prestigiar Elvis numa matinê. Elvis estava então em sua primeira turnê pelas arenas americanas, seguindo o exemplo de bandas como o Led.

“Bonzo vestiu sua roupa de Teddy Boy

e puxou o cabelo para trás com gel”, diz Kellie. “Vou lembrar daquele momento até a morte. Foi uma demonstração de toda a autoconfiança de Robert e de que ele era um pavão vaidoso.”

“A gente estava saindo do show. Eu achei que tinha sido maravilhoso, mas Robert não se impressionou – para ele, Elvis tinha morrido ao entrar no exército. Quando estávamos indo para a *limousine*, duas meninas passaram por nós naquele sol vespertino. Robert gritou para elas: ‘Não se preocupem, meninas – Elvis está vivo e tem cabelo loiro e comprido!’.”

4. “Alvorço no seu quintal”, em tradução livre. [N. do T.]

9

SODOMA E GOMORRA

Era nesse tipo de mundo que eles viviam, e Robert odiava.

O Led fechou 1972 e começou o ano seguinte em turnê pelo Reino Unido. Estes vinte e cinco shows foram de uma intensidade visceral, quase maníaca, com a banda a milhão. Fora Londres, os locais dos shows eram modestos, do tamanho de teatros. Não pareciam suficientes para contê-los. Quando estavam assim, um conectado ao outro e vivendo o momento, pareciam uma força indomável da natureza.

Cada noite começava com uma explosão da bateria, Bonham curvado atrás de seus tambores, os braços a se debater. Então, ao esplendor de luz branca, Page surgia à frente do palco para soltar o assalto de “Rock and Roll”. A seguir, eles entravam numa

música destinada ao quinto disco, “Over the Hills and Far Away”, leve e fácil, antes de chutar tudo com “Black Dog”.

De dorso nu e cabeça jogada para trás, Plant estufava o peito e desfilava como um grande leão. Ninguém, muito menos ele, tinha qualquer dúvida de quem era o centro das atenções. Agora ele era mais do que um vocalista. Conseguia levar sua voz às alturas – usava-a como instrumento, como ouvira os grandes cantores árabes dos mercados e montanhas do norte africano fazer.

Os sets eram longos, de quase três horas, mas cheios de ápices e de calmarias – “Whole Lotta Love” virava uma melodia de blues e rock antigo, e cada noite era arrematada por

“Heartbreaker” para deixar todo mundo tremendo. Mas era “Stairway to Heaven”, que surgia como peça central do show, silenciando a plateia durante seu desenrolar, que deixava o povo selvagem quando se encaminhava para o final. Não haveria época melhor para a banda em sua terra natal. Naquele momento, seria impossível acreditar que seria a última turnê que fariam pelo país.

Dois shows em Londres arremataram a primeira etapa da turnê, ambos no Alexandra Palace, elegante prédio vitoriano no alto de um morro ao norte da cidade que anteriormente abrigava os estúdios de televisão da BBC. O último foi em 23 de dezembro, enquanto a neve caía na noite gelada, e, depois dele,

Plant deu um presente de Natal à equipe da banda: uma garrafa de uísque escocês para dividirem entre eles. Àquela altura já estavam acostumados com a cautela de Plant com seu dinheiro e haviam lhe dado um apelido adequado. Entre eles e os colegas de banda, Plant era Percy – o homem que nunca puxava a *purse* [carteira].

Quando a banda não estava na ativa, era raro Plant ver Page e Jones. Entocava-se na Jennings Farm, passando o tempo de bobeira na sua sala de música ou, nas manhãs de domingo, jogando futebol com o time do *pub*. Bonham também havia comprado sua fazenda, um espaço de seis hectares a poucos quilômetros de Plant, e os dois

costumavam se encontrar para beber, embora Plant mantivesse distância de Bonham quando este resolvia exagerar.

“Acho que, quando John bebia para valer, ele assustava Robert, que não gostava de ficar por perto”, diz Stan Webb, guitarrista da Chicken Shack e um dos parceiros de copo de Bonham. “Lembro de muita noite comprida que passei com Bonzo, e Robert não estava em nenhuma.”

“Page, e em certo sentido Bonham, eram diferentes de mim”, disse Plant ao jornalista Cliff Jones. “Meu raciocínio é que eu conseguia cantar sobre montanhas enevoadas e meter uma bola na rede nos dias de folga. Para mim, na época, isso que era a vida boa. Não era uma coisa

que me consumia todo, como era para os outros.”

“Não esqueça que não havia opção que não se envolver naquelas coisas de quarto de hotel e farra e droga, pois fazia parte da experiência. Era praticamente o esperado. Mas eu sabia que ia chegar a hora de descer do ônibus e vir para casa.”

Plant comprou uma segunda propriedade, uma fazenda com criação de ovinos em Dolgoch, fronteira sul do Parque Nacional de Snowdonia, no País de Gales. Ao final da turnê britânica, ele dividiu seu tempo entre a nova fazenda e a Jennings Farm, acomodando-se à vida com a esposa, a filha e o filho recém-nascido. Mandou reformar os antigos

estábulos da Jennings Farm e saía a cavalgar pelos campos em volta, ou a escalar as colinas.

Na época, ele já tinha em sua órbita uma turma de bons amigos, a maioria dos quais havia conhecido nas primeiras bandas ou no circuito de clubes local. Não obstante o entra e sai, o núcleo central do grupo permanece até hoje. Todos são extremamente leais a Plant, tanto que entre o Led eram chamados de “máfia das Midlands”. Entre estes amigos e com a família, ele parecia menos imponente e mais tranquilo, embora não menos seguro de si.

Bev Pegg, músico folk local, conheceu Plant naquele ano. “Ele ia converter o celeiro em estúdio e tinha por lá um

daqueles toca-fitas Revox antigos que não sabia usar”, lembra-se ele. “Dei umas dicas de como fazer *multitrack*. Ele também tinha uma *jukebox* linda.”

“Ele me mostrou a casa. Todas as salas e quartos tinham um estilo de decoração bem indiano. Na frente, tinha um monte de carros: um Buick do fins dos anos 1950, um Aston Martin marrom, que ele disse que tinha comprado de Donovan. Mesmo assim, ele parecia bem pé no chão. Às vezes, ele era meio brusco, mas, para mim, era difícil entender aquelas matérias sobre quartos de hotel depredados. Não parecia coisa do mesmo camarada. Ele sempre me passou a impressão de alguém controlado.”

“Robert se manteve em contato comigo e aparecia quando o Led estava parado”, lembra Bill Bonham, tecladista da Obs-Tweedle, última banda de Plant antes do Led. “A última vez que o vi foi na Jennings Farm, em 1973. Ele queria saber se eu ainda tinha umas calças que ele tinha deixado no *pub* dos meus pais, cinco anos antes.”

“Fomos no *pub* ali perto, e ele foi me contando quanto dinheiro ganhava. Na época, ele ainda guardava os cupons de desconto que vinham na carteira de cigarro. Aí ele disse que tinha esquecido a carteira em casa, e eu tive de pagar a conta.”

O Led voltou aos agitos pouco depois. Na nova turnê, Plant queria um

engenheiro de som para realçar seus vocais no palco. Foi-lhe recomendado Benji LeFevre, londrino de 23 anos que vinha trabalhando com a banda de rock progressivo Soft Machine e num clube de jazz, o Ronnie Scott's.

“Ele me ligou e sugeriu que a gente se encontrasse perto da casa dele – num *pub* de Kidderminster chamado Market Tavern”, recorda LeFevre. “Disse-me que tinham uma *stripper* sensacional. Peguei o trem de Londres, nós nos encontramos, assistimos a *stripper* e tomamos umas. Aí ele me convidou para ir à casa dele.”

“Entramos no Jaguar E-Type, e ele quase me matou de susto com seu jeito de dirigir. Mesmo assim não pareci

intimidado e creio que passei no teste. Achei-o muito arrogante, cheio de si, presunçoso. Mas ele sabia escolher as palavras e achei que fosse render umas risadas.”

A banda voltou à estrada no início de março, começando a turnê pela Europa. Foi um prelúdio para a coisa séria. Lançado no final daquele mês, o novo álbum abriu o caminho para o ataque mais ambicioso à América do Norte.

Haviam sido meses de disputa, mas a banda conseguira desbastar os excessos do material que havia gravado em Stargroves na primavera anterior até fechar em oito músicas. Deixaram o resto de lado. Uma das faixas sobressalentes deu título ao álbum,

Houses of the Holy, a primeira vez que se deram a esse trabalho.

Se o Led sentiu alguma pressão de ter que dar sequência ao sucesso assombroso do quarto disco, não demonstrou. *Houses of the Holy* soava, acima de tudo, como obra de uma banda que achava que podia fazer o que bem entendesse. Essa despreocupação resultou, no mínimo, em algumas das músicas mais duradouras, tais como “The Song Remains the Same” e “The Ocean”, ambas rocks de primeira grandeza, com o vocal estimulante de Plant deixando um rastro por meio dos trechos conduzidos pela guitarra densa de Page. Ou a delicada e sinuosa “The Rain Song”, resposta de Page ao ex-

Beatle George Harrison, que dissera a Bonham que a banda dele não sabia fazer baladas. Ou “No Quarter”, um épico imponente e agourento que fora contribuição de Jones.

Essa sensação de tranquilidade também deu abertura para material mais leve e arejado como “Dancing Days” e “D’yer Mak’er”. O título da última vinha de uma piada sem graça sobre a Jamaica, mas a música em si era mais palatável do que o Led Zeppelin seria se tocasse um *cod reggae*. Bem menos atraente foi “The Crunge”, uma homenagem horrenda a Otis Redding, que fracassou miseravelmente em achar uma *jinga* funk para balançar o esqueleto.

O disco ganhou uma capa de luxo, com o *designer* Aubrey Powell enviado à costa norte da Irlanda do Norte para fotografar crianças angelicais escalando o Giant's Causeway, uma imensa formação natural rochosa. De acordo com o jornalista Mick Wall, quando Powell informou a Grant que a sessão de fotos custaria caro, o empresário do Led retrucou: “Dinheiro? A gente não está nem aí para dinheiro. Vai e faz, caralho.”

Houses of the Holy, como esperado, subiu à primeira posição nos EUA e no Reino Unido. Porém, por melhor que fosse, não era o monstro conquistador que o quarto disco havia sido e caiu das paradas antes do fim do verão. Vale lembrar que o poderio do Led fora

roubado naquele ano por outra banda de rock britânica, o Pink Floyd, com o grandioso álbum conceito *The Dark Side of the Moon*, lançado no mesmo mês.

As resenhas também foram venenosas. Escrevendo para a *Rolling Stone*, Gordon Fletcher descreveu *Houses of the Holy* como “um dos discos mais chatos e confusos que ouvi este ano.” A reação de Grant foi nomear um R.P. norte-americano para a banda: Danny Goldberg, 22 anos, vegetariano e abstinente. Goldberg trabalhava para uma agência de renome em Nova York, a Solters, Roskin & Sabinson, que também cuidava das contas de Frank Sinatra e da revista *Playboy*, e ficou com a tarefa de melhorar o posicionamento do Led entre

os críticos dos EUA.

A primeira tática que ele adotou foi enfatizar a escala das realizações da banda. Enviou um *press release* descrevendo a turnê por vir como “a maior e mais lucrativa na história dos Estados Unidos”. Seu aliado instantâneo foi Plant – até então querendo impressionar o pai com seu sucesso, pois, à época, este ainda estava convencido de que o filho devia arranjar um “emprego de verdade”.

No começo da turnê, em maio, só o tamanho da banda já evidenciava tudo. A noite de estreia no Atlanta Stadium atraiu uma multidão de 40 mil e rendeu US\$ 246 mil em ingressos. No show seguinte, no Tampa Stadium, o Led bateu

novo recorde de público: 56.800. A produção em si era mais grandiosa – a banda utilizava aparelhagem de som com mais potência, bolas de espelho e uma bateria de *lasers*. E Grant havia liberado US\$ 30 mil para fretar um avião particular, um Boeing 720, com bar, quarto e um órgão para Jones entreter os outros. Foi batizado de “Espaçonave”.

“Deus do céu, aquela foi a maior turnê da minha vida”, diz Cole. “Foi inebriante. A banda era enorme, entende? E o avião? Bom, era um luxo, mas ainda assim era a condução para o serviço. A banda embarcava e tomava uns *drinks*. Na volta, discutia o show. Aí desembarcava, entrava nos carros à espera e decidia aonde iria à noite.”

Ou, como Page disse ao jornalista Brad Tolinski: “Esses tempos, Richard Cole encontrou uma das aeromoças, e ela lhe disse: ‘Sabia que tirei uma baita grana com vocês?’. Quando o pessoal cheirava cocaína no avião, enrolava notas de 100 para usar de canudinho. Aí, depois que estavam chapados ou desmaiados, deixavam a grana lá. Até pode ser verdade, mas digo uma coisa: no meu dinheiro, elas não nunca meteram a mão.”

Quem presidia a festa era Grant. Ele resolvera que seu serviço consistia em manter a banda na sua bolha e conseguir para eles cada centavo que mereciam. Quanto maiores eles ficavam, mais enérgico ele ficava em reforçar cada

aspecto.

“Todo mundo era cagado de medo de ‘G’”, diz Benji LeFevre. “Mas deve ter sido uma época muito complicada. A filosofia geral de Peter era mudar a indústria fonográfica, fazer que, em vez de o realizador do show ficar com a grana toda, os artistas ficassem – e então pagar uma cota justa para o realizador. Esses caras eram todos uns mafiosos. Apenas Bill Graham, sozinho, dizia: ‘Isso é para as pessoas, meu!’ Peter deve ter enfrentado muita resistência, e provavelmente violência.”

“Além disso, quando você trabalha com alguém que já foi lutador, tem de entender que a intimidação física é uma das reações no arsenal. Ainda mais num

país em que as pessoas têm direito de portar arma. É um jeito todo diferente de se proteger, mesmo que a banda tivesse seguranças que eram caras do FBI no horário de folga.”

“Richard Cole estava lá de assistente de Peter e também para que ninguém chegasse perto de ninguém. E aconteceu muita coisa suspeita. Mas Richard não tinha prerrogativa para tomar decisões – isso era com Peter. Acho que Peter e Jimmy, depois os outros, nessa ordem.”

Os shows em si eram elétricos. Como banda, eles estavam na crista da onda, deleitando-se no palco com sua própria glória. A reação das plateias era selvagem, histérica. Uma vez perguntei a Plant e Page como era, naquele instante,

ter tanto poder nas mãos.

“Era uma questão de comunicação entre banda e público”, respondeu Page. “Você manda, e eles mandam de volta, e aí o negócio vai crescendo. É assim que você transforma o troço em espetáculo.”

“A gente precisava de uma coisa física – um catalisador entre banda e público”, Plant emendou. “Sensação de poder? Isso a gente não tinha. Tinha uma coisa lá, pairando, em algum lugar”, disse, abanando os braços sobre a cabeça.

A banda convidou o amigo Roy Harper para abrir os shows. Harper se viu tentando acalmar hordas uivantes com sua voz solitária e violão.

“Era como entrar na cova dos leões”, diz ele. “Lembro de ficar de frente para

50 mil pessoas, sozinho. Lembro do palco do Kezar Stadium em San Francisco. Lá atrás era quase um bacanal, uma depravação. Na frente, tinha um homem completamente nu, com a pele pintada de verde e os pelos pubianos de vermelho. Não tinha como se comunicar com tanta gente tão fora de si no mesmo lugar.”

Apesar dos shows gloriosos, algo de podre começava a cheirar mal no cerne da banda. O espírito bucaneiro que os havia levado à farrá América afora se tornava maligno, avarento. O mais comum era ver esta transformação encarnada em Bonham, cujas fanfarronadas e disparates agora vinham

com um tom intenso e selvagem.

O jornalista Nick Kent se lembra de estar num clube certa noite e ver Bonham e Cole espancarem um cara até virar suco. Não havia razão aparente para o ato. Ao saírem, os dois jogaram punhados de notas de dólar sobre a vítima caída.

“Fico louco quando ouço Robert Plant dizer que Bonzo era um gozador”, escreveu Kent. “Porque o homem era um animal, um esquizofrênico, parecia saído de *Sob o domínio do medo*.”

Page também começara a retrair-se para seu mundo crepuscular. Muito antes da tragédia macular a banda para Plant, foi esta virada que semeou o descontentamento nele.

Em *Hammer of the Gods*, a famosa biografia da banda, o jornalista norte-americano Stephen Davis propôs-se a trazer a público o mundo demente em que o Led vivia quando estava na estrada. Publicado em 1985, o livro retrata cada integrante da banda entregue a uma orgia sem fim de excessos e de violência, sem temor de represália e sem pensar nas consequências. Plant, Page e Jones fizeram um esforço tremendo para tomar distância do livro quando ele saiu, afirmando que era absurdamente impreciso e que o jornalista não sabia nada da banda. Plant foi quem mais negou o livro, sugerindo que Cole fora a fonte da maior parte das histórias grotescas e que havia exagerado

enormemente.

“Ele [Cole] tinha um problema que poderia ter sido facilmente resolvido: era só terem dado alguma coisa de inteligente para ele fazer, em vez de *check-in* de hotel, e acho que isso foi o que o deixou imensamente amargurado”, Plant contou a Mat Snow, da *NME*, em 1985. “Ele não estava legal a maior parte do tempo, e a visão que tinha das coisas era sempre de algum modo distorcida.”

Plant afirmou que muitas das atividades extracurriculares do Led não passavam de estripulias juvenis. Poderia ser verdade nas primeiras turnês, mas não há dúvida da virada destrutiva à medida que ficaram mais onipotentes.

Bonham costumava ser a figura central, com Cole e outros parasitas envolvidos ou dando incentivo para ele fazer besteira. Mas, enquanto Jones sumia nessas ocasiões, Plant, em geral, estava presente, mesmo que mais como *voyeur* do que como participante, reprovando os acontecimentos mais extremos, mas permanecendo em cena.

Deleitando-se em seu papel de figura central do Led, Plant estava longe de ser uma mosca-morta. É certo que não se abstinha do sexo e das drogas, que faziam parte da equação do rock'n'roll. Mas também seguia o conjunto de valores de um *hippie* paz e amor, e estava cada vez mais cansado das forças mais sombrias que se erguiam em torno

da banda. Elas tinham praticamente enraizado-se à época da turnê norte-americana de 1973.

“A turnê foi uma loucura, loucura total”, diz Roy Harper. “Aconteceram coisas nos bastidores que não foram lá muito santas. Tinha a tensão subjacente, digamos assim. Não vou contar nenhum caso, mas a coisa era realmente mortal. Provavelmente acontece com muita banda, mas não naquela escala.”

“Mesmo que Bonzo fosse amigo de Robert, as estripulias deles passavam do limite. Embora não fosse uma pessoa violenta de verdade, ele, às vezes, era malvadão. Teve momentos em que houve uma tolerância jovial em circunstâncias que outros teriam considerado próximas

do limite. Aconteceu mais de uma vez de Richard Cole me dar o relógio e dizer: ‘Segura para mim só um minuto’. Esse era o mundo em que eles viviam, e Robert odiava, eu sei que ele odiava. Acho que foi um dos motivos pelos quais, depois daquilo, ele nunca mais quis se envolver com o Led.”

“Robert continuava lá no meio, odiando tudo, enquanto John Paul Jones não era visto em absoluto. John Paul pegava um andar diferente dos outros nos hotéis, assim como Peter Grant. Todos os outros tinham sua dose de culpa, pois tinham parte no que acontecia. Naqueles tempos, Robert era pacificador. Ele tornava óbvio como estava se sentindo. Era só olhar a cara

dele para saber que não era o que ele queria pra si, para a banda ou para a humanidade ao redor. Ele é uma pessoa boa, é uma coisa inata.”

O que não quer dizer que Plant não tivesse sua fraqueza: era um mulherengo incorrigível. Mais tarde, Danny Goldberg viria a dizer que nunca havia encontrado alguém que curtisse tanto ser um *rockstar* quanto Plant.

“O ponto em que o Robert se desnorteava mesmo era nos galanteios com o sexo oposto”, diz Harper. “Ele tinha de pegar tudo que desse. O caso é que ele tinha tanta chance que não pegava tanto quanto poderia. Ele relutava em se rebaixar no que quer que fosse – mesmo naquilo que mais o

atraía. E sim, ele sentia culpa. Ele foi criado no catolicismo.”

Benji LeFevre vê as coisas de um jeito bem diferente: “Por dentro, acho que Robert é uma pessoa muito carinhosa, atenciosa e leal, mas ele tem a esquizofrenia típica de um *rockstar*”, ele diz. “Na Jennings Farm, era a coisa do ‘pode entrar, essa é a minha família, e eu sou um homem de família’. Mas, assim que ele saía pelo portão, virava Robert Plant, o *rockstar*.”

“E por que não? Era só voo de primeira classe, escolta de batedores da polícia e uma fila de meninas atrás do bilau dele.”

Como sempre, Los Angeles foi a base das operações do Led Zeppelin. A banda

chegou na cidade no fim de maio para dois shows no Forum e tomou para si os andares mais altos do Riot House. A visita coincidiu com o aniversário de 25 anos de Bonham. O presente da banda para o baterista foi uma Harley-Davidson.

“Tinha estripulias bizarras”, recorda Roy Harper. “Jogavam coisas pelas janelas. Bonzo e outros andavam de moto no corredor do hotel.”

“Teve um momento em que perguntei a Robert: ‘Você acha que eu deveria jogar esta TV pela janela?’. Ele disse: ‘Não. Está vendo aquele carro lá embaixo?’. Olhei pela janela e vi um desses conversíveis que eles têm lá, grandões, antigões. Ele disse: ‘É do Elvis’.”

“Uma parte da equipe dos EUA tinha servido no Vietnã”, diz LeFevre. “Para eles, o Riot House lembrava o Vietnã.”

A atmosfera na Sunset Strip também havia mudado. As meninas que iam para lá eram mais novas, mais piradas. As drogas eram mais pesadas. Os bons tempos estavam ficando ruins. O centro das atividades noturnas da banda havia mudado para um clube novo na Strip, o English Disco, de Rodney Bingenheimer. Garoto de 25 anos sem graça e com voz fina, Bingenheimer era anglófilo de carteirinha e descobrira o *glam rock* numa viagem a Londres no verão anterior. Inaugurou o clube assim que voltou.

“Aquilo lá era um banheiro público

com pista de dança”, diz Kim Fowley, figura da cena de Biggenheimer. “Tinha só dois banheiros, e as privadas estavam sempre transbordando. O fedor era tanto que você achava que ia morrer só de sentar.”

“O Led andava por lá. O pessoal de sempre dançava exclusivamente pop britânico. Todos os caras queriam ser David Bowie. Tinha muitos espelhos pela casa, e meninas de 13, 14, 15 anos dançando na volta. Óbvio que todas iam de buceta raspadinha e sem calcinha.”

A turnê terminou com três noites seguidas no Madison Square Garden de Nova York, em julho. Grant contratara um jovem diretor de cinema, Joe Massot, que filmara a banda no Bath

Festival de 1970. Com pouquíssimo tempo para reunir uma equipe, Massot foi trazido da Inglaterra para gravar os dois primeiros shows no Garden e também cenas de bastidores. Assim começou a saga do infeliz filme do Led Zeppelin.

Ao voltar para casa, o ritmo da vida continuou sendo determinado pela banda. Benji LeFevre descobriu que agora tinha de fazer vários servicinhos para Plant – “o tempo todo indo e voltando naquela merda de rodovia”, reclama ele. Grant manteve Plant e Bonham afastados de um drama da época. Ao voltar da turnê, Jones disse ao empresário que deixaria a banda se

as coisas não mudassem. Estava cansado de passar tanto tempo longe de casa, e de não ser avisado com antecedência. Grant amenizou a situação, e o negócio seguiu adiante.

Àquela altura, estava decidido que o filme seria mais que uma gravação do show. Joe Massot foi enviado para gravar cenas fantasiosas com cada um dos integrantes da banda e também com Grant. Ninguém achou necessário lhe passar um roteiro. O trecho autoengrandecedor de Plant foi gravado no Castelo de Raglan, no País de Gales: o vocalista escolheu para si o papel de cavaleiro ousado que resgata uma donzela em perigo.

“Porra, isso é que é exagerar,

caralho”, diz LeFevre, rindo. “Robert, o diretor e eu subimos as colinas... foi uma piração total. Se você vai fazer um filme, alguém tem de ser o chefe e ter o resultado em mente. Não: ‘Olha, acho que vou fazer assim’, e: ‘Ok, então vou fazer assado’.”

Massot entregou uma versão bruta do filme no início de 1974. Era uma bagunça sem coerência alguma. Page mandou demitir o diretor. Um cineasta australiano, Peter Clifton, caiu de paraquedas na história. Como boa parte da gravação original do concerto era inutilizável, Clifton teve de convencer Grant e a banda a refilmar. Foi o que aconteceu nos Shepperton Studios em Surrey, em que a banda fez mímica da

trilha sonora gravada no Madison Square Garden.

“Sendo um canalha cínico, a única coisa que adoro no filme é que tem umas cenas em que dá para ver o Bonzo uns dez quilos mais gordo”, diz LeFevre. “Porque a gente fez a regravação no Shepperton quase dois anos depois, e aí ele estava do tamanho de um tanque.”

O desastre não diminuiu a insolência. O acordo do Led com a Atlantic Records estava para ser renovado, e Grant e Page estavam determinados a montar um selo boutique da banda como parte de qualquer acordo futuro. O contrato multimilionário que assinaram subsequentemente com Ahmet Ertegun incluiu devidamente a cláusula para o

Led criar a Swan Song.

Os Beatles e os Rolling Stones haviam estabelecido o precedente para *superstars* terem seus próprios selos para se exhibir, com graus de fracasso variados. A Apple dos Beatles provou-se um balaio incorrigível, enquanto a Rolling Stones Records viria a ter apenas três atrações: o cantor de reggae Peter Tosh, uma banda cubana chamada Kracker, que só conseguiu fazer um *single*, e os próprios Stones. A Swan Song, insistiam Grant e Page, seria diferente.

Parecia promissora mesmo, pelo menos no início. Três atrações ganharam contratos de cara, todas empresariadas por Grant. Eram a Bad Company,

formada das cinzas da Free pelo vocalista Paul Rodgers e o baterista Simon Kirke; uma cantora escocesa chamada Maggie Bell; e a Pretty Things, banda de Londres que vinha tentando a sorte desde o início dos anos 1960. Em questão de meses, o álbum de estreia da Bad Company chegou ao topo das paradas nos EUA.

A Swan Song abriu escritórios com toda extravagância em Manhattan, e Grant instalou Danny Goldberg de gerente. No início de maio, Grant e a banda foram para os EUA participar de duas festas de lançamento do selo, uma em Nova York e outra em L.A. Na noite após a festa de L.A., em 11 de maio, foram assistir a Elvis Presley no Forum.

Led e Elvis agora tinham o mesmo agente nos EUA: Jerry Weintraub. Ele armou um encontro entre a clientela, que aconteceu depois do show do Forum na suíte de cobertura de Elvis.

“Era Robert que tinha cantado junto com todos os discos dele, mas foi Bonham quem mais se conectou com Elvis”, diz Cole. “Eles conversaram sobre carros. E Peter sentou em cima do pai de Elvis sem querer. Não viu que o pai estava numa poltrona e desabou em cima dele.”

“Elvis foi muito querido, muito afável. Foi como conhecer Deus. Quando ele se levantou, todo mundo no quarto se levantou. Ele nos levou até o elevador, e Robert começou a cantar com ele: ‘*Treat*

me like a fool, treat me mean and cruel'. Quando se tinha 14 anos e ouvia Elvis, a última coisa que passava pela cabeça é que um dia você iria no quarto de hotel dele e que vocês iriam beber juntos.”

Era o escritório da Swan Song em Londres que melhor sugeria o que estava por vir. Situado na King's Road, em frente a um *pub*, era decorado com móveis de segunda mão e tinha aparência tão suja quanto o prédio que o abrigava. Abe Hoch, que havia trabalhado tanto na Atlantic quanto na Motown, foi importado da América para cuidar do local. Fácil falar, difícil fazer, dada a desordem e o caos que logo tomaram conta do espaço.

Page já havia tirado o corpo fora. O guitarrista comprara uma nova casa em Londres – um castelinho gótico chamado Tower House, construído em 1870 em Holland Park. Foi lá que se trancou para embarcar num malfadado projeto próprio, a trilha sonora para o novo projeto experimental do cineasta norte-americano Kenneth Anger, *Lucifer Rising*. Page trabalhava esporadicamente. Circulavam rumores entre o Led de que ele começara a usar heroína, embora Page nunca tenha comentado a história em público e os rumores nunca tenham ganhado base real.

“Acho que a ideia de ter uma gravadora sempre agradou Robert”, diz

LeFevre. “Porque ele é meio que historiador de música – o conhecimento dele é absolutamente incrível. E poderia ter sido fantástico. Abe Hoch era um cara superinteligente e entendia do negócio. Mas a King’s Road, 484, não era um lugar bom para negócios. Eu ficava lá o tempo todo, e sempre tinha alguém que dizia: ‘Ah, vamos dar uma chegadinha ali no *pub*’.”

“Minha impressão foi que a banda toda gostou da ideia, mas, na hora do vamos ver, ninguém quis meter a mão na massa. Tentaram botar gente para orquestrar a gerência, mas não deram autoridade nenhuma, aí nunca se tomava decisões. Além disso, eu suspeito que foi neste período que algumas pessoas

começaram a fazer experiências com certas substâncias. Por isso nunca houve uma coerência, uma vontade unida de fazer funcionar.”

Era outubro quando a banda conseguiu lançar oficialmente a Swan Song em casa. Como era apropriado, a festa aconteceu no Halloween, numa série de túneis subterrâneos chamados Chislehurst Caves, a sudeste de Londres. Tudo que acontecera com o Led Zeppelin no último ano – e tudo que ainda estava por vir – pareceu resumido naquela noite.

“Foi uma piração”, recorda o DJ Bob Harris, convidado da festa. “Lembro que George Melly, cantor de jazz, fez um set, e tinha fileiras de túmulos na frente do

palco. Assim que ele começou o show, os túmulos se abriram e saíram meninas nuas, cobertas de geleia e se remexendo com a música. Era de se olhar e pensar: ‘O que é mesmo que diziam de Sodoma e Gomorra?’. Foi absurdo. Absurdo – e muito, muito louco.”

10

COLISÃO

*Eu estava lá deitado, com dor,
tentando expulsar as baratas da cama.*

Nem a fundação da Swan Song,

tampouco a produção caótica do filme distraíram o Led Zeppelin da função de fazer o disco seguinte. Na primavera de 1974, eles partiram pela terceira vez para Headley Grange. Page fez seu quarto na casa gelada, mas os outros preferiram se retirar para um hotel fazenda chique ali perto. Não por acaso o estúdio móvel estacionado no jardim desta vez pertencia a Ronnie Lane, do The Faces – alternativa mais barata ao estúdio dos Rolling Stones que a banda usara anteriormente.

Durante a explosão criativa dos últimos quatro anos, eles haviam armazenado músicas suficientes para dois discos. Então resolveram usar todas. Era inevitável, dado que a banda

estava tomada pela noção de sua própria importância. Na época, o álbum duplo era visto como declaração artística suprema, o que já acontecera com o *White Album* dos Beatles, com *Exile on Main St.* dos Rolling Stones, com *Blonde on Blonde* de Bob Dylan e, no ano anterior, com *Quadrophenia* do The Who. Claro que o Led também teria de entrar nesse panteão.

Eles trabalharam com pressa, gravando a maioria das músicas em um ou dois *takes*. No total, foram quinze faixas, oito delas recuperadas da primavera de 1970, e as outras compostas nos últimos meses. O engenheiro de som Benji LeFevre estava presente em todas as sessões. “Houve

momentos de genialidade musical”, diz ele. “Enquanto grupo eles eram... Nossa! Com certeza havia um elo sensacional quando comecei a trabalhar com eles.”

“Mas também tinha momentos em que tudo engasgava e parava. Pegávamos animais de fazenda, levávamos até o primeiro andar e soltávamos fogos. Loucura total. Parou tudo por várias semanas quando um dos *roadies*, Peppy, pegou o carro novo de Bonzo – uma BMW 3.0 CSL – e bateu num muro. Bonzo ficou tão possesso que queria matar Peppy, que passou 36 horas escondido dentro de um guarda-roupa.”

“Eram uns garotões fazendo farra. A banda tinha essa crença de que era intocável – como todo mundo tem. Tinha

tudo a ver com a testosterona, e pode crer que Robert tinha mais do que qualquer um que eu já tenha visto.”

Ainda assim, no limite, o desgaste continuava. Uma manhã, Bonham chegou a Headley Grange com um saco de 1.500 pílulas do sedativo Mandrax e quis esconder do resto da banda colando uma por uma à parte interna de seus tambores. Um integrante da equipe percebeu a falha no plano, explicando a Bonham que seus tambores eram de acrílico.

“Como a maioria dos bateristas, Bonzo tendia a exagerar mais do que qualquer um”, diz LeFevre. “Às vezes, ele era especialmente cruel com Mick Hinton – o *roadie* dele. Bonzo

esmurrava a cara dele sem motivo nenhum.”

“Robert e Bonzo eram tão colados que não se passava uma folha de papel higiênico entre os dois. Mas Robert não tinha medo de sair para o mundo e ser ele mesmo. Ele pagava uma bebida para umas poucas pessoas no *pub*. Já Bonzo entrava num *pub* e anunciava que pagaria *drinks* para todo mundo a tarde inteira. Por quê? Provavelmente insegurança.”

“Assim como em qualquer grupo de amigos, a dinâmica entre eles era fluxo e contrafluxo. As relações mudavam de acordo com as circunstâncias, e teve algumas bem pesadas. E também, imagino eu, com a quantidade de

substâncias que se consumia. Porque aí a paranoia começa a crescer.”

Até o momento, contudo, nenhuma das forças externas prejudicava a música. O álbum finalizado, *Physical Graffiti*, foi o segundo – e último – clássico incontestável que o Led viria a fazer. Suas quinze faixas somavam mais de oitenta minutos e se estendiam pelos quatro lados dos vinis, mas nada disso era desperdício. Pelo contrário, permitiu ao Led pirar com sua coletânea mais complexa e variada de músicas, mergulhando em rocks ribombantes como “Custard Pie” e “Night Flight” e em épicos progressivos como “Ten Years Gone” e “In The Light”, sendo o rumor espiralado da última roubado das

ruas tórridas de Marrakech. Badulaques como “Bron-Yr-Aur” ou reflexivas como “Down by the Seaside” ficavam ao lado do *crunch* primitivo de “The Wanton Song”.

O som era gigantesco, como devia ser. Conduzindo a orquestra em meio a tremores e terremotos, Page atingiu seu apogeu como produtor. Ele mixou as músicas num grande caldo de ritmos, baseando-as nas reverberações de Bonham – a bateria mais uma vez gravada no amplo *hall* de entrada da Grange – e botou múltiplas camadas de guitarra sobre elas.

Contudo, havia um fervor maníaco na produção. “Trampled Underfoot” era chamativa e empolgante, com Jones

tendo buscado inspiração em Stevie Wonder para seu teclado borbulhante. “In My Time of Dying” ficou irreconhecível em relação ao blues original do qual foi apropriada, “Jesus, Make Up My Dying Bed”, de 1927, de Blind Willie Johnson. Longa e rígida, a faixa do Led seguia potente por mais de onze minutos, a guitarra *bottleneck* de Page ricocheteando no preenchimento tumultuoso de Bonham.

E havia a música que talvez seja a maior realização da banda, “Kashmir”. O *riff* majestoso e circular de Page reproduzia uma noite no deserto, no ritmo condutor de Jones e Bonham, e sobre todos os mistérios e maravilhas do feitiço de Plant. É irrelevante que a

Caxemira seja, na verdade, uma região montanhosa e úmida e que nem Plant, nem Page nunca tivessem estado lá – era a música que melhor capturava o espírito de suas viagens.

Em “Sick Again”, Plant voltava-se com olhos cansados para a cena de mau gosto que vira pela última vez na Sunset Strip, talvez em referência a Lori Maddox, a consorte adolescente de Page, na frase “*One day soon you’re gonna reach sixteen*” [“Daqui a uns dias você completa dezesseis”]. “*Black Country Woman*” deu origem a investigações mais duradouras, pois Plant, seguindo a tradição do blues, suplicou à sua mulher para não tratá-lo mal, antes de concluir: “*That’s alright, I*

know your sisters, too” [“Tudo bem, eu conheço suas irmãs também”]. Aqui havia mais terreno fértil para o cultivo das especulações sobre a natureza da relação entre Plant e a irmã mais nova da esposa, embora, se isto estivesse na raiz da música, indicaria que Maureen Plant nunca ouvia os discos do marido.

Physical Graffiti foi lançado em 24 de fevereiro de 1975 numa capa com recortes que retratava um prédio de apartamentos de tijolos de Nova York, em cujas janelas se via Elizabeth Taylor, Lee Harvey Oswald e a própria banda vestida de mulher. Houve outros discos grandes e ambiciosos naquele ano, entre eles *Blood on the Tracks* de Bob Dylan, *Born to Run* de Bruce Springsteen e

Fleetwood Mac. Mas o do Led, como a própria capa aparentava insistir, era o maior e mais imponente. E assim se provou, despachando mais de um milhão de cópias e tornando-se o disco de venda mais rápida na história. De momento, pelo menos, eles eram imbatíveis.

Quando *Physical Graffiti* saiu, o Led estava em turnê pelos EUA. Esse também seria um empreendimento de pura vaidade, somando 35 shows. Começou com três shows consecutivos no Chicago Stadium, e incluiu o mesmo número de noites mais uma vez tanto no Madison Square Garden de Nova York quanto no Forum em Los Angeles. A

banda e sua comitiva mais próxima voltaram a lotar a Espaçonave, usando como base duas ou três cidades ao longo das semanas, voando a cada compromisso e, depois, voltando.

A produção foi ainda maior do que na última passagem pelos EUA, quase dois anos antes – mais pesada, mais espalhafatosa e com mais de tudo. No palco, Page frequentemente resplandecia num traje de veludo negro, com uma dupla de dragões flamejantes serpenteando pelas laterais. Bonham se vestia como um *droog* de *Laranja mecânica* – macacão branco e chapéu coco –, assim como seu desafortunado Sancho Pança, Mick Hinton.

Quando estava a toda potência, como

foi o caso nas melhores noites, o Led parecia imenso, invencível, maior que a vida e ao mesmo tempo separado dela. Os *sets*, mais longos do que nunca, jamais cediam ao peso de tantas músicas descomuns: “In My Time of Dying” e “No Quarter”, “Kashmir” e “Stairway to Heaven”.

Dennis Sheehan, hoje administrador das turnês do U2 e, na época, funcionário de Grant, juntou-se à turma pela primeira vez nessa turnê. “Muito do que se escreveu sobre o Led fala de como eles eram furiosos, e como o sexo e as drogas predominavam – tudo menos a música, que parecia sempre em segundo lugar. Não tem como ser bom que nem eles e deixar todo o resto

predominar sobre a música”, insiste ele. “Sim, aconteceu muita coisa pesada naquela turnê. Mas, para cada coisa ruim, houve mil momentos legais.”

“Quando você os via no palco e olhava as caras na plateia... era uma experiência incrível. Como banda, eles adoravam tocar. E Robert, principalmente, adorava aquela veneração.”

Diz Michael Des Barres, vocalista da banda Detective, que logo viria a assinar com a Swan Song: “A mitologia que cresceu em torno do Led criou-se de uma necessidade universal e quase espiritual de garotos que não tinham uma banda com que se identificar, fora a decadência dos Stones ou a fofice dos

Beatles – ou as versões diluídas dessas bandas, que eram todo o resto. Aí de repente você tinha o Valhalla no estacionamento dos estádios, e as pessoas vinham aos montes.”

“Tinha algo de mágico naquela coisa. Os críticos não entendiam a potência da banda. Estando por lá, entendia-se. Eles foram a maior banda de rock’n’roll ao vivo que eu já vi – e eu vi todas.”

Apesar de tudo, as influências que levariam o Led à ruína começaram a ficar mais destacadas e corrosivas. O coordenador de turnês, Richard Cole, afirmou que aquela foi a primeira turnê em que a heroína circulou livre, mas apenas alguns usavam. Um traficante de cocaína estava acoplado aos trastes que

andavam grudados neles, o tempo todo vestido de caubói.

Tanto as drogas quanto uma sensação de autoindulgência sem repressão começaram a assombrar os shows. O solo de bateria de Bonham se estendia por quinze, até vinte minutos. “Dazed e Confused”, tomada pelo número de trituração da guitarra de Page, podia durar até o dobro. O jornalista Stephen Davis, enviado para cobrir a turnê, registrou que Plant, várias vezes, voltava ao palco depois desses interlúdios exagerados e anunciava de brincadeira: “O boquete ali no camarim foi dos bons.”.

Na estrada, a alma da banda começou a se dissipar. Grant agora também estava

viciado em cocaína. Foi o que fez subir loucamente os níveis de paranoia em torno do Led e a propensão à violência a se alastrar. Bonham havia tirado a última das âncoras que o mantinham sob controle. Seu apetite pela destruição chegou a tal nível que o Plaza Hotel de Nova York exigiu um depósito-caução de US\$ 10 mil antes de permitir que ele ficasse lá.

“A meu ver, foi nesse momento que aquela cervejada barulhenta e divertida depois do show se transformou numa coisa mais séria”, diz LeFevre. “Tinha aquela porra de jogo deles, atrasar a entrada no palco em toda apresentação. Três horas de atraso no Madison Square Garden. Por que será? Quem sabe a

combinação sutil do coquetel que uns e outros estavam bebendo não tivesse caído bem naquela noite.”

“Claro que a garotada americana adorava se eles vinham com duas, três horas de atraso. A plateia já estava mesmo fora de si. Ao invés de perder o pique, todo mundo ficava mais e mais alto.”

“Richard Cole tinha um olhar desconfiado”, lembra-se Dennis Sheehan. “Era uma grande figura, e estava usando toda e qualquer coisa que se podia usar. Se você olha a conduta das pessoas ao redor da banda, parece que o jeito de resolverem qualquer problema era com uma barra de ferro ou um bastão de beisebol. Esquece essa de

sentar e conversar. Hoje consigo rir disso, mas, na época, com certeza não era divertido.”

Fora do palco, e entre os componentes básicos, o psicodrama mais complexo dos vários que se desenrolavam era entre Plant e Page. Tendo iniciado como aprendiz, à disposição para ser moldado por Page, Plant desde então assumira o papel duplo de parceiro criativo e para-raios da banda. Era para ele que todas as meninas olhavam cobiçosas.

Page havia ajudado e convencido Plant a chegar lá, sem dúvida, mas, enquanto o vocalista continuava a curtir os holofotes, o guitarrista estava retraindo-se para as sombras. E para o domínio do que quer que ele estivesse

acostumado a usar para ajudá-lo naquelas noites longas e escuras. Picuinhas supuravam e importunavam, e depois feridas maiores se abriram.

“Tinha muita rivalidade silenciosa entre nós”, Plant disse a David Fricke, da *Rolling Stone*. “Jimmy tinha uma abordagem bem democrática da coisa toda. Ele me incentivava muito. De repente, estávamos no mesmo nível, e aí ele não gostou muito.”

“Às vezes, eu podia sentir. Se os ombros ficavam próximos, dava para sentir ele recuando. Principalmente quando a gente estava sentado junto no bar, passava uma mulher e os dois curtiam. Aí era: ‘Ih, lá vai’.”

“Jim é dividido por dentro”, afirma

LeFevre. “Ele pode ser um doce. Mas assim que você diz ‘L’, ele vira o Jimmy Page do Led Zeppelin, e isso é o mimo dele. Ele sempre pensou assim e sempre fez assim. E, tão logo vira o outro Jimmy Page, ele é cruel pra cacete.”

Mas o brilho do sucesso extraordinário do Led havia exposto cada integrante da banda. Por sete anos, o negócio tinha sido generoso e se tornado mais severo, moldando-os e transformando-os e, no ponto mais agudo, também prejudicando-os.

“Sendo acólito do Led, dava pra ver as falhas”, sugere Michael Des Barres. “O que havia de humano e vulnerável ilustrava bem o que estava acontecendo. Eram quatro indivíduos, cada um com

um jeito diferente de lidar com as coisas. Jimmy se escondia, Bonzo se anestesiava, e John Paul Jones estava cagando e andando.”

“‘Metido’ definitivamente é a palavra que se poderia usar pra descrever Robert. O negócio é que ele sabia o que se passava. Aquela pose toda, penso eu, era o que ele achava mais divertido. Acho que ele nunca entrou num recinto sem saber por um instante que todo mundo iria se virar e olhar pra ele. Muita gente não quer aceitar isso, mas ele aceitava. Fiz um filme com Mick Jagger há uns anos, e ele desprezava esse tipo de coisa; ele ia de A a B o mais rápido possível. Robert, por outro lado, se exibiu para as fantasias de

muitas meninas.”

“Jimmy é um cara muito complexo. É muito erudito, leu bastante e tem curiosidade. Mas você sabe: cocaína é uma droga espetacular e traiçoeira.”

A banda montou acampamento em Los Angeles ao longo de março. Abriu-se uma fenda visível entre eles: Plant e Jones fugiram da Sunset Strip e alugaram casas na praia; Page e Bonham continuaram entocados nos andares mais altos da Riot House.

Como sempre acontecia, era em L.A. que o coração negro da banda batia mais forte. A atriz pornô Linda Lovelace, estrela de *Garganta profunda*, apresentou-os no palco para o último show do Forum, em 27 de março. O

cenário na Riot House era de bacanal. Os elevadores fervilhavam de adolescentes vorazes e desesperadas, correndo de andar em andar na esperança de avistar um integrante da banda. Nos andares ocupados por Page e Bonham, seguranças ficavam posicionados nas portas de elevador – estavam lá para “dar um jeito” nas indesejáveis.

Já que mal saíam durante o dia, Page e Bonham encontraram outras maneiras de se divertir. Page alugou uma Harley-Davidson e ia e voltava com ela pelos corredores do sexto andar. Bonham fez uma festa em seu quarto, no nono andar, com tanto barulho que se ouvia do térreo.

“Quando a banda chegava na cidade, acho que Richard Cole ia na hora conversar com as autoridades locais, só para ter certeza de que podiam fazer farra sem se preocupar”, diz o DJ Bob Harris, hóspede do hotel na mesma época. “Eles tinham poder de sobra.”

“O *lobby* do hotel estava tão lotado às 2 da manhã que não dava para chegar até os elevadores. Tinha algo de assustador no entorno periférico da banda. Se alguém tentasse chegar perto deles, era comum ver a pessoa ser barrada. A segurança era da pesada. Richard Cole realmente não estava pra brincadeira.”

“Passei uma noite no quarto do Jimmy, e Robert estava lá. Lembro que à uma da manhã Robert recebeu uma ligação do

David Bowie, que estava em outra parte da cidade. David teve algum problema e chamou Robert pra ajudar. Robert soltou o telefone e o tom da coisa mudou por completo. Ele disse: ‘Tenho que sair pra fazer um negócio.’ Deixei ele ir, mas vai saber o que o David teve.”

“Foi naquela época que tive a sensação, principalmente em relação a Jimmy, de que havia um lance de magia negra começando a entrar na história. Não sei se é carma, esse negócio de que tudo que você faz tem volta. Quando o Led começou a pender para o lado negro, começaram a acontecer umas coisas preocupantes com eles. Sei lá – como se explica tudo isso?”

Plant teve pouco tempo para recuperar-se em casa. No ano anterior, o governo do Partido Trabalhista havia aumentado a faixa máxima do imposto de renda para os mais ricos do Reino Unido até proibitivos 83 por cento. Para se livrar da mordida do fisco, Grant fez planos de a banda passar um ano fora do país em exílio fiscal. O exílio começaria depois dos cinco últimos shows da turnê, todos eles em maio, no Earl's Court de Londres, com capacidade para 17 mil pessoas.

O *Financial Times*, o mais venerável dos jornais de negócios britânicos, informou que os rendimentos do Led, em 1975, chegariam aos US\$ 40 milhões. Plant levou a matéria com orgulho a seu

pai.

“O pai de Robert odiava a vida que ele tinha escolhido”, diz John Ogden, jornalista do *Express & Star* nas Midlands. “A verdade é que ele leu aquela matéria do *Financial Times* e só então disse: ‘Talvez no fim das contas você tivesse razão’.”

Ogden reencontrou Plant nesta época. Ele vinha trabalhando com uma banda de rock local chamada Little Acre, pela qual Plant começou a se interessar. Plant recomendou a banda a alguns contatos de sua gravadora, mas não teve sucesso. Mais tarde, contratou o guitarrista da banda, John Bryant, como capataz de sua fazenda. Bryant era casado com Shirley Wilson, a irmã mais nova da esposa de

Plant, Maureen, e o casal se mudou para as terras da Jennings Farm.

Em Earl's Court, o Led chegou ao ápice. Usando toda a produção dos EUA, o palco ladeado por duas telas de vídeo gigantescas que os ampliavam ainda mais, eles ganharam algo de nobre – sendo que Plant era o príncipe, nunca antes tão cheio de si. Na última noite, um domingo, eles tocaram quatro horas, concluindo logo após a meia-noite com uma tórrida “Communication Breakdown”. Seria a última vez que os quatro estariam de bem com a vida.

Depois do show, Plant marcou presença nos bastidores, empoleirado e resplandecente na capota de sua *limousine*. Dave Lewis, hoje editor do

fanzine do *Led Tight But Loose*, se encontrou com o vocalista pela primeira vez naquela noite. “Para um fã, era literalmente como ficar cara a cara com Deus”, ele diz. “Ele estava com Maureen e com todas as joias que tinha. Lembro de perguntar onde ele havia comprado um dos anéis e de ele me dizer que encontrou numa ruela de Bombaim.”

“Depois fizeram uma festa que varou a noite. Jeff Beck e Chris Squire, do Yes, estavam lá, e Dr. Feelgood tocou ao vivo. Alguns de nós esperamos do lado de fora. Quando Robert saiu, ele cantou a primeira frase de ‘Kashmir’ para nós. Jimmy também foi gente fina, mas estava em outra galáxia.”

Dois dias depois, Plant, Maureen e os dois filhos partiram da Inglaterra em direção ao Marrocos. Passaram alguns dias em Agadir, na costa sudoeste do país, e de lá foram encontrar Page, Charlotte Martin e a filha Scarlet em Marrakech. De carros alugados, as duas famílias saíram pelo país e entraram no Saara Ocidental, à época no centro da tensão crescente entre forças marroquinas e os autônomos sarauí.

“Eu vinha pesquisando, de passatempo, a possibilidade de gravar grupos étnicos de diferentes tribos do Marrocos”, Plant disse a Chris Charlesworth, da *Creem*. “Numa cidade almoçamos com um chefe de polícia local e recebemos a bênção dele para

seguir adiante. Mostramos um mapa velho do lugar aonde queríamos ir. Ele chamou um de seus amigos, um guia turístico. O guia disse pro Jimmy e pra mim que ele percorrera aquela estrada uma vez na vida, mas não iria de novo porque era casado.”

“Ainda assim nós fomos. Numa terra de gente legal e honesta, que achava um Range Rover com música de Bob Marley uma coisa muito estranha.”

Eles se separaram para ir a Montreux, na Suíça, para um encontro da banda com Grant, e ficaram para o festival de jazz da cidade. Cole havia alugado casas para eles na cidade. No fim de julho, viajaram de novo, dessa vez para a ilha grega de Rhodes, onde Shirley, irmã de

Maureen, e o marido se juntaram a eles.

Em 3 de agosto, Page partiu para a Sicília com a intenção de comprar a antiga casa de Aleister Crowley na ilha – a Abadia de Thelema. No dia seguinte, os outros saíram de carro por Rodes. Maureen dirigia um sedã Austin Mini alugado, com Plant ao lado dela no banco de passageiro, Carmen, Karac e Scarlet Page atrás. John Bryant, Shirley Wilson e Charlotte Martin estavam no carro de trás.

Em certo momento, Maureen perdeu o controle do veículo, saiu da estrada e bateu numa árvore. Ela fraturou o crânio, a pélvis e a perna. Plant teve fraturas na perna e no tornozelo direitos, assim como no pulso. Karac quebrou uma

perna. Carmen teve uma fratura no pulso, e Scarlet Page só sofreu escoriações. Os outros pediram socorro para um caminhão que carregava frutas. O motorista colocou Maureen, Plant e as crianças feridas na caçamba de seu veículo e levou-os para o hospital.

Ao falar sobre o acidente a Chris Charlesworth no ano seguinte, Plant disse: “A lembrança é muito viva, mas é leite derramado e não há por que chorar. Tive a reação normal e instantânea de qualquer um, que foi para a minha família, que estava no carro comigo.”

“[No hospital de Rodes,] tive de dividir o quarto com um soldado bêbado que tinha caído e batido a cabeça. Quando ele começou a se recuperar,

começou a me ver com foco, a dizer meu nome. Eu estava lá deitado, com dor, tentando expulsar as baratas da cama, e ele começou a cantar ‘The Ocean’.”

“Não lembro se eu estava no escritório ou no *pub* quando uma das secretárias me achou”, diz Cole. “Ela me disse que Charlotte queria falar comigo e que tinha acontecido um acidente em Rodes. A informação era de que Maureen morreria se alguém não fosse lá. Por ser anglo-indiana, ela não tinha um tipo sanguíneo comum. O que salvou a vida dela foi que, por sorte, a irmã estava junto.”

“Um dos nossos *roadies*, Clive Coulson, conhecia um médico da Harley Street, John Baretta, que era fluente em

grego. Liguei para ele, expliquei a situação, e ele disse que tínhamos que levar um cirurgião ortopédico junto.”

John Baretta recomendou Mike Lawrence, cirurgião ortopédico de renome. Baretta também era médico particular do magnata da construção sir Robert McAlpine, e foi com ele que conseguiu um jato particular com equipamentos médicos.

“Voamos para Rodes”, prossegue Cole. “Foi complicado, porque só dá para aterrisar e decolar de dia. Fomos ao hospital, e nossos médicos viram todas as radiografias. Foram muito elogiosos com os médicos gregos, mas assim que eles saíram do quarto me disseram que os ossos não estavam

fechando direito. A pélvis de Maureen estava deslocada, de modo que, se ela ficasse grávida, não teria como a cabeça do bebê passar.”

“Eles me disseram que tínhamos de tirar todo mundo de lá. Na prática, a gente os contrabandeou do hospital. Tínhamos que achar um jeito de levá-los até o aeroporto e decolar na mesma hora.”

“Havia ambulâncias esperando por eles na pista do aeroporto de Luton. Todos foram levados para um hospital de Londres. Cuidaram das fraturas das crianças e fizeram o que podiam por Robert. Maureen ficou mal por um bom tempo.”

Maureen passou várias semanas no

hospital. Logo após a colisão, seu coração parou de bater por um breve e terrível instante.

Com a perna direita engessada, Plant de início ficou preso a uma cadeira de rodas. Disseram-lhe que levaria meses para ele conseguir caminhar sem a ajuda de uma bengala. Até hoje ele não consegue estender totalmente o braço ferido.

Dias após ser levado para Londres, Plant partiu de novo para dar continuidade ao exílio fiscal. O padrinho do corretor de seguros de Cole era um empresário rico chamado Dick Christian, que morava em Jersey, ilha no Canal Inglês. Christian ofereceu a Plant o uso de sua casa de hóspedes na ilha.

Para o voo até Jersey, a tripulação da British Airways removeu uma fileira de assentos na cabine da primeira classe , de modo que Plant pudesse estender a perna.

“Ajeitei Robert em Jersey e aí vieram os outros”, diz Cole. “Depois, foram todos para Los Angeles. Na época, John Bonham não fez exílio fiscal. Ele não foi porque a esposa ia dar à luz. Ele disse que não se importava com dinheiro – mas depois ficou preocupado. Aquele ano foi terrível.”

“Vi Robert poucos dias depois de o trazerem de Rodes”, lembra Benji LeFevre. “A pergunta era: ‘Robert vai ficar com Maureen e eles vão se recuperar juntos, ou vão convencê-lo a

seguir com o plano?’ Ele decidiu seguir com o plano. Ele me disse: ‘Você vai ter de vir comigo, meu’.”

“Em questão de uma semana, ele estava em Jersey. Por quê? Não sei mesmo. É uma pergunta muito interessante. Maureen tinha morrido por um segundo. Era o total oposto do Robert que era um adorável homem de família, estável e cavalheiro.”

“É provável que, quando se tem um trauma assim, não se pense com muita clareza. Talvez por conta da questão dos impostos na época eles tivessem de fazer aquilo juntos. Só sei que passei os nove meses seguintes empurrando-o naquela cadeira de rodas.”

11

***DARKNESS,
DARKNESS***

Robert estava sentado na cama com a cabeça entre as mãos.

A extensão das lesões de Plant obrigou o Led a cancelar uma turnê de dois meses na América do Norte planejada para o verão de 1975 e, depois, uma série de shows na Europa e no Extremo Oriente. Não que a banda tivesse intenção de permanecer inativa. Ao fim de setembro, os quatro mais Grant foram para Los Angeles, onde deveria ter início o trabalho em um novo álbum.

Cada um alugou uma grande casa de praia na requintada Malibu Beach, a uma hora de carro da cidade. Como ainda não podia caminhar, Plant levou Benji LeFevre consigo de babá. Parte de sua recuperação, segundo instruções dos médicos, era fazer sessões diárias de fisioterapia. Mas logo ele entrou de

cabeça na rotina usual do Led na estrada.

“Acho que ele não tinha noção de que as lesões podiam ser permanentes, que algumas partes do corpo dele poderiam não se recuperar direito”, diz LeFevre. “Nós íamos a Hollywood para ele fazer fisioterapia, e também me passaram exercícios para eu fazer com ele em casa. Teve vários momentos em que eu falei: ‘Acho que a gente deveria parar de usar tanta droga – isso não está ajudando você. Por que a gente não cheira uma carreira bem foda depois dos exercícios, ao invés de antes?’.”

“Caralho, era que nem ser mulher dele. A gente dava risada, mas pode crer que era difícil. O certo é que a gente se

conheceu melhor. Ele não podia fazer nada. Eu tinha de empurrar, carregar, erguê-lo. Eu tinha de colocá-lo na banheira e lavar o bilauzinho.”

Era uma existência impermanente, apartada, a mesma de estar em turnê, mas sem a âncora de um show por noite. Assim como acontecia quando ele deixava a casa para viajar com a banda, ficar neste estado absorto permitia a Plant dividir sua vida em dois compartimentos. Num ele era *rockstar*, no outro homem de família, e não havia intersecção. Mesmo logo após o acidente.

“Sim, acho que era isso mesmo. E quanto mais você faz, mais natural fica”, diz LeFevre. “Em outras palavras: ‘Sim,

vou ligar todo dia, querida, eu te amo.’
Aí, assim que cruza a porta, é :‘Ueba!’.
Ele mal falava da Maureen. Era
estranho.”

O simples fato de estarem em Los Angeles colaborava para o ar de libertinagem, e eles continuaram atraindo todo tipo de louco e desvairado na cidade. Kim Fowler, figurinha fácil de Hollywood, lembra de estar a caminho de uma festa na casa de Plant em Malibu naquele verão longo e quente.

“Naquela época, eu vivia com um monte de lésbicas e ninfomaníacas”, ele me disse. “A menina com quem eu morava, Denise, eu e ela tínhamos trepado com uma loirinha vadia, a

Linda. As duas estão no carro comigo, mais uma outra maluca chamada Robyn.”

“Chegamos à casa do Robert, uma mansão enorme de frente pra praia, e ele está lá com umas cinquenta, sessenta mulheres. Sabe aquela foto do Jimi Hendrix com um monte de mulher pelada? Imagine aquilo numa sala de estar. Robert estava lá, sentado, tomando um conhaque Napoleon. Ele que era o objeto sexual – não as meninas. Elas só estavam esperando ser escolhidas.”

“Entrei e anunciei: ‘Hoje, para o prazer de todos os presentes, faremos um *ménage à trois*. As minhas piranhas aqui vão se comer e depois vamos partir para o *fist-fucking*’. Todas as meninas aplaudiram, e as garotas fizeram o que

eu falei. Robert me disse: ‘Isso eu já vi, vamos ali fora um pouquinho’. Ele me disse que tinha separado US\$ 25 mil para comprar um disco bem raro e perguntou se eu conhecia alguém que tivesse. Aí perguntou: ‘Você está apaixonado pela loirinha? Não? Jura? Ok...’.”

“No geral, ele era um ser humano excelente. Em certo sentido, ele é mais inteligente que Jimmy Page, que nunca bota todas as cartas na mesa. Robert mostra a inteligência junto com o penteado, com o sorriso, com a petulância. Que nem Errol Flynn, Douglas Fairbanks, todos aqueles espadachins.”

“Uma noite, Robert e eu voltamos para

casa e as luzes estavam acesas”, lembra LeFevre. “Entrei pra conferir e tinha duas gatinhas à la Charlie Manson sentadas lá – cabeça raspada, cartas de tarô no chão. Naquela hora eu pensei: ‘Entendi’. Por isso que existia tanta apreensão com as pessoas que andavam em volta da banda.”

Com esse pano de fundo, o novo disco andava devagar quase parando. Não havia mais de onde tirar material, já que a banda esvaziara a reserva em *Physical Graffiti*. Pela primeira vez em anos, Plant e Page tiveram de escrever uma coleção inteira de músicas novas juntos. O problema era que, mesmo morando muito perto, os dois mal se viam.

Page sumira na sua mansão alugada,

de cortinas sempre fechadas para obstruir qualquer vestígio de luz, vedando-o do mundo.

“De vez em quando, a gente ia à casa do Jimmy, mas, que eu saiba, não rolou trabalho nenhum por lá”, diz LeFevre. “O plano mestre tinha sido interrompido pelo acidente, mas não podia ser adiado. Aquilo não estava programado. Só que as coisas na banda andavam diferentes.”

“Olha, meu, se acontece alguma coisa com você, seja mental ou fisicamente, isso sempre vai bater nos relacionamentos que você tem com os outros. Não há dúvida de que Robert havia perdido aquela sensação de invulnerabilidade. O sujeito A, Robert, reagia assim: tirava a cabeça daquilo e

tentava botar o corpo para funcionar de novo. O sujeito B, Jimmy, ficou afetado de outro jeito... e talvez tenha encontrado consolo em outras coisinhas.”

Nas raras ocasiões em que Page se aventurava a sair, era para passar a noite em Hollywood. Foi assistir à banda de Michael Des Barres, a Detective, e contratou-os quase na mesma hora para a Swan Song, embora no mais estivesse desligado dos negócios do selo que fundara.

“Foi um pé no saco”, admite Des Barres. “Jimmy ia nos produzir e tivemos de ficar um ano esperando por ele em L.A. Me dá um milhão de dólares e me bota em Los Angeles tanto tempo

assim – uma grande encrenca, óbvio. Fiquei viciado em tudo que é coisa.”

“Nenhum dos caras do Led mexia com a Swan Song. Estavam muito ocupados tocando a própria vida. Na época, eles estavam sofrendo uma pressão absurda – era droga o tempo todo e aquela questão de aonde se vai depois do topo. Era uma posição complicada para eles. Eu não guardo rancor.”

Bonham também ficou à deriva na Sunset Strip. Uma noite teve uma briga com a assistente de Kim Fowley, Michelle Meyer, no Rainbow Bar & Grill, quando Bonham encrencou com o jeito que Meyer sorria para ele. Depois houve relatos de que ele dera um soco que deixou Meyer no chão, embora

Fowley afirma que o rebuliço tenha sido mais para luta livre. “E pode crer”, ele emenda, “Michelle sabia se virar, ainda mais com um cara mamado daquele jeito”.

De alguma forma, sete novas músicas surgiram e, com exceção de uma, todas foram creditadas apenas a Page e Plant. A banda se reencontrou no SIR Studios em Hollywood para lhes dar forma. Bonham e Jones deram sua contribuição à faixa mais curta, “Royal Orleans”, que acabou soando como um *jam* de estúdio que não havia encontrado o ponto de coesão. E esse foi o tom de todo o disco.

No fim de outubro, eles trocaram a Costa Oeste pelo frio amargo e corrosivo da Alemanha. Haviam

agendado os Musicland Studios de Munique, mas só durante dezoito dias, o tempo que conseguiram encaixar antes de os Rolling Stones assumirem o complexo para fazer o álbum *Black and Blue*. Ao chegar na cidade, Plant ficou frustrado com o hotel que Cole havia reservado, afirmando que os quartos eram pequenos. Prontamente mudou-se para o Hilton local.

Page não saiu do estúdio e conseguiu inclusive filar mais três dias de Mick Jagger. Mesmo assim, ele e o engenheiro Keith Harwood tiveram de virar noites e trabalhar contra o relógio. Os nervos estavam à flor da pele. Como precisava se sentar para cantar, Plant tinha dificuldade para inspirar ar suficiente

para sustentar as notas mais longas e mais agudas. Ele não era o único deficiente. Nenhum deles conseguia fugir da dura verdade de que a banda começava a soar como um arremedo do que já fora.

Anos depois, Page insistiu que *Presence* era seu álbum predileto do Led. Sem dúvida estava convencido disso porque boa parte das músicas eram de sua autoria e entendia o álbum como um triunfo pessoal diante das circunstâncias. Da sua parte, Plant disse à época do lançamento que era um disco moldado pelas circunstâncias, um uivo de dor. Acima de tudo, *Presence* servia para medir o quanto se perdera do Led nos

dois anos precedentes.

Não era obra de uma banda operante, pelo menos não do jeito que haviam sido os discos anteriores. O terreno que cobria era plano e invariável. As ideias estavam formadas, mas poucas tiveram sustentação para virar músicas plenas. “Achilles Last Stand”, de dez minutos, “For Your Life” e “Candy Store Rock” – todas elas eram *riffs* furiosos de Page procurando uma música aonde se encaixar. Todas seguiam uma linha reta e estreita, sem fazer as voltas, curvas e desvios inesperados presentes nos grandes momentos do Led.

Em termos sonoros, era de volume alto e cheio de agudos, com arestas duras e uma superfície fria como ponta

de agulha. Page não deixou lacunas na mixagem final, comprimindo tudo a tal ponto que o som ficou intoxicado, nervoso. Em primeiro plano, ele deixou sua própria guitarra, em tom agudo e discordante.

Ao longo disso, surgiam momentos ocasionais de potência e clareza, tais como “Nobody’s Fault but Mine”, mais um contundente épico blues, ou “Hots On for Nowhere”, um *boogie* frenético, o baixo de Jones e a bateria de Bonham dançando um arrasta-pé veloz. O álbum, porém, foi resumido em sua última faixa, outro blues pesado de título “Tea for One”. Nesta, a guitarra de Page tinha uma consistência líquida e havia convicção palpável no vocal de Plant.

Mas era de humor rabugento e se estendia por mais de nove minutos, de uma forma que se torcia para que acabasse logo.

Ao longo do álbum, a voz de Plant, contida e limitada, deixava entrever seu estado físico. Mas suas letras lançavam luz sobre os recônditos mais tenebrosos da banda. Em “Hots On for Nowhere”, ele refletia: *“I’ve got friends who will give me their shoulder, event I should happen to fall/ I’ve got friends who will give me fuck all”* [“Tenho amigos que me darão o ombro, caso eu venha a cair/ Tenho amigos que não vão dar porra nenhuma”]. Enquanto em “For Your Life” ele apontava o dedo acusatório ao cantar *“cocaine-cocaine-cocaine in the*

city of the damned” [“cocaína-cocaína-cocaína na cidade dos condenados”] e passava a esboçar um cenário ermo e sem esperança: “*Down in the pits you go... The next stop’s underground*” [“Lá vai você caindo no poço... O próximo passo é debaixo da terra”]. Não é preciso esforço para imaginar Plant trabalhando nessas palavras na estufa de Malibu, seu destinatário escondido entre as quatro paredes de uma casa ali perto.

A arte da capa se mostrou totalmente apropriada. *Presence* vinha dentro de uma larga moldura cinza, no centro da qual uma família de quatro integrantes era retratada olhando para um misterioso objeto negro, as expressões vidradas e impenetráveis. Assim como o disco lá

dentro, era um negócio curiosamente frio. O álbum foi lançado em 31 de março de 1976 e, de início, vendeu mais rápido que *Physical Graffiti*, mas travou abruptamente.

Um mês depois do lançamento, outra banda de quatro componentes, essa de Nova York e com aparência desleixada, lançou seu *début* homônimo. *Ramones* também soava feito nas coxas, mas movido a anfetamina em vez de cocaína – mais barato, mais ousado e mais nervoso. Como um borrão, nenhuma de suas catorze faixas durava mais do que três minutos. Não havia nada de habilidade e vendeu só uma fração de *Presence*, mas logo daria potência a uma afronta à antiga ordem, aquela que o Led

liderava e epitomava.

Com Plant ainda em recuperação das lesões, a banda teve de voltar ao estado de suspensão, e as coisas continuaram se desdobrando. Page voltou à longa gestação da trilha sonora de *Lucifer Rising*, para a qual conseguira providenciar menos de meia hora de música, ainda assim desarranjada e incoerente. Grant agora também tinha seus problemas. Seu casamento havia acabado, e ele estava enfiando-se cada vez mais na cocaína. Com isso, seu controle dos negócios da banda afrouxou seriamente.

Foi nesse período que Dave Lewis, editor do fanzine do *Led Tight But Loose*, começou a trabalhar no escritório

da Swan Song na King's Road em Londres. “Vi umas coisas sensacionais”, ele lembra. “Para um adolescente novo e sugestionável, era de deixar de olho arregalado. Rolava muita droga pesada. Lembro que, uma tarde, Richard Cole veio correndo pela escada com um machado enfiado na calça. Não sei por que ele tinha um machado, mas contente ele não estava.”

Parecia não haver escapatória da aura sinistra que engolfara a banda. Naquele verão, Plant foi assistir a Bob Marley and the Wailers no estádio de futebol do Cardiff City. Primeiro ele se fez o mais notável possível, aparecendo no gramado à luz vespertina e sendo cercado de gente; depois se retirou para

o camarote.

“Eu estava batendo um papo com Robert quando um cara chamado John Lodge apareceu e se meteu entre nós”, diz Bob Harris, que fazia as vezes de anfitrião. “John era baixista de uma banda chamada Junior’s Eyes. Todo mundo chamava ele de ‘Honk’. Ele tinha dois metros e um nariz enorme.”

“Não sei se Honk estava fora da casinha, mas estava meio que enchendo o saco. Tive que pedir licença porque tinha de ir ao palco. Cinco minutos depois que eu saí, quando estava descendo a escada do palco, ouvi um grito vindo de trás. Era o Honk, com o nariz jorrando sangue. Alguém da segurança do Robert tinha puxado ele de

lado e pedido para que baixasse a bola. Honk não ouviu, então o cara deu uma cabeçada nele.”

“Não sei ao certo se Robert soube que isso aconteceu. Mas era um indicativo de que o melhor era não encencar.”

O ano se encerrou em baixa para toda a banda. Em outubro, nos EUA – no Reino Unido no mês seguinte –, o Led finalmente lançou seu filme *The Song Remains the Same*. Os críticos sorriram tanto o filme quanto o álbum da trilha sonora, sendo que o primeiro sumiu dos cinemas tão rápido quanto o outro deu adeus às paradas.

Estivessem Grant ou Page ainda na ativa, é duvidoso que filme ou álbum vissem a luz do dia. O filme era uma

bagunça, quase grotesco em seus excessos, e o disco, um registro do que o Led fazia de mais indulgente no palco. Ambos davam a entender que a banda perdera seu último resquício de consciência, que os quatro, agora, estavam tão longe da realidade quanto um do outro. Na tela e no disco, quando Page empunhava seu arco de violino durante uma tortuosa “Dazed and Confused”, parecia que ele tocava enquanto tudo à sua volta pegava fogo.

No Reino Unido, 1977 foi o berço de dois acontecimentos: a celebração do jubileu de prata da rainha Elizabeth e a explosão do *punk rock*, um ascendendo como se em competição direta com a

pompa e cerimônia do outro. Os Sex Pistols e o The Clash abriram as comportas do punk britânico, criando a deixa para pilhas de bandas raivosas e mordazes. A narrativa mais famosa a partir desse ponto diz que o punk nivelou o panorama cultural de um golpe só, sendo que as feras operárias do rock setentista foram deixadas de lado e a música se democratizou a tal ponto que solos virtuosos de guitarra e as extravagâncias do rock de arena instantaneamente viraram coisa do passado.

Nesse contexto, a prisão de Keith Richards por posse de heroína em Toronto, naquele fevereiro, e a morte de Elvis seis meses depois podem ser

vistos como os últimos chutes no cachorro morto. É uma descrição dramática – mas também fictícia. Pois, por maior que tenha sido o impacto do punk, e por mais que sua influência tenha perdurado, aquele não foi o Ano Zero. Mesmo então, no epicentro da tempestade, os discos que mais animavam a massa do público tinham um toque familiar e bombástico: *Animals*, do Pink Floyd, *Rumours*, do Fleetwood Mac, *News of the World*, do Queen, e *Out of the Blue*, da ELO.

O maior fenômeno cultural dos dois lados do Atlântico naquele ano não foi *Never Mind the Bollocks*, mas *Embalos de sábado à noite*, no qual John Travolta de terno branco dançava noites adentro

como Tony Manero à trilha eufórica do disco dos Bee Gees. É verdade que os Sex Pistols geraram controvérsia com o *single* “God Save the Queen”, mas esse desafio aos moinhos da tradição foi ofuscado pelo jubileu, sendo que milhões se reuniram para festas de rua em todo o país no dia 7 de junho.

O Led estava em destaque entre as bandas “dinossauro” que os punks miravam. John Lydon, dos Sex Pistols, então nomeando-se Johnny Rotten, desdenhou de Plant por este aparecer num show do Damned com uma comitiva de seguranças, e Paul Simonon, do Clash, disse que passava mal só de ver as capas dos discos do Led. Plant era quem mais se sensibilizava com os

ataques. Mas ninguém foi mais arquiteto da derrocada do Led do que a própria banda.

O fim começou com o anúncio de uma turnê de 51 shows na América do Norte marcada para iniciar em fevereiro. Já de saída aquilo era pedir demais deles. Embora as lesões físicas de Plant estivessem curadas, a saúde da banda não estava boa, e eles não estavam em condições de empreitada tão grande.

Aconteceu que as datas tiveram de ser postergadas um mês porque Plant teve laringite. A enfermidade, porém, viria a ser o menor dos problemas a atrapalhar o Led. A turnê começou e pareceu atolada nas trevas já de saída. Num dos primeiros shows, no Riverfront

Coliseum de Cincinnati, sessenta pessoas ficaram feridas e mais de setenta foram presas quando fãs tentaram derrubar o portão da arena.

Ao redor da banda, o humor também parecia obscuro, tornando difícil prever suas variações. A equipe engordou e passou a incluir assistentes pessoais de cada integrante e de Grant, assim como mais seguranças. Grant ainda somou John Bindon, um londrino de 34 anos que inicialmente andava grudado em Cole.

Figura volátil, Bindon era guarda-costas profissional e fazia bicos como ator. Na tela, participara de dois clássicos filmes de gângster britânicos: *Performance*, de 1970, ao lado de Mick

Jagger, e como chefe do crime em *Carter – o vingador*, no ano seguinte. O personagem que interpretava em *Performance* tinha o curioso nome de Moody [rabugento], já que Bindon tinha temperamento estourado e reputação de durão.

“Bindon era vil, simplesmente vil”, diz Dennis Sheehan, à época assistente de Plant. “Era corpulento, mas bonito, e conseguia ativar o charme quando queria. Mas, na maior parte do tempo, não se via isso. Se você olhava nos olhos dele, via uma coisa muito diabólica e... imprópria. Não é o tipo de pessoa que se leva para a estrada.”

“Richard Cole também saiu totalmente da casinha. Eu que o salvava. Odeio

fazer esse papel, mas teve vezes em que ele estava para bancar o Superman da janela do sétimo andar do hotel. A cabeça dele estava desse jeito, era isso que as drogas faziam com ele.”

“Peter também não estava cem por cento. Ele tinha problema de obesidade e também tinha um pouco de depressão, acho eu, provavelmente por conta da quantidade de drogas que tomava. Houve muitas ocasiões em que eu atendi o telefone no meu quarto e era ele me chamando para ir lá. Queria que eu me sentasse e conversasse com ele. Ficava horas de papo sobre a esposa, Gloria. Era muito triste. Era uma mulher muito querida, mas as drogas e outras coisas dele tinham acabado com o amor no

casamento.”

O poder de atração do Led não havia fraquejado, com mais de meio milhão de ingressos vendidos na turnê. Eles iam tocar seis noites tanto no Madison Square Garden quanto no Forum, em L.A. Os negócios nunca haviam estado tão bons. Contudo, embora ainda conseguissem se levantar para fazer grandes apresentações, isso era cada vez mais difícil. E, fora o som e a fúria daqueles shows, o fato é que eles não eram a mesma banda. Tampouco voltariam a ser.

Peter parecia frágil e contido; Bonham, inchado. Page nunca fora visto comendo muito de coisa alguma, mas agora parecia esfomeado. Em Chicago,

na terceira noite da turnê, entrou no palco todo paramentado como nazista, vestindo um quepe de oficial da SS e botas de cano alto de couro negro. Era como se estivesse tentando virar uma manifestação física do câncer que devorava o espírito da banda.

“Para mim, foi só mais uma das coisas do rock’n’roll”, diz Sheehan. “E ele acabou ficando com mulheres incrivelmente lindas e cheias de curvas em collants de couro. Acho que essa turnê merece um olhar mais abrangente e equilibrado. Na real, não aconteceu muita coisa errada.”

“Mas, àquela altura, a magia tinha acabado. Teve momentos em que Jimmy estava distante. Ele tocava uma coisa, e

o resto da banda, outra. Teve algumas ocasiões, ousou até dizer, em que eu me vi caindo no sono.”

“Também teve algumas pessoas dentro da organização que não precisavam estar lá. Uma delas era o farmacêutico. A única função dele era garantir que as drogas que se comprava estavam no ponto. Robert odiava ter essa gente à volta, principalmente o tal do John Bindon. Aquilo provocava o que havia de pior – ou coisa ainda pior – em Peter e Richard Cole.”

“Às vezes, eu chorava por ver o Jimmy tocando tão bem”, diz Benji LeFevre. “Outras eu chorava por ele estar tão ferrado que não conseguia tocar. Aí morava um problema para ele

e, no fim das contas, para o Robert. Porque eles começaram como Page e Plant. Eram muito amigos. E aquilo mudou.”

“Tinha algo de inevitável naquela turnê. No cerne, eram quatro personagens, mais Peter e Richard, que não tinham o mesmo controle das coisas a que estavam acostumados. Estava tudo muito diferente das outras turnês que eu fizera com eles, e não era mais o Led que se queria. Pareceu-me que o terreno estava dividido entre Jim e Bonzo, e Jonesy e Robert. Os dois primeiros”, ele faz uma imitação de caindo de drogado, “e os outros dois” – ele faz que está olhando para o relógio e esperando.”

Na aparência, pelo menos, Plant

continuava sendo como Danny Goldberg, o ex-RP da banda, havia descrito: o “guerreiro contente” do Led. De acordo com Sheehan, ele aderira a um cronograma descontraído e sem preocupações. Depois de um show, ele saía para um clube ou bar, ainda curtindo ser o centro das atenções.

“Ele pedia um brandy ou um conhaque e ficava numa boa”, diz Sheehan. “Eu aguentava mais ou menos uma hora e deixava ele lá. Quando ele voltava para o hotel, geralmente deixava um bilhete debaixo da minha porta pedindo pra ser acordado às 11 horas ou ao meio-dia.

“Nos dias de folga, ele matava o tempo com os amigos se houvesse algum nas redondezas. Vez por outra era com

uma namorada. Não creio que ele tenha se metido em relacionamentos que tenham passado da superficialidade – não era o que ele costumava fazer da vida. O problema era que ele gostava de gente – e mais de mulheres do que de homens.”

Ainda assim, os problemas perseguiram a turnê. Em 3 de junho, no Tampa Stadium, uma chuva torrencial fez a banda sair do palco depois de apenas duas músicas. A tempestade continuou, e o show foi cancelado, o que incitou uma revolta que resultou em dezenove prisões e dezenas de feridos.

“Tinha sido uma noite adorável”, lembra-se Sheehan. “As famílias estavam todas lá. Bonzo e Jimmy

estavam em Miami com o grupo deles. Robert e John Paul Jones estavam no resort da Disney em Orlando. O avião veio e buscou todo mundo, e parecia tudo nos trinques.”

“Ficou um clima de decepção absoluta, que se transformou em histeria”, Plant me disse do show. “Mandaram um avião da Força Aérea dos EUA para calcular quanto tempo a tempestade ainda iria durar. Ele mandou um rádio para os seguranças do estádio para fazerem um pronunciamento. Quando aconteceu aquilo, a garotada já tinha subido no palco e estava pirada.”

“A gente percebeu que o que eles queriam era bem mais do que a gente tinha. Sendo realista, não haveria alarde

capaz de dar conta da expectativa que a gente havia criado.”

A primeira parte da turnê concluiu-se no fim daquele mês em Los Angeles. Ali a fera ferida reafirmou-se para um último e poderoso rugido. Ao longo das seis noites no Forum, os últimos shows que faria na cidade, o Led invocou o fantasma de tudo que já fora. Foi um espetáculo majestoso, ainda mais potente por estar tão próximo da ruína.

“A adoração daquelas multidões, noite após noite, era de proporções bíblicas”, diz Michael Des Barres. “Eu tive o privilégio de ficar próximo do círculo secreto, mas era difícil fazer parte. Foram seis noites em que ninguém dormiu. Era como estar num estado

alterado.”

“Ficar perto deles era absurdamente fabuloso e perigoso. Peter Grant, Richard Cole e John Bindon – os caras eram absurdamente agressivos e incrivelmente protetores. Jimmy exigia aquilo porque – digamos assim – ele estava comprometido e precisava de proteção. Ele também era tímido e introvertido. E não havia dúvida de que Peter estava apaixonado por ele.”

“Robert nunca fez parte desse lado mais pesado da banda. Era um *voyeur*, quem sabe, mas não fez parte. Robert, por ser uma força da natureza, trazia o sol.”

Após três semanas de férias, a turnê foi retomada em 17 de julho diante de 65

mil pessoas no Kingdome de Seattle. Fogos de artifício choveram das fileiras mais altas do estádio gigantesco naquela noite – mais uma plateia com tendências históricas. A banda, porém, parecia cansada, arrastada. A atmosfera também não arrefeceu fora dos palcos. Para os mais próximos da banda, a atmosfera interna à banda parecia pesada e agourenta.

“Naquela última parte da turnê, tudo era estranho”, insiste Cole. “Era muito guarda-costas. Peter estava com os filhos, e até eles tinham guarda-costas. Tinha montanhas de coca. Devia ter um pouco de heroína por ali também, mas acho que não era tanto culpa das drogas. Era só uma sensação estranha.”

“Tinha uma e outra briga. Não entre os caras da banda. É muito fácil os outros julgarem, mas eles não sabem o que a gente tem de afugentar. São uns lunáticos batendo na sua porta noite e dia. Você sabe que está vulnerável às coisas, então tem de tomar as medidas que puder.”

“Estávamos no Edgewater Hotel de Seattle, bem na Baía Elliott”, diz Dennis Sheehan. “Quando eu estava acertando a conta, o cara da recepção me disse que iam ter de reformar o quarto do sr. Bonham porque ele tinha destruído tudo. Aí ele começou a repassar uma lista de tudo que tinha sido quebrado.”

“Enquanto ele listava, eu olhei pela janela e vi um frigobar flutuando na baía. Isso era na época em que os

quartos de hotel não tinham frigobar, e eu tinha alugado uns para colocar em cada suíte. Jimmy concluiu que o dele não funcionava desde que a gente chegou, por isso achou que era uma merda e jogou fora.”

Na semana seguinte, o Led desceu à Califórnia para dois shows ao ar livre no Coliseum, em Oakland, ambos organizados por Bill Graham. No primeiro, os laços tênues que seguravam a turnê finalmente se partiram. A gota d'água foi um incidente de bastidores, cujos detalhes são motivo de controvérsia até hoje.

Uma coisa é clara: um dos seguranças de Graham, Jim Matzorkis, impediu o filho de 11 anos de Grant, Warren, de

arrancar uma placa de madeira do lado de fora do camarim do Led Zeppelin. Ao fazê-lo, Matzorkis, que não devia ter ideia de quem era Warren Grant, nocauteou o garoto. A notícia foi transmitida rapidamente a Peter Grant, que só entendeu que o filho havia levado um soco. Acompanhado de Cole, John Bindon e Bonham, Grant saiu atrás de Matzorkis. Ao encontrá-lo, os quatro o jogaram dentro de um contêiner e aplicaram a desforra. Ao depor no tribunal, mais tarde, Matzorkis afirmou ter sido espancado com selvageria.

“Eu estava a menos de quarenta metros do contêiner e vi tudo”, diz Sheehan. “Vi o segurança empurrar o filho do Peter. Acho que foi sem querer.

Ele esticou o braço para o lado – Warren estava meio sem equilíbrio e caiu. Aí vi o cara ser levado – ou correr – para o contêiner do Bill Graham.

“John Bindon, de novo o John Bindon. Tem uma coisa a respeito de Peter ter entrado lá... Ele, às vezes, virava um demônio, mas não acho que Peter tenha conseguido aquilo por conta própria. Ele teria se manifestado, mas uma hora a coisa iria se esgotar. O cara tinha pedido desculpas, não parava de se desculpar. Com o Bindon lá, a coisa ficou mil vezes pior.”

“Quanto ao que aconteceu com o cara: tem histórias de que ele foi levado de maca e que quebraram a cara dele. Eu estava lá quando ele saiu. Sim, o nariz

estava sangrando e tinha uns caras ajudando, mas ele caminhava por si. Ele foi até uma ambulância estacionada atrás do palco e foi socorrido. Foi um troço triste. Acabou com dois grandes shows e com as relações que a banda tinha em San Francisco.”

Na noite seguinte, o show em si aconteceu sem incidentes, mas quando a banda retornou ao hotel, Graham havia chamado a polícia. Grant, Cole, Bindon e Bonham foram presos, fichados e tiveram de pagar fiança. “Assim que nos deixaram sair da cadeia”, diz Cole, “nossos pilotos estavam de sobreaviso e a gente caiu fora, direto para outro estado”.

Foram até New Orleans, onde o show

seguinte da banda estava marcado para 30 de julho. Aterrissando nas primeiras horas da terça-feira, 26 de julho, a comitiva foi recebida por uma frota de *limousines* e levada para o Bairro Francês. Fizeram o *check-in* no Hotel Maison Dupuy às 6 horas da manhã. Na recepção, Plant recebeu uma ligação da esposa Maureen, que estava na Inglaterra. O filho de sete anos deles, Karac, estava com uma infecção viral.

“Depois daquilo, subi com Robert para o quarto dele e perguntei se ele queria alguma coisa”, lembra Sheehan. “Ele costumava usar xampu Flex – lembro que ele queria lavar o cabelo. A gente sabia que Karac não estava muito bem. Perguntei como ele estava, e

Robert disse: ‘Parece que está bem’.

“Em questão de meia hora, voltei ao quarto. Robert estava sentado na cama com a cabeça entre as mãos. Acabara de saber que Karac havia morrido.”

12

THE OUT DOOR

Bonzo me salvou. E, enquanto ele me salvava, ele se perdia.

No restante daquele dia, 26 de julho, foi

como se o tempo houvesse parado. Uma sensação de choque reverberou pela tropa. Para Grant e seus tenentes havia a distração de levar Plant de volta para casa o mais rápido possível. O que complicava era o fato de não poderem usar o avião particular da banda, pois os pilotos tinham que ficar em solo depois de terem voado de San Francisco para New Orleans naquela manhã.

Levaram horas para fazer arranjos alternativos e reservas em voos comerciais. Plant parecia prestes a desabar. Pediu que Bonham, Cole, Dennis Sheehan e Benji LeFevre fossem com ele. Já era fim de tarde quando o grupo conseguiu sair de New Orleans. Primeiro voaram até Newark, New

Jersey, de lá foram transferidos para o JFK International Airport de Nova York e só então partiram para Londres. Bonham se sentou ao lado de Plant no voo. Manteve a mão sobre o braço de Plant, trocando poucas palavras.

“A sensação era de desespero total”, diz Sheehan. “Não há palavras que expressem o que deve ter passado pela cabeça de Robert naquela hora. Não pode haver pior na vida.

“Foi uma viagem muito, muito difícil. Era difícil conversar, saber o que dizer. Por mais que Robert estivesse sendo consolado da melhor forma possível, acho que a cabeça dele não conseguia sintonizar em nada do que se dizia.”

“Não tinha o que dizer para ele. Não

tinha mesmo”, emenda Cole. “Achei melhor deixá-lo em paz.”

Em Londres, um carro aguardava para levar Plant e Bonham para as Midlands às pressas. Lá, na Jennings Farm, Plant, Maureen e a filha de 8 anos, Carmen, foram deixados a sós para chorar por Karac.

Nos longos dias, semanas e meses que se seguiram, outra coisa começou a pressionar Plant. Uma sensação terrível, sufocante, de culpa, agravada por ele saber que estivera longe da família quando ela mais precisara dele. Ele se torturava pensando se as coisas teriam sido diferentes caso estivesse lá. Ainda mais contundente era saber ao que ele havia se entregue: o estado da banda no

período da sua ausência. Quando refletia sobre tudo que cercara a última turnê – a decadência, a violência, a arrogância, a negligência –, nada parecia ter sentido algum.

“Foi um período muito sombrio”, diz Roy Harper, amigo de Plant. “Na real, ele culpou o Led Zeppelin. Nenhuma pessoa em específico, só o Led Zeppelin como entidade. Por ele estar longe na hora em que o filho morreu e por não estar lá. Acho que ele terminou com a banda muito antes dos outros.”

“Para ser honesto, não creio que Robert, algum dia, tenha superado essa sensação de culpa”, diz LeFevre. “A morte de Karac feriu ele e Maureen até os ossos. E isso pouco depois de eles

terem se ferido fisicamente até os ossos.

“Acho que ele estava com a cabeça cheia de pensamentos do tipo: ‘Que porra estou fazendo aqui com esses caras que eram meus camaradas e agora mal se seguram de pé? Eu sabia que ia ser assim, então por que eu fui? Eu podia ter ficado lá, salvado meu filho’. Se ele é sincero, provavelmente ainda tem isso na cabeça.”

Os quatro homens que viajaram de New Orleans com Plant também foram ao funeral de Karac. Os outros permaneceram nos EUA. Jones estava incontactável, tendo partido com a família depois do desastre de Oakland e sem intenção de voltar até a data do show em New Orleans. Page também

sumiu do mapa, e Grant foi com os filhos para Nova York. Um estava mais aturdido que o outro.

“Eu estava no Oregon e liguei para New Orleans”, Jones contou ao jornalista Mick Wall. “De qualquer forma, Robert tinha ido para casa com Bonzo, e eu fui pra Seattle. Foi um período muito estranho. A gente sabia que tinha de dar um tempo para ele.”

“O que eu sei é que tem pessoas que conseguem lidar com essas coisas, e outras que não”, reflete Sheehan. “Talvez os outros não soubessem o que fazer. Eu acredito de verdade que eles sentiram a mesma coisa que Robert, mas eram incapazes de expressar. Às vezes, as pessoas não sabem dizer: ‘Olha, eu

não consegui lidar’, independente da proximidade que têm com você.

“Pelo menos prefiro pensar que não houve outro motivo fora eles não saberem como lidar. Porque ia ser horrível recriminar alguém por uma coisa dessas.”

“Não sei ou não lembro se Robert queria que eles fossem ao enterro”, diz LeFevre. “Ao meu ver, ele não ia querer o Jimmy lá para nada. Acho que ele sentiu alguma coisa inexplicável a respeito disso. Não sei se ele conseguia expressar na época, mas ele não queria aquela atmosfera em volta dele e da Maureen naquela hora de sofrimento.”

Depois de enterrar o filho, Plant se recolheu em luto e para o longo

processo de curar a si e sua família. Ele duvidava conseguir voltar ao papel de *rockstar* e questionava se realmente queria. Chegou ao ponto de jurar que não usaria mais drogas e candidatou-se a uma vaga num instituto de formação de professores em Sussex – o Centro Rudolf Steiner. Austríaco, na virada do século, Steiner fora um reformista social pioneiro num sistema de aprendizado alternativo baseado em incentivar o desenvolvimento artístico e criativo. Em 1934, foi criada uma escola Steiner em Stourbridge, cidade na qual Plant crescera. Sua inscrição foi aceita, embora, nesse ponto, ele já houvesse decidido não fazer o curso.

Benji LeFevre, na época passando por

um divórcio, se mudou para a casa de hóspedes da Jennings Farm. “Por algum motivo, Robert e Maureen me acolheram na casa deles”, ele diz. “Passei os meses seguintes com Robert bebendo quantidades absurdas da cerveja local, a Banks’ Bitter, noite e dia. Ganhei 25 quilos.

“Passei por toda a tristeza e luto dele e da Maureen. Acho que Robert esperava conseguir superar a morte de Karac de algum jeito, mas a emoção não deixava. Parecia que ele estava dando tudo para se recuperar o mais rápido possível. Mas não dá para imaginar o que ele sentia.”

“Eu tinha uma câmera 8 mm que fazia filmes de três minutos”, lembra-se

Sheehan. “Quando repassei tudo depois do Karac morrer, percebi que tinha sete ou oito filmes com a família inteira. Coisas que eu tinha filmado quando eles estavam conosco, uma coisinha aqui e outra ali. Então fiz um pacote e mandei para o Robert. Aquilo era dele, e não meu.”

Levaria mais de um ano para Plant sequer considerar afastar-se da família e voltar à banda. O mundo que deixara continuou a girar em 1978. Os Rolling Stones e Bob Dylan haviam voltado à estrada. Os Sex Pistols tiveram sua carreira curta, que implodiu num show em San Francisco em janeiro. Onze meses depois do fim da banda, o

baixista dos Pistols, Sid Vicious, drogado e desesperançado, foi preso em Nova York por suspeita do assassinato da namorada Nancy Spungen. Keith Moon foi dessa para a melhor em setembro, uma overdose levou o baterista do Who aos 32 anos.

Para Plant, houve um eco mais terrível e bem mais próximo. Carl Bridgewater, um garoto de 13 anos, foi assassinado na Yew Tree Farm, a cinco quilômetros de Stourbridge, na manhã de 19 de setembro. Ele estava fazendo entrega de jornais quando atrapalhou ladrões na propriedade. Atiraram no garoto. Se alguém estivesse procurando sentido, não iria encontrar – fora a certeza de que a vida é frágil, disparatada e, às vezes,

cruel.

Plant saiu aos poucos. Ele e LeFevre produziram o *single* de uma banda punk local, a Dansette Damage. O tecladista da banda, Eddie Blower, também trabalhava como fotógrafo e havia feito retratos da família de Plant. A gravação aconteceu numa tarde em Old Smithy, novo estúdio que abrira em Worcester, perto da Jennings Farm.

Com o título “NME”, o mesmo do jornal de música, a canção era uma batida básica de dois acordes. A capa do *single* tinha uma foto em preto e branco com os sete componentes da banda e a recomendação de “Tocar Alto”. Plant foi creditado como Wolverhampton Wanderer (Andarilho de

Wolwerhampton).

“Robert disse que o nome dele não podia aparecer no disco”, diz Mike Davies, jornalista local que esteve na gravação. “Ele parecia muito ligado naquilo, mas não queria que divulgassem que ele se envolvera com um lance punk.

“Ninguém do Dansette sabia tocar. Robert tentava fazer o vocalista, Colin Hall, cantar no tom e cantou junto. Dá pra ouvir no fim da faixa – ficaram todos em volta do microfone. Ele foi muito cortês, aquele tipo de cara com quem você sai para tomar cerveja. Antes de ele chegar, Eddie disse para a gente não falar nada do filho.”

Na Jennings Farm, as feridas haviam começado a se fechar, embora restassem

cicatrizes profundas. Maureen engravidou de novo na primavera.

“Fui ver o Robert umas vezes nessa época”, diz Sheehan. “Parte da vida dele havia sido destruída, e ele estava tentando reconstruí-la. A gravidez de Maureen ajudou no processo. Não era para substituir o Karac, é claro que não, mas reafirmou que a vida tinha de seguir em frente, que não dava pra ficar vivendo no passado. Robert percebeu.”

Em outubro, Page e Bonham o convenceram a participar de um encontro da banda no Castelo Clearwell, mansão do século 18 na Floresta de Dean, perto da fronteira entre Inglaterra e País de Gales. Ele relutou em ir e, assim que chegou, se arrependeu.

Embora tenha tentado tocar, a banda ainda estava desorganizada – assim como o empresário, pois nenhum dos demônios havia sossegado. A reunião desandou, e o exílio do Led prosseguiu.

Levaria meses para Plant voltar a ver Page, Jones e Grant – mas, mesmo na melhor das épocas, ele havia tido pouco contato com eles quando a banda não estava na ativa. Bonham, contudo, era presença constante na Jennings Farm. Geralmente ia com a esposa, Pat, e uma garrafa do que fosse, determinado a erguer o amigo e persuadi-lo a voltar à vida. Não que Bonham fosse capaz de cuidar de si. Em setembro, havia batido o carro voltando de um *pub*. Daquilo tinha se recuperado, mas estava

alimentando um desastroso vício em heroína.

“Quando perdi meu garoto, foi Bonzo que veio e me tirou do poço”, Plant me contou. “Ele morava perto e éramos, digamos, mais próximos que os outros. A gente não tinha nada de estapafúrdio. Tínhamos os pés no chão, mas ao mesmo tempo fora da casinha.

“Com toda a loucura do Led... Se via de tudo. E quando acontecem coisas grandes, você se entoca e desaba. Você pensa: ‘É tudo culpa minha, eu não devia ter ficado longe.’ Bonzo me salvou. E, enquanto ele me salvava, ele se perdia.”

“Bonzo usava um monte de droga pesada e misturava de tudo”, diz Trevor Burton, que tinha uma banda com a qual

Bonham começou a fazer *jams* no circuito de *pubs* de Birmingham – até aparecer num show bêbado, procurando briga e terem de arrancá-lo do palco. “Pensando assim, ele era muito parecido com Keith Moon. Achava-se invencível.”

Plant tomou um caminho discreto de volta ao palco, montando uma banda despreziosa com um grupo de músicos que bebiam no Queen’s Head, o *pub* de sua vila. Com o nome Turd Burglars [Ladrões de Bosta], eles começaram a fazer shows em *pubs* tocando *covers* do rock’n’roll. O covocalista da banda era Melvin Gittus, figura local que tinha a reputação de maior pênis das West Midlands.

“Melvin tinha sido sargento-mor no exército e, na época, era vendedor de janela de vidro duplo”, lembra LeFevre, que virou o cara do som da banda. “Ele se achava cantor e realmente tinha o maior pau que já se viu.”

“Era aquela coisa da banda do jeito que der, só para se divertir. Depois de uns oito canecos numa noite, dissemos: ‘E se a gente se chamar Turd Burglars?’. Todos nós jogávamos no time de futebol do Queen’s Head – eu era goleiro. A gente fazia viagens todo ano. Organizava jogos com clubes sociais, tipo em Penrith, no norte, ou lá no sul, em Weymouth. O único requisito era ter um lugar para armar a barraca do Robert, onde cabiam trinta e duas pessoas de

cabo a rabo. Robert e a banda faziam um show no clube na noite antes do jogo.”

Os Turd Burglars também foram para o estúdio Old Smithy e gravaram duas faixas, ambas de rock'n'roll americano dos anos 1950 – “Three Months to Kill” e “Buzz Buzz A-Diddle-It”, de Huelyn Duvall, gravadas originalmente por Freddy Cannon. Era um mundo totalmente diferente do que Plant habitava com o Led Zeppelin, mas ao qual ele retornaria constantemente. Ali, cercado de amigos e tocando só pela diversão, ele conseguiu redescobrir o espírito puro e imaculado que o atiçara lá no começo.

Por fim, no inverno de 1978, ele se reencontrou com o Led Zeppelin.

Inicialmente ensaiaram em Londres, embora a saúde da banda ainda fosse precária. Durante a licença, Page não havia criado nenhuma música nova, e a divisão entre ele e Bonham de um lado, Plant e Jones do outro, estava mais forte do que nunca. Ainda assim, batalharam para fazer um álbum.

Em novembro, trocaram de base: foram para Estocolmo, capital da Suécia, onde haviam reservado o Polar Studios, de propriedade das estrelas locais do ABBA. Sabendo que Plant não queria ficar longe de casa por períodos longos, e com as relações na banda no estado turbulento em que estavam, ficou decidido que fariam viagens semanais entre Inglaterra e Suécia. Nos dois

meses seguintes, eles pegavam o avião em Londres na segunda de manhã e voltavam de Estocolmo na quinta de noite.

“Aquilo lá foi uma piração”, lembra-se LeFevre. “A gente ficava no Sheraton Hotel, no quarto andar. Os figurões tinham suítes, uma em cada canto do prédio. Já que todo mundo queria seu próprio som, e pacotinhos de M&M sem as marrons, e isso e aquilo e aquilo mais, os quartos ficaram reservados para o período inteiro, mesmo que não se ocupasse metade do tempo.

“Eu e outro cara da equipe, Rex King, ficamos encarregados de cuidar dessas suítes e nos divertimos muito. A gente ia no escritório local da Atlantic Records

sempre que precisava de mais dinheiro, e eles nos davam pilhas de notas. Tinha *limousines* estacionadas na frente do estúdio e do hotel, 24 horas por dia. Mandavam elas no McDonald's comprar Big Mac e *milkshake* de chocolate. Era um excesso total.”

Mesmo que Page viesse a ser creditado como produtor, ele geralmente não passava de uma presença espectral. Tanto por necessidade quanto por vontade, foram Plant e Jones que assumiram os papéis de comando para moldar o disco que se tornou *In Through the Out Door*.

Jones havia escrito várias das músicas, embora não originalmente para o Led, e começou a fazer experiência

com sintetizadores de última geração. Ele e Plant sempre haviam mantido um relacionamento distante, mas, estando restritos a escrever letras isolado no último álbum, Plant ficou grato por ter um parceiro criativo. Também fazia muito tempo que ele não falava o que realmente passava pela sua cabeça.

“Toda manhã, Robert, Jonesy e eu acordávamos e saíamos para um passeio”, diz LeFevre. “A gente ia parar num *pub* e chegava no estúdio no fim da tarde. Jimmy e Bonzo às vezes estavam lá, às vezes não. Era um estúdio sensacional. A sala de controle ficava no meio de um semicírculo de vidro, e todas as salas de gravação eram em volta, então todo mundo podia ver todo

mundo.”

“O engenheiro tinha nos avisado que, às vezes, o alarme de incêndio soava sem motivo. A primeira sala à esquerda da sala de controle era onde Bonzo ficava. Uma noite ele estava lá, quase dormindo, mas ainda mantendo a batida. O alarme de incêndio soou e entrou um monte de bombeiros com extintores. Bonzo só ergueu o olhar e continuou tocando.”

Plant tem uma memória particular daquela época. Ele contou à revista *Uncut* em 2007: “Eu vinha me dizendo: ‘Se amanhã eu me for, é aqui que eu quero estar: num *sex club* de Estocolmo, de bobeira com Benny e Björn do ABBA, enquanto Agnetha e Frida saem

por aí à procura do covil perverso para onde o Led Zeppelin levou os maridos delas. E esse cara deitado aí na cama redonda, qual é o tamanho do bilau dele?...’”.

Maureen deu à luz um menino em janeiro de 1979. O casal o batizou de Logan Romero e, mais uma vez, Plant se retraiu à vida em família. Passaram-se os meses. A Grã-Bretanha tinha um novo governo, Margaret Thatcher havia subido ao poder em maio, a primeira primeira-ministra do país. O Irã se tornou a primeira república islâmica do mundo depois que o Aiatolá Khomeini derrubou o Xá reinante e o exilou no Ocidente.

O novo álbum do Led Zeppelin estava programado para o verão. Com o lançamento se aproximando, Plant resistiu a propostas de Grant para agendar uma turnê nos EUA ou mesmo a pensar em pegar a estrada por período prolongado. Acabou concordando com apenas dois shows na Inglaterra. Estes aconteceriam em fins de semana consecutivos em agosto, no terreno da Knebworth House, uma mansão imponente em Hertfordshire, nos arredores de Londres. A banda ganharia £1 milhão pelos shows, com expectativa de público superior a 100 mil pessoas por dia.

Acabou havendo um desacerto quanto ao tamanho exato da multidão. Grant

afirmou que a soma total excedeu em muito o esperado, opinião apoiada por muitos que estiveram lá. O produtor Freddy Bannister insistiu que menos da metade dos ingressos haviam sido vendidos para o segundo show, o que lhe rendeu prejuízo considerável. Se pretendia usar aquilo como tática para reaver com Grant parte do cachê gigantesco do Led, não teve sorte.

Também houve interpretações conflitantes quanto ao bem-estar da própria banda. Sem dúvida, o Led apareceu diferente. Plant e Page haviam aparado os cabelos, e nas fotos de divulgação do show os dois vestiam terno, camisa e gravata *skinny*, embora Plant ainda ficasse de peito nu no palco.

Bonham parecia pesado; Page, esquelético.

“Eles não pareciam tão destruídos quanto na turnê de 1977”, insiste Sheehan. “Quando vi os quatro juntos em Knebworth, fiquei de boca aberta. Pareciam felizes e saudáveis, o Robert acima de tudo. Pareciam mesmo renovados. Aquele período fez bem para eles.”

“Eu não estava legal, isso eu não nego”, diz Cole. “Os outros também? Não sei. Robert e Jonesy estavam tranquilos, isso é certo. Sinceramente eu não saberia dizer se algum deles já havia usado heroína, mas, na época, eram totalmente contra. Aquilo tinha provocado uma cisão na banda, pois os

dois estavam noutra sintonia.”

“Acho que foi lá que a gente descobriu que as coisas tinham mudado em algum momento anterior”, conclui LeFevre. “Não havia nada a acrescentar àquilo em Knebworth, isso é o que eu posso dizer.”

Todavia, assim como havia feito na melhor das noites dois anos antes, o Zeppelin ainda conseguia alçar voo. Nas duas noites em Knebworth, eles chegaram às alturas – majestosos em “Kashmir”, rugindo em “Rock and Roll”, ressuscitados na nova e imponente “In the Evening”. Independente das provações dos últimos anos, pareciam invictos. Até os punks apareceram para bater continência: Mick Jones do Clash e Steve Jones, ex-

guitarrista do Sex Pistols, ambos em visita aos bastidores. Mas as zombarias que os punks haviam feito com o Led ainda não haviam cicatrizado em Plant. No palco, ele fez comentários cáusticos sobre “fazer rock dinossauro”.

“O fato de sermos absurdamente populares causava ódio neles”, ele me disse. “A gente devia ser julgado só pelo que fazia nos discos, e fazia um tempo que a gente não fazia nada. Então, quando chegou 1978 e 1979, nós estávamos muito longe. E tínhamos muito mais grana que o Sid Vicious.

“O negócio é que todos esses caras que ainda andam por aí viraram uns carreiristas. John Lydon caluniava o Led nos Pistols. Aí, quando foi para o Public

Image Ltd, recebi uma ligação dizendo que ele queria usar a letra de 'Kashmir'."

Na realidade, o punk mal havia arranhado o Zeppelin. Se as coisas tivessem tomado outro rumo, talvez eles enfrentassem um segundo desafio, mais prolongado e vindo de outro rincão, pelo menos na arena doméstica. Com o início da nova década, bandas como Iron Maiden e Def Leppard surgiram no circuito de clubes regionais britânicos. Embora se vissem muito mais próximas do Led do que os punks, essas bandas também eram mais jovens, mais vorazes e mais acessíveis à nova geração de fãs de rock. O movimento, ao qual se atribuiu o título embaraçoso de *New*

Wave do *Heavy Metal* britânico, surgiu no momento em que o Zeppelin começou a sair de vista.

Os críticos britânicos em geral renegaram *In Through the Out Door* assim que foi lançado, uma semana após o segundo show em Knebworth. Ele ficou no topo das paradas, mas foi derrubado do poleiro poucas semanas depois pelo electro-pop de *The Pleasure Principle*, de Gary Numan.

Se no Reino Unido isso sugeria uma mudança da guarda, nos EUA a história era outra. Numa época em que as vendas de discos na América andavam devagar, *In Through the Out Door* movimentou quatro milhões de cópias em três meses, fazendo o mercado voltar à vida quase

sozinho. Ao fazer isso, permitiu a Grant mostrar que ele tinha razão. As cópias do álbum – que teve seis capas diferentes, todas uma variação da mesma cena em um bar – foram colocadas dentro de um saco de papel pardo com o título e o nome da banda estampados. Grant afirmava que podia vender discos do Led até num saco de papel.

Não que *In Through the Out Door* fosse um ótimo álbum do Led. A mortalha que se abatera sobre o predecessor fora erguida, mas, ainda assim, ele era desconjuntado e assimétrico. Era bem caído nas faixas do meio – em “Hot Dog”, tributo a Elvis, um pastiche tão lamentável quanto “The Crunge” em *Houses of the Holy*, e na

cansativa “Carouselambra”. Page e Bonham ficaram praticamente mudos, com predomínio dos teclados martelantes de Jones. De outro lado, Plant cantava com segurança, mas também contido.

Havia bons momentos suficientes apenas para sustentar o álbum. Tanto “South Bound Suarez” quanto “Fool in the Rain” tinham um toque vivaz. Mas ele só alçava voo quando Page voltava à vida. Foi o que fez na introdução de “In the Evening” e em “I’m Gonna Crawl”, a grandiosa faixa de encerramento, livrando-se da névoa em que estava e tocando maravilhosamente.

Assim como em *Presence*, as letras de Plant ofereciam uma perspectiva bem

mais interessante que boa parte da melodia. “All My Love” era um tributo carinhoso ao filho Karac, com palavras e vocal sincero demais para uma melodia tão mais ou menos. Já em “Carouselambra”, duas frases que tinham Page como alvo se destacavam do escuro: “*Where was your word, where did you go?/ Where was your helping, where was your bow?*” [“Onde estava sua palavra, aonde você foi?/ Onde estava seu apoio, onde estava seu arco?”].

Plant também seguiu procurando estímulos fora do Led. No fim daquele ano, tocou com Dave Edmunds, que tinha contrato com a Swan Song, e entrou na sua banda Rockpile para um show no

Concert for Kampuchea, no Hammersmith Odeon de Londres. Mas nunca disse se quis ou não ser malicioso na música que tocou com eles: “Little Sister”, uma antiga de Elvis.

Ele também chegou a pensar em fundar seu próprio selo, planejando lançar rockabilly e rock’n’roll das antigas. “Eu ia chamar de Palomino Records”, ele me disse. “Entrei em contato com Mo Ostin, que cuidava da Reprise nos EUA, e ele aceitou me licenciar umas coisas – tinha uns caras tipo Ral Donner, que imitava Elvis.”

Não deu em nada. Em vez disso, quase um ano depois de Knebworth, ele aceitou fazer uma nova turnê com o Led. Foi curta, de três semanas pela Europa,

começando por Dortmund, Alemanha, em 17 de junho de 1980. Os locais eram arenas de tamanho modesto, os shows mais curtos e enxutos, despojados do solo de bateria de Bonham e de músicas longas como “No Quarter” e “Dazed and Confused”.

“Ao descobrir que não era invulnerável, acho que Robert devia estar tentando acreditar que pelo menos aquilo – a banda – podia ser”, reflete LeFevre, “muito embora tenha sido bem difícil para ele, com toda a culpa que ele vinha sentindo por conta da morte de Karac bem presente. Acho que era uma tentativa de se livrar das coisas.”

As *performances* eram irregulares, Bonham geralmente deixando a desejar.

Quem não estava na comitiva era Richard Cole, que há muito tempo coordenava as turnês. Ele fora despachado por Grant para se livrar da heroína. “Segundo gente que eu sei que estava lá, a turnê estava mais desorganizada do que eles dizem”, ele me contou.

“Era um Led muito diferente. Não tinha mais aquela pegada”, diz Dave Lewis, que acompanhou a turnê como fã. “Robert estava muito bem, tentando ser *rockstar* de novo, mas Jimmy, sem dúvida, não estava com a saúde em alta.”

Por mais cansativa que a turnê fosse, Plant vira o suficiente para saber que a banda tinha futuro. Ao descerem de

avião em Londres, no final da turnê, ele se virou para Grant e disse que estava preparado para voltar à América.

A condição que Plant estipulou para aceitar uma turnê nos EUA era de não passar mais de um mês longe de casa. A primeira rodada de datas que a banda anunciou ia de 17 de outubro a 15 de novembro, começando por Montreal e terminando com quatro shows na arena de basquete de Chicago. O itinerário inicial seguiu o padrão da jornada europeia, mantendo-se em lugares fechados. Foi como se, ao reduzir os excessos de produção, houvesse expectativa de que a banda também conseguisse se purificar.

“Não acho que todo mundo estivesse nas nuvens com a ideia daquela turnê”, diz LeFevre. “Foi quase tipo: ‘Vamos lá mais uma vez, vamos ver se dá’. O certo é que Robert não teve de ser trazido na marra – ele tinha topado.”

Os ensaios começaram na quarta semana de setembro. A banda armou acampamento em Bray, uma vila às margens do Tâmisa, a seis quilômetros da nova casa de Page em Windsor. Mais uma vez, dividiram-se ao meio. Plant e Jones armaram base em Londres no Blakes Hotel, enquanto Bonham ia se ajeitar com Page. Ninguém se animou com o primeiro ensaio, em 24 de setembro. Bonham chegou bêbado, tão sequelado que não conseguiu tocar, e a

sessão foi abandonada.

Voltando a Bray no dia seguinte, vindos de Londres, Plant, Jones e LeFevre decidiram ligar para a casa de Page e acordar os outros dois. Ao chegarem, Page apareceu, mas não havia sinal de Bonham. LeFevre subiu a escada para acordá-lo, Jones logo atrás. Ao abrir a porta do quarto, o cheiro fétido bastou para dizer a LeFevre que Bonham não estava mais entre eles.

“Lembro de descer a escada e dizer para o Jimmy e Robert: ‘Não subam – não tem mais o que fazer’. Eu só disse isso”, ele recorda. “Imediatamente liguei para o Peter. Aí, a primeira coisa foi achar Pat Bonham antes que ela ouvisse por outros. Aí Robert e eu entramos no

carro e saímos a um milhão de quilômetros por hora até as Midlands.”

No inquérito sobre a morte, o legista revelou que Bonham havia consumido aproximadamente quarenta doses de *vodka* e sufocara-se com o próprio vômito enquanto dormia. Tinha 32 anos, a mesma idade de Keith Moon ao morrer.

John Bonham foi enterrado em 10 de outubro na Paróquia de Rushock, próxima a sua casa em Worcestershire, num velório de 300 enlutados, com sua banda, mais Grant, em estado de choque. Para Plant aquilo era quase insuportável, aqueles últimos anos, tantas tragédias pelas quais havia passado ou das quais fora testemunha, tantas perguntas sem

resposta, e tudo a emanar da banda.

“Quando a gente perdeu John, eu pensei: ‘Que se foda – não preciso dessa merda’. Tinha que ter outra forma de fazer aquilo”, ele me disse. “Porque, na real, tem que haver algo de alegre nessa coisa.

“Eu sabia que tinha de fazer as coisas do meu jeito, e não ficar nadando nessa... nessa falsa economia do sucesso, se é que dá para chamar assim. Tipo, achar outro baterista e seguir com a banda. Aquilo foi o fim da ingenuidade. Ficou muito evidente que meu último laço tinha se partido.”

Depois do funeral, Plant, Page, Jones e a equipe do Led foram para Jersey passar um fim de semana prolongado.

“Só para ficarem juntos”, diz Benji LeFevre. “Nunca achei que seria algo mais que o final.”

De volta a Londres, a banda se encontrou com Grant no Savoy Hotel. A declaração curta que eles combinaram foi publicada em 4 de dezembro e dizia: “Gostaríamos de declarar que a perda de nosso caro amigo e o profundo respeito que temos por sua família, além da sensação profunda de harmonia indivisa que sentimos entre nós e com nosso empresário, levou-nos a decidir que não podemos prosseguir da mesma forma que antes”.

“Com a perda de John Bonham, não havia como recriar o que existia entre a gente”, disse-me Page. “Mas Robert

tinha a voz, que é mais fácil de projetar que uma guitarra. Levei um tempo para me recuperar do choque. Quando digo recuperar, quero dizer pelo menos ficar de pé de novo.”

“Eu era jovem quando o Led terminou”, Plant me disse. “Tinha 32 anos e não sabia quais eram as regras. ‘Chega de cantar, quem sabe escrevo um livro’. Achei que eu estivesse acabado.”

PARTE TRÊS

SOLO

Pronto! Nasci de novo.



13

EXORCISMO

*Foi quase uma jornada espiritual...
parecia que a gente estava flutuando.*

No rescaldo imediato à morte de

Bonham, os abutres ainda rondavam a cena. Plant e Page foram abordados via Peter Grant para formar uma nova “superbanda” com o baixista Chris Squire e o baterista Alan White da banda de rock progressivo Yes. O grupo se chamaria XYZ, em referência aos ex-membros do Yes e do Led Zeppelin. Page se encontrou com Squire e White, e chegou a tocar com eles. Plant ignorou a proposta.

Assim como fizera após a morte do filho Karac, Plant se recolheu em Jennings Farm. Mais uma vez, a rota que ele escolhera para voltar à música passava longe do circuito habitual. Ele entrou nessa graças a Benji LeFevre, que ainda morava na fazenda e atribuíra-se o

serviço de limpar um dos celeiros, acima de tudo para ter alguma coisa para fazer.

Feito o serviço, a seguir LeFevre ocupou seu tempo montando um pequeno estúdio de quatro canais no celeiro. Por insistência de LeFevre, Plant começou a usar o novo espaço, convidando amigos próximos para fazer *jams*, registrando as sessões em fita por pura diversão. Os primeiros a aparecer foram Andy Silvester e Robbie Blunt. Os dois vinham da cidade vizinha de Kidderminster e conheciam Plant desde o liceu.

Figura modesta, Silvester conhecera Plant no clube de blues Seven Stars, em Stourbridge, no início dos anos 1960.

Ele tocava baixo e guitarra, ambos bem, embora os outros tivessem opinião melhor a respeito das habilidades dele do que ele próprio. O adolescente Robbie Blunt visitava com frequência a casa da família Plant no número 64 da Causey Farm Road. Lá, a dupla se sentava no quarto de Plant para ouvir blues. Já então Blunt era um guitarrista talentoso. Ele viria a tocar com outros dois da turma de Plant em Kidderminster, Jess Roden e Kevyn Gammond, numa banda chamada Bronco, e também com Michael Des Barres na Silverhead.

Esses encontros na Jennings Farm aconteciam sem qualquer compromisso. Em torno deles, formou-se um grupo

constante de músicos. Com Blunt e Silvester, vieram Jim Hickman no baixo, Kevin O’Neil na bateria, Ricky Cool na harmônica e um saxofonista, Keith Evans. Soltando velhas conhecidas do R&B e do rock’n’roll com seu coletivo, Plant parecia mais feliz do que já estivera em anos, seu amor pela música reaceso.

“Ele reencontrou a liberdade de fazer o que quisesse, ao invés do que esperavam dele”, diz LeFevre. “Por baixo de tudo, acho que aquela havia sido a experiência dos últimos anos do Led. Ele tinha padrões de pensamento confusos – a sensação de responsabilidade com os outros integrantes, com as famílias deles. Isso

era uma coisa que ele podia curtir. Era só tocar e não tinha a ver com solos de guitarra excessivos de meia hora.”

“Na época, eu morava no West Country e ia ver o Robert com frequência quando ele decidiu botar a vida nos eixos”, relembra Dennis Sheehan. “Ele sabia que nunca mais teria de se preocupar com dinheiro, tinha a família, um filho recém-nascido, mas ninguém cai numa banda importante que nem o Led por acidente. Ele precisava preencher a vida dele com outra coisa também.

“Lembro que, no Led, ele sempre me falava de um cantor de rock’n’roll americano dos anos 1950 chamado Ral Donner. Robert o achava o melhor de

todos. Não dá pra deixar de pensar que Donner foi o modelo dele quando resolveu tratar da carreira.”

Plant batizou a banda improvisada de The Honeydrippers. Sua inspiração veio de um velho pianista de blues americano, Roosevelt Sykes, cujo apelido era Honeydripper. No início de 1981, ele convocou um agente local, Roy Williams, e pediu para ele marcar shows para a banda. Tinha duas exigências: que nenhum dos locais divulgasse seu nome, e ele não passaria de Watford, a cidade-satélite que serve de entrada para Londres.

Os Honeydrippers fizeram o primeiro show na Keele University, região leste das Midlands, em 3 de março. Ao longo

dos quatro meses seguintes, shows em *pubs* e clubes seguiram-se em outras cidades das Midlands como Wolverhampton, Derby e Nottingham, e mais ao norte: Manchester, Middlesbrough, Sheffield. A banda viajava numa Ford Transit conduzida ou por Roy Williams ou por “Big” Dave Hodgetts, outro colega de escola de Plant, LeFevre vindo logo atrás num caminhão de três toneladas que carregava a aparelhagem de som.

“Era pura diversão”, entusiasma-se Williams. “A banda fazia R&B, os shows eram quentes, de suar. Para o Robert, era um jeito de tentar superar a perda do amigo. Claro que as pessoas iam descobrir que ele tocava por conta

da rede de fãs que o Led tinha. A gente ficava com 90% da bilheteria, mesmo acordo que Peter Grant fazia com os organizadores de show.

“A gente nem se dava ao trabalho de reservar hotel; chegava na cidade e perguntava qual era o lugar bom pra se ficar. Lembro que a gente não achou nada em Sheffield e acabou dando a volta na cidade. Robert avistou uma outra Ford Transit estacionada na frente de um *pub* e disse: ‘Aposto que ali tem uma banda, vamos entrar para perguntar’. Ele subiu pela escadaria dos fundos do *pub*, e óbvio que tinha uma garotada ensaiando. Eles ficaram de boca aberta – o Deus Dourado tinha vindo a eles. Assim que entrou, ele

disse: ‘Com licença, rapazes, vocês sabem onde eu acho um *bed and breakfast* baratinho?’.”

Dave Lewis, fundador do fanzine *Tight But Loose*, viajou com Plant e banda para alguns desses shows. “Robert estava acostumado a ser conduzido em *limousines*, e lá estávamos nós, viajando pelas Midlands num furgão velho”, ele diz. “Era muita coragem da parte dele.”

“As pessoas vinham lhe perguntar onde andava o Jimmy e gritavam ‘Stairway to Heaven!’. E ele lá, tocando rockabilly. Apareciam com capas de álbuns do Led, querendo autógrafo, e ele nada.”

No total, os Honeydrippers fizeram

quinze shows, o último em 15 de julho num *pub* chamado The Golden Eagle, em Birmingham. A banda já havia cumprido o propósito de botar Plant nos eixos. Fundando o padrão que seguiria a partir daí, ele os deixou de lado e foi adiante.

Somando tudo, 1981 foi um ano decididamente desolador para a Grã-Bretanha. Com a economia estagnada, manifestações violentas acenderam-se ao longo da primavera e do verão em dois dos bairros suburbanos mais miseráveis do país: Brixton, em Londres, e Toxteth, em Liverpool. O movimento musical que estourara no país naquele ano trazia a promessa, ainda que temporária, de fuga da

realidade cruel. Embora houvesse se formado em Birmingham, o Duran Duran parecia vindo de outro mundo, mais glamouroso e hedonista, tão fabuloso quanto ridículo. Assim como a própria música, essa sensação de artifício marcava o apelo da cena *New Romantic* liderada pelo Duran Duran. Um torpedão de modas extravagantes e figuras escandalosas, a banda tinha algo de exagerado e ousado que fazia forte contraste com o humor cinzento e austero da época.

Robert Plant fez 33 anos naquele verão. Segundo os termos juvenis do pop, ele pertencia a uma geração antiga, distanciada do pulsar da época. Mas Plant teve a curiosidade de conferir se

podia usar o que acontecia na música para criar um marco indicativo de sua próxima atitude. Já que o som dominante era o electro-pop, vindo tanto do *New Romantic* quanto de bandas como Depeche Mode e Soft Cell, ele comprou uma bateria eletrônica Roland. No fim do ano, começou a trabalhar ideias com Robbie Blunt, o único membro do Honeydrippers que mantivera por perto.

“No começo, era uma coisa desconfortável, e eu não sabia se ia dar conta”, ele contou a Tom Hibbert, da revista *Q*, em 1988. “Eu e Page nos conhecíamos de cabo a rabo, enquanto banda. O negócio, às vezes, ficava meio tenso por causa das drogas, mas basicamente era tranquilo. Começar tudo

de novo com outro era uma sensação bem, bem estranha.”

Aos poucos, porém, ele se acostumou à nova rotina, com ele, Blunt e LeFevre reunidos no estúdio improvisado da Jennings Farm. Com o progredir das coisas, Plant trouxe Jezz Woodroffe para compor e tocar teclado. Woodroffe havia gravado e feito turnês com o Black Sabbath, e também tinha uma loja de instrumentos famosa em Birmingham. Plant apareceu na loja numa tarde da primavera de 1982, supostamente para comprar um sintetizador Moog.

“Lembro como se fosse hoje do Robert entrando na loja”, diz Woodroffe. “Ele estava com uma aparência ótima. Bronzeado, de camisa havaiana. Acho

que ele foi lá, acima de tudo, para saber se eu não era pirado.

“Fui lá na fazenda. Robbie Blunt também estava. Robert tinha acabado de comprar um amplificador por mil libras. Robbie estava mal de grana na época, conta zerada e morando numa *council house*⁵.

“A gente trabalhou no celeiro. Robert o batizou de Palomino Studios. A filha dele, Carmen, tinha um cavalo palomino no estábulo ao lado. Benji e Robert eram muito amigos, pareciam irmãos. Era um clima muito alto astral, muito família. O filho de Robert, Logan, costumava entrar correndo no estúdio enquanto a gente tocava. Maureen também passava bastante por lá.”

O clima comunitário logo se ampliou com a presença do filho de 15 anos de John Bonham, Jason. Plant havia o convidado para ajudar com a bateria.

“Jason chegava do colégio na garupa da *scooter* de um colega”, diz Woodroffe. “Muitas das músicas naquele primeiro álbum foram trabalhadas com ele. Ele tinha nascido para aquilo, era igualzinho ao pai.”

“Aquele negócio todo foi uma grande experiência”, diz LeFevre. “Eu tinha preparado o estúdio caseiro para o Robert, para ele fazer *overdub* dos vocais sem mais ninguém, porque ele é um inútil na parte técnica. Ele fala como se entendesse de tudo, mas, na verdade, não tem noção nenhuma desse lado do

negócio.

“Naquela época, ele também pediu para eu empresariar. Ele disse: ‘Não quero nada com aqueles cuzões lá de Londres’. Eu disse para ele não ser tão mala. Mas eu amava a música.”

A primeira música que fecharam foi uma faixa frugal, sincopada, chamada “Fat Lip”. Tinha raízes no blues, mas vinha com algo de leve que sugeria que o peso do Led havia deixado os ombros de Plant. Soava como nada mais que um expirar.

“Escrevi aquilo em tributo ao Bonzo”, Plant me contou. “Ele não estava mais lá, e eu tinha a bateria eletrônica, então fazer o que se não me apaixonar pelo ritmo automático? Era uma coisa muito

distante da potência fantástica do Bonzo. A partir daí, eu me soltei. E a cada passo que dava, ficava mais solto.”

Plant continuou a trabalhar desconectado de tudo, tanto de Grant, seu empresário oficial, quanto de sua gravadora, a Atlantic, que não foi comunicada a respeito do novo projeto. No verão de 1982, ele mudou sua base para Monmouth, na zona rural ao sul do País de Gales, e alugou o Rockfield Studios, uma instalação residencial situada em uma grande área de campo.

Vários músicos iam e vinham. Andy Silvester voltou no baixo até perder a autoconfiança, e Paul Martinez, tarimbado em estúdios, entrar no seu lugar. Simon Kirke, da Bad Company,

fez um teste para a bateria, mas não combinou. Gravaram duas faixas com Cozy Powell, que tocava bateria com o Jeff Beck Group e, mais recentemente, com a Rainbow, banda do ex-guitarrista do Deep Purple, Ritchie Blackmore. O restante foi feito com Phil Collins, do Genesis, que fez sua contribuição em apenas três dias.

“Para começar, não existia essa ideia de fazer um disco nem de montar banda”, insiste LeFevre. “Robert só estava interessado em seguir adiante com aquele negócio para ver aonde ia dar e qual seria a sensação.

“Acabou virando a gravação do primeiro álbum e gerou um gás muito foda. Era tipo socialismo, todo mundo

era igual. Claro que todo mundo sabia que quem pagava a conta era o Robert, mas a questão não era essa. Parecia mesmo que era uma coisa feita só pela música.”

“Para começar, o Robert meio que deixou a gente assumir o comando”, diz Jazz Woodroffe. “A estrutura principal da maior parte das músicas veio de mim e do Robbie Blunt. Quando chegávamos no arranjo básico, Robert pegava e desenvolvia. Mas eu nunca ouvi o vocal finalizado – ele só cantava quando nós estávamos no *pub*.”

O disco finalizado, *Pictures at Eleven*, pareceu mesmo um recomeço, livre da opressão do Led, tanto em termos musicais quanto da bagagem

emocional carregada nos últimos dois álbuns da banda. No mínimo, era muito comportado. Hoje soa como um produto de sua época, limpo e asseado, mas sem espessuras ocultas.

A voz de Plant era segura e aliviada, embora ele tenha se soltado uma vez, em “Slow Dancer”. Melhor faixa do álbum, também era a que mais ecoava o Led. Rodopio exótico e intenso, sua guitarra conduzente saía de uma música árabe, “Leylet Hob” (“Noite de Amor”). A versão mais famosa desta era da cantora egípcia Oum Kalsoum, cuja fita Plant havia comprado no Marrocos, em 1972, e carregava consigo desde então.

Com o disco finalizado, Plant finalmente

entrou em contato com Peter Grant e Phil Carson, que cuidava da Atlantic Records no Reino Unido. Ele convidou os dois a Rockfield para ouvir *Pictures at Eleven*. Foi uma situação tensa, pois nenhum deles demonstrou muito entusiasmo nem pela música, nem pelos músicos em torno de Plant.

“Phil Carson, principalmente, não ficou contente com os novos rumos do Robert”, recorda Woodroffe. “Ficava sempre dizendo pra gente voltar pro som do Led, porque sabia da grana que aquilo rendia. Ele era gerente de supermercado antes de ir pra Atlantic. Lembro de ele dizer que, se sabia vender feijão, também sabia vender disco.”

“Acho que Peter disse uma coisa tipo: ‘É melhor você acertar as contas com esses carinhas, porque você tem uma carreira’”, diz LeFevre. “Ele queria o Robert numa superbanda, não tocando com desconhecidos, porque só assim eles iam fazer uma grana preta.

“A reação do Robert foi dupla: ‘Entendo seu lado’, e: ‘Não, isso aqui é meu’. Acho que vale dizer que o respeito do Robert por Peter havia diminuído nos últimos cinco anos, por motivos óbvios. A banda tinha se partido, e Peter tendeu mais para um lado do que o outro. O negócio era sempre: ‘Jimmy fez isso, Robert cantou em cima e escreveu a letra’. Robert não queria voltar para isso, porque tinha

sentido o gosto da liberdade e da satisfação intelectual de não fazer parte da máquina.”

Grant e Carson ficaram relutantes quanto ao lançamento do disco e estabeleceu-se um impasse. Carson entrou em contato com Ahmet Ertegun, em Nova York, pedindo-lhe para intervir em nome deles. Plant me contou, anos depois, que sentiu que Grant estava tentando sabotar sua carreira solo antes mesmo de ela começar. Plant se voltou para Phil Collins para pedir conselhos, e a sugestão foi de que mantivesse a posição.

“Tive uma reunião com Ahmet, Peter e Phil Carson”, ele me disse. “Entrei na sala e falei: ‘Vou fazer do meu jeito e, se

alguém aqui não me levar a sério, então tudo que temos entre nós acabou’. As portas estavam escancaradas, e eu não ia ficar de bobeira.”

Na realidade, a resolução não foi tão definitiva. Quando Plant voltou a Rockfield, ficou evidente que as coisas haviam mudado. Antes de mais nada, ele pensara em chamar o projeto de The Band, ou algo parecido, para sugerir que a relação era igualitária. A ideia agora estava esquecida e *Pictures at Eleven* seria lançado como álbum solo dele.

Robbie Blunt e Jezz Woodroffe também foram levados a crer que haveria uma divisão equânime nos direitos para as composições, o que representava grande potencial de lucro.

Mas a situação agora era outra.

“Até aquele momento a coisa tinha sido: ‘Isso aqui é uma cooperativa, e a gente vai dividir tudo’”, relembra LeFevre. “Aí, de repente, não era mais. Todo mundo ficou: ‘Hã? Não foi isso que falamos na semana passada’. Sim, era ele que financiava tudo, ele era a estrela, e sem ele nada daquilo teria acontecido pra ninguém. Mas todo mundo ficou com um gosto amargo na boca.”

Também foi o fim da relação profissional de Plant com Grant. Mesmo assim, ele tinha orgulho inabalável do disco em si. Levou uma fita para tocar para Page em sua casa em Windsor. Foi um reencontro cheio de emoção e prenehe

de significado: os últimos laços a se cortar – e exatamente no local em que o Led havia sofrido sua parada brusca.

Page vinha trabalhando na trilha sonora para a sequência de um filme sombrio de justificação, *Desejo de matar*. No mais, morava numa terra de sombras. Por mais que Plant estivesse reanimado, o fim do Led havia deixado Page desolado. Plant também mandou uma cópia de *Pictures at Eleven* para Jones.

“Ele me disse: ‘Bom, hã, achei que você faria coisa melhor, meu camarada’”, Plant contou a Steven Rosen da *Guitar World*. “Aí eu disse: ‘Muito obrigado’. Eu era só o cara que cantava, né?”

Plant deixou no ar a ideia de sair com a banda nova em turnê, mas acabou desistindo. Não tinha material inédito suficiente e não estava disposto a recorrer às músicas do Led. Em vez disso, decidiu seguir adiante com um segundo álbum.

Antes disso, ele, Maureen e as crianças foram passar férias no Marrocos, na primavera de 1982. Foi um momento agridoce para o casal, a última viagem que dividiriam como marido e esposa. Haviam agarrado-se um ao outro nos anos mais difíceis, mas tudo aquilo havia esgotado a relação. Os destroços da morte de Karac ainda estavam entre os dois.

Pictures at Eleven foi lançado em 28

de junho de 1982, chegou à quinta posição nos EUA e três gradações acima no Reino Unido. Teve críticas positivas, sendo que Plant, depois, afirmou que havia emoldurado as referências mais calorosas e pendurado-as pela Jennings Farm.

“Eu tinha cortado o cabelo e não tocava nem ouvia um disco do Led há dois anos”, ele contou a Tom Hibbert da Q. “Teria sido mais tempo, mas o namorado da minha irmã, que tinha uma banda, começou a me dizer que uma parte de ‘Black Dog’ era errada, porque tinha um compasso de 5/4 no meio de uns 4/4. Bem, aquilo mexeu com meus brios, puxei o disco e botei pra tocar. Aí eu falei: ‘Olha aqui, seu palerminha,

isso não é por engano’.”

Os trabalhos para o segundo álbum de Plant tiveram início em Hereford, uma pitoresca cidade inglesa a 25 quilômetros da fronteira com o País de Gales. Lá, Plant alugou a casa decadente do amigo Roy Harper, construída no século 15. O único acréscimo às fileiras foi Barriemore Barlow, que, anteriormente, fizera parte da banda de rock progressivo Jethro Tull e dividia a bateria com Phil Collins.

De Hereford, o grupo se mudou para a ilha mediterrânea de Ibiza no verão de 1982. Phil Carson tinha uma casa na ilha e os apresentou ao dono australiano de um hotel de luxo, o Pikes. O hotel inteiro

foi alugado para eles, sendo que a banda armou seu equipamento em volta da piscina.

“Coloquei uma lona em cima do jardim, o clima estava maravilhoso, e a gente se divertiu tanto quanto no primeiro disco, se não mais”, diz LeFevre. “A gente tocava ao ar livre e, à noite, saía pros bares. A coisa fluía. Foi um período sensacional, um renascimento em vários sentidos.”

Houve, contudo, uma mudança forte na conduta de Plant. Ele começou a segurar as rédeas com mais força, sem deixar dúvidas de quem mandava no pedaço. Foi como se, de repente, tivesse percebido que podia coordenar as coisas do mesmo jeito que Page fazia no

Led Zeppelin. Provou ser tão exigente quanto seu ex-colega e que não nascera para ser diplomata.

“Ele, às vezes, pode ser incrivelmente intenso e muito, muito controlador”, diz LeFevre. “Ele instiga as pessoas da forma errada. Ele sabe o que ele quer, mas nem sempre sabe como falar. É a mesma coisa com esse conhecimento fantástico que ele tem de história da música – ele usa de um jeito bem pouco apropriado.

“Havia um solo de guitarra em especial que Robbie Blunt queria fazer. Robert fez ele repetir várias vezes. No fim das contas, Robbie estava exausto e sem saber para onde ir. Robert disse: ‘Você não acha melhor usar uma Gibson

Les Paul?’ – que era a que Jimmy tocava. Robbie tocava uma Fender. Tive de intervir e dizer pro Robert que a gente já tinha mais que o suficiente em fita.”

“Só sou dominador se não gosto do que está acontecendo”, Plant insistiu com John Hutchinson na revista *Record*, depois do lançamento do álbum. “Se Jimmy e eu tínhamos alguma discordância, a gente ficava falando mal um do outro com todo mundo, mas era cortês entre si. Com esse pessoal novo, é bem difícil. Porque o meu histórico meio que intimida qualquer um que queira entrar numa situação dessas comigo.”

Nenhuma dessas tensões escapou para

o álbum finalizado. *The Principle of Moments* foi mais um passo para tomar distância do Led, mais refinado e sereno que o predecessor, mesmo que sua produção garbosa não tenha envelhecido bem.

“Robert tinha essa coisa de tentar ser moderno, e a gente ficava tirando sarro dele”, diz LeFevre. “Eu não parava de dizer: ‘Por que você não canta uns rocks mais blues, cara?’. ‘Não, não, eu não quero!’.”

Uma música se destacava. Composta na casa de Roy Harper numa tarde de domingo, “Big Log” foi desenvolvida em torno de uma guitarra simples e insistente, mais para The Police do que Led Zeppelin. Seria o primeiro *single* de

sucesso de Plant e ajudou a impulsionar *The Principle of Moments* ao Top 10 nos dois lados do Atlântico no verão de 1983, repetindo o sucesso de *Pictures at Eleven*. A Atlantic lançou o álbum pelo novo selo de Plant, o Es Paranza, sem sugerir que aquilo fosse mais do que um veículo para sua estrela.

Foi com esse pano de fundo que o casamento de Plant e Maureen acabou. Ele não acompanhou a família às férias naquele ano, pedindo a seu antigo assistente, Dennis Sheehan, para cuidar das coisas no seu lugar.

“Fomos para a ilha da Madeira”, recorda Sheehan. “Levei Maureen, Carmen, uma amiga de colégio da Carmen, e Logan. Não toquei no assunto

com Maureen, mas percebi que eles estavam se separando e que aquele era o rompimento definitivo. A gente não fez muita coisa. Aluguei um carro, mas o lugar não é dos mais animados.

“Acho que minha função lá era ser um pai para as crianças e garantir que Maureen ficasse legal. Acho que Robert pensou que, por eu ser um homem de família e ter filhos, seria responsável o bastante para cuidar deles com a devida discrição.”

O divórcio foi oficializado em agosto, mesmo mês em que Plant começou sua primeira turnê solo. Não era o único naquela situação. Tanto Jezz Woodroffe quanto Robbie Blunt também estavam passando por divórcios.

“Todos nós estávamos num planeta diferente daquele em que a banda começou”, diz Woodroffe. “Eu tinha minha casa, minha família, e, em um ano, só estive lá em duas das cinquenta e duas semanas. Como é que alguém poderia ter um relacionamento normal nessas circunstâncias? E a gente se ajudou? Acho que não. Porque cada um tinha suas próprias coisas dando errado.”

Sair em turnê foi um alívio, uma distração bem-vinda. Começaram pela América do Norte, esgotando 23 shows de arena, incluindo datas marcadas em terrenos bem conhecidos do Led Zeppelin, o Madison Square Garden de Nova York e o Forum de Los Angeles.

Plant e sua banda, com Phil Collins na bateria, viajavam num antigo avião turbo-hélice Viscount. Havia um tom de cordialidade, e os shows concisos eram recebidos com arrebatamento, Plant confiante em que suas músicas próprias iriam afastar as do Led.

“Foi quase uma jornada espiritual”, recorda Woodroffe. “Parecia que a gente estava flutuando. O avião ia a uns 100 quilômetros por hora – era um monomotor. Quase deu um acidente. Começou a sair chamas de um dos motores assim que a gente decolou. Ninguém notou, só o Robert. Que não falou nada pra ninguém, mas correu para a saída.”

O momento dramático foi curto, e o

avião decolou alguns minutos depois. Mesmo assim, a turnê como um todo parecia abençoada.

“Naquela turnê, eu vi o que ele tinha de melhor”, diz Woodroffe. “Ele foi tudo que já tinha sido, mas diferente. Tinha um talento vocal incrível, mas também o cérebro para saber como aplicá-lo.”

“Parecia que Robert tinha se livrado do manto de deus do rock” diz LeFevre. “Parecia mais pé no chão e dedicado ao talento que tem. Acho que ele tinha se desligado daquilo nos últimos anos do Led. Não encontrava intensidade em mais nada. Ele estava mais feliz.”

Apesar de tudo, na estrada, principalmente nos EUA, Plant descobriu que não conseguia se livrar do

espectro do Led. Estava sempre lá, ainda ressoante, ainda exercendo seu poder profundo e primitivo.

“Page foi assistir ao show no Madison Square Garden, e Robert pediu para ele subir no palco para fazer o encerramento com a gente”, diz Woodroffe. “Ele entrou e o lugar veio abaixo. Ele não fez nada – só ficou lá parado com Robert. Tudo que a gente tinha feito nas duas horas antes foi total e completamente esquecido.”

“Imediatamente descobri que sentia falta de um parceiro”, Plant contou, mais tarde, a David Fricke, da *Rolling Stone*. “Robbie [Blunt] tinha o cargo mais ingrato. Ele é um grande guitarrista e não queria pegar o lugar do Page. Por mais

que eu tivesse orgulho de ele ter um estilo próprio, eu sentia falta daquele exibicionismo volátil que era inato no Jimmy. A *performance* de Page era atordoante. De repente, era só eu segurando o negócio todo.”

O clímax da turnê aconteceu naquele inverno no Reino Unido, quando John Paul Jones subiu ao palco com eles no Colston Hall de Bristol, Page aparecendo de novo na segunda das duas noites no Hammersmith Odeon de Londres. Havia um ar triunfal nos shows, selando anos memoráveis para Plant.

Fosse ele um homem menos complexo, poderia ter ficado relaxado e tranquilo. Mas ele nunca se acomodou. Mesmo

que, por fora, parecesse calmo, quase beato, tinha algo por dentro que se remexia e o impulsionava.

“A data de nascimento de Robert deixa ele perigosamente perto de Virgem”, reflete LeFevre. “É uma cruz interessante entre um Leão extrovertido que quer ser julgado pelo que é e um homem mais reservado que tem de ter tudo organizado pelo bem da própria sanidade.

“Ele é muito generoso, mas também absurdamente econômico. No fim daquela turnê, ele queria me dar um presente, um agradecimento por tudo. Rex King, que estava na nossa equipe, disse para ele que sabia exatamente o que comprar, aí saiu e trouxe um relógio

Rolex que custava três paus. Robert quase enfartou quando descobriu quanto o presente iria custar. Ainda assim, ele me deu, e é o que uso até hoje.”

“Às vezes, ele é um cara muito legal”, emenda o fotógrafo Ross Halfin, especializado em rock. “Tirei fotos dele naquela turnê para uma publicação sobre música e lembro de estar apavorado, mas de saída ele foi encantador. Aí a gente foi fazer as fotos. Ele é grandão e ficou bem na minha cara. Ele me disse: ‘Você sabe como se tira uma foto de Robert Plant?’. Falei que não. Ele enfiou o dedo no meu peito e disse: ‘Depressa’. Aquilo acabou comigo, porque ele mudou de humor muito rápido.”

Logo as forças em conflito dentro de

Plant viriam a destruir a paz que a nova banda lhe trouxera.

5. Moradia comunitária fornecida pelo governo no Reino Unido a pessoas de baixa renda. [N. do T.]

14

SEA OF LOVE

Ele é o tipo de pessoa que gosta de montar na vida... e na babá.

Plant e a nova banda encerraram a

primeira turnê juntos no Japão em fevereiro de 1984. No período entre deixarem a estrada e começarem os trabalhos no novo disco, Plant deu início a um relacionamento com Shirley, irmã mais nova da ex-esposa Maureen. Ela e Maureen eram muito parecidas, ambas atraentes e animadas.

Como se as águas já não estivessem turvas o bastante, na época Shirley era casada com o capataz da fazenda de Plant, John Bryant, e o casal morava nas terras da Jennings Farm. Bryant também tocava guitarra numa banda local, a Little Acre. Plant já havia demonstrado interesse por eles em meados dos anos 1970 e tentou arranjar um contrato para gravarem, sem ter êxito. Recentemente,

ele começara a aparecer de novo nos shows.

“Era impossível ter um camarada mais legal que o John”, diz John Ogden, jornalista local e integrante da Little Acre por um tempo. “Eram um casal muito legal, ele e Shirley, e fiquei chocado quando soube que tinham se separado. Ela era uma menina sensacional e muito bonita, disso não há dúvida.

“Robert conhecia John há muito tempo. Ele era meio que o faz-tudo do Robert, o cara que cuidava da fazenda, do pouquinho que havia de fazenda lá. Robert nunca fez nada de fazenda, não que nem o Bonham. Eles moravam todos na mesma propriedade. Shirley estava

sempre lá, e Maureen se mudou depois do divórcio.

“Quando Shirley deixou ele para ficar com Robert, não sei nem se o John se demitiu na hora. Não sei se ele e Robert tiveram um arranca-rabo, ou se foi uma coisa mais aos poucos, desgastante. O caso é que Robert gosta de mulher e nunca teve nenhum problema pra conseguir mulher. Se ele via uma mulher e queria, era bola na caçapa.”

Quem estava por dentro do Led Zeppelin fazia fofocas sobre Plant e as irmãs Wilson há anos. Sob anonimato, um dos *roadies* da banda insistiu comigo que ninguém se surpreendeu ao ver Plant com Shirley depois do divórcio. “Bom, depois de ver Robert comendo umas 16

mil mulheres, uma a mais não tem nada de chocante, seja quem for”, concluiu ele.

“Aquele negócio estava no plano de fundo na época em que conheci Robert, três anos antes”, diz Jezz Woodroffe, então tecladista da banda de Plant. “Todo mundo sabia que ia acontecer – a gente viu a evolução. Como é que a gente ia reagir? Era só mais uma coisa que se passava, que nem várias outras. Shirley era muito querida. Eu a via com frequência. Ela esteve sempre à volta nos anos seguintes.”

No fim das contas, o relacionamento não destruiu a família de Plant. Maureen acabaria voltando à Jennings Farm e criando os filhos por lá. Plant comprou

outra propriedade logo acima na estrada. Eles continuaram um grupo muito unido. Quando questionado a respeito disso, Plant apenas comenta que as reuniões de Natal na sua casa sempre foram interessantes.

“Aí está!”, diz Benji LeFevre, rindo. “Putá que pariu – vou dizer o quê? Apesar de tudo, acho que Robert tem um grande senso de família. Mas a fraqueza dele é mulher – e o pau. Uma vez eu vi um desenho que me fez lembrar dele. Era um cara com ereção. Tinha um balãozinho que saía do pau e dizia: ‘Eu te amo’.

“Mas, enfim, pode não ser fraqueza. Pode ser que o resto de nós não tenhamos a mesma coragem que ele. Ele

é o tipo de pessoa que gosta de montar na vida... e na babá.”

Foi em meio a essa atmosfera confusa que Plant começou a trabalhar no terceiro disco. Tendo se encontrado como artista solo, estava, mais uma vez, a fim de fazer algo diferente, saindo ainda mais da zona de conforto. Ele continuara a demonstrar interesse pela música eletrônica da época e estava particularmente arrebatado pelo Depeche Mode, a banda de synth-pop de Basildon, em Essex.

Para trabalhar com LeFevre no disco, ele chamou um novo engenheiro, Tim Palmer. À época com 22 anos, Palmer não tinha experiência em gravar bandas de rock, tendo se lançado com artistas

de electro-pop da época como Dead or Alive e Kajagoogoo.

“Na época, eu não tinha nem trabalhado muito com bateria de verdade”, ele diz. “Mas Robert me disse que estava mais interessado nos teclados e achava que eu podia ajudar nesse sentido.”

As gravações começaram no início da primavera no Marcus Studios em Bayswater, oeste de Londres. Havia dois novos recrutas na banda – uma *backing vocal* de 19 anos chamada Toni Halliday e um baterista, Richie Hayward.

Fora LeFevre que havia descoberto Hayward e o trouxera dos EUA como uma surpresa para Plant. Virtuoso da bateria, Hayward era a sala de máquinas

da Little Feat, que Jimmy Page já chamara de banda predileta e uma das que havia saído da Califórnia no final dos anos 1960. A música deles era uma mistura atordoante de rock e soul, blues e funk, gospel e boogie. Praticamente tudo, menos pop eletrônico.

“Riche era um baterista fenomenal”, diz Woodroffe, “mas odiava tecnologia. Robert comprou uma bateria eletrônica pra ele, e ele ria toda vez que batia. A gente discutiu muito por causa disso”.

Naquele verão, Plant e a banda voltaram para os Rockfield Studios, no sul de Gales. A rachadura que se abriu entre eles continuou alargando-se, Plant impondo seus planos audaciosos com

força cada vez maior, tendo Woodroffe e Tim Palmer de aliados, mas os outros ainda resistentes.

“Fora eu, a maioria que tocou no disco odiou”, Plant me disse. “Eu só queria deixar o passado pra trás. Não estava nem aí pra glória. Eu queria voltar a me divertir cantando, vendo a coisa de outra perspectiva. A despeito de ter feito umas coisas legais, acho que nunca cheguei aonde queria.”

“Começamos a ensaiar num hotelzinho perto do estúdio”, recorda Woodroffe. “Tinha uma academia com anilhas e essas coisas, e eu armei meu teclado por lá. Na época, eu pegava toda geringonça eletrônica que lançassem. Eu incentivava todo mundo a se envolver

naquilo, e Robert também. Mas Paul Martinez não se interessou, e Robbie Blunt odiou. Acabou virando um álbum meu e do Robert, em que os outros só tocavam.”

Ainda havia um e outro momento de descanso. A banda ia em tropa para o *pub* da vila toda noite, e lá Plant se mostrava mais amigável ao ter seu passado explorado.

“Uma noite, passamos por uns fãs do Led Zeppelin no bar”, diz Tim Palmer. “Tinha uma menina que não parava de falar que queria ouvir o que a gente estava fazendo. Acabou indo com a gente pro estúdio. A gente pediu educadamente pra ela ir embora, mas ela não quis. Então dei uns *headphones*, e

ela ficou sentada num baú, dançando, enquanto a gente trabalhava nas faixas de *backing*. Pra fechar a noite, ela tirou toda a roupa.”

O álbum, porém, foi finalizado com um clima de azedume pairando sobre a banda. Blunt, em especial, era contra os novos rumos.

“Robbie não estava a fim”, diz Woodroffe. “Ele preferia ficar no carro ouvindo o críquete no rádio. Aquilo acabou com a banda. Robbie não queria tocar, e ele e Robert passavam discutindo.”

“Robert tinha essa ideia fixa de ser contemporâneo”, emenda LeFevre. “Além disso, estava tudo confuso no nível emocional – foi na mesma época

em que ele estava começando com a Shirley.

“Ele estava começando a tomar distância da ideia da banda ser ‘nós’. Da última vez que tinha investido naquilo, tinha dado muito errado. Acho que ele estava decidindo que nunca mais ia deixar aquilo acontecer. Que dali em diante ia ser tudo com ele e que ele ficaria no controle.”

Quando estavam no Japão em fevereiro daquele ano, o diretor da Atlantic Records, Ahmet Ertegun, propôs a Plant a ideia de fazer um disco de música americana dos anos 1950. No mês seguinte, Plant foi a Nova York para gravar, deixando a pré-produção do seu próprio álbum em banho-maria. Embora

não tivesse contado a ninguém da banda atual, incluindo Robbie Blunt, ele tinha intenção de revitalizar o nome Honeydrippers para o novo projeto. Dando mais uma rasteira em Blunt, que era da Honeydrippers original, ele também convidara Page para tocar no disco.

“Eu sabia que ele ia a Nova York, mas não pra quê”, diz LeFevre. “Eu nunca tinha passado por uma coisa daquelas com Robert. Nas viagens da cabeça dele, acho que as coisas já estavam mudando.”

“Aquilo foi feito meio que pra cumprir uma promessa a Ahmet, porque ele sempre dizia que eu entendia demais de música americana pra deixar passar”,

Plant me contou. “Eu sabia cantar, eu sabia fazer *crooning*. Foi um acordo que a gente fez meio de sacanagem numa casa de banhos em Tóquio. Eu não queria depender daquilo e dizer que era um negócio importante. Foi meio que uma brincadeira, e só.”

O disco foi gravado num único dia nos estúdios da Atlantic em Nova York. Juntaram-se a Page na guitarra seu ex-colega de Yardbirds, Jeff Beck, e também Nile Rodgers, da Chic, a escalação fechada com uma turma de músicos de estúdio do primeiro escalão.

Foram gravadas cinco músicas. Entre elas, “I Got a Woman”, de Ray Charles, e “Young Boy Blues”, composta por Phil Spector e pelo cantor de blues Doc

Pomus, interpretada originalmente por Ben E. King. Os DJs dos EUA começaram a tocar outra faixa, a relaxante “Sea of Love”, que fora Número Um nos EUA com o *crooner* Phil Phillips, em 1959, e escolhida por Plant porque era um dos discos preferidos de sua mãe. A versão de Plant também chegou ao Top 5 nos EUA, ajudando a tornar o disco um sucesso inesperado.

Com o título *Volume One* – uma piada, pois Plant não tinha intenção de fazer um segundo –, o EP dos Honeydrippers foi lançado ao preço especial de US\$ 5,98 em novembro de 1984. Logo vendeu mais de 2 milhões de cópias nos EUA, nada mal para uma produção tão

fraquinha.

Já o álbum seguinte de Plant, *Shaken'n'Stirred*, era totalmente distinto. Enquanto o disco dos Honeydrippers fora tão familiar quanto um par de pantufas velhas, este era áspero e alienígena, tão ousado quanto desafiador. O som era pontiagudo, cada faixa se erguendo num palpitar de sintetizadores e pontuada pela guitarra incisiva de Blunt e o estrondo da bateria de Richie Hayward. Em meio à estática, a estranha letra de Plant entrava em foco e parecia remexer feridas emocionais. A referência ao luto em “Little by Little” sugeria seu filho Karac ou Bonham, ou ambos. “Pink and Black” pedia para ser entendida segundo os enrosocos de sua

vida amorosa: *“I know I used to run around, now I’m sure I’ll settle down”* [“eu sei que eu não era de confiança, agora é certo que vou me aquietar”], confessava ele. Mas foi o disco como um todo que talvez melhor refletisse o estado de espírito de Plant na época – constituído por vários cacos, sendo que alguns se encaixavam e outros não se combinavam.

Nessa época, Jimmy Page havia formado uma nova banda com o ex-vocalista do Free e da Bad Company, Paul Rodgers, e batizou-a The Firm. O álbum de estreia homônimo surgiu no início de 1985 e entrava por um sulco familiar de blues e rock, embora não cheirasse a magia. O álbum foi um

sucesso modesto, e Page saiu em turnê de divulgação. Ele fez um segundo disco com a Firm no ano seguinte, *Mean Business*. Mas aí Page parecia ter murchado e não provocou faíscas. Na época do primeiro disco, Plant fez um elogio mínimo a Page e à nova banda, e expressou surpresa ao ver como o som era tradicional.

“Jimmy é acima de tudo músico”, ele disse a Mat Snow da *NME*. “Eu sou de motivar, de apontar o dedo e criar rebuliço nos outros. Page preferia que o vissem como o cara misterioso. Ele meio que se divertia por as pessoas terem uma impressão errada dele. Não cabe a mim dizer que o cara joga críquete.”

“Passei dez anos com o Led só para desenvolver o estilo da guitarra”, Page me confiou. “Vamos ser francos: o Led não existia mais, aquilo lá era meu negócio. Eu nunca quis mudar meu jeito de tocar – eu estava tranquilo. A marca registrada não vai deixar de existir.”

Mas, se havia algum elemento de vanglória da parte de Plant, ele logo cessou. Ao ser lançado em maio de 1985, *Shaken'n'Stirred* deixou o público perplexo, não chegando nem a um terço das vendas dos discos anteriores. O fracasso do álbum foi ampliado pela turnê que se seguiu, na América do Norte.

O início foi em junho, com um total de 31 shows de arena. Era para ser um

grande espetáculo, cuja peça central era uma passagem curta dos Honeydrippers, Plant e banda emoldurados por mega-Cadillacs infláveis. Acabou com eles tocando para casas com três quartos da capacidade, ou menos. Fazia quase duas décadas que Plant não via fileiras vazias, e aquilo foi um golpe forte em seu ego.

“Robert começou até a ficar doente”, diz Woodroffe. “A gente teve de cancelar um ou dois shows porque ele não conseguia cantar – tinha dor de garganta, essas coisas. Acho que muito disso era porque ele via que a gente não esgotava os ingressos.

“Na época, tudo à nossa volta estava ficando grandioso. A gente começou a

andar de jatinho executivo, cada um tinha sua *limousine* esperando na frente do hotel, mesmo que a banda toda coubesse num carro só. Estava ficando meio ostentoso demais, e não era tão bom como antes.

“Robert e eu costumávamos conversar sobre aquilo, sobre o rumo dali pra frente. Lembro que estávamos em Chicago, com quatro semanas de turnê, nós dois num quarto de hotel, e ele me perguntou o que eu achava que a gente deveria fazer, seguir adiante ou voltar pra casa. Pelo menos a gente terminou a turnê.”

“Aquilo poderia ter sido evitado”, diz LeFevre. “O disco foi adiado seis ou sete semanas, mas a turnê não. Eu

implorei para que adiassem, mas ninguém ouviu. Disseram-me que o sucesso do álbum da Honeydrippers iria compensar, e muito, o fato do novo álbum solo do Robert não ganhar destaque nas rádios. Não foi Robert que disse, mas ainda assim foi muito arrogante.

“Foi uma frustração total. Mesmo que eu tivesse muita proximidade com ele, na turnê eu era o engenheiro de som e viajava no ônibus da equipe, por isso a gente não se cruzava tanto. É bem possível, porém, que o fracasso fosse muito remoído depois de cada show.”

Quaisquer que fossem as angústias profissionais de Plant, a turnê fraquejante sem dúvida teve influência

em sua próxima jogada. Ele fora convidado a se apresentar no American Live Aid, na Filadélfia, um de dois shows que aconteceriam simultaneamente em 13 de julho de 1985, sendo o outro no Estádio de Wembley em Londres. O Live Aid fora idealizado por Bob Geldof, então vocalista da Boomtown Rats, e a intenção era angariar fundos contra a fome na Etiópia, país africano em estado de miséria.

Geldof havia reunido duas escalações estreladas para os shows. Podia ser reflexo de um senso de altruísmo inédito a tomar conta da indústria fonográfica, embora ambos os shows tivessem transmissão mundial e garantissem uma

exposição sem precedentes para todos os participantes. A escalação londrina reuniu Paul McCartney, David Bowie, The Who, Queen e U2. Na Filadélfia, velhos conhecidos dos palcos como Mick Jagger, Eric Clapton e Crosby, Stills, Nash and Young ficaram ombro a ombro com *pop stars* da época, como Duran Duran e Madonna.

Plant foi convidado para tocar com a Honeydrippers. Ao concordar, ele convenceu Page a tocar junto e, no meio do caminho, foi armado o plano para não fazerem mais Honeydrippers, mas sim músicas do Led Zeppelin. Numa reviravolta quase farsesca, John Paul Jones descobriu qual era a intenção dos dois e se convidou, de forma que o show

acabou virando um legítimo reencontro do Led. A natureza fortuita desse encontro se desenrolou até o dia em si, pois o show aconteceria no Estádio JFK, um dos locais em que o Led estava agendado para tocar no clímax da tenebrosa turnê de 1977, mas foi forçado a cancelar.

Como Plant já havia convidado Paul Martinez para tocar baixo e este se recusou a ceder, Jones teve de ser realocado para os teclados, enfiado num canto do palco e quase invisível. Havia dois bateristas, Tony Thompson, da Chic, e Phil Collins, que, primeiro, tocou em Londres e, depois, atravessou o Atlântico num Concorde para unir-se ao Led. O preço da brincadeira foi que

Collins parecia não ter familiaridade com o *set* do Led, e ficou sentado e aturdido a maior parte do tempo. Mesmo assim, saiu-se melhor que Plant e que Page.

Parecendo um dândi do Club Med em sua tétrica camisa roxa com calça branca, Plant desfilou como um pavão. Mas a voz estava prejudicada, não conseguia alcançar as notas. De um golpe só, ele se tornara exatamente aquilo que passara os últimos cinco anos se esforçando para não ser – uma lembrança desbotada de glórias passadas. Para Page foi pior. De olhos fechados, um cigarro pendurado na boca, ele se esforçava para tirar alguma coisa que não fosse um guincho desafinado da

guitarra.

Para sorte de todos os envolvidos, eles só tiveram três músicas para essa trapalhada toda: “Rock and Roll”, “Whole Lotta Love” e “Stairway to Heaven”, que saiu tão carregada que parecia que estavam tocando pela primeira vez. Eles nem foram os mais envergonhados entre a velha guarda. A confirmação do revival do Led havia chegado tão tarde que ficaram com a vaga do começo da noite, inicialmente reservada para os Honeydrippers, entrando antes do Duran Duran e deixando para Bob Dylan a honra de encerrar o show. Dylan convidara Keith Richards e Ronnie Wood dos Stones para acompanhá-lo, mas parecia não ter

lhes informado que músicas pretendia tocar. O set curto começou como se fosse um acidente e logo degringolou numa carnificina incorrigível.

“O Live Aid foi um troço muito estranho”, Plant disse a Tom Hibbert, da Q, três anos depois. “Eu me vi lá dizendo: ‘Grande ideia – vamos ensaiar’. E a gente praticamente arruinou a coisa toda, porque nosso show foi horrível. Eu estava rouco e não conseguia cantar, Page estava desafinado, não ouvia a própria guitarra. Jonesy ficou lá parado, sereno que nem o inferno, e os dois bateristas provaram que... bom, sabe, foi por isso que o Led não continuou.

“Mas, apesar de tudo, a adrenalina

que eu tive com o tamanho daquele público... eu tinha esquecido como era. Tinha esquecido o quanto eu sentia falta. Estaria mentindo se dissesse que não fiquei inebriado com a coisa toda.”

É fato que a *performance* do Led podia ter sido horrenda, mas o público de mais de 95 mil ainda assim rugiu em aprovação. Quinze minutos depois do Led deixar o palco, milhares ainda nos chamavam de volta.

“Aquele negócio foi pirado”, diz LeFevre, que cuidou do som do Led no Live Aid. “A gente estava no meio da turnê do Robert, fomos parar lá de repente, Jonesy não foi convidado. Foi totalmente surreal. Puta que pariu, não lembro nem que músicas eles tocaram.

“Voltando à turnê do Robert, Jimmy apareceu e subiu no palco num show no Meadowlands, em New Jersey. Ele não conseguia tocar uma nota que fosse. Parecia que o cérebro dele tinha sido atropelado e os dedos não faziam o que ele pensava. Foi uma tristeza.”

Para Plant, retornar à própria turnê depois do Live Aid foi um choque de realidade. A turnê se arrastou pelos EUA até o fim de julho, chegando a uma conclusão abrupta no Reino Unido em setembro. Eram só duas datas na Inglaterra, em Birmingham e Londres. Plant chegara numa encruzilhada e não sabia qual caminho tomar. Qualquer que fosse a direção escolhida, ele havia decidido não levar ninguém da banda

atual consigo.

“Lá na época, eu tinha informação e tecnologia demais”, ele me disse. “Tinha cortado o cabelo e penteado para trás, comecei a usar calça roxa larga. Engraçado e tal. Aí notei que David Crosby tinha razão naquela música ‘Almost Cut My Hair’ – ele não é um *hippie* velho caidão.

“O caso é o seguinte com gente tipo Crosby, Neil Young e eu – e agora vai ter gente correndo atrás de um balde pra vomitar, mas é verdade: eu paguei pra entrar nessa”, ele disse, coçando o cabelo, que já tinha crescido de novo, “e ainda tenho o ingresso”.

“Eu tinha acabado de me mudar para Monmouth, perto da Floresta de Dean”,

recorda Woodroffe. “Robert também tinha comprado um lugar por lá. Ele me ligou um dia e sugeriu que a gente tomasse uma. Veio me buscar, e fomos num pubzinho na floresta chamado Foresters Arms.

“Tomamos dois canecos, os dois mais água que cerveja, e ficamos lá olhando pro copo. Ele me disse: ‘O que você acha que a gente devia fazer?’ Eu respondi que não sabia. Ele disse que ia ter que pensar e me telefonava. Não tomamos a cerveja. Fomos pra casa e nunca mais tocamos no assunto.”

O expurgo de Plant não se encerrou com os músicos. Também incluiu Benji LeFevre, que trabalhava para ele desde 1973.

“Na época, eu tinha comprado uma casa perto da Jennings Farm”, diz LeFevre. “Era um chalé pequeno e detonado que levei num leilão. Um dia, o Robert apareceu e me disse: ‘Acho que deu. Até mais, amigão.’ Não, não foi assim. Depois que a turnê acabou, as coisas andavam frustrantes. Tudo que ele me disse foi que precisava renovar o sangue.

“E foi isso. Teve um pouco de hostilidade entre os caras da banda, e eu dei minha opinião, e acho que ela não caiu muito bem com o Robert. Mas eu não ia virar um cara que aceita tudo depois de tanto tempo com ele. No frígir dos ovos, ainda somos amigos e ainda batemos papo, embora eu tenha ficado

meio puto na época, como você deve imaginar. Foi tipo: ‘Catorze anos e agora essa?’.”

15

TALL COOL ONE

*Na noite passada, estava me sacudindo
que nem a blusa de uma velhota gorducha.*

Quatro meses depois de fechar a porta

de *Shaken'n'Stirred* e da banda com a qual o havia produzido, Plant, mais uma vez, se viu em busca de novos rumos. Voltou-se para o Led Zeppelin, aceitando um encontro inicial com Page e Jones. Não seria a última vez que ele faria isso. Independente de tudo mais que havia feito, ele continuava a ter um vínculo tão forte com a banda quanto Page. Mais resistente ainda é o vínculo que existe entre ele e Page. Indelével e singular para ambos, é tão dependente de um quanto do outro. Apesar de todas as flutuações no relacionamento, o vínculo permaneceu constante.

Outra coisa imutável, mas que separa Plant e Page desde o fim do Led, é o significado que a antiga banda parece ter

para eles. Aceita-se a ideia de que Page ainda precisa do Led, mas Plant não; que Page resguarda o legado da antiga banda com fervor devoto, mas também encurrala-se nela e não consegue seguir em frente, enquanto Plant deixou o passado para trás e segue adiante nos seus próprios termos.

O certo é que a dinâmica entre os dois mudou. Plant conseguiu fazer carreira sem o Led, mas Page não. Faz muito tempo que Page quer recompor a banda, mas Plant resistiu várias vezes, deslocando a base de poder entre os dois. Por mais que Page ornamente o mito do Led, Plant sempre tratou a questão com ironia. Dessa perspectiva, é fácil acreditar que Page deu pulos com a

chance de ter o Led no Live Aid, e da mesma forma surpreende que Plant tenha aceitado. A verdade é que Page nunca fugiu da sombra pairante do Led, enquanto Plant conseguiu em boa parte prosperar fora dela. Isto, combinado ao fato de Plant ser hoje o parceiro dominante na relação, tem sido a pedra no sapato de Page.

O fato é que, não importa o quanto as coisas pareçam organizadas na superfície, correntes subterrâneas emaranhadas governam os sentimentos de Plant pelo Led. Ele nunca esqueceu do controle que Page exercia sobre ele no início da banda. Embora evitasse músicas do Led quando começou a tocar sozinho, não querendo que o acusassem

de usar a banda como muleta, não era das músicas que estava fugindo. Na verdade, estava rejeitando o mundo que crescera em torno da banda e as tragédias resultantes. Ele deixou o Led com um senso de perda indizível, fora a culpa tão terrível quanto irresoluta. Não há dúvida de que ele queria ficar o mais longe possível da fonte desses sentimentos; e quanto mais longe chegava, mais difícil era voltar.

Isso não quer dizer que as realizações do Led não o enchessem de orgulho tanto quanto enchiam Page, que não as tivesse em alta conta ou que não recorresse a elas com veemência quando preciso. Em seus discos próprios, ele continuou a usar o Led como ponto de referência

para os novos colaboradores e também para determinar um parâmetro de comparação – quase sempre um parâmetro impossível. A ideia de que ele nunca quis nem precisou voltar à banda também é errônea. Ele não concordou com o Live Aid a partir de posição de força, mas contra o pano de fundo de um álbum fracassado e uma turnê fraquejante.

“Uma vez fui à sua casa fazer umas fotos e fiquei chocado”, diz o fotógrafo Ross Halfin. “Ele tinha transformado um celeiro da propriedade numa espécie de museu do Led. Tinha um monte de discos de ouro nas paredes e baús cheios de revistas em que ele aparecia. No banheiro, deixou emoldurado o

telegrama de Peter Grant o convidando pra entrar na banda. Era a última pessoa de quem eu esperava uma coisa dessas.

“Perguntei ao Jimmy por que Robert era tão desdenhoso com o Led. Ele respondeu: ‘Eu o ensinei a cantar, a atuar e a se mexer – eu falava pra ele como fazer tudo, e por isso ele guarda ressentimento’.”

Diferente do Live Aid, o novo reencontro aconteceu em segredo, longe dos olhos da mídia. Em janeiro de 1986, Plant, Page e Jones se encontraram numa vila na saída de Bath, no West Country inglês. Tony Thompson, que tocara bateria com eles na Filadélfia, viera dos EUA. A equipe tomou conta do salão local, enchendo-o de equipamentos e

usando dois paraquedas velhos para vedar o som.

De início, os sinais eram promissores. Eles começaram a trocar ideias para novas músicas, sendo que Plant, posteriormente, sugeriu que os resultados pareciam uma cruz entre duas das grandes bandas de rock alternativo dos EUA naquele período, Talking Heads e Hüsker Du. Não tardou, porém, para os problemas de sempre surgirem.

“Por mais que a gente quisesse, não era a hora do Pagey”, Plant contou a David Fricke, da *Rolling Stone*, em 1988. “Ele tinha recém-terminado o segundo álbum da Firm, e acho que ficou meio confuso quanto ao que vinha

fazendo. Tinha um clubezinho que a gente ia na cidade. Jonesy e eu geralmente voltávamos a pé de lá até o lugar onde estávamos parando, aí pelas duas da manhã. Pagey não saía, e não é assim que você faz as coisas voltar ao que eram.

“O interessante foi que, depois de ficar sem ele e me arranjando por conta própria, eu fiquei bem mais decidido. Quando chego a uma conclusão, reajo na hora. Lá nos outros tempos, podia levar até uma semana de discussão.”

As coisas chegaram ao ápice depois de apenas uma semana. O momento decisivo foi quando Thompson sofreu um acidente de carro que o deixou inativo.

“Tony havia virado celebridade local”, Plant informou a Fricke. “Uma noite, ele estava num minicab com mais cinco. O carro fez uma curva muito rápida, saiu da estrada e acabou no porão de uma casa. Ligaram-me às 5 horas da manhã da Enfermaria Bath Royal, e era uma matrona de pavio extremamente curto que disse: ‘Estamos aqui com o senhor Thompson – ele afirmou que você, senhor Plant, é seu parente mais próximo’. Eu disse: ‘Mas ele é negro’. Aí foi o fim dele.

“Aí um dos dos *roadies* tocou bateria. Até que ele era bom, mas a coisa toda perdeu a materialidade. Jimmy tinha que trocar a bateria do wah-wah a cada música e meia”, explicou ele, talvez

recorrendo a um eufemismo. “Aí eu falei: ‘Tô voltando pra casa’. Jonesy perguntou por quê. ‘Porque não aguento mais isso e não preciso dessa grana’. Para a coisa dar certo em Bath, eu tinha que ter mais paciência do que eu tinha há anos. Não era pra ser.”

Apesar de tudo, Plant logo voltaria a procurar Page. Nesse meio tempo, ele mais uma vez havia tomado outro rumo. No outono, começou a trabalhar com um compositor chamado Robert Crash, que havia produzido o segundo álbum do duo electro-pop britânico Eurythmics – *Sweet Dreams (Are Made of This)*, de 1983. Ao mesmo tempo, sua licenciadora lhe passou uma fita demo de uma jovem banda britânica chamada

The Rest Is History. Uma das músicas chamou sua atenção: “Heaven Knows”, uma suave melodia pop-rock.

Plant entrou em contato com o principal compositor da banda, o tecladista Phil Johnstone, e começaram a trocar ideias. Os dois se acertaram bem, e já que Johnstone tinha uma personalidade quase tão forte quanto a de Plant, trouxe o baterista Chris Blackwell, que também tocara na demo. Blackwell, por sua vez, recomendou a Plant o guitarrista Doug Boyle e o baixista Phil Scragg, ambos vivendo a duras penas no circuito de clubes e estúdios de Londres.

“Conheci Robert num estúdio perto da Tower Bridge em Londres”, relembra

Blackwell. “Ele perguntou se eu queria um chá com pãozinho. Todo meu nervosismo sumiu na hora. Ele é um cara legal, muito pé no chão, mesmo que tenha seus outros momentos.”

“A primeira impressão que tive foi de que ele era muito alto e também marcante, em todos os sentidos”, diz Boyle. “É a aura dele. Não dá pra negar o carisma.”

Com seu jovem grupo, Plant trabalhou em dez músicas. Também arrumou um novo empresário, Bill Curbishley, o prodigioso londrino que comandara o Who por mais de uma década e também vinha cuidando da banda britânica de heavy metal Judas Priest. Embora ainda não houvesse contado à nova banda que

iam fazer um álbum, ele estava pronto para um recomeço.

Os trabalhos com o disco tiveram início em 1987, em dois estúdios de Londres, o Marcus e o Swanyard. Plant queria casar a tecnologia moderna que usara em *Shaken'n'Stirred* com a composição mais tradicional. Nomeou Phil Johnstone para diretor musical extraoficial. O serviço de Johnstone era gerenciar a pilha de efeitos eletrônicos que Plant havia encomendado – baterias eletrônicas, sequenciadores, *samplers* – e também traduzir as instruções mais abstratas de Plant para o resto da banda. Já que não era músico, Plant tendia a comunicar uma ideia cantarolando ou

evocando uma emoção, e ficava a cargo de Johnstone transformar essas expressões em notas e acordes.

Plant mantivera Tim Palmer das gravações de *Shaken'n'Stirred*, e ele lembra de haver certo atrito no estúdio quando Plant quis testar os limites dos novos colegas. A situação piorou porque, bem na época, Plant estava tentando parar de fumar.

“Às vezes, eu discutia porque queria mais guitarras. Mas não é assim que se faz com Robert, porque ele não gosta que o contrariem”, diz Palmer. “Foi meio que uma guerra, mas a gente acabou achando um meio-termo.

“Robert com a banda era o Robert de sempre: ficava provocando, atiçando, e,

às vezes, isso rendia, mas muitas vezes não. Acho que Doug Boyle realmente penou com o assédio constante de Robert para ele tocar mais e em estilos diferentes, pra conhecer as raízes do que Robert fazia.”

“Lembro que Doug passou por maus bocados”, concorda Chris Blackwell. “Certo que Robert, às vezes, vira capataz, e costumar mirar na guitarra e na bateria por motivos óbvios. Doug é muito na dele. Ele sabia tocar, mas, pra começar, aquela não era a dele – ele é mais guitarrista de jazz. Ele levou muita bordoadada do Robert, e acho que boa parte foi desnecessária e indesejável.”

Músico de talento, embora quieto e nervoso, Boyle, hoje, descreve a

experiência de trabalhar com Plant como algo que ajudou a construir seu caráter, mas que também o exauriu emocionalmente. Assim como havia acontecido com Robbie Blunt, seu maior problema era não ser Jimmy Page.

“Eu senti bastante pressão”, admite Boyle. “Teve momentos definitivamente tensos, sendo que alguns podem ter tido relação com a nicotina. Tinha alguns aspectos do meu jeito de tocar pros quais Robert não estava nem aí, e outros que sim. Ele estava tentando cortar as partes de que não gostava e me apresentar para umas coisas mais roots, rock’n’roll, que não é meu hábitat natural.

“Talvez esta tensão tenha dado a

Robert aquela impetuosidade extra que ele queria no disco. Definitivamente senti que ele estava me alfinetando pra ver como eu reagiria. Acho que ele deve ter notado que eu tocava com mais vontade se me sentisse incomodado.”

A autoconfiança de Boyle ficou ferida e sofreu mais um desgaste quando ele descobriu que Plant havia convidado Page para participar do disco. Plant enviou a Page fitas de duas músicas: “Heaven Knows” e “Tall Cool One”, sendo que a última soava como uma faixa reaproveitada de Gene Vincent, e pediu para ele criar solos para cada uma. Ambas haviam sido pensadas como *singles*.

“Jimmy tocou de um jeito que parecia

uma caricatura de si mesmo”, recorda Palmer. “Pegou a guitarra, fumou um cigarro, tomou cerveja e começou aquelas caras. Eu é que não ia dizer pra Jimmy Page como tocar, então a gente só deixou uns canais abertos e pediu para ele fazer o que achasse bom. Depois eu fui remexendo e construí solos compostos.

“No estúdio, num dia de sorte, você conseguia que um assistente preparasse o chá. No dia em que Jimmy chegou, de repente eu tinha dois assistentes e uma sala cheia de técnicos, todos querendo uma chance de dar uma olhadinha nele e Robert juntos. Teve muita risada e piada entre os dois. Foi uma coisa bem tranquila, sem tensão nenhuma.”

Page ficou em choque ao ouvir a versão finalizada de “Tall Cool One”. A faixa terminava com um estouro de *riffs* sampleados do Led, entre eles partes de “The Wanton Song” e “Custard Pie”. Plant afirmou que se convencera a fazer aquilo depois de ouvir os Beastie Boys, os *rappers* de Nova York que haviam pego o *riff* de “The Ocean” para o *single* “She’s Crafty”, no ano anterior. Mas não tinha avisado Page.

“Que eu me lembre, a reação de Page foi de perplexidade”, diz Doug Boyle. “Ele deu uma olhada muito enviesada para o Robert.”

“Na real foi feio fazer aquilo”, Plant me disse, aos risinhos. “Mas, na época, a piada parecia boa. Bobinha. Mas

também ficou bom pra caralho.”

A mesma combinação de *high-tech* e orgânico definiu a versão final do álbum, chamado *Now and Zen*. Não era um disco de som menos moderno que seu predecessor, a diferença é que neste a tecnologia fora usada como suporte das músicas, e não o contrário. Nesse sentido, era o álbum mais acessível de Plant até então.

“Foi o disco que meio que relançou Robert como artista solo, muito porque Jimmy tinha entrado em ‘Heaven Knows’”, diz Blackwell. “O pessoal foi correndo comprar. Jimmy ainda subiu no palco com a gente umas vezes, o que foi demais também, embora deva ter sido difícil do ponto de vista do Doug. Você

tinha meio que adivinhar o que se passava.”

Apesar de tudo que havia implicado com Boyle, foi o baixista Phil Scragg que Plant dispensou assim que o disco estava finalizado. Ele o substituiu por Charlie Jones, amigo de Tim Palmer em Bath que vinha tocando numa banda local chamada Violent Blue. Plant decidira fazer turnê com a jovem banda, mas, antes disso, tinha mais uma distração para ocupá-lo.

“Robert gostava de cuidar de todos os contratos por conta própria e tinha reputação de avarento”, explica Tim Palmer. “Tinha um dinheiro que não fora pago ao Swanyard, e Robert e a senhora que era dona do estúdio, Margarita

Hamilton, trocaram várias cartas. Quando Robert finalmente mandou o cheque, mandou junto um *stripper* e um bilhete informando a Margarita que, se ela quisesse o dinheiro, teria de tirar da cueca do homem com os dentes.”

Não que Plant não conseguisse surpreender com atos de generosidade. Naquele Natal, mandou entregar uma cesta imensa no apartamento de Boyle. Ele recorda: “Eu abri e dentro havia um cartão do Robert dizendo: ‘Obrigado pelo trabalho, você foi sensacional’. Robert tinha sido muito difícil de agradar. Era a primeira vez que eu ficava sabendo o que ele tinha achado da minha contribuição.”

Naquele dezembro de 1987, Plant e banda começaram os ensaios para a turnê. Antes da folga de Natal, fizeram dois shows de aquecimento, pouco divulgados: o primeiro na cidade praiana de Folkestone, e o segundo no Salão Municipal de Stourbridge, ao qual Plant voltava depois de anos. Serviu para Plant desvelar o novo grupo, mas também foram os primeiros shows em que ele tocou músicas do Led como artista solo. “Misty Mountain Hop”, “Rock and Roll” e “The Lemon Song” entraram nas *set lists*.

Chris Blackwell afirma que foi a banda que coagiu Plant a tocar as músicas, lembrando que, numa tarde, Plant os flagrou tocando “Immigrant

Song” e começou a cantar junto. Mas, provavelmente, tratou-se de uma decisão mais pragmática, instigada pelo empresário Bill Curbishley. Amigo de longa data, Curbishley sabia que um simples cochicho sobre músicas do Led bastava para fazer os ingressos verterem nos EUA, e era lá que Plant tinha mais a ganhar.

Durante o primeiro mês de shows no Reino Unido, naquela primavera, ele voltou a se exhibir como um pavão, já perto dos 40 anos, mas começando tudo de novo.

“Na noite passada, estava me sacudindo que nem a blusa de uma velhota gorducha e percebi como tudo aquilo parecia idiota”, admitiu a Tom

Hibbert da Q depois de um desses shows. “Era quase autoparódia, mas é nisso que eu sou bom, é isso que eu sei fazer. Vou fazer mais o quê? Dormir com os diretores da Coca-Cola e fazer propaganda pra eles?”

“Não quero acabar tocando na sala dos fundos de um *pub* de Wolverhampton. Essa vida é muito sacana.”

Now and Zen foi lançado em fevereiro, e alçou-se ao Top 10 dos dois lados do Atlântico. A turnê norte-americana, que começou no verão e se estendeu por 50 shows, tirou proveito disso, com músicas do Led forrando os *sets* e Plant em sua pompa. Foi um dos shows que mais atraiu público nos EUA

naquele ano, enchendo arena atrás de arena, a reação da plateia ecoando o frenesi que o Led provocava no passado, embora algumas coisas de fundo estivessem bem diferentes.

“Assim que chegamos aos EUA, apareceu um coreógrafo. Aquilo foi hilário”, recorda Blackwell. “Ele foi pra estrada com a gente durante duas semanas para mostrar principalmente pro Doug e pro Charlie como se mexer e o que fazer – quando correr pelo palco, quando fazer pirueta. Lembro que eles não ficaram nem um pouco contentes.

“Em 99% do tempo, Robert era um amor de pessoa. Mas uma vez por semana ele tinha o seu dia estranho. Eu sabia qual era porque ele descia pra

recepção do hotel com as mesmas roupas, umas calças *baggy* de surfista enfiadas em bota de caubói. Quando ele se vestia assim, estava meio fora da casinha e aí botava todo mundo pra penar; virava capataz de novo. Não sei o que era aquilo, se era hormonal ou coisa assim.”

“Sempre ficava a sensação de que você era substituível”, prossegue Boyle. “Se eu não dava o que ele queria, sabia que podia me mandar cair fora em cinco minutos, embora eu não achasse aquilo tão ruim. Mantinha todo mundo bem ligado.”

Na sexta noite da turnê, em 14 de maio, havia o show de aniversário de 40 anos da Atlantic Records no Madison

Square Garden. Plant fora convidado para tocar um *set* solo. O diretor do selo, Ahmet Ertegun, também implorara por um reencontro do Led para fechar o show. Plant concordou nas duas instâncias. Chegando ao palco após apresentações de Crosby, Stills and Nash, dos Bee Gees e do Yes, seu solo com a banda foi seguro e bem treinado, tudo que não houve no encerramento do Led.

Plant havia entrado em conflito com Page durante os preparativos. Ele queria Blackwell na bateria, mas Page bateu o pé por Jason Bonham. Plant também não estava a fim de cantar “Stairway to Heaven”, mas Page venceu. Foi uma vitória de Pirro. Acabou que Plant

esqueceu a letra da música mais amada do Led, talvez menos por acidente do que de propósito, mas isso apenas ficou de acordo com o caos geral que se desenrolava ao seu redor.

A *performance* do Led nesse concerto foi uma lambança ainda pior que a do Live Aid três anos antes. Foi como ouvir quatro pessoas tocando uma independente da outra. Page com cara de perturbado e em velocidade diferente dos outros; a voz de Plant sondoa gasta. Na hora em que “Stairway to Heaven” deu uma empacada dolorosa, só Jones permaneceu tranquilo. Plant tinha a expressão de um homem que passara meia hora fazendo tratamento de canal.

“Nunca mais se falou naquele show”,

diz Blackwell. “Phil Johnstone costumava pegar no pé de Robert por tudo que é coisa, mas aquele show nunca entrou nas conversas. Depois daquilo, nem se pensou em turnê de reencontro. Robert recebia essas propostas e dizia, tipo: ‘Ah, vai se foder!’.”

“Fiquei com a forte sensação de que, por conta de como foi a coisa na Atlantic, pra ele o reencontro do Led ficou adiado”, diz Doug Boyle. “Antes eu achava que podia acontecer alguma coisa dali a uns anos. Não sei o que rolou, mas aquele show foi um momento de muita tensão entre Robert e Jimmy.

“Acho que tinha uma parte do Robert que sentia muita falta de Jimmy. Ele costumava me dizer: ‘Jimmy faria

assim’, e: ‘Jimmy faria assado’. Sempre me dava vontade de responder: ‘Olha, eu não sou o Jimmy. Se quer o Jimmy, vai buscar’. Os dois são como irmãos. Tem uma coisa muito, muito profunda ali.”

Naquele verão, Page lançara seu primeiro álbum solo, *Outrider*. Era cheio de exercícios de blues na guitarra, embora não tenha músicas memoráveis. Plant coescreveu e cantou uma delas, um rock jovial intitulado “The Only One”, que veio e foi sem causar impressão.

No inverno de 1988, Plant e banda voltaram à estrada na América do Norte, com mais 37 show esgotados. No início da turnê, o baixista Charlie Jones avisou Plant que havia começado a sair com sua

filha, Carmen. O casal viria a se casar e fazer de Plant avô. Na hora, contudo, o efeito da presença da filha de Plant durante a turnê era motivo de grande diversão para o resto da banda. Até aquele momento, Plant vinha curtindo a vida tanto quanto fizera nas jornadas do Led pela América.

“Do ponto de vista do Robert, é certo que ter Carmen na estrada mudava tudo”, diz Blackwell. “A partir daí tudo tinha que ficar às claras ou ser varrido pra baixo do tapete, e era muito divertido ver a coisa acontecer. Não que a Carmen não fosse gente boa e não soubesse o que acontecia.

“Nos EUA, principalmente, sair numa turnê daquele tamanho com uma pessoa

que nem Robert era meio que uma licença pra você fazer o que quisesse. Você podia levar ao extremo que quisesse.”

* * *

Plant queria manter o embalo da turnê. Após um breve recesso de Natal, ele convocou a banda à sua casa no País de Gales para começarem a trabalhar no novo disco. Tinha decidido que *Now and Zen* era rebuscado demais e queria fazer um álbum de rock puro e simples, com as guitarras tomando precedência sobre efeitos eletrônicos.

As gravações começaram no Olympic Studios de Londres, o mesmo em que o Led havia gravado o primeiro álbum

duas décadas antes. Ao fim do primeiro dia, Plant puxou seu novo produtor, Mark “Spike” Stent, para um canto. Disse a Stent que ele já havia lhe custado mais dinheiro do que se gastara em toda a estreia do Led Zeppelin.

“Ele é um mão de vaca”, relembra Stent, rindo. “Mas faz parte da personalidade dele. De vez em quando, ele gosta de dar uma cutucada. É um sujeito interessante. E é um homem muito impressionante. Lembro dele entrando na recepção do estúdio no primeiro dia e de eu pensar: ‘Ok, taí um deus do Rock pra você’.

“Na produção do disco, ele foi meio que tirano. Eu usaria essa palavra num sentido mais cômico. Quer dizer, ele

comanda o navio e sabe exatamente o que quer. Estalava o chicote direto, mas nunca levava pro lado pessoal – era só de pura frustração. Ao mesmo tempo, ele tem um jeito de inspirar e conseguir *performances* sensacionais.”

Mais uma vez, o lado mais ríspido de Plant sobrou para o guitarrista Doug Boyle. Ainda exaurido da turnê, Boyle considerou essa gravação ainda mais dificultosa que a de seu predecessor. Ele compara a abordagem de Plant à de Stanley Kubrick, o diretor de cinema conhecido pelo alto nível de exigência.

“Foi um processo bastante intenso”, ele explica. “Robert vai ao limite para conseguir o que quer, e eu fiquei à beira da loucura. Tivemos alguns arranca-

rabos, uns olhares mais sérios. Mas depois de uns dias aquilo era esquecido.

“O maior problema de Robert era meus pontos de referência. Ele tinha muito medo por eu ter tocado numa banda de jazz-funk, que é o maior pesadelo dele na música. Ficava sempre me perguntando se eu andava ouvindo o Level 42.”

O caso é que nem mesmo uma pitada de jazz-funk em *Manic Nirvana* poderia ajudar. Em essência, era um disco de hard rock, mas não tinha apelo algum. Plant não só havia deixado a âncora de sua antiga banda com o blues, mas também os toques mais leves, os tons bucólicos e as raízes folk. Parecia ter perdido o rumo.

Em novembro do mesmo ano, ele, mais uma vez, reencontrou Page e Jones, mas, dessa vez, diante de umas duzentas pessoas na West Midlands. A ocasião foi a festa de aniversário de 21 anos da filha Carmen, realizada no *pub* Hen & Chickens na cidade de Oldbury, no *Black Country*. Os três, mais uma vez com apoio de Jason Bonham na bateria, passaram por uma seleção de canções do Led que incluiu “Trampled Underfoot” e “Rock and Roll”. Após a provação do show da Atlantic Records, aquilo serviu de desabafo.

“Todo mundo que tinha trabalhado no álbum foi convidado”, relembra “Spike” Stent. “Aquele improviso foi um momento sensacional.

“E Robert ainda tinha aquele enrosco muito intrigante e bizarro com a ex-mulher e a irmã dela. Fiquei com a sensação de que, na festa da Carmen, ele também conheceu mais alguém – uma jovenzinha. Ele estava na nossa mesa conversando com ela, e, depois, ouvi dizer que eles andavam saindo. O Robert é assim. Ele tinha o dom.”

Lançado em março de 1990, *Manic Nirvana* não repetiu o sucesso de *Now and Zen*. Mais tarde, no mesmo ano, Neil Young, pedra de toque de Plant, lançou seu álbum *Ragged Glory*, no qual ele e a banda de apoio, Crazy Horse, clamaram contra o apagar da luz que finda. Em comparação a Young, Plant não parecia tão alheio ao mundo.

Mais uma vez, ele fez sua turnê do álbum ao longo de mais de um ano. Os shows foram muito melhores que o disco, embora alguns integrantes da banda tenham curtido mais que outros.

“Dava pra sentir um pouco mais de tensão”, diz Boyle. “Na época, acho que Robert estava começando a pensar à frente e olhava especificamente pra mim. Ele não conseguia seguir em frente tendo as mesmas pessoas à volta. Eu achava que os shows em si estavam magníficos, mas tinha a forte sensação de que seria minha última turnê com ele.”

“Quando se viaja junto, você realmente vê todos os lados da pessoa, e não existe lado negro nenhum no Robert”, diz Blackwell. “Às vezes, tem

um pouco de fanfarronice, quando ele veste a máscara, mas você sabe que passa. Eu sentava ao lado dele no avião, e a gente ficava falando de pintar a casa, de carpete. Eram as horas de que eu mais gostava, quando eu via a pessoa real.”

“Falei com o pai dele algumas vezes. Era um camarada típico do *Black Country*, bem pé no chão, que usava boina. Lembro do Logan no *backstage*, de *skate*, colidindo nas pessoas. Shirley e Maureen também eram muito queridas. Acho que todo mundo considerava aquela situação estranha, mas tinha coisa mais estranha acontecendo. De qualquer forma, nada do que a gente fazia parecia dentro da realidade.”

Ao fim desse período, a relação entre Plant e Shirley Wilson parecia ter acabado. Ele nunca comentou o assunto, nem os boatos que o ligavam à cantora e ex-modelo canadense Alannah Myles, que fez aberturas dele na turnê. À época, promovendo seu álbum de estreia, a banda de retro-rock The Black Crowes também abriu para Plant nesses shows nos EUA. O baterista Steve Gorman lembra de Plant os levar a clubes de blues em Chicago.

“Era só ele e nós, e a gente foi até o Checkerboard, um pé sujo lendário no South Side”, conta Gorman. “Entramos, e a banda da casa estava armando o palco. Aí o MC subiu no microfone, era um senhor negro. E ele disse: ‘Temos um

convidado muito especial na casa essa noite. Ele veio da Inglaterra e trouxe o blues de volta pra gente. Todo mundo: uma salva de palmas para ele. Senhoras e senhores, o sr. Led Zeppelin! Levanta, Led!”

“Robert ria tanto que mal conseguiu se levantar. Aí ele subiu e fez uma reverência. A gente passou o resto da turnê chamando ele de Led. Ele adora se autodepreciar. É óbvio que ele ama e respeita o que o Led fez, mas é o primeiro a desfazer a lenda.”

A turnê se estendeu até dezembro, no Reino Unido. Plant trouxe a banda a Wolverhampton para um show mais intimista no Centro Cívico da cidade. Foi um belo show, e ele parecia estar em

seu lugar, curtindo a adulação do público. Naquela noite, cantou uma versão tocante de “Going to California”, do Led. Embora ninguém mais soubesse, sua próxima atitude o faria voltar aos sons daquela música, e também àquela época e lugar.

Por volta dessa época, eu me vi ao lado dele num show de James Brown na arena NEC, em Birmingham. Ele parecia bronzeado, relaxado, e estava com uma loirinha de vestido curto e justo. Conteí desse encontro para o velho amigo de Plant, LeFevre. “Ah, ela”, ele reagiu, com um sorriso. “Era a sobrinha dele.”

16

ENCRUZILHADA

*Minha sensação de vulnerabilidade
é tão forte quanto a minha potência.*

A turnê de *Manic Nirvana* foi concluída

em janeiro de 1991, e Plant tirou as maiores férias desde o fim do Led Zeppelin. Passariam-se mais de dois anos entre este e o disco seguinte – e ainda mais até ele voltar a fazer turnê. Ocupou-se em ser pai pela quarta vez e também em tentar redescobrir seu lugar musical no mundo.

Em setembro, ele comemorou o nascimento de um filho, Jesse Lee Plant. A identidade da mãe da criança é motivo de especulação desde a época, pois Plant nunca a revelou. Por mais complexos que sejam seus laços, Jesse Lee e os dois filhos mais velhos de Plant, Carmen e Logan, criaram vínculos fortes. Plant os adora, sendo um pai coruja ainda que fora do convencional.

Durante o período em que ele ficou longe dos olhos do público, a grande mudança na maré da música veio dos EUA. O R.E.M. abriu o *mainstream* para o rock alternativo quando os queridinhos da crítica saíram de Athens, Georgia, com dois álbuns clássicos em questão de dezoito meses, *Out of Time* e *Automatic for the People*. O grunge nasceu no noroeste dos EUA. Em setembro de 1991, o Nirvana, originalmente de uma cidade madeireira sem qualquer coisa digna de nota – Aberdeen, no estado de Washington – lançou seu segundo álbum, *Nervermind*. Em questão de quatro meses, havia derrubado *Dangerous*, de Michael Jackson, do topo da parada da Billboard

e provocado um tremor cultural agudíssimo.

O Nirvana chutou as portas para a entrada de outras “bandas de Seattle”, como Pearl Jam, Soundgarden, Alice in Chains e Screaming Trees. Embora esses grupos adotassem o *éthos* do punk rock, também tinham dívidas com as grandes feras dos anos 1970, como Neil Young, Black Sabbath e, claro, o Led Zeppelin.

Plant também olhou para trás para encontrar inspiração, dessa vez mirando os discos dos anos 1960 que o cativaram, definindo a trilha que seguiu desde então até agora. Ele desencavou seus álbuns do Buffalo Springfield e também reabsorveu a música que saiu de San Francisco naquela época, o psych-

rock de Moby Grape, Jefferson Airplane, The Grateful Dead e Quicksilver Messenger Service.

No verão de 1993, ele reuniu sua banda na casa de Monmouth para começar a montar o novo álbum. Embora as músicas lhe surgissem, Plant estava impaciente, insatisfeito, como um homem que não consegue se livrar de uma coceira.

O disco supostamente deveria sinalizar um novo começo. Plant tinha um novo selo, tendo deixado a Atlantic após mais de vinte anos e fechado contrato com a concorrência, na Mercury Records. Também trouxera um novo produtor, Chris Hughes, ex-baterista do Adam and the Ants que ganhara renome

trabalhando com a banda pop Tears for Fears.

O que Plant ainda não tinha era uma banda nova, e seu humor não melhorou com o início das gravações. A operação ficou pendendo entre dois estúdios, o RAK em Londres e o Sawmills, num canto paradisíaco da Cornualha, costa sul da Inglaterra. A atmosfera era tensa e logo chegou ao ponto de ruptura.

“Iniciamos no RAK, e eu estava bem tranquilo até começar a fazer os primeiros *takes*”, recorda Blackwell. “Aí a coisa ficou meio estranha. Chris Hughes começou a me dizer um monte de coisa que eu sabia que não podia ser, um monte de críticas bizarras, que pareciam vir de outra pessoa. No fim de uma das

sessões, disseram-me para não vir no dia seguinte. Mas eu fui. Aí tinha outro baterista lá, o Pete Thompson, que eu conhecia há tempos. Ninguém tinha me falado nada a respeito.

“Nós tínhamos fixado residência no Sawmills, o que só aumentava a sensação de que alguma coisa estava pegando. Tive de passar uns dias em Londres, e aí, de novo, quando voltei descobri que tinha outro baterista. Tinha outro guitarrista também, e disseram-me que não era pra avisar o Doug Boyle.

“O fim da banda foi bem feio e nada ficou resolvido. Pediram pra eu tirar um tempo das gravações, e Robert disse que ia me ligar, mas nunca ligou. Depois disso, só fiquei sabendo que o álbum

estava pronto. Fui ouvir e eu estava numa faixa. Não fui convocado pra turnê, e ficou por isso.”

“A cabeça do Robert tinha mudado completamente, era como se a gente não se conhecesse mais”, complementa Boyle. “Toquei em duas faixas e voltei pra casa. Um dia, o Phil Johnstone me ligou e disse que Robert queria trabalhar com outro guitarrista. Pra ser sincero, foi até um alívio. Eu não tinha mais nada pra dar.

“Robert parecia um tanque de guerra. Ele está sempre precisando de estímulos novos, de novos territórios pra explorar, e não faz uma coisa se não estiver 100% naquilo. Acho que dói pra ele ser assim. Nunca conheci uma pessoa tão obcecada

por música. É uma coisa que transborda, e ele tem de extravasar, do contrário imagino que ele acabaria saindo de casa correndo e gritando. Ele me levou até o meu limite. Foi uma experiência feliz, mas ao mesmo tempo me quebrou.”

Plant acabou gravando seu sexto álbum, *Fate of Nations*, com um vasto elenco de músicos. Seu último mão-direita, Phil Johnstone, assim como Doug Boyle e Chris Blackwell, coescreveu várias músicas que saíram no disco, mas tocaram só em algumas. O baixista Charlie Jones, que já era genro de Plant, foi mantido. Entre os que entraram e saíram estavam o violinista clássico Nigel Kennedy e um músico folk, Nigel

Eaton, especializado num instrumento de corda da Inglaterra medieval, o *hurdy gurdy*. Ao todo, passaram pelo álbum quatro bateristas e seis guitarristas.

“Tem que se aplaudir o cara, porque ele está sempre atrás de ideias novas e de gente nova pra trabalhar”, diz o produtor do álbum, Chris Hughes. “Ele não é do tipo que fica sentado esperando que tudo aconteça, e, nesse sentido, ele não é só cantor de rock, mas artista de verdade.

“Contudo, não acho que ele tenha nascido pra comandar uma banda. Existem dois tipos: tiranos que nem Buddy Rich e James Brown, que é você errar meia nota e é vaiado ou demitido; e outros que se importam mais em

conseguir o melhor dos integrantes e dar um jeito de todo mundo se divertir. Ele não era nenhum desses. Ele pegava uns caras e torcia pra que se encaixassem no que ele queria fazer. A vida dele é gostar e não gostar, favorecer e não favorecer uma enorme quantidade de gente.”

Como sempre, Plant deu atenção especial à guitarra. Com a saída de Doug Boyle, ele convocou o grande guitarrista folk Richard Thompson, ex-integrante da Fairport Convention, e um garoto prodígio britânico, Francis Dunnery, cuja banda de prog-rock It Bites abriu seus shows na última turnê pelo Reino Unido.

“Nunca vi Plant se empolgar com Doug Boyle”, diz Hughes. “Ele queria

uma coisa diferente, uma coisa fora dos padrões. Francis Dunnery, por outro lado, era um guitarrista bem visceral, e vi ele deixar Robert em chamas enquanto tocava.”

“Francis Dunnery era espetacular”, Plant me disse, com entusiasmo. “Um louco, um pirado, daqueles que saem pela tangente. Alguém precisa mesmo de prog-rock? Bom, não, mas se o ‘Mad’ Frank toca daquele jeito... Ele me dizia: ‘Que porra é essa de ‘tocar blues’, Planty?’. Eu falei: ‘Ouve só o Wolf’, referindo-me a Howlin’ Wolf. Eu disse pra ele: ‘Toca que nem ele canta’. Mesmo assim, ele era que nem todos os guitarristas com quem eu já toquei – um realce.”

O álbum em si não ficou bem como Plant havia pensado, porém. Sua nova gravadora esperava algo mais comercial, não um grande salto artístico. Por mais que houvesse falado anteriormente em fazer um disco com sons orgânicos, o forte de Chris Hughes eram produções pop mais potentes, e ele era tão meticuloso quanto Plant é impulsivo.

O engenheiro Phill Brown, que trabalhara em “Stairway to Heaven” com o Led, foi convocado no fim das sessões para fazer a mixagem. Lembra que o processo foi tenso.

“Chris é um grande produtor, mas não gosto da forma de trabalho dele”, diz Brown. “Ficava-se dez horas passando

um *hi-hat* de um lugar pra outro. Aí Robert se mandava, dizia que ia dar uma caminhada. Ele passava uma hora fora, aí voltava e vinha todo sarcástico: ‘Tudo pronto?’. Acho que ele não gostava dos rumos da coisa. Fiquei uma semana em cima do disco e fui embora. Não era pra mim.”

De acordo com Hughes, “o negócio do Robert é que em boa parte do tempo ele não quer ser mandado, só quer uma passarela aberta pra ele ser incrível. Com o passar dos anos, eu aprendi que certos artistas querem conselhos e outros só querem anuência. Robert só queria seguir em frente. Ele não tem paciência”.

Fate of Nations ofereceu alguns vislumbres da vida privada de Plant.

Uma das faixas mais melancólicas do álbum, “29 Palms”, era supostamente sobre Alannah Myles, mas como sempre não haveria como convencê-lo a admitir. Nela, ele cantava sobre “*a fool in love, a crazy situation*” [“um tolo apaixonado, uma situação maluca”]. “I Believe” era ainda mais comovente: uma bela canção que tratava da morte de seu primogênito Karac com candura desoladora. “*Big fire, on top of the hill, a worthless gesture and last farewell*” [“Uma grande fogueira no alto da colina, um gesto vão e último adeus”], Plant entoava como se numa canção de ninar. “*Tears from your mother, from the pits of her soul. Look at your father, see his blood run cold*” [“As lágrimas de sua

mãe, das profundezas da alma. Olhe seu pai, veja o sangue dele congelar”]. Era o máximo que ele já havia revelado de si.

“Quando se passa um tempo com um artista, você começa a ver as coisas de um jeito mais cru”, reflete Chris Hughes. “Você vê de tudo – primeiro a falta de tato, mas também as fraquezas e o que ele tem de frágil. Ele falava muito das irmãs Wilson. Nada que eu consiga lembrar de específico, só que elas eram muito fortes.

“O negócio do Robert é que ele é muito, muito sociável e carismático, mas não age do mesmo jeito que a maioria das pessoas. Em termos do que ele quer e com quem divide o tempo, ele só faz o que lhe agrada. Ele pode passar por uma

parada de ônibus e conhecer uma menina, e de repente volta com ela pro estúdio pra tomar chá. O interesse dele pelas meninas estava sempre presente, mas tudo bem.”

Embora *Fate of Nations* fosse produzido visando ao *mainstream*, surgiu num mundo em que os discos *blockbuster* eram mais altos e mais abertamente angustiados. Entre eles estava o segundo álbum do Pearl Jam, *Vs*, *Siamese Dream* dos Smashing Pumpkins, e *In Utero* do Nirvana, sendo que o último marcou o final do breve reinado da banda – e do grunge rock – e o fez com um uivo saído do abismo.

Nos EUA, em especial, Plant foi empurrado para as margens: *Fate of*

Nations mal chegou ao *Top 40*. Mesmo que ele encarasse aquilo com bravura, foi um golpe forte e que doeu tanto quanto o fracasso de *Shaken'n'Stirred* oito anos antes.

Plant voltou à turnê em abril de 1993. Sua reputação havia caído tanto que ele começou a abrir para o cantor norte-americano Lenny Kravitz numa sequência de shows pela Europa no verão. Kravitz havia surrupiado toda sua postura de Led, Jimi Hendrix e outros, e tinha quinze anos a menos que Plant.

O lamentável é que a banda de turnê era tão competente quanto qualquer uma das que ele tivera enquanto intérprete solo. O guitarrista Francis Dunnery o

acompanhava junto ao baixista Charlie Jones e um jovem baterista britânico, Michael Lee, que crescera idolatrando John Bonham. Os shows eram pegados, e Plant estava com ótima voz, embora sua explicação para isso fosse sucinta.

“Estou cantando melhor do que antes porque tem menos pozinho subindo pelo nariz”, ele informou a Deborah Frost da *Spin*. “É muito difícil eu me entregar de coração”, disse também, “mas, quando me entrego, como fiz com este grupo de músicos, aí eu fico vulnerável. Minha sensação de vulnerabilidade é tão forte quanto a minha potência.”

Para salgar a ferida, Jimmy Page acabara de levar um álbum ao *Top Ten* nos EUA. Ainda mais difícil para ele foi

ver que *Coverdale-Page* casava o guitarrista com o ex-vocalista do Whitesnake, David Coverdale, uma espécie de paródia pavoneante de Plant. Plant foi mordaz a respeito.

“Olha, aquele disco me perturbou as ideias”, ele me confidenciou cinco anos depois. “Eu falei tudo que é merda possível, mas, olhando hoje, até que me parece fofinho.”

Page, que agora também era agenciado pelo mesmo empresário de Plant, Bill Curbishley, foi seco, admitindo que havia feito o disco em vez de um reencontro do Led Zeppelin. Ao falar comigo na época, ele disse: “Eu estava passando por um período totalmente frustrante e infrutífero, por isso foi bom

simplesmente achar um vocalista. Não falei a respeito disso com Robert.

“Você tem que levar em conta que 1991 foi um ano de férias pra todos nós. Jonesy tinha uns compromissos, mas que não iam tomar o ano inteiro. Era certo que eu não tinha nada agendado, e Robert também não. Ou seja, o caminho estava aberto para nós três nos encontrarmos, mas Robert não quis. Depois disso eu pensei: ‘Isso é pura perda de tempo’.”

A parceria entre Page e Coverdale durou pouco, contudo. A turnê de Plant seguiu pelos EUA em setembro, e ele teve de baixar a expectativa de arenas para teatros. Durante a turnê, a MTV veio com a proposta de ele fazer um dos

programas *MTV Unplugged*. A famosa franquia, na qual os artistas faziam um *set* exclusivamente acústico, havia dado impulso à carreira de estrelas já com boa estrada, como Paul McCartney, Neil Young, Rod Stewart e Eric Clapton. Parecia exatamente a injeção de ânimo de que Plant precisava.

Já de saída ele estava convencido a fazer algo diferente dentro daquele formato. Quando estivera em Paris no início do ano, havia pedido ao produtor francês Martin Meissonier para arranjar uns drones e *loops* de sonoridade norteafricana, e estava ávido para trabalhar com eles. Seu empresário Bill Curbishley, por outro lado, estava mais empenhado em maximizar o impacto do

projeto. Percebendo a oportunidade perfeita para reaproximar dois de seus clientes, ele sugeriu a Plant que convidasse Page para o show.

Os dois se encontraram em novembro, em Boston, para discutir a ideia, sendo que Page viajou até lá para assistir ao show de Plant no Orpheum Theater. Após o show, Plant entregou a Page as fitas que recebera de Meissonnier. A complexidade da relação entre os dois é tão grande que cada gesto fica aberto a interpretação, não só entre eles. Nesse caso, Page entendeu a atitude de Plant como um teste.

“Ele tinha esses *loops* e foi uma coisa tipo: ‘Vamos ver se Jimmy consegue inventar alguma coisa. Ou ele vai entrar

numa *limousine* com o David Coverdale?’. Não, eu topo o desafio”, Page contou a David Fricke na *Rolling Stone*. “Foi interessante eu me juntar de novo com Robert. Fica bem aparente que o terceiro álbum [do Led Zeppelin], que tem a ênfase no acústico, tornou-se mais atraente para ele com o passar do tempo, ao invés dos elementos mais *hardcore*. Da minha parte, eu me jogaria nessa do telhado – pelado.”

As negociações prosseguiram, e as semanas viraram meses. Plant arrematou a turnê de *Fate of Nations* na América do Sul no início do ano seguinte. Foi para casa e se jogou na depressão, ruminando sobre a situação de sua carreira e ganhando peso, como

costumava fazer quando estava de baixo astral. Parecia inerte, incapaz de decidir o próximo passo. Ainda não tinha certeza se devia voltar a trabalhar com Page, sentindo os fantasmas e a culpa se remexerem.

Foi ver seu velho amigo Benji LeFevre para pedir conselhos. LeFevre disse para ele não se comprometer com nada de que não pudesse se livrar depois.

“Também disse que ele devia a si mesmo, e também a Maureen e Karac, ver se conseguia resolver seus problemas”, diz LeFevre. “Mas fiquei surpreso em saber que aquela opção sequer existisse. Ter visto e ouvido Pagey tocar em shows com Robert fora

uma decepção terrível.

“Além disso, todo o negócio do Led era um exemplo óbvio de como perpetuar o mito. Eles nunca fizeram nada de divulgação e não se juntaram de novo. É muita esperteza. Porque nunca, nunca vai ser tão bom quanto era.”

Plant enfim se decidiu. Assim como fizera em *Shaken'n'Stirred*, recorreu à aposta mais segura. Em abril de 1994, seis meses depois da primeira reunião, ele e Page se reencontraram no palco num concerto em tributo a seu antigo mentor do blues, Alexis Korner, na cidade *spa* de Buxton, nas East Midlands.

“Foi legal a gente voltar a ser parceiro”, Page me disse. “Muita água

havia passado por baixo da ponte.”

Mas se ele ou Plant esperavam que a nova parceria fosse tranquila, viriam a se decepcionar.

17

***GOOD TIMES, BAD
TIMES***

Foi como tentar parir um elefante de uma ovelha.

Em 5 de abril de 1994, o vocalista e compositor do Nirvana, Kurt Cobain, matou-se com um tiro na sua casa em Seattle. No bilhete que deixou, Cobain citava uma letra de Neil Young: *“It’s better to burn out than to fade away”* [“É melhor queimar de uma vez do que sumir aos poucos”]. Mas a frase que precede estas palavras na música *“My My, Hey Hey (Out of the Blue)”* é a que melhor captura a essência daquele ano – *“Rock and roll is here to stay”* [“O rock and roll veio para ficar”].

Nada reverberou mais em 1994 do que os sons e sensações dos anos 1960 e 1970, revividos por seus criadores ou reivindicados por novos artistas. Quando a última voz de uma geração

sumiu de forma tão violenta, foi como se houvesse necessidade de se chegar a um equilíbrio. Os Beatles restantes se reencontraram para finalizar uma faixa que John Lennon nunca terminara de gravar com eles, “Free as a Bird”. Rolling Stones, Pink Floyd e Eagles saíram em turnê, sendo que os últimos batizaram a sua de “Hell Freezes Over” [“O Inferno Congelou”], pois já haviam dito que só assim para voltarem a tocar juntos. O Fillmore reabriu em San Francisco, e alguém teve a brilhante ideia de fazer um segundo Woodstock, com patrocínio comercial e tudo mais.

O *britpop* tomou conta do Reino Unido, com raízes profundas nos anos 1960: o Oasis fazia o papel dos Stones,

enquanto o Blur fazia o dos Beatles, por mais que os primeiros tivessem o som do Fab Four, e os últimos lembrassem mais os Kinks. No álbum *Second Coming*, os Stone Roses de Manchester seguiram a trilha do Led Zeppelin, com o guitarrista John Squire evidentemente querendo ser Page. Foi bastante propício Plant e Page terem lançado, dois meses antes desse disco, o primeiro álbum juntos em mais de quinze anos – embora no caso deles não fosse apenas uma reciclagem do passado, mas uma renovação.

Depois de participarem do show de tributo a Alexis Korner em abril, os dois começaram a trabalhar juntos nos *loops* que Plant recebera do produtor francês

Martin Meissonnier. A partir destes, eles conceberam uma nova faixa, um zumbido sedutor que chamaram de “Yallah”. Longe do som autocentrado de boa parte do trabalho solo de Plant até então, a faixa voltava ao espírito itinerante dos momentos mais exóticos do Led. Também definiu o tom do que Plant queria para a apresentação dele e Page no *MTV Unplugged*, que levaria a música do Led Zeppelin a território estrangeiro, conduzida pela música folk do norte africano.

“Não há dúvida de que sou bem diferente do cara que cantou em *In Through the Out Door*, e isto significa que a nossa parceria tinha de ser diferente”, Plant disse posteriormente a

Mat Snow na *Mojo*. “A ideia toda era ressaltar que a conexão árabe era crucial, muito importante pra mim. Se você não faz alterações, nem coloca naquele tom sussurrado, mas mistura do nosso jeito, de uma dupla de figuras de caráter questionável e má reputação, aí sai uma coisa totalmente distinta.”

Não era só em relação à música que Plant estava tomando a liderança. Page alimentara esperanças de que John Paul Jones se envolveria no projeto. Plant acabou com elas, contudo.

“Se não tivéssemos começado pelos *loops*, aí teria de ser com quatro componentes, o que pra mim seria tipo ‘nada de novo’”, ele explicou a Snow. “Fora que ia ser praticamente o Led

Zeppelin, e aí a gente começa a falar do John Bonham, ia ser uma pieguice... Da minha parte, não quero muita atenção no passado, tirando o fato de que somos uns velhos de merda que ainda conseguem ficar de pé e temos histórico.”

Claro que, ao reencontrar Page e tocar músicas do Led Zeppelin, independente do aspecto, Plant estava com a faca e o queijo na mão. Com o apoio de sua seção rítmica mais recente, o baixista Charlie Jones e o baterista Michael Lee, Plant começou a ensaiar com Page para a transmissão. Eles tomaram o andar de cima do King's Head, um *pub* em Fulham, zona oeste de Londres. Para ajudá-los, Plant, inicialmente, falou com Ed Shearmur, um compositor de trilhas

sonoras e arranjador de 28 anos de idade, formado em Eton, que já havia trabalhado com Eric Clapton e Pink Floyd.

Seu outro recruta foi Hossam Ramzy, um percussionista e compositor egípcio. Ramzy já havia colaborado com Peter Gabriel em *Passion*, a envolvente trilha sonora do filme *A última tentação de Cristo*, de Martin Scorsese. O projeto serviu de base para a perspectiva de Plant, que era de misturar culturas musicais, e ele encarregou Shearmur e Ramzy de providenciar a mesma magia para ele e Page. Ramzy montou um conjunto de músicos egípcios, buscando-os no vibrante cenário dos clubes árabes de Londres, com Shearmur de

arranjador.

“Você precisa saber uma coisa sobre o Egito”, diz Ramzy. “Todo império que já teve seu lugar na Terra invadiu nosso país. Os egípcios são cruzas de culturas, e o conceito de *world music* está conosco desde a eternidade.

“A primeira coisa que tentamos com Ed foi ‘Kashmir’. Queríamos um grande casamento entre as duas culturas, mas sem que uma diluísse a outra. No início, foi como tentar parir um elefante de uma ovelha. Então eu pensei em recorrer ao blues egípcio mais puro, que se chama *báladi* e vem das ruelas do Cairo, e colocá-lo lado a lado com o blues de onde Robert e Jimmy vinham. Aquele foi o momento *eureka*.”

A nova versão de “Kashmir” formou-se ao longo de vários dias, com Plant e Page fazendo retoques. Plant, contudo, era o que mais falava na dupla, e entre os outros músicos ele era visto como detentor do voto final.

“Robert sabia muito de música egípcia e árabe no geral”, diz Ramzy. “Ele me perguntava muita coisa do mundo árabe. Ele queria ter certeza de que estava entendendo. Ele vinha praticar árabe comigo, porque tinha aprendido a língua.

“Robert é uma das pessoas mais doces que se pode conhecer, mas em se tratando de fazer música ele não tem amigos. Ele é muito exigente, e cada nota é importante.”

Desvendado o código em “Kashmir”,

os trabalhos continuaram em ritmo acelerado. Chegaram a um equilíbrio entre o hard blues do Led e as influências folk egípcias, além de tradições musicais mais antigas do norte africano. O som resultante era solto e maleável, cheio de ataques impetuosos e mergulhos dramáticos, tempero no hálito e sujeira debaixo das unhas.

Plant seguiu adiante. Trouxe Porl Thompson, o guitarrista original do The Cure, e lembrou de Nigel Eaton, das gravações de seu álbum *Fate of Nations*, acrescentando o som denso e repetitivo do *hurdy gurdy* à mistura. Para ajudar a recriar “The Battle of Evermore”, ele foi atrás de uma cantora indiana nascida na Inglaterra, Najma Akhtar, para ser sua

contraparte na faixa, relocando a música de montanhas nebulosas para terras áridas.

“Robert era tipo uma presença tenebrosa naquela sala do King’s Head, enorme e pairando sobre tudo”, recorda Nigel Eaton. “Ele sabe do poder que tem. Mesmo assim, achei ele mais ardente do que exigente. Estava muito entusiasmado, saía pulando. Acho que ele quer ser bom para também ter a aparência de bom.”

“Robert era quem estava mais no controle do esquema e o que ele dizia acontecia”, acrescenta Najma Akhtar. “De início ele tinha me enviado três músicas para ouvir e lembro do Jimmy sugerir que eu cantasse em todas. Robert

disse que não, só em ‘The Battle of Evermore’. Jimmy tentou questionar, mas só cantei aquela.

“No geral, acho que o Robert é quem manda na relação. Os dois são muito inteligentes e conhecem muito sobre diferentes tipos de música. Mas, em outros aspectos, eles são muito distintos. Robert interagia mais comigo. Ele era o capataz. Jimmy parecia tímido, muito na dele. Havia muita tensão entre os dois, tanto em termos artísticos quanto pessoais.”

As filmagens começaram na segunda semana de agosto em Marrakech, com Plant e Page tocando com os mestres da música *gnaoua*. As cenas foram gravadas no pátio de uma casa da cidade

velha e também na grande praça pública de Marrakech, a Djemaa El-Fna, com o cair da noite e a fumaça das vendinhas de comida rodopiando entre eles. Plant parecia arrebatado pelo momento.

“Com os *gnaoua*, o negócio é música e expressão pura”, ele contou ao jornalista Alvaro Costa. “Não tem nada a ver com o lado comercial. Eles não conhecem esse conceito. Não é pelo retorno. Eles dão muito, mas não querem nada em troca, e, se gostam de você, dão ainda mais.”

Na semana seguinte, a operação mudou-se para Dolgoch, na Snowdonia, com filmagens nas jazidas de ardósia em Corris, próximas à fazenda galesa de Plant. O show principal de *Unplugged*

foi gravado ao longo de três noites consecutivas, no fim daquele mês, no estúdios da MTV em Londres diante de uma pequena plateia de convidados. Também foi uma apresentação corajosa e empolgante, Plant, Page e sua banda embelezados pelo conjunto egípcio e também pela Orquestra Metropolitana de Londres, o jorro de sons gerando um desprendimento emocionante.

Três meses depois, o selo de Plant lançou uma gravação ao vivo do show. Com o título *No Quarter* e creditado a Jimmy Page e Robert Plant, foi um sucesso comercial e artístico, que elevou os dois. Desta vez não haveria nada de passageiro no reencontro.

Plant e Page concordaram em levar o conceito de *No Quarter* a uma turnê mundial que duraria mais de um ano. As primeiras datas confirmadas foram nos EUA, um total de 47 shows de arena de fevereiro a maio de 1995. Um mês antes, os dois foram a Nova York participar de uma cerimônia que introduziu o Led Zeppelin no Rock and Roll Hall of Fame. A situação foi embaraçosa, pois Jones estava presente. Durante o discurso, ele disse estar aliviado porque os colegas haviam encontrado seu número de telefone.

Não que ele tenha sido convidado a juntar-se para invocar o espírito do Led Zeppelin na turnê seguinte, que começou em Pensacola, Flórida, em 6 de

fevereiro. A realização foi um pesadelo logístico, pois regras de sindicato exigiam que eles tivessem uma orquestra de cada cidade para expandir sua banda de sete componentes, além dos músicos egípcios. Ed Shearmur tinha de viajar a cada local com um dia de antecedência em relação ao resto da comitiva para poder ensaiar com cada orquestra.

Ou seja, tinha tudo para dar errado. Mesmo assim, conseguiram. Se não tivessem conseguido, é provável que nenhuma das pessoas que foi vê-los ficasse muito chateada. Os shows eram potentes e carregados de emoção, mas as plateias que esgotaram ingressos pareciam em êxtase simplesmente por testemunharem Plant e Page tocando Led

Zeppelin juntos de novo – mesmo que “Stairway to Heaven” não entrasse na lista, pois Plant bateu o pé contra.

No mais, Plant parecia estar curtindo tudo, no palco e fora. Fazia pegadinhas com os músicos de apoio: uma vez contratou uma prostituta idosa que entrou no camarim e ofereceu-se a prestar serviços a cada um. Nos dias de folga, ocupava-se de jogar tênis ou fazer turismo. Também iniciara um relacionamento com Najma Akhtar, que se juntou à turnê para alguns shows.

“Os dois pareciam muito íntimos lá no *pub* King’s Head”, recorda Nigel Eaton, “mas a gente não tinha a menor ideia de que estavam juntos, mesmo depois da gravação. Robert tem o charme dele,

sempre tinha mulheres lindas ao redor”.

“Uma vez perguntei ao Robert como é que ele fazia para escolher uma menina quando estava no Led Zeppelin”, complementa Hossam Ramzy. “Ele me disse: ‘Era muito simples. Tinha mil delas, e eu dizia: ‘Você, você e você – se mandem. As outras podem vir’.”

Apesar da efusividade de Plant, Page continuava o cara esquivo de sempre. Sua tendência era ficar isolado no quarto de hotel, sair apenas para o show e retornar logo após.

“É muito difícil descrever Jimmy”, diz Nigel Eaton. “Ele é meio parecido comigo, daqueles caras solitários no colégio, que nunca saía. Acho que ele não se lembra de como é ficar sem

grana, não tanto quanto o Robert.

“Era só eu ligar pro Robert no quarto dele, dizer que a gente estava saindo e geralmente ele vinha junto. Lembro que ele foi cavalgar com a gente no Arizona. Nunca achei que pudesse fazer o mesmo com Jimmy. Ele sempre foi legal comigo, mas era muito mais intenso. Eu ficava mais cheio de dedos.”

Quanto mais a turnê prosseguia, mais as diferenças entre ele e Page incomodavam Plant. Ele telefonou para amigos, reclamando que, enquanto saía para jogar tênis, Page queria passar a noite em claro. Também houve rumores mais lúgubres da turma de Plant, dizendo que a bebida estava prejudicando o desempenho de Page.

“Achei aquela turnê bem desagradável”, diz o fotógrafo Ross Halfin, que acompanhou Page. “Tinha meio que a turma do Jimmy, que era o técnico da guitarra e eu, depois o Robert e todos os outros. Ficava a sensação de que o seu lugar não era ali. Sim, Jimmy estava bebendo muito no fim da turnê, por isso complicou.

“Mas parece que, na maior parte do tempo, os dois se acertaram. Robert chamava o Jimmy de ‘Jimbob’ o tempo todo, só para incomodar, mas Jimmy simplesmente ignorava. Jimmy também queria que John Paul Jones estivesse com eles, mas Robert não deixava. Jimmy também era culpado pela situação, porque ele aceitava.”

Dos EUA, a turnê acabou voltando para a Europa. Plant e Page foram a atração principal do Festival de Glastonbury no Reino Unido, no verão, e também em duas noites da Arena de Wembley, em Londres. Peter Grant foi ao segundo dos shows de Londres. Foi a primeira vez que Plant viu seu antigo empresário desde que encerrara a parceria em 1982. Grant perdera peso e parecia em paz consigo mesmo. Morreria quatro meses depois, num ataque cardíaco que o levou em 21 de novembro de 1995.

Grant foi enterrado no Cemitério de Hellingly, próximo à sua casa em East Sussex, no mês seguinte. Plant, Page e Jones foram ao velório. O humor de

Plant já estava mais soturno. Começava a sentir o mesmo cansaço que tivera nos últimos dias do Led. Ele e Page haviam finalizado uma segunda turnê pelos EUA, e o empresário atual de ambos, Bill Curbishley, estava fazendo pressão para darem sequência no ano seguinte. Plant se recusou a se comprometer, preferindo tirar uns dias de férias com Najma Akhtar no Caribe.

“Robert estava sempre sob uma pressão negativa”, ela conta. “Ele se achava responsável pela renda de todo pessoal que fazia turnê com ele e carregava esse peso nos ombros. Quando estávamos no Caribe, o estresse se manifestou num problema sério de falta de ar.

“Ele passava me dizendo: ‘Ai, meu Deus, tenho de parar, mas Bill quer que eu continue’. Era a frase que ele mais repetia e seu dilema constante. Acho que ele estava cansado de ter que seguir fazendo o negócio do Led Zeppelin. Ele ia às lágrimas por causa daquilo.”

Havia datas marcadas na América do Sul, Japão e Austrália no início de 1996, e Plant honrou todas. Ele se manteve firme em não fazer mais, contudo, e a turnê chegou ao fim em Melbourne em 1º de março.

“A sensação geral era de que a gente tinha cansado”, diz Nigel Eaton. “Só voltei a ver o Robert doze anos depois. Ele veio à minha casa em Londres para a minha esposa pintar a guitarra dele.

Tomamos chá e comemos torta.”

Plant passou quase o ano inteiro de folga, recobrando-se na casa das Midlands. Tinha seu amigo “Big” Dave Hodgetts para cuidar das coisas por lá, manter tudo em ordem e aguentar o tranco quando ele precisava desabafar. Foi Hodgetts quem preparou tudo quando ele decidiu fazer a mochila e ir à China, da Rota da Seda até a Grande Muralha. Mesmo em casa, Plant não conseguia ficar parado.

“Pro Robert, cada segundo é precioso”, diz Akhtar, que passou muito tempo com ele neste período. “Ele não queria desperdiçar a vida deitado na cama, dormindo, relaxando ou vendo TV.

Está sempre ativo e fazendo alguma coisa. Adora dirigir e visitar a fazenda que tem no País de Gales. Lembro de ir lá com ele e plantar uma árvore.

“Ele é muito espontâneo e apaixonado. As coisas mais simples e mais inesperadas fazem ele rir. Acho que o amor que ele tem pela vida é sua maior força – isso e também sua ambição, embora também possa ser a sua fraqueza. Quando se é tão ambicioso, às vezes você pisa nos outros, querendo ou não.”

Plant encaixou Akhtar no ritmo de sua vida no vilarejo. Eles iam ao *pub* local e jantavam na casa dos vizinhos. Ele a levou consigo para ver seu time de futebol, os Wolverhampton Wanderers, e

para assistir a uma banda local de *covers* do Led chamada Fred Zeppelin.

“Ele é muito patriota com o vilarejo dele”, ela diz. “Gosta de visitar as pessoas, de ficar no *pub*, o Queen’s Head. Ninguém lá acha ele estrela, ele se perde entre os rostos amigos. Ver esse lado dele foi legal. Ele odiava ir a Londres, referindo-se a isso como ‘ir trabalhar’. Em casa, ele virava outra pessoa. Quando viajava, sempre comprava presentes para amigos e gente de casa. Ele não é de gastar muito, nem de extravagâncias, também não é esbanjador.

“Em alguns aspectos, ele é metuculoso. Faz listas pra tudo, todo dia começava com uma. ‘Fazer isso, fazer aquilo e

ligar pra tal e tal’, e ia marcando cada coisinha que cumpria. O jardim é uma das paixões, virou uma missão. E, quando ele embarca numa missão, não se desvia nem para até a coisa estar do jeito certo. Primeiro, ele queria um lago mais do que tudo, e depois mandou fazer um lago bem grande. Ele também tem muita sorte, pois tem um monte de abelhinhas operárias zumbindo à sua volta, organizando e fazendo tudo que ele quer.”

A vida de sonho foi interrompida pela morte da mãe de Plant, Annie. Perder mais uma de suas âncoras o atingiu de forma severa.

“Mesmo que ele fosse cercado por uma família amorosa e pelos amigos, foi

um período muito triste e sombrio”, diz Akhtar. “A mãe era muito querida, cheia de energia, de vivacidade. Depois que ela se foi, ele quis passar todo tempo possível com o pai. Talvez por culpa de não ter feito isso antes. A persona do Robert é de fortalhão, mas por dentro ele é um *marshmallow*.”

“Lembro que houve grandes encontros de família, vários. Conheci o tio e a irmã do Robert, os filhos, além de Maureen, Shirley e a família delas. As duas foram adoráveis e muito receptivas. Elas são de origem indiana, mas muito mais inglesas do que eu; são cristãs, eu sou muçulmana. Eu nunca tinha andado com asiáticas assim. Robert costumava me dizer: ‘Se a

Maureen e a Shirley podem, por que você não pode?’. Enquanto pessoas, ele e eu éramos muito diferentes.”

A relação entre Plant e Akhtar acabou junto com o fim do período de graça em casa. Ela diz que os dois ficaram muito ocupados e envolvidos com suas próprias vidas. Quando suas ideias voltavam-se para o trabalho e a rota que traçara para si, Plant se jogava naquilo sem olhar para trás.

Ele e Page haviam resolvido fazer o primeiro álbum de material inédito desde *In Through the Out Door*, do Led, de 1979. Começaram os ensaios em novembro de 1996. Plant havia completado o circuito desde o ponto em que os dois haviam se reencontrado,

livrando-se dos músicos extras, desbastando até chegar a uma banda básica de quatro componentes, complementada por Charlie Jones e Michael Lee. As músicas que eles estavam moldando também eram bem diretas e com todo floreio extrínseco devidamente tosado. Lembravam o Led, mas numa versão mais velha e desgastada.

Para as gravações, foram atrás de um norte-americano, Steve Albini. Trinta e quatro anos, iconoclasta, Albini também era músico, tendo liderado grupos conflituosos como Big Black, Rapeman e Shellac. Fora engenheiro de som de centenas de bandas punk, hardcore e alt-rock, trabalhando rápido e sem

frescuras. Fizera um raro desvio para o *mainstream* em 1993, quando trabalhou no álbum *In Utero*, do Nirvana, e deixou a gravadora alarmada com a crueza do som.

Em fins de 1997, Albini encontrou Plant e Page no famoso Abbey Road Studios de Londres, cenário dos grandes voos artísticos dos Beatles. O disco foi finalizado em apenas 35 dias. Plant e Page não faziam um álbum tão rápido desde a estreia do Led.

“Não dá pra ficar enrolando com os comos e os porquês”, Plant me disse pouco depois. “A gente simplesmente se divertiu. Não foi nada refinado, foi mais uma coisa ao vivo. Estávamos no mesmo lugar, ao mesmo tempo, e ficou bacana.

Bem melhor do que o último que tínhamos feito juntos, *In Through the Out Door*.”

“Pra ser sincero, não lembro muito bem desse aí”, Page interveio, soturno.

“Mas o negócio é o seguinte”, Plant prosseguiu, o cérebro a toda, “pra quem diabos a gente toca hoje? O pessoal pra quem a gente começou a tocar já se foi, porque o tesão pela música passa. Então a gente toca por e pra nós.

“Pra falar a verdade, seria legal estar lá com os figurões de hoje. Não acho que esteja na psique da cultura jovem atual nos achar um extremo, não tem como. E mesmo assim eu tenho a sensação de que a gente pode – de um jeito clandestino.”

Lançado na primavera de 1998, o disco foi intitulado *Walking into Clarksdale*, referência à grande cidade de blues do Mississippi à qual Plant fizera várias peregrinações. Assim como os melhores blues, soava frugal e sem adornos. Havia um novo calor na voz de Plant, principalmente em músicas mais reflexivas como “Blue Train”, mais um hino tocante ao filho Karac, e “Please Read the Letter”, uma de várias músicas nas quais ele meditava sobre as ruínas de relacionamentos que chegaram ao fim. Page também tocou com beleza em algumas situações, como no solo de “Upon a Golden Horse”, que lembrava gotas de chuva após uma tempestade.

Encontrei com ambos em Londres

pouco depois do álbum sair. Vestido de preto, Page estava quieto e desconfiado, completamente agradável, mas meio que parecendo estar em outro lugar, mantendo algo oculto. Plant era muito mais expansivo, um senhor de 49 anos ainda esplendoroso em calça de couro e jaqueta de cetim, embora fosse difícil entendê-lo. Na mesma frase, ele podia ser amigável e carinhoso, depois irritadiço e desligado. Com isso, a atenção era mantida nele.

Plant ficava menos animado quando a conversa voltava-se para o Led Zeppelin, enquanto Page, nessas horas, parecia infantil de tanto entusiasmo. Plant se avivava no presente, entusiasmado com a música da banda

techno britânica Prodigy e particularmente Jeff Buckley, filho do cantor folk americano Tim Buckley. Assim como o pai, o desabrochar do jovem Buckley foi brilhante, mas de brevidade trágica, sendo *Grace*, de 1994, o único álbum que finalizou antes da morte, em 1997, aos 30 anos. Naquele dia, Plant, acima de tudo, reclamou da ideia de que ele faria parte de uma aristocracia do rock, tendo colegas como McCartney, Jagger e Clapton.

“As coisas mais impertinentes de gente da nossa idade já passou faz tempo”, ele me disse, com olhos perfurantes. “Sem querer me vangloriar, acho que temos capacidade de fazer

coisas extraordinárias num minuto e quem sabe uma coisa sem graça no outro, mas, pelo menos, a gente tenta. Não tem cara melhor pra se trabalhar do que o Jimmy, no nível de criatividade com a guitarra. Mas, se a gente resolvesse fazer de outro jeito, tipo reagrupar o Led Zeppelin, tocar em estádio e essa merda toda, a gente já seria amigo da realeza.

“Aristocracia do rock? Isso é pra quem não tem mais nada pra fazer, gente que achou uma fórmula de sucesso e se agarrou a ela. Olha o Sting. Ele tinha uma banda punk séria. E hoje... Não sei o que deu naquele caso. Eu não vou beijar albanesas no palco do Royal Albert Hall. Mas beijaria num vão de

porta em algum canto do Soho, se estivesse escuro.”

Mas, por mais que tentasse, ele não conseguia acertar os ponteiros com Page. Enquanto estivessem juntos, as pessoas viriam querendo e esperando uma nova versão do Led Zeppelin. Ele logo sentiria o peso disso o empurrando para baixo mais uma vez.

Antes do lançamento de *Walking into Clarksdale*, ele e Page fizeram um punhado de shows no Leste Europeu na primavera de 1998, só eles, Jones e Lee. Tocaram na Croácia, na Hungria, na República Tcheca, na Polônia, na Romênia e na Bulgária. Para o esquema ficar mais interessante, Plant e Page

alugaram um carro e iam dirigindo de show em show, à parte da grande comitiva da turnê. Há menos de uma década, os discos do Led haviam sido banidos pelo regime comunista da Bulgária.

“As pessoas se juntavam para comprar um álbum no mercado negro, um pra vários, correndo risco de prisão se fossem pegas”, explica Anton Brookes, o relações públicas de Plant e Page na turnê. “Apareceram quarentões no show em Sofia com os discos originais. Eles contaram pro Jimmy e pro Robert as histórias de como escondiam e preservavam os discos. Os dois ficaram emocionados, e acabou sendo o show mais louco que eu já vi.”

Eu consegui acompanhar a turnê a partir da cidade de Istambul, na Turquia. O show acontecia numa tenda de circo na parte asiática da cidade. Como Plant e Page estavam instalados na seção europeia, atravessando o Bósforo, decidiram chegar lá de balsa pública. Ficaram lado a lado no deque superior do barco, com os curiosos olhando. Plant usava um chapéu preto sobre os cabelos compridos, mas ainda assim era reconhecível. “Isto”, disse sorrindo, “realmente é muito bizarro”.

O show foi eletrizante, mas do Led Zeppelin, com exceção do nome e dos amigos ausentes. As músicas da antiga banda tomaram conta do *set*, e eles as tocaram do jeito que eram. “What Is and

What Should Never Be” e “Babe I’m Gonna Leave You” levaram a multidão ao delírio. Plant andava pela beira do palco jogando sua juba com o *crunch* possante da guitarra de Page, os velhos tempos de volta.

Ao terminar com uma exuberante “Rock and Roll”, eles caíram fora do local antes das últimas notas se dissiparem, Plant subindo num sedã que o aguardava, Page e todos os outros a bordo de um micro-ônibus. Mesmo assim persistiram os ecos do Led. Enquanto Plant foi levado às pressas, o ônibus ficou parado, pois o motorista havia saído para fumar um cigarro. Logo foi avistado saracoteando pela multidão que começara a se aglomerar em torno

do veículo.

“Ei! Entra aqui e vem dirigir”, rosou o empresário de Plant e Page, Bill Curbishley, por uma janela aberta, os olhos em chamas. Quando finalmente partimos, teve de ser aos trancos, pois as ruas em torno do local do show estavam enxameadas de gente. De dedo em riste para o infeliz motorista, Curbishley voltou-se para o produtor da turnê Rex King e disse: “Demite esse buceta”.

Na jornada de volta ao hotel, Page parecia exaurido pelo show, mas estava mais falante do que em Londres. Ele me disse que planejava tirar uma folga rápida no Egito antes de ele e Plant fazerem turnê na América do Norte, e

que queria ver as tumbas dos faraós. Quando voltou ao hotel, disse que estava a fim de uma saideira e foi para o bar. Não se sabia de Plant.

“Sempre tive a impressão de que o negócio entre Robert e Jimmy era de irmão menor e irmão maior”, diz Anton Brookes. “Quando estão juntos, Robert meio que fica à sombra do Jimmy, e aí tende a ficar um pouco irritante, por isso e por não estar no controle. Sempre tinha esse elemento quando eu estava com eles. Mas Robert também era muito de proteger o Jimmy. Se Jimmy parecia incomodado numa entrevista ou sem saber o que dizer, Robert assumia a dianteira. Sempre cuidava dele.

“O Jimmy é na dele, e Robert é muito

extravagante, mas acho que em parte isso é mecanismo de defesa. Ele parece bem aberto, mas, na verdade, o Robert não entrega nada. Ele é envolvente e um cara que gosta dos outros, mas também é muito fechado. O rosto dele se ilumina quando ele fala de música ou de futebol, as coisas que ele adora. Mas, se você tenta falar com ele do Led ou dele mesmo, ele se fecha.”

Como sempre, a turnê na América do Norte era uma questão de maior escala. Por lá, o álbum vendia com regularidade, mas não era nada marcante. As reputações de Plant e Page – e a promessa de Led Zeppelin –, porém, ainda enchiam arenas e deixavam as plateias pedindo mais. Foi a mesma

história em 50 shows, e Plant começou a cansar da rotina e do infinito remoer do passado. Ao chegarem as últimas datas na Europa, no final daquele ano, ele estava esgotado.

Page queria ir em frente, fazer outro disco e tentar convencer Plant a incluir Jones. Plant não queria saber.

“Eu precisava sair dali e fazer uma coisa que fosse a antítese de tocar em lugares gigantes tipo Mannheim, na Alemanha”, ele me disse posteriormente, “para gente que queria o Led Zeppelin, nós dois éramos a coisa mais próxima disso”.

O fato de Plant lhe dar as costas não impediu Page de manter a bandeira do Led erguida. No ano seguinte, ele se uniu

aos Black Crowes para uma série de shows com boa receptividade nos EUA, tocando principalmente músicas do Led, cópias-carbono das originais. Após o fim da turnê, o baterista dos Black Crowes, Steve Gorman, encontrou com Plant quando os dois estavam de férias na Ilha Nevis, no Caribe.

“Eu e minha esposa estávamos almoçando no bar do hotel um dia, e o Robert estava bem ali, bebendo daiquiri”, ele lembra. “Ele veio até nós e não tinha como ser mais querido. Disse que tinha ouvido o que eu fizera com o Jimmy e achado sensacional. Falou: ‘É, ele toca melhor com vocês do que tem tocado comigo nesses últimos anos’. Eu falei pra ele que não tinha

pressão sobre a gente, e ele só riu, dizendo que devia ser uma sensação muito boa.”

18

DOWN FROM THE MOUNTAIN

Robert disse que foi como ouvir uma voz de outro planeta.

Enquanto 1999 rumava para o novo milênio, Plant tocava em *pubs* das Midlands com uma banda de *covers*. O princípio dessa fase datava de 1997, no período entre os projetos com Page. Já então ele aceitara tocar na festa beneficente anual do seu clube de tênis.

Saindo à procura de músicos para ajudá-lo, Plant se fixou em Kevyn Gammond, vizinho de porta e ex-guitarrista de sua antiga Band of Joy, mais um baterista, Andy Edwards, que tinha um curso de música com Gammond numa faculdade das redondezas. No Bewdley Tennis Club, a banda improvisada fez um *set* de *covers* que incluiu “Season of the Witch”, de Donovan, e o baluarte do folk rock

“Morning Dew”, com o médico da vila de Plant entre as duas centenas de pessoas que compareceram à noite.

Em meados de 1999, Plant dissera a Page que não faria outro álbum com ele. E sugerira a Gammond que revitalizassem a banda de *covers* e adotassem o nome Priory of Brion, que vinha das paixões de Plant tanto pela lenda do rei Artur quanto pelo filme *A vida de Brian*, do Monty Python. Andy Edwards também voltou e trouxe dois amigos com quem vinha tocando num jazz trio, o baixista Paul Wetton e o tecladista Paul “Tim” Timothy. Começaram a ensaiar na imensa garagem da casa de Plant, cujas paredes eram ornamentadas com os discos de ouro e

platina que ele ganhara. As músicas com que trabalhavam saíam da coleção de discos de Plant.

“Nunca penso na jornada em que estou, eu simplesmente faço coisas”, Plant me disse posteriormente a título de explicação para este desvio. “Tem pouquíssimas coisas que eu faria de novo. Por exemplo, eu não conseguiria voltar com a Priory of Brion, mas montar uma banda e jurar nunca mais tocar passando a linha do Dique de Offa foi um momento sensacional. Eu devia ter tatuado aquilo no braço, em galês.”

“Para Paul, ‘Tim’ e eu, era aula de música”, diz Andy Edwards. “Robert puxava tudo que era disco para tocar, desde banda de garagem dos anos 1960

até techno dos 1980. Ouvimos muito Moby Grape, Buffalo Springfield, Arthur Lee e Stephen Stills. Robert ouve de tudo. Tem uma sala na casa com um *stereo* lindo, antigão, e os discos de que mais gosta. É certo que ele tem uma vasta quantidade de vinis guardada em algum lugar. Uma vez, ele me disse que tinha um milhão de discos.

“Na maioria dos nossos ensaios, ele ficava com uma guitarra pendurada no pescoço. Ele é bom, confiável enquanto guitarrista. Adora ver os músicos fazendo *jams*, improvisando, e aí se inspira. Mas quer controlar tudo. Ele supervisiona cada aspecto do que acontece, até a tarola que eu usava e como saía o som. Se eu tenho alguma

crítica, é que de vez em quando ele tentava acabar com tudo. Trabalhar com ele é uma situação de pressão, e, às vezes, eu achava difícil.”

Edwards usava uma velha bateria Ludwig que Plant armara na garagem. Plant acabou lhe dando a bateria, mas Edwards levaria meses para descobrir sua importância.

“Depois que a gente fez alguns shows, perguntei pro Robert se ele tinha os estojos dos tambores”, ele recorda. “Ele me levou numa sala quase ao lado da garagem e começou a tirar coisas das prateleiras. O primeiro estojo que ele tirou dizia ‘John Bonham – Led Zeppelin’. Aquela Ludwig era a primeira que John tivera quando entrou

no Led.

“Foi quando eu percebi no que estava me metendo. É você no meio de uma coisa monumental. Aquela banda sempre vai ser o que me define nessa vida, mesmo que pro Robert fosse só uma das várias coisinhas que ele fez.”

O primeiro show da Priory of Brion aconteceu em 23 de julho de 1999, no Three Tuns Inn, em Bishop's Castle, cidadezinha de Shropshire na fronteira entre Inglaterra e País de Gales. Eles tocaram versões improvisadas de “Something”, dos Beatles, “Bummer in the Summer”, do Love, mais Elvis e blues antigos como “Baby, Please Don't Go”.

“Era um *pub* da nossa região, e a gente

esperava um público de cem, cento e poucos”, diz Edwards. “Lembro que o Robert disse: ‘Não dá pra usar meu nome de jeito nenhum – vai ter helicóptero pousando no estacionamento se souberem que sou eu’. Por isso que virou Priory, porque a gente tinha de guardar segredo. Todo mundo sabia, mesmo assim. Só no telefone sem fio, vieram 300.

“Robert estava com um gravador automático que tinha uma fita para treinar tênis. Entre as músicas, ele deixava no microfone. Aí a plateia ouvia coisas tipo: ‘Para fazer o *overhead*...’. A gente se estressava, pois o nosso objetivo era tocar direito.”

Houve mais shows em *pubs*, clubes,

salões de escola e festivais de folk locais. A música que ele tocava no Priory of Brion não só cimentou a ligação de Plant com suas raízes, como gerou um processo ainda mais profundo. Era como uma lembrança do homem que já fora ou de quem era quando não fazia o papel de Robert Plant, o deus do rock. Eram shows em que ele ficava sentado num banco, os cabelos puxados para trás, vasculhando as partituras sobre um atril, os óculos de leitura apoiados na ponta do nariz. Não havia *performance*, não havia artifício. Era como se estivesse nu diante de cada pequena plateia.

Mais ou menos num repeteço dos Honeydrippers, Plant curtia estar numa

banda que tocava pelo puro prazer de tocar. Assim como fizera naquela época, ele chamou o organizador local Roy Williams para pedir que agendasse shows e cuidasse da mesa de som.

“Meu empresário, o Bill Curbishley, saiu correndo de pavor”, Plant me contou. “Disse que era ver um puro-sangue de corrida puxando o caminhão do leite. Bill me perguntou: ‘Por que isso? É tão horrível que eu nem vou querer comissão’. Eu lhe disse que ainda bem, porque não dava nada de lucro.”

Pelo fim do ano, o Priory of Brion fez alguns shows em locais significativos para Plant durante seus anos de formação: o Salão Municipal de Stourbridge, onde ele transbordava de

autoconfiança quando adolescente, abrindo para gente como Gene Vincent e os Walker Brothers; e o Queen Mary's Ballroom, dentro do Dudley Zoo, mesmo local em que ele se apresentara com a primeira versão da Band of Joy e também cenário da sua festa de casamento no distante inverno de 1968.

“O show no Ballroom não foi ruim, não, lá tem um teto baixo bem bom”, ele me contou. “Assisti a Spooky Tooth e Joe Cocker lá nos anos 1960. O lance é que a música, hoje, virou um esquema tão grande que, se volta alguém tipo Oasis, é para turnê em arenas do mundo todo. Meu! Acho que prefiro o Dudley Zoo. Mas também pode ser a única opção que me resta.”

“Naquele show, a multidão estava gritando por ‘Whole Lotta Love’, aí Kevyn Gammond começou a tocar a abertura só de sacanagem”, diz o jornalista John Ogden, que estava cobrindo o show para o jornal *Express & Star*. “Mas o Robert não estava a fim. Ouvi dizer que, depois, o Kevyn levou uma mijada linda.”

Plant começou a tomar mais liberdades com a Priory of Brion. Na primavera seguinte, a banda saiu do Reino Unido pela primeira vez e foi tocar num festival de blues em Bergen, Noruega. Até então mantinha-se a ideia de que esses passeios eram excursões do clube do Bolinha e que Plant não sentia

pressão alguma. Ele gostou especialmente de uma turnê curta na Irlanda que fizeram em junho, abrindo para o genioso cantor irlandês Van Morrison. Plant tinha dor nas costas desde o acidente de carro em Rodes, em 1975, mas estava animadíssimo para se apinhar com os outros num furgão Transit.

“A turnê na Irlanda foi que nem sair de férias pra fazer turismo”, relembra Andy Edwards. “O nosso motorista na primeira parte da viagem ia contando a história da Irlanda, da grande fome, onde São Patrício tinha feito o quê. Robert acabou pagando a mais pro cara e disse que ele ia seguir com a gente.

“Lembro que a gente fez um show

numa grande tenda. Dava uns 25 passos até o camarim. Buscaram Van Morrison numa *limousine* e deixaram ele atrás do palco. Foi o mais perto que cheguei dele. Na época, parecia que o Robert estava de rebeldia com esse tipo de coisa.”

Logo, contudo, a parte divertida começou a se perder na banda. Plant não conseguiu se segurar – nem queria –, e os shows começaram a tomar vulto, o que aumentou a expectativa das plateias. No verão, a Priory of Brion tinha vaga tanto no Festival de Glastonbury quanto no Cambridge Folk Festival, um degrau a mais em relação aos eventos do ano anterior. Também havia mais datas marcadas na Europa, onde Plant era

divulgado pelo próprio nome. Em vez de centenas, as multidões chegavam aos milhares.

Plant também estava se coçando para fazer algo novo. Por pressão de Roy Williams, ouviu *Wrecking Ball*, lançado em 1995 por Emmylou Harris, e virou evangelista do álbum. A grande cantora country norte-americana e o produtor Daniel Lanois haviam concebido um novo som atmosférico, evocando uma pradaria ao luar, que lhe permitiu pegar e transmutar músicas de Bob Dylan, Neil Young e outros. Plant começou a pensar em fazer algo parecido, embora duvidasse ser possível com sua banda de então. Levou-os ao Rockfield Studios, no País de Gales, para fazer

uma demo com três faixas. Todos sentiram que estavam passando por um teste.

“Pensei que as faixas fossem para tocar para o empresário”, diz Edwards. “Tinha uma pressão cada vez maior sobre nós e dava pra ver as rachaduras. Robert parecia se desencantar aos poucos. Acho que tinha muita gente ao redor perguntando por que ele perdia tempo com a banda.

“Robert nos defendeu, mas também estava sob pressão. Bill Curbishley vinha assistir aos shows, mas não falava com o resto da banda. Parecia irritado com a gente.”

Em novembro, Plant levou Roy Williams consigo para ver Emmylou

Harris apresentar-se em Dublin. Nos bastidores, começou a conversar com o guitarrista de Harris, Buddy Miller, e guardou o nome. Na viagem de volta à Irlanda, também questionou Williams quanto ao tamanho dos locais em que a Priory of Brion vinha agendando shows, teatros de dois mil assentos como o La Cigale de Paris, que exigiam mais produção.

“Eu disse que achava que estava ficando grande demais”, diz Williams. “Falei: ‘A gente vai, assiste à Emmylou, e você põe na cabeça que vai no mesmo lugar na noite seguinte com o que você tem agora.’ Ele saiu do show e disse que não queria agendar mais shows pra banda.”

A Priory of Brion fez os últimos shows em novembro e dezembro de 2000, quatro na Grécia e três no Reino Unido. O último foi no Wulfrun Hall, em Wolverhampton, quatro dias antes do Natal.

“Teve uma altercação com o Robert na Grécia, nada tenebroso, mas todo mundo estava começando a se irritar”, explica Edwards. “Depois do Natal, ele me ligou e disse que não queria mais trabalhar com Paul e Tim. Não deixou bem claro o que ia fazer comigo. Não tinha nada certo nem definido.

“Foi uma época complicada. Paul, Tim e eu tínhamos largado o emprego, e a gente estava ganhando a vida com a banda. Eu não tinha outro trabalho.

Acabei entrando numa banda de tributo ao Oasis e, depois, numa de rock progressivo. Eu consegui me recompor, mas saí da Priory bem inseguro pra tocar, por conta de todas essas coisas externas que aconteceram.”

“Se você é desses caras, tem de saber curtir o momento”, insiste Roy Williams. “Essa é a realidade. Não é algo ruim de se ter no CV. Pega isso e vai em frente.”

De qualquer forma, Plant havia sumido na curva seguinte, desaparecido para eles, embora não haja dúvida de que fora transformado pela experiência com a Priory of Brion e que aquilo também lhe permitira esboçar um plano para o futuro. Dali em diante, Plant iria deixar de pavonear-se em calça de

couro e gritar como *banshee*. Da mesma forma, aquilo havia ativado seu interesse por interpretar músicas de outros, e fazer isso a partir da improvisação.

Ao formar uma nova banda, uma que fosse flexível e adaptável, ele recorreu ao gênero Charlie Jones e também ao guitarrista Porl Thompson, que havia feito turnê com ele e Page. Por recomendação de Roy Williams, ele trouxe o baterista Clive Deamer, que vinha trabalhando com o coletivo *trip-hop* Portishead, de Bristol, e outro músico do mesmo cenário, o tecladista John Baggott. Para a guitarra principal, recorreu a Justin Adams, que tinha histórico com músicos do norte africano e fora integrante da banda de Jah

Wobble, ex-PiL.

Plant batizou a banda de Strange Sensation. Eles começaram a tocar na primavera de 2001, em shows originalmente agendados para a Priory of Brion. No verão, ele os levou ao RAK Studios em Londres para gravar um álbum, trazendo um velho conhecido para as sessões, Phill Brown, que trabalhara brevemente no álbum *Fate of Nations* e fora engenheiro em uma sessão do Led Zeppelin.

Dreamland era, em grande parte, um álbum de *covers*, sendo que algumas músicas vinham dos *sets* ao vivo da Priory of Brion, tais como a soturna “Darkness, Darkness” e “Morning Dew”, da cantora folk norte-americana

Jesse Colin Young. Como fizera no primeiro álbum solo, Plant financiou as sessões por conta própria, tendo abandonado a Mercury Records.

“Robert podia fazer o que quisesse e com certeza não estava mais pensando em fazer um disco de sucesso. A maioria das músicas era longa demais pra isso”, diz Brown. “Não era o interesse dele. O negócio era conseguir captar um bom blues.

“No estúdio, o controle dele é ferrenho, e ele não aceita meio termo. Mas, quando se traz músicos daquele calibre, você não precisa ficar dando orientação toda hora. Ele sempre tem um quê de aspereza e não suporta idiotas. Mas estava curtindo, estava de bom

humor. Ele tinha uma casa muito perto do estúdio, em Primrose Hill, e noite sim, noite não todo mundo ia ao *pub* ali perto. Robert sempre brincava que tinha de ter cuidado com o que bebia por conta da pressão alta.”

Brown também lembra de estar no estúdio no aniversário da morte do filho de Plant, Karac, em 26 de julho.

“Nós dois conversamos bastante naquele dia, sobre seus filhos e aquele negócio da suposta maldição do Led”, recorda Brown. “Ele disse que não, que foi uma coisa trágica, horrível. Se você está no ambiente certo, ele se abre; do contrário, ele não toca no passado. Tinha um e outro comentário sobre o Jimmy Page, positivo ou não, dependendo da

discussão. Mas ele prefere mesmo é olhar pro presente e pro futuro.

“Enquanto estávamos trabalhando no álbum, ele recebeu a proposta de reunir o Led com Jason Bonham na bateria, uma coisa tipo US\$ 70 milhões pela turnê internacional. Foi o Bill Curbishley que veio com essa, e eu sabia que o Page era totalmente a fim, mas Robert não se interessou. Ele e Jimmy têm uma relação de amor e ódio. Eles se encontram e fazem coisas, mas sempre acontece alguma que estraga tudo, e eles passam um tempo sem se falar. Eles discordavam demais.”

Assim como Page, outra constante na vida de Plant era o interesse pelas mulheres, as relações com elas

geralmente tão complicadas e confusas quanto a que tinha com seu ex-colega de banda. Brown lembra de um dia em que ele trouxe uma nova namorada ao estúdio.

“Na época, ele tinha 52, 53, e ela, 27”, diz Brown, rindo. “A filha dele, a Carmen, apareceu lá depois e falou na frente de todo mundo: ‘Da próxima vez que levar alguém pra casa, Robert, é bom conferir se é mais velha que eu, né?’”.

“Robert reclama muito de ter de pagar pensão, mas não para de saracotear. Aquela menina pegou ele com outra e caiu fora na mesma hora. Ele não aprende. Minha esposa conhece Robert há tempos e sempre teve uma sensação

inquietante a respeito dele por conta dos flertes. Ele não para de flertar.”

Ouvir *Dreamland* era ouvir o jorro dos sons que haviam moldado Plant nos últimos quarenta anos. Ele vinha cantando o blues poderoso de “Hey Joe” e “Skip’s Song”, do Moby Grape, há quase o mesmo tempo.

Plant e a Strange Sensation fizeram a turnê do álbum até o fim de 2002, cinco meses de shows na Europa e três nos EUA, tocando em teatros e salões. Os shows ampliaram o clima do disco, a banda misturando sabores diferentes e mais exóticos às músicas do Led e levando músicas antigas de Plant como “Tall Cool One” na rota de um souk

marroquino.

Enquanto gravava *Dreamland*, Plant também ouviu outra coisa que o deixou atônito e sugeriu mais um caminho a seguir. Fazia anos que ele conhecia a música folk da América negra, o blues, mas só agora começava a explorar sua versão branca, o *bluegrass*. As raízes do gênero vinham dos povos que colonizaram os EUA – *jigs* e baladas da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, o gospel e os *spirituals* do blues que vieram nos navios negreiros da África. O *bluegrass* fermentara nas Montanhas Apalaches e nos rincões distantes do país. Usando instrumentos tradicionais como banjo, violão, Dobro e rabeca, era música que se dançava e cantava nas

grandes reuniões sociais.

O advento da era do rádio, na aurora do século 20, fez o *bluegrass* chegar ao resto do país. À época da Segunda Guerra Mundial, ele tinha suas primeiras estrelas: Jimmie Rodgers, Carter Family, Monroe Brothers. Foi o rabequeiro Bill Monroe que deu nome ao *bluegrass*, ao encerrar a parceria com o irmão Charlie, em 1938, e formar uma nova banda chamada The Blue Grass Boys. Os festivais de *bluegrass* começaram a aparecer pelos EUA ao longo dos anos 1960, mas a música foi apresentada a um público ainda maior em 2000. Foi o ano do lançamento de *E aí, meu irmão, cadê você?*, filme dos irmãos Coen passado na zona rural do Mississippi durante a

Grande Depressão dos anos 1930. A trilha sonora destacava o *bluegrass* contemporâneo e artistas country tocando músicas da tradição. Vendeu mais de 8 milhões de cópias somente nos EUA.

Tal foi o sucesso do disco que o grupo de músicos do filme se reuniu para uma turnê com shows esgotados no verão de 2002 nos EUA. Eles também haviam reunido-se dois anos antes para um show no Auditório Ryman, em Nashville, que fora gravado para um documentário chamado *Down from the Mountain*. Entre os que tocam e são entrevistados no filme estão Emmylou Harris e artistas de renome no *bluegrass* como The Fairfield Four e Ralph Stanley, assim

como duas das estrelas mais brilhantes do country: Gillian Welch e uma cantora e prodígio da rabeca, Alison Krauss, de Decatur, Illinois. Plant estava no meio da gravação de *Dreamland* quando o filme passou em Londres, no verão de 2001. Ele foi direto assistir, levando a banda e o produtor Phil Brown a tiracolo.

“Um dia o Robert disse: ‘Então, vou levar vocês pra passear’”, lembra Brown. “Que cara interessante. Às vezes, é supergeneroso, às vezes é mão de vaca. É bizarro. Ele nos levou no Soho. Fomos a um restaurante e, depois, ao cinema assistir a *Down from the Mountain*.”

“Sentamos todos na mesma fileira que

Robert, querendo saber qual era. E então passa o filme, incrível. As duas que mais nos impressionaram foram Alison Krauss e Gillian Welch. Depois do filme, Robert não parava de falar na voz da Alison Krauss.”

Um amigo de Plant, o DJ Bob Harris, havia acabado de atrair a atenção dele para Krauss. Harris conhecia Krauss e seus discos tinham se tornado atração no seu programa de country music na BBC Radio 2.

“No verão de 2001, Robert estava voltando de um show, ouvindo meu programa no carro, a noite de sábado virando manhã de domingo”, relembra Harris. “Toquei uma da Alison Krauss. Foi a primeira vez que ele ouviu.

“Robert me contou que chegou a estacionar. Estava no meio do nada, numa bela noite de verão. Disse que aumentou o volume do rádio, saiu do carro e ficou lá debaixo das estrelas, ouvindo Alison cantar. Robert disse que foi como ouvir uma voz de outro planeta.”

19

RENASCIDO

*Estou ao norte do Círculo Ártico num barco,
fazendo shows para os pescadores inuítes.*

Robert Plant havia embarcado em sua

grande aventura. Aventura esta que o deixaria ainda mais distante dos holofotes e mais aprofundado em suas raízes musicais, seguindo seu faro e confiando nos instintos. Era o que alimentava a música que fazia. Quanto mais ele vagava e mais bagagem soltava, mais livre se tornava. Era como se, ao descobrir um novo propósito, houvesse descoberto a si mesmo.

Ele começou 2003 em uma jornada ao lado do guitarrista da Strange Sensation, John Adams, ao festival de música mais isolado do planeta. O Festival au Desert acontece em janeiro numa cidade do Mali, país da África Ocidental, exatamente no Deserto do Saara, em exaltação à riqueza musical do

continente. Plant e Adams saíram do sul do Marrocos e chegaram à antiga cidade malinesa de Timbuktu pegando carona no turbo-hélice contratado pela BBC para uma equipe de filmagem do programa infantil *Blue Peter*. Para chegar ao local do festival, era preciso fazer uma viagem de 60 quilômetros de jipe pelo deserto, pois não existem estradas. Não haveria símbolo melhor da fuga de Plant do estrelato do rock.

“A gente tinha Charlie Patton e umas gritarias berberes no som”, ele me contou, entusiasmado. “A ideia toda era pagar para ir até o Saara e cantar... uma coisa maluca. Mas não é demais? Se você quer tocar para os tuaregues, tem que ir até lá. Precisa ir pra ter a

experiência.”

Lá, no berço do blues, Plant fez reinterpretações radicais de suas músicas e das do Led, com o apoio de Adams e do percussionista Matthieu Rousseau, da banda francesa Lo'Jo, cujas músicas têm base nas tradições do norte africano. De fundo, via-se as dunas e o céu escuro do Saara, e à sua volta uma aldeia improvisada de tendas berberes. Tinariwen, uma banda formada por membros da tribo tuaregue que tocam um blues hipnótico do deserto, também participou do festival. Pouco depois, Plant foi determinante para conseguir um contato para eles no Reino Unido, e Adams produziu o excelente terceiro álbum da banda, *Water is Life*,

de 2007. À noite, eles dormiam sob as estrelas. Uma vez perguntei a Plant como ele podia ter experiências como aquela e ainda assim a volta do Led Zeppelin ser a coisa sobre a qual mais lhe perguntavam.

“Pois é, é como se as pessoas não vissem”, ele respondeu. “É como se uma mulher de salto branco e saia-lápis atraísse meu olhar, mas a maioria das outras pessoas ignorasse por completo. A mídia, o jornalismo, a cultura popular – é tudo tão monossilábico. O que me surpreende é todo mundo não fazer essas coisas.”

Naquele verão, ele levou a Strange Sensation ao norte da Europa, para shows na Letônia, na Bielorrússia e na

Ucrânia. Eles fizeram algumas gravações em Tallinn, na Estônia. Ele e a banda também foram para o norte, chegando aos confins da Escandinávia.

“Robert queria saber qual era o lugar mais distante pra se tocar na Noruega”, relembra Roy Williams, engenheiro de som da Strange Sensation. “Tinha um lugar chamado Cabo Norte, o último ponto do mapa. A gente não sabia se alguém já tinha ido tocar lá nem se dava pra fazer, mas fomos e fizemos quatro shows no Círculo Polar Ártico. Os melhores que eu já fiz.

“Usamos barcos para viajar pelo país e pelos fiordes. Um dos lugares em que a gente tocou era um salão comunitário com assento pra 500 pessoas. Nunca

tinha recebido uma banda. Teve algumas vezes que fomos a primeira banda de algum renome a aparecer no lugar.”

Quando encerrava a andança, Plant voltava para a casa das Midlands ou do País de Gales, trocando a sensação de isolamento glorioso por outra. Em casa, sua mente se voltava para questões mais prosaicas.

“Foi nessa época que Robert me ligou um dia, do nada”, relembra seu amigo Dave Pegg, baixista na Fairport Convention. “Ele disse: ‘Peggy, você conhece umas mulheres?’ Achei que ele estivesse de sacanagem. Ele disse que tinha um problema, que queria conhecer pessoas que não soubesse quem ele era. Ele me perguntou se eu conhecia alguém

legal, exatamente com essas palavras.

“E eu conhecia: tinha uma vizinha que morava na frente da nossa casa em Banbury. Robert falou: ‘Pode perguntar se ela estaria a fim de almoçar?’. No fim das contas, ela sabia quem ele era, mas não muita coisa. Ele veio aqui e fomos juntos a um restaurante tailandês. Foi um almoço muito bom, e eles se acertaram. Só que eu tinha emprestado para ela aquele livro sobre o Led, *Hammer of the Gods*, aí ela achou que não ia encarar o esquema.”

De qualquer forma, havia uma união mais significativa no horizonte de Plant. Ainda desencavando as raízes do *bluegrass*, ele pegou as gravações do Smithsonian Folkways com os primeiros

artistas apalaches, e viajou pelo Kentucky e pelo Tennessee num carro alugado. Plant também conheceu Bill Flanagan, executivo do canal musical VH1, em Nova York.

Em 2001, Flanagan fora encarregado de inventar o conceito de um show de referência para a nova aquisição do VH1, o CMT, canal de música country. Ele tinha chegado à ideia de juntar cantores de rock com estrelas do country em uma série de colaborações, que chamaria de *CMT Crossroads*. Já tendo feito um show para o VH1 com Plant, ele o considerou ideal para a tarefa, fazendo par com uma das artistas mais famosas do CMT: Alison Krauss.

Nascida em 1971, Krauss fora campeã

de rabeca em Illinois aos 12 anos e conquistara um Grammy antes dos 20 com seu terceiro álbum, *I've Got That Old Feeling*, de 1990. Ainda lançaria cinco álbuns com a banda Union Station, tornando-se a artista mais famosa do *bluegrass* contemporâneo. Flanagan deu início ao processo de unir Plant e Krauss. Acabou levando mais de quatro anos.

“O engraçado é que Alison adora hard rock, tipo Aerosmith e Def Leppard”, diz Flanagan. “Eu liguei para a empresária dela na época, Denise Stiff, e perguntei o que Alison acharia de um show com Robert Plant, caso eu conseguisse. Alison estava sentada ao lado dela e deu um grito. Aí tive de

vender a ideia pro Plant.

“No caso do Robert, é que nem encontrar um caçador de elefantes do século 19. Ele andou pelo mundo todo, abateu todos os bichos, fugiu do caldeirão dos canibais, aí volta pro *pub* e fica lá, jogando dardos com a rapaziada. Robert conhecia bem o material da Alison, mas estava vagando pelo mundo, e ela sempre tinha cinquenta projetos em andamento. Foi como enfiar uma linha pelo buraco da agulha.

“Enquanto eu tentava recrutar Robert para o show, deixava mensagens no escritório e uma hora ele retornava. Ele dizia coisas do tipo: ‘Estou ao norte do Círculo Ártico num barco, fazendo

shows para os pescadores inuítes. Eles me chamam de, e aí dizia um palavra impronunciável, com doze sílabas. Quando perguntei o que queria dizer aquilo, ele respondeu: ‘Homem que parece uma mulher velha’.”

Muito do que transcorreu em 2004 foi desastroso ou lamentável, ou as duas coisas. O Oriente Médio foi arrasado por conflitos no Líbano, em Israel, na Faixa de Gaza e também no Iraque. Em dezembro, um *tsunami* vindo do Oceano Índico devastou países inteiros e matou centenas de milhares de pessoas.

Robert Plant também teve seu período de trevas naquele ano, perdendo o pai. Mesmo assim, continuou sua odisseia.

Em janeiro de 2004, mais uma vez apresentou-se na festa beneficente anual do seu clube de tênis nas Midlands, subindo ao palco para cantar Elvis e Jerry Lee Lewis com uma banda local, e depois anunciar o vencedor da rifa. Em setembro, doou dinheiro para que fosse erigida uma estátua do rei celta Owain Glyndŵr, do século XV, em Pennal, vilarejo próximo à sua casa na Snowdonia. Participou da inauguração na igreja da vila, tendo solicitado aos organizadores que sua presença não fosse divulgada. Os patronos da estatueta de bronze foram registrados numa placa circular fixada na base de pedra. Ele foi listado apenas como “Plant”.

Também voltou a compor, a primeira vez que o fazia com o devido intento em mais de seis anos, trabalhando com seus colegas da Strange Sensation em sua casa em Gales. De lá eles se mudaram para estúdios de Londres e do West Country inglês, montando os pedacinhos de um novo álbum, *Mighty ReArranger*. Seria seu disco solo mais forte até então, com músicas potentes, mesmo que sem nada de excepcional.

Caldo grosso musical, o disco misturava blues pesado com drones norte-africanos, *trip-hop* anos 1990 com a Costa Oeste dos EUA dos anos 1960. Havia um tom de orgulho e de desafio, uma recusa de Plant em dormir sobre os louros ou avançar em silêncio para a

senilidade. Era o que dizia em “Tin Pan Alley”, música de início suave, depois feroz, na qual ele canta: *“My peers may flirt with cabaret, some fake the ‘rebel yell’/ Me, I’m moving up to higher ground, I must escape their hell”* [“Meus colegas podem flertar com o cabaré, alguns fingem o ‘grito da rebeldia’/ Já eu vou para mais alto, quero fugir do inferno deles”].

“O que ele queria com aquele disco era bem simples”, diz Roy Williams. “Passar uma mensagem: ‘Não se esqueçam de mim’.”

Enquanto remexia esse ensopado potente, Plant enfim conseguiu entrar em contato com Alison Krauss. Bill Flanagan havia lhe passado o número do

telefone, e Plant ligou para a casa dela uma noite. A primeira conversa entre os dois, contudo, foi curta e inconclusa.

“Alison não falava nada, e eu pensei: ‘Putá que pariu, ela tem os Quaaludes que eu estava procurando!’”, Plant diria depois à revista Q. “Eu já fui casado, então sei como é ter uma mulher resmungando comigo.”

“Na hora, eu estava colocando meu filho de 3 anos para dormir”, diz Krauss. “Estava deitada ao lado dele, por isso tinha que fazer silêncio. Quando Robert sugeriu que eu anotasse o número dele, eu falei: ‘Desculpe, não tenho caneta e agora não posso levantar.’”

Plant insistiu, e, quanto mais falava com Krauss, mais decidido ficava a

fazer algo maior que um programa de TV. A ideia dele era um disco, ou algo assim, em parceria.

“Sendo o executivo de TV mercenário que sou, eu disse que a ideia era sensacional”, recorda Flanagan. “Falei que podíamos lançar um disco do show, como o *Unplugged* de Eric Clapton. Ele me disse que não era naquele sentido. Antes ele queria ir a um estúdio e gravar material com Alison.”

Em novembro, Plant e Krauss cantaram juntos pela primeira vez em Cleveland, Ohio. Foi no show em tributo a Leadbelly realizado no Symphony Hall da cidade; cantaram “Black Girl”, música que o venerado *bluesman* havia escrito em 1944. Krauss não achava a

música apropriada para os dois, mas se convenceu quando Plant lhe contou, nos bastidores, que havia viajado pelos Apalaches ouvindo o cantor de *bluegrass* Ralph Stanley. Da parte de Plant, estava decidido.

“Foi uma noite sensacional”, ele lembra no documentário *By Myself*, da BBC. “Eu ao lado de uma mulher linda que canta que nem um anjo e sabe exatamente o que quer. Aí pensei: ‘Isso não pode ficar por aqui.’”

Mighty ReArranger foi lançado em abril de 2005, atraindo resenhas elogiosas, um punhado de indicações ao Grammy e público entusiasmado, sem tirar Plant das margens. Ele e a *Strange Sensation*

saíram em turnê de novo. As datas estenderam-se até o fim do ano e incluíram os dois verões seguintes, envolvendo Europa, EUA e norte da África. Tocaram em shows no Palácio de Gelo de São Petersburgo e sob o minarete iluminado de uma mesquita em Túnis, sendo o último show num festival nas montanhas galesas em agosto de 2007.

Apesar de toda essa movimentação, seriam os poucos dias que Plant passou em Nashville, em outubro de 2006, que mais repercutiriam. Foi quando ele entrou em estúdio com Alison Krauss. Aos 58 anos, ele ia fazer não só o melhor disco de sua carreira solo, mas um dos melhores da vida.

As preparações foram proteladas tanto pela dificuldade em coordenar as duas agendas quanto pela perspectiva que cada um tinha do projeto. Krauss queria um disco country. Plant estava mais inclinado a algo de tom mais jingado, com músicos de New Orleans.

Quem acabou cedendo foi Plant. Ele aceitou testar a parceria na capital da música country e com o produtor escolhido por Krauss, T-Bone Burnett, com quem ela havia trabalhado pela primeira vez na trilha sonora de *E aí, Meu Irmão, Cadê Você?* Também músico de talento, Burnett montou uma banda de estúdio das boas, que incluía o guitarrista usual de Tom Waits, Marc Ribot, e um seção rítmica estrelada de

Nashville, com o baixista Dennis Crouch e o baterista Jay Bellerose.

“T-Bone, o cara mais inteligente em qualquer situação, também trouxe umas músicas que tinham algo de fantasmagórico, de mistério”, diz Bill Flanagan, convidado de Plant para as sessões. “Acho que o Robert descobriu de repente que Elvis tinha dois filamentos de DNA que se combinavam, e que o filamento caipira levava a um lugar fascinante.”

“As mesmas trevas que se encontra no *bluegrass* e nas *murder ballads* são as trevas que estão absolutas em Robert, na voz e na vida dele”, Burnett contou a David Fricke, da *Rolling Stone*. “Alison entende disso, e Robert deu duro para

chegar lá.”

Com incentivo de Burnett, Plant e Krauss também escolheram músicas. Os três chegaram a uma lista com mais de cinquenta, que iam de velhas conhecidas do country dos anos 1950 e uma antiga dos Everly Brothers até uma faixa que Plant já havia gravado com Page, “Please Read the Letter”. Desbastando a lista até chegar a treze canções, eles trabalharam rápido para gravar, mais por necessidade do que outra coisa, tendo ficado apenas cinco dias no Sound Emporium Studios de Nashville e o mesmo tempo em três estúdios de Los Angeles em outra data.

A química entre os dois foi instantânea. Plant e Krauss fecharam três

faixas *master* no primeiro dia em Nashville. Para Plant, que poucas vezes havia cantado em harmonia vocal, a experiência foi uma novidade – e uma provação.

“O que eu mais lembro daquela sessão é que Robert ficou perdido e, depois, encantado com o que a Alison lhe ensinava de harmonia vocal”, recorda Flanagan. “Como ele disse, no Led e em seus trabalhos solo anteriores, a harmonia era uma coisa de que só tratavam quando tinham umas horinhas sobrando no estúdio. Ele nunca estivera num grupo como os Beatles ou The Band, onde aquilo era um componente importante.

“Alison apresentou vários métodos

pra ele. Aquilo atiçou seu ouvido de grande cantor. Para um grande vocalista, deve ser interessante fazer uma coisa que nunca tenha feito antes com a voz.”

“Antes de conhecer Alison, eu não sabia o quanto é linda, sinistra e evocativa a música americana das montanhas”, Plant me disse. “Não estou falando da música country ou do *bluegrass*, mas das coisas a partir das quais surgiu muito desse material contemporâneo. Coisas de caras tipo Clarence Ashley e o que eles matutavam no começo do século passado. Caras que trabalhavam em serraria e faziam essa música espetacular.”

O disco, de título *Raising Sand* – vindo de uma letra de *Mighty*

ReArranger –, foi o *Wrecking Ball* de Plant e Krauss. Em comum com o álbum de Emmylou Harris, possuía uma atmosfera singular e atemporal, silenciosa e sussurrante. O som era mínimo e espaçoso, a textura seca como o estalar de ossos carcomidos. A sensação de trevas de que T-Bone Burnett falava também estava lá, como sombras na borda de uma fotografia em sépia ou uma brisa gélida na calada da noite.

O elenco de compositores reunidos era fascinante. Entre eles, o dissidente Tom Waits e Gene Clark, que esteve por trás dos grandes momentos dos Byrds, alma torturada que morreria de ataque cardíaco aos 46 anos. Além deles, o

saudoso Townes *Van Zandt*, grande filho perdido da música country. Assim como Clark, *Van Zandt* era alcoólatra e viciado – Dylan, Willie Nelson e Merle Haggard estão entre os muitos que fizeram *covers* de suas dolorosas canções.

As composições deles e de outros em *Raising Sand* eram baladas, dancinhas lentas e *hoedowns*, todas mínimas, uma armação esquelética para as duas vozes principais, carinhosas e íntimas como namorados no primeiro encontro. Krauss sobrenatural, Plant não apenas dando emoção às palavras, mas deslizando para o interior de cada canção e ali habitando. Ele cantou com requinte, talvez melhor do que em qualquer outro

momento da carreira – convincente tanto na faixa mais animada dos Everly Brothers, “Gone, Gone, Gone”, quanto na desolada “Nothin’”, de Van Zandt, ou na sua “Please Read the Letter”, remanejada aqui como o mais suave dos encantamentos.

Levaria mais um ano para *Raising Sand* sair, e foi em meio ao barulho de outro reencontro do Led Zeppelin, embora ele não fosse se perder. Plant deixou uma frase nos créditos do álbum: “Gratidão a T-Bone e ao Blue Glow por ensinar novos truques a um cachorro velho”.

“Não sei o quanto o sr. Burnett tinha direito de dizer: ‘Não, cante assim’”, diz Benji LeFevre, velho amigo e

engenheiro de som de Plant, rindo enquanto fala. “Tenho certeza de que ele falou, mas eu adoraria ser uma mosquinha na parede durante as gravações. De qualquer forma, foi a primeira coisa que o Robert fez desde o Led que me deixou totalmente pirado.

“Foi como se ele finalmente tivesse descoberto alguma coisa. Ele teve a coragem de cantar músicas que estavam dentro da capacidade atual da sua voz, já que ele não consegue mais gemer. E ficou sensacional.”

“Fazer aquele disco foi pra acabar com os nervos”, Plant me disse. “Porque o desafio era o seguinte: será que um cachorro velho realmente aprende truques novos? Pronto! Nasci de novo.”

20

GONE, GONE, GONE

Quer jeito melhor de encerrar? Vinte milhões querendo um ingresso.

Em 2007, a escala Richter da cultura

pop registrou cutucadas fortes e frequentes. O lançamento do iPhone da Apple e o 400º episódio de *Os Simpsons*. Ou o ator espanhol Javier Bardem premiado no Oscar por interpretar o sádico assassino Anton Chigurh em *Onde os Fracos Não Têm Vez*, o filme dos irmãos Coen. Na música, foi a ascensão de Amy Winehouse e uma rodada de reencontros de bandas britânicas: The Police, Spice Girls, Pink Floyd no Live Earth de Londres – e Led Zeppelin.

De todas essas, a volta do Led Zeppelin teve o maior impacto sísmico. O retorno da banda para um único show na Arena O2 de Londres, no fim do ano, gerou uma disputa absurda por

ingressos. Eram milhões de pessoas em todo o mundo concorrendo em um sorteio on-line das 18 mil entradas. O show em si foi notícia mundial. O mito do Zeppelin havia inflado exponencialmente nas duas décadas desde o Live Aid e o show da Atlantic Records, as memórias das duas apresentações horrendas quase esquecidas. Anteriormente insultados pelos críticos, agora eram festejados como uma das maiores bandas de rock de todos os tempos, se não a maior.

No período desde então, nada havia refinado mais a aura da banda do que as recusas frequentes de Plant em reagrupar-se. Quanto mais ele adiava e mais o Led ficava em silêncio, mais

significativos eles pareciam em retrospectiva. Mas claro: fazer uma versão do Led voltar à vida era uma coisa, viver conforme a lenda era outra.

O desafio de fazer isso era a coisa mais distante na mente de Plant quando 2006 caiu em 2007. Tendo finalizado os trabalhos de *Raising Sand* com Alison Krauss, ele foi para sua casa nas Midlands e ressuscitou outra de suas ex-bandas: os Honeydrippers ressurgiram sem alarde para alguns shows no *Black Country*. O primeiro deles, no Salão Municipal de Kidderminster em dezembro de 2006, fora organizado por Plant para arrecadar dinheiro para o tratamento médico de um de seus vizinhos, que sofria de um tumor

cerebral. Dois meses depois, a banda tocou no JB's Club, na cidade de Dudley, em homenagem aos 60 anos do engenheiro de som de longa data de Plant, Roy Williams.

Plant havia convocado seu ex-guitarrista, Robbie Blunt, assim como Andy Silvester, para esses shows, ambos integrantes da Honeydrippers original e com quem ele havia feito turnê em 1981. A escalação fechava com o tecladista Mark Stanway, amigo de Plant que tocava numa banda de rock local, a Magnum, e uma seção rítmica composta por dois músicos de meio expediente que ele conhecia do *pub* do vilarejo. Havia algo de familiar em como Plant montara o grupo. Os ensaios aconteciam

no celeiro contíguo à sua casa, um *set* de rock'n'roll e R&B *vintage* que eles retrabalhavam a partir da coleção de discos de Plant.

Na apresentação de Dudley, Jeff Beck apareceu para fazer um show de abertura, sem nenhuma divulgação. Assim como na data anterior, em Kidderminster, o local estava agitado naquela noite, e o astral deveria ser de diversão, embora a ideia de Plant sobre o esquema não passasse disso.

“Robert não ficou muito contente depois do show no JB’s”, revela o jornalista local John Ogden. “Ele não achou bom em termos musicais e ficou meio aborrecido porque a banda não chegou no patamar que ele esperava.”

“O tamanho da plateia não interessa pra ele, mas tem de haver uma certa qualidade”, concorda Mark Stanway. “Robert tem uma enorme reputação a manter. Ele é perfeccionista, e você sabe na mesma hora se a coisa não está do jeito que ele quer. Robbie, Andy e eu já temos bastante estrada, por isso ele não ficou em cima. Mas leve em conta que o baixista e o baterista não eram profissionais.”

Plant continuou isolado em seu santuário das Midlands enquanto o inverno dava espaço para a primavera. Ele persuadiu Stanway, Blunt e também Roy Williams a acompanhá-lo em mais em de seus empreendimentos locais, o time em que entrara para a noite semanal

de perguntas e respostas no *pub*.

“Lá estávamos nós, uma mesa do pessoal de sempre do *pub*, e uma equipe de mulheres que ganhava o pergunta e resposta toda semana”, recorda Stanway. “Se a pergunta era sobre futebol ou música, Robert era o cara. Ele conhece muito de música pré-1965. Sabe os nomes dos componentes de cada banda e todos os lados B. Mas o estranho é que ele não consegue lembrar uma única palavra de qualquer música que tenha de cantar. Tem de ter tudo por escrito. Ele tem uma biblioteca incrível em casa também, primeira tiragem dos clássicos. Deve valer uma fortuna.

“Lembro que uma semana apareceu essa pergunta: ‘Se você somar todos os

números numa mesa de roleta, qual é o resultado?’. A resposta é 666. Eu sabia a resposta por acaso e escrevi na hora. Robert falou: ‘É mesmo? Tenho de contar pro Senhor das Trevas!’. Puxou o celular na mesma hora e começou a falar com Jimmy Page.”

Plant e Page já estavam em contato por conta de outro assunto: a volta do Led Zeppelin. Ahmet Ertegun, o defensor deles na Atlantic Records em 1968, havia falecido no último dezembro após uma queda nos bastidores de um show dos Rolling Stones, em Nova York. Sua viúva de 83 anos, Mica, queria fazer um show de tributo ao finado marido e pediu ao Led para ser a atração principal. Mesmo na morte, a influência

de Ertegun era grande o bastante para convencer Plant a fazer coisas que outros não conseguiam.

Para começar, os maiores da banda pensaram em fazer algo que fosse tão conciso quanto os *sets* de reencontros anteriores, um punhado de músicas e deu. Reuniram-se em Londres em junho para o primeiro ensaio, Jason Bonham, mais uma vez, na bateria. Plant, Page e Jones tinham de tirar as teias de aranha, mas o jovem Bonham tinha conhecimento enciclopédico do Led Zeppelin e do trabalho do pai.

“Conheço Jason desde que ele tinha 18 meses, quando o pai e a mãe dele moravam num motor home”, Plant contou posteriormente a Phil Alexander, da

Mojo. “A gente tem história. Ele ia nos ensaios sem nenhuma frescura, exceto o fato de que é obcecado por dados históricos, coisa que me dá vontade de bocejar. Putz, quem dá bola pra diferença entre a noite um de um lugar e a noite dois de outro lugar? É tocar e se mandar.”

Plant fugiu desses incômodos no final daquele mês, saindo com a *Strange Sensation* para shows na Europa e no norte africano. Encerrados estes, pediu um tempo da banda. Na hora deve ter pensado por que nunca conseguira fazer o mesmo com o *Led Zeppelin*.

* * *

O show na O2 foi anunciado em 12 de

setembro de 2007 e estava inicialmente programado para o fim de novembro. No mês seguinte, *Raising Sand* foi lançado. As expectativas não eram grandes. A estatura de Plant na época ficou demonstrada pelo fato de que a *Rolling Stone* fez uma resenha apenas burocrática, ainda que positiva. A revista deu o mesmo espaço para discos do cantor senegalês Youssou N'Dour e para uma banda de rock indie norte-americana, Les Savy Fav, preferindo destacar o primeiro álbum inédito dos Eagles em vinte e oito anos e *In Rainbows*, do Radiohead.

Raising Sand eclipsou os dois discos. Entrou nas paradas dos EUA e do Reino Unido já na segunda posição e, ao fim

do ano, havia vendido mais de 2 milhões de cópias, impulsionado, acima de tudo, pelo vetusto fenômeno do boca a boca. Plant não tinha um sucesso como este há mais de vinte anos e ficou tão surpreendido quanto os outros. Os ensaios do Led para o show na O2 estavam em andamento, e a ideia cresceu até virar um *set* completo. Também houve discussões sobre uma turnê.

Mas, se Plant vinha restringindo as apostas já de início, em pouco tempo estava decidido quanto ao que fazer – e não só pela aclamação recebida com *Raising Sand*. Dentro do Led, as tensões antigas haviam voltado à baila. Ele e Page discutiam a *set list* proposta, e a perspectiva da opulência por vir havia

dado um gosto desagradável ao projeto como um todo.

“Aqueles primeiros dias foram de muito segredo. Fora a banda e a equipe, ninguém mais aparecia lá”, diz Roy Williams, que cuidou do som nos ensaios e, mais tarde, no próprio show na O2. “Quando eles decidiram fazer um show completo, mudou tudo. Não dentro do grupo, mas os vários empresários começaram a aparecer e competir pelo espaço. Em parte porque Bill Curbishley já fora empresário tanto de Robert quanto de Jimmy, mas agora Jimmy estava com outra empresa, a Q-Prime, com Peter Mensch.

“Lembro de passar de carro pelo Estádio de Wembley com a equipe, numa

manhã, e um dos caras dizer: ‘A essa hora, daqui a um ano, a gente vai estar aqui’. E eu pensei: ‘Não sei não.’ Com Robert, a natureza do jogo é ser questionador.

“Alison Krauss disse uma vez que tinha medo toda vez que Robert entrava numa loja de discos porque ela não sabia com o que ele ia sair de lá nem o que ia ter entrado na cabeça dele. É assim que ele é – ele exagera um pouco na música. Igual a quando ele e Jimmy trabalharam com os músicos marroquinos: aquilo foi mais por instigação do Robert.”

“Robert não queria esse reencontro da banda, não mesmo”, diz Benji LeFevre. “Ele me ligou pra falar disso um monte

de vezes. Lendo nas entrelinhas e nas conversas que a gente teve, eu via que ele estava apreensivo antes mesmo de eles se encontrarem. Aí aconteceram umas coisas nos preparativos pro show que eram até esperadas. Mas quer jeito melhor de encerrar? Vinte milhões querendo um ingresso.”

Com a data na O2 chegando e os ensaios cada vez mais intensos, Plant teve de partir para promover *Raising Sand*. O sucesso do álbum impingira mais exigências no seu cronograma, e isto provocou mais tensão no reencontro do Led.

Uma pessoa, pelo menos, estava contente. Mais de quatro anos após ter abordado Plant sobre o assunto, o

executivo Bill Flanagan conseguiu fazer seu programa *Crossroads* para o canal de música country CMT. Plant e Krauss filmaram em Nashville perto do lançamento do disco, embora ele só viesse a ser exibido no ano seguinte. Para a gravação, os dois e T-Bone Burnett reuniram toda a banda de *Raising Sand*, com o acréscimo de um terceiro guitarrista, Buddy Miller. A *performance* subsequente foi marcante, com músicos em seu auge combinados a dois cantores magnânimos cujas vozes entrelaçavam-se como se feitas uma para a outra.

O ponto alto foram duas músicas do Led Zeppelin, “Black Dog” e “When the Levee Breaks”, ambas pacificadas e

transformadas em country blues gótico. Krauss cantou esta última como um lamento fúnebre, Plant recuando para as sombras e dedilhando um violão. “Black Dog”, com os dois cantando juntos, foi totalmente repensada, o despojamento do caráter bombástico deu lugar a algo de desesperado e ameaçador no cerne da música. Agora ela tratava de paixão não correspondida no tom de uma *murder ballad*. De um jeito que não conseguira trabalhar com Page nem em *No Quarter*, nem em *Walking into Clarksdale*, aqui Plant havia conseguido colocar os pés no passado e desacorrentar-se dele.

“Foi um show excelente. Tivemos a oportunidade de ver a reação da plateia de Nashville e o espanto deles”, recorda

Flanagan. “Se bem que, no início da gravação, o espanto pode ter sido excessivo, já que as pessoas estavam sentadas como se numa catedral na véspera de Natal.

“O caso é que Nashville é uma cidade inteira dedicada à música, e se você tem 25, 35 ou 45 anos e curte música, você já ouviu Led Zeppelin e Robert Plant. Quando Robert entra no recinto, é que nem Jesse James entrando no *saloon* em Tombstone. Era só sair pra jantar com ele em Nashville, e as pessoas ficavam embasbacadas.”

“A voz do Robert havia mudado de forma dramática”, emenda o amigo e vizinho de Plant, Kevyn Gammond. “Aquele lamento para o demo tinha se

aquietado. Quando ele estava trabalhando com Alison Krauss, o pessoal do nosso *pub* aqui dizia: ‘Ah, a gente gosta dessa e daquela música, Robert’. Provavelmente todos odiavam o Led.”

Em questão de um mês, porém, esperava-se que Plant voltasse ao lamento para o demo, mais uma vez acorrentado ao Led Zeppelin e tudo que fora há quase quarenta anos. Parecia uma conjuração impossível ele, Page e Jones conseguirem recriar a imagem de si mesmos, algo que haviam tentado duas vezes antes, sem êxito, quando eram duas décadas mais jovens.

A desconfiança de que os três integrantes originais do Led estavam se

cansando com a função ficou reforçada no início de novembro, quando o show na O2 foi adiado por um mês. O motivo divulgado foi que Page fraturara um dedo. Conveniente até demais, o fato lhes deu mais tempo. E, se o emocional de Plant já não estivesse mexido o suficiente com tudo que acontecia, ele ainda ficou sabendo que seu amigo e assistente “Big” Dave Hodgetts fora diagnosticado com câncer terminal e tinha poucas semanas de vida.

O vácuo até o show foi preenchido por um álbum de compilação do Led pela Atlantic, *Mothership*, que vendeu bem. Na semana prévia à apresentação, o Led fez um ensaio completo na O2. Foi o que acalmou os nervos. A voz de Plant

estava no ponto. Ele também foi mais sensato ao defender sua posição quanto à *set list*, recusando-se a fazer músicas como “Immigrant Song” ou “Achilles Last Stand”, cujos registros mais altos ele só alcançava com muito esforço. A banda também havia se conectado, tendo aproveitado bem as semanas a mais.

“No início, os outros três não ficaram contentes de eu ter perdido os ensaios”, Plant disse posteriormente à revista *Q*, “mas na real foi uma coisa boa. Foi a chance para eles se acostumarem a tocar juntos. Então, do ponto de vista geral, as coisas saíram perfeitas”.

Quando finalmente amanheceu o dia do show, 10 de dezembro, estava cinzento e gelado. Plant convidara

Alison Krauss a Londres para o evento, mas ela recusara, dando o ingresso para o irmão mais velho, Viktor. Plant também fez acordos para o doente Dave Hodgetts ser transportado até Londres e acomodado na mesa de mixagem da O2. Era a noite na qual Plant queria finalmente acabar com seus fantasmas.

Havia várias outras atrações no show, entre elas o ex-Rolling Stone Bill Wyman, o ex-vocalista da Free e da Bad Company Paul Rodgers, e Pete Townshend do Who. Poucos, se é que algum, dos 18 mil na plateia estavam lá para vê-los; não ficaram nem rastros das apresentações na memória. Para quem havia sido contemplado na loteria online dos ingressos e pago £125, o show

era puro Led Zeppelin – e a chance de medir o quanto a realidade se comparava ao mito.

Nas preparações imediatas para o *set* da banda, a área dos bastidores foi evacuada, o labirinto de corredores, bufês e salas de produção silenciados. Cada um em seu espaço, Plant, Page, Jones e Jason Bonham ficaram a sós com seus pensamentos. Tendo decidido que seria o último show completo que faria com o Led Zeppelin, Plant andava de um lado para o outro, aflito. Não podia ser apenas bom. Ele tinha não só de cumprir as expectativas, mas transcendê-las.

Minutos antes de entrar, os quatro se encontraram no corredor que levava ao palco. Deram-se um abraço rápido,

desajeitado. Para a plateia, era exibido um curta que compilava momentos do auge do Led, imagens tremeluzentes de como já haviam sido. Crescendo de um ronco baixo até um rugido prolongado, vindo dos fundos até a frente da arena, a atmosfera carregada se iluminou e então explodiu com o acender das luzes do palco.

Durante as duas horas seguintes, ao longo de um *set* de dezesseis músicas e impulsionado pela multidão, o Led Zeppelin voltou a voar. Havia algo de quase heroico naquilo, assistir àquela batalha contra a devastação do tempo ser travada e vencida. Eles começaram com cautela, entrando aos poucos em “Good Times Bad Times” e “Ramble

On”, os três principais vestidos de preto. A decolagem veio com “In My Time of Dying”, a guitarra *bottleneck* de Page ainda depravada, Plant já em outra esfera, a voz erguendo-se das profundezas da canção. A seguir, “Trampled Underfoot”, furiosa. Depois, “Nobody’s Fault But Mine”, brutal, seguida de “No Quarter” e “Since I’ve Been Loving You”, uma tão imponente quanto a outra.

Só “Stairway to Heaven” pareceu diminuída. Ela apareceu a meio caminho da *set list*, Page não pegou bem a introdução, e Plant ainda incapaz de se entregar por completo a ela. De qualquer forma, o que os definia agora era “Kashmir”. Recebida com o maior

rugido da noite, ela soou atemporal. “Whole Lotta Love” veio a seguir, e então o encerramento com “Rock and Roll”, quando o admirável Jason Bonham pôs a banda no rumo e deixou a plateia esgotada mas exultante.

Do lado de fora da arena, após o show, Dave Grohl correu na minha direção e me deu um abraço de urso. Eu só o encontrara uma vez, não muito depois de ele lançar o Foo Fighters, e tínhamos falado pouco. Ele mal me conhecia. Foi uma daquelas noites em que isso faz sentido. Grohl viera de sua casa em Los Angeles naquela manhã para ver o show e voltaria no dia seguinte. Mas estava efusivo, dando a entender que fora uma das maiores

noites de sua vida.

“Foi um dos melhores shows do Led Zeppelin que eu vi”, insiste o DJ Bob Harris, que assistira à banda pela primeira vez em 1971. “Eles estavam seguros, bem focados. Eu sei que exigiu semanas de trabalho, e que Robert tinha insistido que fosse assim.

“Vendo ele voltar para o bis e o público na loucura total, eu pensei: ‘Quem é que não ia pirar com um momento desses?’. Encontrei com Robert uns dias depois e disse que agora era certo que ia ter turnê. Ele disse que não e perguntou por quê, pois, para ele, aquilo fora voltar a algo do passado, não uma experiência nova.”

Não que todos tenham se convencido.

Benji LeFevre, vinte e sete anos após deixar de cuidar do som do Led, ficou maravilhado com a reação do público na O2, mas não com o show em si.

“Não achei particularmente terrível ou brilhante”, ele diz hoje. “Foi muito alto e, na primeira metade, tinha muito retorno. A realidade física é que Robert não consegue mais atingir as notas altas. Por isso nem se comparou ao que era antes.

“Eu ficaria muito, muito surpreso se eles voltassem a tocar. A honestidade com que Robert abriu os braços no fim de ‘Stairway to Heaven’ e disse: ‘Foi pra você, Ahmet’ – acho que, pra ele, foi um momento muito pessoal. Pode ter sido o momento no qual, para ele, tudo

ficou amarrado em ordem e foi arquivado.”

Apesar de todos os grandes atos musicais, foram momentos menores como esse que falaram mais alto naquela noite. Como os sorrisos e contatos visuais entre Plant, Page e Jones que a tela do palco captava, transmitindo alegria, alívio e a consciência de tudo que haviam compartilhado e ainda perdurava. Ou ficar sentado na lateral do palco e observar Page ser conduzido pelos degraus até o fim. Encharcado de suor, os ombros curvados, ele não tinha mais nada para dar. Ver isso foi assistir à cortina se abrir, revelando o que apenas uma *performance* havia exigido do homem de 63 anos.

No clímax do show, a primeira coisa que Plant lembrou foi do amigo Dave Hodgetts. Enquanto as últimas notas de “Rock and Roll” ainda estavam no ar, ele espiou no escuro e perguntou: “O que achou, Dave?”.

“Aquele momento foi especial”, recorda Roy Williams, que estava ao lado de Hodgetts na mesa de mixagem. “Quando ele disse aquilo, vi Dave erguer os dois dedões. Isto diz mais sobre o cara que qualquer outra coisa. Com tudo que acontecia à volta dele, naqueles poucos segundos ele estava pensando no camarada. O Dave faleceu uma semana depois.”

Os corredores dos bastidores logo se encheram de amigos e gente querendo

farra. Plant escapuliu em meio à multidão, entrou num carro e foi para uma kebaberia no norte de Londres, deixando tudo aquilo para trás.

Logo após o show na O2, ficou a sensação de que havia acontecido algo especial, com especulação crescente de que a banda anunciaria mais shows em breve. O que não aconteceu, embora Page, Jones e Bonham de início estivessem convencidos de que o Led seguiria adiante. A certa altura, chegou-se a fazer planos para uma turnê mundial com trinta datas, shows marcados para Londres, Paris, Nova York e Los Angeles, assim como Austrália, Nova Zelândia, Índia e China.

“Alguns de nós achávamos que haveria mais shows num futuro não tão distante”, Page disse a David Fricke da *Rolling Stone*. “Sei que Jason, que vinha tocando com a Foreigner, pediu demissão da banda. Mas Robert estava ocupado.”

Durante um período, Page, Jones e Bonham continuaram a trabalhar juntos, tentando compor material inédito. Chegaram a pensar em um novo vocalista e até fizeram testes – Steven Tyler, do Aerosmith, foi um dos que se candidatou. O senso comum venceu, porém, e o plano foi abortado. Plant já tinha partido há tempos, com Alison Krauss e a estrada pela frente.

“O O2 foi ótimo para a mãe do Bonzo

e para o Jason, e pra gente se aprumar mais uma vez”, ele me contou. “Foi bom, mas foi bom porque a gente não precisou fazer duas vezes. Não era uma coisa pra acontecer todo verão, nem virou música de fundo do sorteio da Loteria Nacional, nem essa porra toda.”

Assentada a poeira da volta do Led, Plant e Krauss começaram a turnê juntos em Louisville, Kentucky, em abril de 2008. No total, foram 44 shows pela América do Norte. Os shows seguiam o padrão da apresentação no *Crossroads*, selecionando os destaques do álbum *Raising Sand* e outros marcos do country, retrabalhando músicas do Led como “The Battle for Evermore” para encaixar no molde. A turnê atravessou a

Europa com um punhado de datas em maio, entre elas uma esgotada na Arena de Wembley em Londres, antes de voltar para mais shows nos EUA no outono, sendo o último em Saratoga, Califórnia, em 5 de outubro.

Durante a turnê, Plant fez laços de amizade com o guitarrista Buddy Miller. Nascido em Fairborn, Ohio, em 1952, Miller vinha tocando em bandas de *bluegrass* e *country* desde o colegial. Músico admirado por músicos, ele fizera turnês com Emmylou Harris, Steve Earle e Linda Ronstadt, tendo lançado vários álbuns solo de boa qualidade e também produzido discos para o *soulman* Solomon Burke e o cantor de *country* Jimmie Dale Gilmore. Plant parecia à

vontade no mundo. Gostava de poder dividir os holofotes com Krauss e cantava maravilhosamente.

“Robert veio fazer um show em New Jersey, onde eu moro hoje”, recorda Dennis Sheehan, assistente de Plant no final dos anos 1970. “Foi um dos melhores shows que eu já vi, e parecia que ele estava curtindo muito. Não aparentava estar sob pressão nenhuma.

“Nos encontramos antes da apresentação. Robert é um cara alto, mas estava encurvado. Falei que ele parecia um velho. Ele disse que estava com dor nas costas de viajar no ônibus da turnê. Indaguei por que diabos ele viajava de ônibus se podia pegar avião. Ele me disse que o pessoal do country faz turnê

de ônibus e ele não queria fazer diferente. ‘Ia parecer que eu estava ostentando ter grana’, ele disse.

“Isso que é legal no Robert, ele sabe como é ser muito rico, mas continua pé no chão. Por dentro, ele sempre vai ser o *hippie* proverbial.”

“Alison é muito querida, mas também é diversão pura”, diz Roy Williams, engenheiro de som da turnê. “O que todo mundo na equipe dizia era que ela devia projetar mais esse lado da personalidade nos shows, ao invés de ficar acanhada.”

“Ela fazia um a capela numa música chamada ‘Down to the River to Pray’ – ela, Robert e a banda toda num microfone só. Lembro do primeiro show

ao ar livre que a gente fez, no New Orleans Jazz Festival, de ouvir o silêncio numa multidão de 60, 70 mil pessoas. Foi algo muito especial.”

Plant convidara outro de seus amigos, Bob Harris, para assistir a ele e Krauss em New Orleans na primavera de 2008. Harris e a esposa estavam comemorando o aniversário de casamento, e Plant insistiu em sair com eles depois do show. Voltando para a cidade do local do festival, na umidade e calor do início da noite, Plant avistou um velho bar de beira de estrada, o Mother-in-Law Lounge. Era o bar que pertencera ao finado cantor de R&B Ernie K-Doe, batizado com o nome da Número Um dele nas paradas em 1961.

“Robert quis entrar, mas o lugar estava trancado”, lembra Harris. “A gente ficou batendo na porta uns minutos. Aí uma senhorinha negra minúscula, setenta e tantos anos, abriu a porta. A viúva de Ernie K-Doe. Ela tinha uma peruca caída pro lado e parecia totalmente desorientada com a gente lá.

“Ela acendeu as luzes, foi para trás do balcão, ficou de costas para nós enquanto preparava os *drinks*. Robert começou a dizer para ela como era fantástico estar ali, porque ele costumava praticar com os discos do marido dela, cantando na pose clássica da escova de cabelo na frente do espelho. Ele disse que foi com a música do marido dela que ele tinha começado a

cantar. Por fim, ela se virou e disse: ‘Nossa, que ótimo, querido. Você ainda canta?’. Robert respondeu: ‘Sim, de vez em quando.’”

21

PRAZER

Acho que tudo se deve ao jeito como preparavam a coca nos anos 1970.

Robert nunca foi de fazer pausas para

comemorar, preferindo estar em movimento e ação. Mas abriu uma exceção no verão de 2008 e também no ano seguinte. Em agosto, ele completou 60 anos e marcou o evento com uma festa. A natureza da festa dizia muito sobre sua pessoa. Não foi uma ocasião de muitos foguetes, mas sim um ajuntamento informal de família e amigos no *pub* de sua vila, o Queen's Head.

Plant mandou armar uma tenda na área externa do *pub*, onde um serviço de bufê oferecia comida indiana. Seus três filhos estavam lá, assim como a ex-mulher, Maureen. Entre os amigos presentes, o DJ Bob Harris, o ex-guitarrista da Band of Joy Kevyn Gammond, e também Perry

Foster, que adotara o Plant adolescente como vocalista em sua Delta Blues Band lá em 1964. O *bluesman* norte-americano Seasick Steve marcou presença, assim como Lenny Kravitz, cujo enorme ônibus de turnê ficou trancado na estradinha que leva ao *pub*.

Como era verão inglês, a chuva caiu sem dó nem piedade. Mas Plant havia contratado uma dupla de comediantes *stand-up* para animar o público. Frank Carson, o finado comediante irlandês, baseou sua apresentação na famosa sovínice de Plant. O aniversarianete, disse Carson, pagara estadia para ele num hotel de três estrelas. “E quando eu estava deitado na cama ontem”, concluiu, “contei três estrelas no buraco

do teto”. Plant riu mais alto que todos os outros.

“Robert chegou à maturidade”, reflete Perry Foster. “Ele ainda tem dor nas costas e caminha meio curvado. O rosto dele também está um pouco marcado. Na festa, eu falei pra ele: ‘Sei a coisa certa pra você, Bob – por que não faz um *facelift*?’. Ele brincou comigo dizendo que tinha acabado de fazer.”

No fim de semana anterior à festança dos 60 anos, Plant aceitara o convite para ser vice-presidente honorário dos Wolverhampton Wanderers, time de futebol para o qual torcia há cinquenta e cinco anos. Seu colega na vice-presidência, Steve Bull, ex-jogador dos Wolves e da seleção inglesa, lembra que

Plant apareceu no primeiro jogo após assumir o cargo.

“A tarefa é ser embaixador do clube, conhecer e conversar com o pessoal dos camarotes nos dias de jogo”, explica Bull. “Temos de ir aos jogos em casa de terno, mas o Robert chegou de calça *jeans*, cabelo puxado para trás e uma bolsa velha jogada por cima do ombro. E aí falou: ‘Eu sou assim e não vou mudar’. É um maltrapilho, coitado, mas por dentro é um homem de primeira.”

“Ele costuma deixar o falatório pra mim. É muito contido, muito resguardado. Mas tem opiniões bem decididas sobre futebol. Ele me liga pra falar de cada jogo. Eu consigo comer um prato inteiro de espaguete enquanto ele

discursa; coloco o telefone do lado da mesa e deixo ele falar.”

Em julho de 2009, Plant foi nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico pelos serviços à música, tendo participado de uma cerimônia no Palácio de Buckingham na presença do príncipe Charles. Na época, eu era editor da revista musical britânica Q. No final daquele ano, convidei-o a aceitar a honraria de Contribuição de Destaque à Música na premiação anual da revista em Londres. Ele me disse que ficava incomodado com esses louros, pois davam a entender que ele havia morrido. Mesmo assim concordou. No dia em si, uma gelada tarde de outubro, ele foi o centro das atenções, como bem cabia.

De terno marrom, Plant centralizou as atenções durante o evento, que aconteceu no Grosvenor Hotel, na Park Lane de Londres. No salão decorado do hotel, artistas mais jovens como Arctic Monkeys e Muse foram à sua mesa, patrocinadores e outros convidados fizeram fila para apertar sua mão e tirar uma foto. Ele atendeu todos os pedidos, olhos cintilantes e sempre pronto para uma piada autodepreciativa. Bob Harris e integrantes da banda tuaregue Tinariwen lhe entregaram o prêmio, tendo como prelúdio um curta de Plant através dos tempos, como deus do rock, pop star e atual vocalista de assombrosas músicas country.

“Em 1963”, começou em seu discurso

de agradecimento, “a maioria das bandas que passava pela minha cidade trabalhava com as mesmas partituras – o R&B de Chicago e o som característico dos primórdios da Motown –, cheias de arrogância de boutique e ávidas por nossas garotas. Crítica social nada, só grana e penicilina.”

“Um dia, o vocalista de um *beat group* do colégio ficou doente, e eu assumi o lugar dele. Cantar, tudo bem – mas o que você faz durante os solos de guitarra? Olha pros sapatos e pensa em Elvis, ou se pavoneia? Que loucura. Eu estava nos céus e fui sumariamente ignorado.

“Bom, o tempo passa, cria formas, enquanto estilos e modas vêm e vão, nada muito autoconsciente, arrastando-se

alegremente através dos mundos obliterados dos Mods, dos Rockers, dos beatniks, da elite ridícula e do perigosamente psicodélico. Então um dia todas as paredes, portas e o chão se dissolveram. O avião da Pan Am taxiou e parou. A porta se abriu e revelou uma subcultura de mensageiros, xamãs, anticristos e cafetões loucos, vulneráveis, alegres, sofridos, o gênio e o lixo. Tudo proporcionado por um sistema de apoio de médicos de araque, videntes, perfume barato e suor: intensos, gloriosos, e hoje quase extintos.

“O mundo ficou menor, e um novo mundo de música continua confirmando sua beleza. A África, por exemplo, hoje

telegrafa sua angústia, sua raiva e sua corrupção para um público universal, assim como os profetas distantes Lenny Bruce, Dylan, J. B. Lenoir e Billy Bragg.

“Ao longo dos anos, estive conectado a esse turbilhão, tanto muito quanto pouco. Tirei um lindo curinga, que enriquece meus dias e me dá acesso a todos os mundos da música, das pessoas e da energia. Uma carta da ingenuidade, uma carta para aprender e uma carta para dizer obrigado.”

Com isso, em um salão em silêncio total, ele agradeceu a todos que haviam ajudado na jornada. Entre eles, Page, Jones e John Bonham, Elvis Presley, Howlin’ Wolf e Arthur Lee. Citou Ahmet Ertegun, Peter Grant e o ex-produtor de

turnê do Led, Richard Cole, Sandy Denny e Alison Krauss. Também citou o antigo rei rebelde celta Owain Glyndŵr, o Salão Municipal de Stourbridge e as Plaster Casters de Chicago. Por último agradeceu ao Dansette Conquest Auto, seu primeiro toca-discos, que seus pais haviam lhe comprado nas névoas distantes de 1960.

Plant não era dado a se perder em reflexões, tampouco ficou inativo por muito tempo. No início de 2009, *Raising Sand* havia ganho o Grammy de Álbum do Ano, desbancando Coldplay, Radiohead e outros. Plant, Alison Krauss e o produtor do disco, T-Bone Burnett, participaram da cerimônia do

Grammy Awards no Staples Center em Los Angeles, em fevereiro. Já haviam começado as conversas sobre um álbum subsequente, mas estas não progrediram.

“T-Bone promoveu um jantar depois dos Grammys e fez a gentileza de me convidar”, lembra Bill Flanagan, executivo do canal VH1 e primeiro a fazer o contato entre Plant e Krauss. “Os três estavam curtindo o momento e falando que já deviam ter começado o segundo álbum. Parecia que todos tinham aquilo na cabeça, mas ninguém queria dizer em voz alta que eles haviam conseguido uma coisa singular e que queria tentar fazer o mesmo de novo. Mais cedo naquele dia, T-Bone havia me dito que seria melhor ele produzir um

disco só com Alison, que não tivesse o peso da expectativa.

“Também acho que os três pensavam que haviam cedido um pouquinho para se acertar um com o outro em *Raising Sand*. No seguinte, cada um queria fazer mais ao seu modo. Se são três pessoas pensando a mesma coisa, fica mais complicado juntar tudo.”

Burnett estava mais inclinado a repetir a fórmula de *Raising Sand*, e era o produtor preferido de Krauss, embora ela estivesse a fim de um som menos antiquado. Plant também estava propenso a mudanças, sugerindo uma gama maior de material e também trabalhar com outro produtor, Daniel Lanois.

“Alison e eu estávamos pensando em deixar nosso esquema radicalmente mais contemporâneo”, Plant me disse. “Eu falei que a gente precisava encontrar alguém mais louco que nós dois e bem doido por música, e esse cara era o Daniel Lanois. Alison foi falar com ele a sós. Eu queria que fosse do meu jeito.

“Eu sabia que Dan era obstinado. Ele tinha acabado de fazer um álbum do Neil Young, *Le Noise*, e todo mundo me dizia que eu não ia acreditar quando ouvisse. Disseram que ele tinha colocado Neil na linha. Mas o Neil tinha mesmo que se ligar. Todos nós temos, se não a gente termina na Playhouse em Nottingham.”

Foi Krauss que acabou cortando o barato do projeto, dizendo que não havia

nada de errado em matar a galinha dos ovos de ouro. Plant concordou, e eles se separaram de forma amigável. Ela voltou para a banda Union Station. Com eles, lançou um novo álbum em 2011, *Paper Airplane*, sucesso de crítica e de público, embora T-Bone Burnett não tenha sido o produtor.

Plant vinha passando mais tempo com Buddy Miller, guitarrista da banda de turnê de *Raising Sand*, na casa deste em Nashville – onde ele morava com a esposa, a cantora e compositora Julie Miller. Querido por todos, Miller tinha o mesmo senso de humor seco e sarcástico de Plant e também uma curiosidade infinita por música. Os dois começaram a repassar canções, procurando coisas

diferentes para interpretar. Naquela época, Plant demonstrava pouca inclinação para compor material inédito.

“Eu desisti de compor”, ele disse, posteriormente, a Stephen Rodrick da *Rolling Stone*. “A última vez que peguei uma caneta foi quando Tony Blair virou católico. Daqui a pouco, vou precisar de ajuda para atravessar a rua.”

Plant pediu a Miller para ajudá-lo a montar uma banda. Os dois saíram a recrutar a nata dos músicos de estúdio de Nashville: o baixista Byron House, o multi-instrumentista Darrell Scott e o baterista Marco Giovino. Em busca de um contraste vocal para substituir Alison Krauss, e por sugestão de Miller, Plant convocou Patty Griffin. Excelente

cantora e compositora, também talentosa no piano e na guitarra, Griffin estava com 45 anos e havia iniciado a carreira tocando em cafés de Boston quando adolescente. Lançou seu primeiro álbum, o acústico *Living with Ghosts*, em 1996. Seguiram-se mais quatro discos, todos calcados em suas influências de country, folk e gospel, e consagrando-a como talento prodigioso.

Em fins de 2009, seu grupo começou a ensaiar em Nashville. Plant havia montado três CDs de material que ele e Miller haviam selecionado, tendo pedido aos outros para aprender as músicas antecipadamente.

“Na real, tudo depende de ver no que vai dar”, Plant me disse quando

perguntei como que ele procedia ao embarcar numa nova aventura. “Eu sou cantor. Não tenho nenhum dos problemas que os músicos têm – posso tentar coisas com as pessoas e, se não der certo, não tem problema. Não chego a um lugar com aquela enorme referência histórica que Clapton tinha na época do ‘Eric é Deus’. Imagina ter uma noite ruim naquela situação.

“Eu simplesmente fico perto de gente boa e da bondade. Você pode ser ingênuo e deslocado, porque todo mundo vem ficar junto. Foi o que aconteceu com esse grupo. Era pura apreensão no recinto, mas em questão de quatro horas os ombros de todo mundo estava o mais relaxado possível, e a gente tocou de um

jeito especial. É uma banda ótima, e é tudo obra do Buddy.”

“Na época, o Robert não estava pensando em fazer nada de definitivo”, explica Marco Giovino. “Ele só queria chegar e ver no que dava. Selecionou um monte de músicas, velhas melodias folk e das montanhas. A gente repassou, desconstruiu e colocou instrumentos alternativos, deu sustentação. Depois de uma semana, ele apareceu e disse: ‘Então, rapazes, acho que vamos fazer um disco’.

“Buddy era o diretor musical dele por excelência. Muitas das rotas musicais deles se cruzavam. Os dois têm um amor profundo pelo que acontecia em San Francisco nos anos 1960 e pela música

psicodélica em geral, bandas tipo 13th Floor Elevators. Mas Robert tem uma ideia fechada de aonde quer que cada coisa chegue, e como o som tem de ficar. E, se não consegue tocar fisicamente no violão, ele canta pra você.”

Para fazer o álbum, a banda alugou o estúdio da cantora Gillian Welch e seu par David Rawlings, em Nashville, sendo que os dois cobraram uma taxa insignificante de Plant. Era uma sala grande, ampla e com pé direito de mais de sete metros. De acordo com o espírito das canções, Plant fugiu da tecnologia digital, gravando à moda antiga direto em fita de 16 polegadas. Também fez referência a seu passado, dando ao novo grupo e também ao disco

o mesmo nome, “Band of Joy”.

Este se provou o segundo melhor álbum de Plant em sequência, embora não tivesse o fator surpresa de *Raising Sand* nem a pitada extra de magia. Igual a ele, porém, *Band of Joy* invocava um estado de espírito singular, melancólico mas tingido de esperança, sua atmosfera sugerindo uma cidade do sudeste norte-americano na calada de uma noite quente de verão, com os estalos do *neon* e o zumbido de vagalumes.

As músicas iam desde o arcaico, como a tradicional “Satan, Your Kingdom Must Come Down” e uma balada folk dos Apalaches, “Cindy, I’ll Marry You Someday”, até seleções mais contemporâneas, como “Angel Dance”,

de Los Lobos, banda tex-mex de Los Angeles, e um par de faixas contemplativas da Low, banda de drone rock de Minnesota –, “Silver Rider” e “Monkey”. Plant cantou com freio e firmeza, a voz encaixando-se em cada canção como se fosse um velho terno favorito.

“Num nível prático e totalmente operário, aprendi mais nos últimos cinco anos quanto ao que se faz e o que não se faz do que em qualquer outro momento”, ele me disse na época. “Tem gente que diz que não consigo mais cantar ‘Immigrant Song’. É besteira, eu consigo, mas vai levar umas semanas para eu abrir meu registro que nem antes. O negócio é que cantar tem a ver

com todos os aspectos do clima, do dom como um todo. Foi o que essas duas mulheres, Alison e Patty, que me ensinaram.”

Com o caráter cíclico de fluxo e refluxo da música, *Band of Joy* caiu numa das correntes mais fortes da época, uma tendência para sons mais rústicos e tradicionais. Bandas como Fleet Foxes, The Black Keys, Band of Horses e Midlake ganhavam proeminência nos EUA, escavando as raízes do rock, do blues e do folk para montar seu esquema. Na Grã-Bretanha, a banda Mumford & Sons e uma cantora-compositora adolescente, Laura Marling, estavam à frente do novo movimento folk. Compositores velhos de guerra

como Tom Petty, John Mellencamp e Elton John, em parceria com Leon Russell, também produziram discos que buscavam inspiração em eras pregressas, conforme sua idade e soando melhor ainda por isso.

Plant estava numa febre criativa e viu-se mais uma vez em sintonia com os tempos. Lançado em setembro de 2010, *Band of Joy* foi Top 5 nos EUA e no Reino Unido. Foi precedido por uma série de shows comedidos nos EUA e um único show num espaço de 2 mil lugares em Londres, o Forum. Este último show foi dos melhores que Plant fez em anos, cantando com gosto enquanto sua banda pintava um panorama musical vivaz e cambiante,

apimentado com marcos do rock, do blues, do folk, do country e do gospel.

Plant também passou ao grupo músicas de sua carreira solo, como “In the Mood”, e baluartes do Led como “Tangerine” e “Houses of the Holy”, todas remodeladas. Soavam como novas, mas também como uísque maturado em barris de carvalho. O ato de transformação serviu a outro propósito, de fazer a história musical do próprio Plant parecer amorfa e em evolução constante.

“A gente filmou aquele show e, cara, você tinha que assistir”, ele me disse com entusiasmo semanas depois. “É um dos melhores shows que eu já vi. Que nem *The Last Waltz* da The Band, mas

sem gente famosa. Eu fiquei muito orgulhoso.”

Plant e sua nova Band of Joy começaram uma turnê completa pela Europa em outubro, voltando ao Reino Unido no final do ano e, então, partindo para a América do Norte para seis meses corridos a partir do início de 2011. Topei com ele em Londres antes do início da turnê, quando a Band of Joy gravava uma participação no programa da BBC TV *Later... with Jools Holland*. Eu estava lá para entrevistar Adele, que estrearia uma música nova chamada “Someone Like You” no mesmo programa. Ela cantou acompanhada apenas por um piano, e arrasou.

Após a gravação, Adele estava no camarim cercada pelo pessoal da gravadora e de empresários, bebendo vinho em um copo de plástico. Plant irrompeu sem se anunciar e marchou direto até ela, abraçou-a e deu-lhe um beijo na bochecha. “Sabe, você me deixa muito orgulhoso de ser britânico”, disse ele, radiante, e lá se foi.

Ao tocar com a Band of Joy, Plant foi cativado por Patty Griffin. Mesmo antes de se saber que os dois haviam se apaixonado, era óbvio que a relação de trabalho era diferente da que ele tinha com Alison Krauss – era menos formal e tendia mais para a paquera.

“Patty Griffin é uma entidade fantástica”, ele me disse. “Ela é

delicada, charmosa. É uma grande compositora e canta como se fosse irmã menor de Mavis Staples. E tem aquela risada maravilhosa de irlandesa.

“No palco, quando eu entro no personagem e viro o cara lá daqueles tempos”, ele diz, imitando segurar um microfone, jogando os cabelos para trás e fazendo biquinho, “ela ri tanto que eu tenho que fazer mais. E aí saio andando de lado que nem o Rod Stewart, ainda mais caricato”.

“Robert sempre viajou no ônibus com a gente”, diz Giovino, ao falar de turnê. “As viagens pós-shows nos EUA eram as mais turbulentas, com todo mundo no espaço da frente do ônibus, alguém de DJ no iPod e o vinho circulando.

Parecia que ele estava curtindo; contava piadas, ficava de sacanagem, falava de bandas obscuras. Mas, quando o time de futebol dele perdia, nem precisava perguntar.”

A banda começou a última parte da turnê em Roma, em julho de 2011. Na manhã do show na cidade, Plant estava fazendo um passeio turístico ao Coliseu com Buddy Miller e Patty Griffin quando recebeu a ligação do amigo Bob Harris. Tendo passado por um tratamento exitoso contra o câncer em 2007, Harris acabara de saber que precisaria de mais cirurgias.

“Robert foi profundamente solidário, mas não exagerou na reação”, recorda Harris. “Depois, durante o meu

tratamento, um dos médicos mencionou Robert. Eu nem sabia, mas ele investe muita grana em pesquisa contra o câncer. Quando perguntei a respeito disso, ele só me disse: ‘Eu tenho tanto dinheiro à toa por aí que, pelo amor de Deus, posso muito bem fazer algo de construtivo com ele’.

“Naquele período, ele me telefonava duas ou três vezes por dia, enquanto entrava e saía de aviões, conferindo se eu estava bem. Ele estava decidido a manter meu ânimo e foi fenomenal. Quando tive alta geral, assim que eu contei, ele disse: ‘Excelente, agora você não precisa de mim ligando todo dia.’ E assim foi: ele parou de ligar.”

A Band of Joy fez seu último show no

festival *Hardly Strictly Bluegrass* em San Francisco, em 30 de setembro de 2011. Eu me encontrara com Plant em Londres algum tempo antes, e ele estava com os olhos brilhando, fanfarrão. Tinha acabado de sair de uma das reuniões de negócios periódicas do Led. “Cinco horas com Pagey”, ele me disse, um sorriso impenetrável no rosto. Perguntei onde que ele se via a seguir, e ele deu de ombros, dando a entender que tudo era possível.

“Quanto à minha carreira, acho que tudo se deve ao jeito como preparavam a coca nos anos 1970”, ele acrescentou rindo antes de ficar mais sério. “Tem gente que acha que, quando se chega na minha idade, a opção é simples. Pois

não é. Eu aprendo o tempo todo e, às vezes, faço merda grande. Mas, pelo menos, todo mundo sorri. Não é o fim do mundo.”

22

CODA

Hoje ele tem uma vida bem diferente.

Em fevereiro de 2013, Plant deu uma entrevista ao programa telejornalístico

australiano *60 Minutes*. Durante o programa, a apresentadora Tina Brown o questionou quanto à fama de “mau” por não concordar com uma turnê do Led Zeppelin após o show de reencontro em 2007, em Londres. “Os outros dois são capricornianos e ficam calados”, ele respondeu. “Mas eles são bem fechados nos mundinhos deles e deixam essa pra mim. Eu não sou o malvado da história. Você tem de falar com os capricornianos porque eu não tenho nada pra fazer em 2014.”

Em questão de horas da transmissão das palavras de Plant, a mídia de todo o mundo estava noticiando a possibilidade do reencontro do Led no ano seguinte. Mas não houve menção à segunda

entrevista que ele deu à TV australiana no mês seguinte, desta vez no *Today Tonight*, de Adelaide. Questionado se estava mesmo pensando em voltar à banda, Plant respondeu: “Na verdade, não. Eu só falei que não tinha nada pra fazer. Eu definitivamente descartaria isso. Estou a fim de fazer coisas novas. É só me dar uma sugestão de algo divertido.”

Não que chegue a amainar, mas o interesse pelo Led fora atizado em fins de 2012 pelo lançamento de *Celebration Day*, o postergado filme do show deles na Arena O2. O filme em si foi uma decepção, nada mais que um documento seco do show. Não revelava o contexto do evento nem do próprio Led,

fracassando em capturar as subtramas e pequenas intimidades que cercavam ambos.

Mas foi o bastante para reagrupar Plant com Page e Jones, os três promovendo o filme em exposições em Nova York, Londres, Berlim e Tóquio em outubro. Eles se reencontraram alguns meses depois, desta vez em trajes formais, para receber o Prêmio Kennedy em Washington, D.C., das mãos do Presidente Barack Obama, em reconhecimento à contribuição à cultura e às artes dos EUA. No discurso introdutório, Obama agradeceu aos três por comportarem-se, ressaltando o histórico de “quartos de hotel destruídos e caos generalizado”.

O show de tributo ao Led Zeppelin naquela noite teve apresentações de Foo Fighters, Kid Rock e Lenny Kravitz, com Plant, Page e Jones só observando. O auge foi uma versão extraordinária de “Stairway to Heaven” por Ann e Nancy Wilson, da banda Heart. Com o apoio de Jason Bonham na bateria, mais um coro gospel e seção de cordas, no desenrolar da música as irmãs Wilson recuperaram a composição mais famosa do Led como um épico. Ao final, Plant foi captado pela câmera aparentemente secando uma lágrima.

Durante a coletiva de imprensa em Londres para anunciar *Celebration Day*, Plant estava rabugento, mas em todos os outros aspectos parecia tranquilo com

essa volta no tempo. Ultimamente, vinha parecendo mais reconciliado com o passado, feliz em visitar aquela época, contanto que não esperassem que ele lá ficasse . E ainda mais contente por manter as pessoas na dúvida.

“O mais legal é que agora Robert pode fazer o que quiser”, diz Bill Flanagan, do VH1, que teve a chance de conhecer Plant melhor. “O que ele vai fazer a seguir? Pode ser que ele molhe o dedo, erga e diga: ‘Olha, está vindo uma brisa legal da África, acho que eu vou por ali.’ Ou quem sabe ele ache divertido cantar ‘Black Dog’ de novo.”

“Fiz uma sessão com os três em Nova York na tarde da estreia de *Celebration Day*”, recorda o fotógrafo Ross Halfin.

“O mais bizarro é que, quando eles estavam saindo do hotel, no fim, Robert se virou pro Jimmy e disse: ‘A gente tinha que fazer alguma coisa junto’. Posteriormente, Jimmy meio que fez pouco caso disso, dizendo que Robert não falou pra valer. Mas com eles nunca se sabe.”

Faz mais de trinta anos que o Led acabou, mas muita gente ainda se agarra à esperança de que eles vão voltar, sendo que a maioria nem os viu na época. Mas claro que as pessoas veem. Naquelas imagens granuladas dos shows, nos discos e nos hectares de papel e tinta dedicados a contar os detalhes gloriosos e sanguinolentos de sua história, o Led parece

imensuravelmente maior e melhor do que os incontáveis grupos que, desde então, tomaram seu lugar. Não importa que estejam muito mais velhos, nem que um dos integrantes esteja faltando – a mera sugestão do que o Led já foi seria o bastante.

Isto tem sido – e provavelmente continuará sendo – uma coisa que não muda. Assim também, contudo, a decisão de Plant de não se entregar mais uma vez, fortalecida ao longo dos anos pelos sucessos que ele teve por conta própria. Quanto mais velho fica, mais parece ser este o único ponto em que ele é intransigente. Em todos os outros aspectos de sua carreira, Plant parece sempre aberto a mudanças e a novas

experiências. Seguir em frente, como se ficar parado fosse sua morte, o movimento contínuo e adiante sua bênção.

Em fins de 2013, Plant encerrou a parceria com seu empresário de longa data, Bill Curbishley, substituindo-o pela sua assistente pessoal Nicola Powell. Embora não tenha dado motivos, pessoas que conhecem os dois homens sugeriram a mim que Curbishley vinha forçando demais um retorno do Led Zeppelin. De fato, Curbishley instigara o reencontro com Page nos anos 1990 e parecia mais entusiasmado que Plant quanto ao reencontro da banda para promover o filme *Celebration Day*.

Amigo de Plant, o cantor folk Roy

Harper se refere a ele como “Robust Planet” [“Planeta Robusto”]. “Robert foi muito esperto em não entrar nesse túmulo empoeirado e cheio de teias”, insiste Harper. “Não é algo que ele possa recapturar, e essas coisas todas não são tão emblemáticas para ele como teriam sido na juventude. Hoje ele tem uma vida bem diferente.”

No verão de 2012, Plant formou mais uma banda, que batizou de Sensational Shape Shifters. O cerne era o mesmo de sua banda anterior, a Strange Sensations. Como o baterista Clive Deamer havia entrado no Radiohead durante o intervalo, Plant trouxe Dave Smith, que, há anos, vinha tocando música do norte e

oeste africano, e acrescentou o músico gambiense Juldeh Camara à escalação.

Ele estreou a banda em shows no Reino Unido e nos EUA em julho e agosto, com a companheira Patty Griffin a acompanhá-los em algumas datas. Fizeram turnê pela América do Sul e Central no outono, Cingapura, Austrália e Nova Zelândia na primavera de 2013, e mais uma vez nos EUA no verão seguinte. Este conjunto em particular é como um híbrido de toda a música em que Plant se fixou, reaproveitando canções do Led e antigos baluartes do blues e do folk, misturando as influências da cultura americana de seus discos mais recentes e também os sons bem distintos da norte africano e o rock

psicodélico dos anos 1960.

Embora não houvesse músicas originais nos *sets*, a sensação deles era renovada e imprevisível, com o calor da reinvenção a lhes aquecer. Plant ficou contente acima de tudo em revisar o cânone do Led. Nessas mãos, “Black Dog” tornou-se um blues do deserto, “Heartbreaker” quase uma faixa techno dos anos 1990, e “Gallows Pole” a música para um dervixe rodopiar.

Pela primeira vez em quase uma década, Plant também vem escrevendo músicas, mais uma vez com pessoas diferentes. Durante os últimos anos, ele compôs uma boa quantidade de material com o guitarrista Buddy Miller e outro de seus colegas na última Band of Joy, o

baterista Marco Giovino.

“Mantenho bastante contato com Robert, e seis meses depois do fim da turnê da Band of Joy a gente começou a trocar muita ideia”, diz Giovino. “Não faz muito tempo a gente se encontrou na casa do Buddy aqui em Nashville. Eu tinha enviado pro Robert uns *loops* de bateria que inventei em casa, e ele começou a anotar umas ideias para juntar aos *loops*.”

“É certo que é diferente do disco da Band of Joy, mais rock e mais afiado. Eu fui testemunha de muito do que o Robert vem escrevendo sobre nossos tempos na estrada, pois tem algumas músicas em que ele fala do relacionamento com Patty.”

Além disso, Plant e Patty Griffin vêm compondo juntos. Uma das músicas resultantes, “Highway Song”, saiu no excelente álbum de Griffin *American Kid*, em maio de 2013, e Plant cantou em outra, “Ohio”. As duas músicas são despojadas, carinhosas e graciosas, a voz de Plant sussurrante como o vento. “Nós dois temos origens similares enquanto cantores”, Griffin disse à *Billboard* à época do lançamento. “Ele me inspira. Ele vai fundo e longe.”

Plant também levou a Sensational Shape Shifters ao estúdio. Ele planeja lançar um novo álbum em 2014. A medida de sua amplitude e de sua liberdade é que Plant poderia fazer o disco tanto com sua banda, ou com a

Band of Joy, ou com Patty Griffin, ou com qualquer outra pessoa, ou qualquer outra coisa. Da mesma forma, não há limites para seu âmbito musical; poderia igualmente partir para as Montanhas Apalaches ou o Saara, ou qualquer outro lugar.

Cinquenta anos depois de começar a cantar e apresentar-se em bandas, ainda é óbvio que Plant curte música, e continua procurando novas experiências com ela. Afora esses outros projetos correntes, no último ano e pouco ele também cantou com a texana folk Amy Cook numa faixa intitulada “It’s Gonna Rain”, do álbum *Summer Skin*, e no disco mais recente da banda de rock britânico Primal Scream, *More Light*.

“É isso que me deixa pasmo. Existem poucas pessoas que tiveram a mesma experiência e as mesmas realizações de Robert Plant”, diz Flanagan. “Tem trinta, quarenta, no máximo cinquenta pessoas assim no mundo, que entram nesse panteão. Em primeiro lugar, a maioria delas é inteligente, porque você não sobrevive se não for. Os burros ou morreram, ou faliram. Mas o normal é que o amor ardente que eles tinham pela música tenha gelado.

“O sucesso tira as pessoas do rumo de várias maneiras, nem todas ruins. Não é só de elas ficarem gananciosas e terem de pagar as seis mansões, o jatinho particular, sair com as *groupies*, divórcio. As pessoas também saem da

música porque fazem caridade, filmes, escrevem livros e colecionam arte. É raro, muito raro encontrar alguém como Plant, que ainda é tão fanático por música depois de quarenta anos no topo. Isso é quase sem precedentes.”

Robert Plant completou 65 anos em agosto de 2013. Em seu país natal, agora ele tem direito a passe livre no ônibus e pensão do estado. Em muitos aspectos, ele parece tão acomodado quanto realizado. Ele e Patty Griffin dividem a vida entre casas na Inglaterra, País de Gales e Austin, Texas, onde Plant aluga o que descreveu, em entrevista com Tim Cumming do *Independent*, como uma “antiga boca de fumo”.

No Texas, Plant e Griffin são rostos conhecidos nos bons locais de blues e country de Austin. Nas Midlands, é igualmente fácil ver os dois no *pub* de Plant ou de manhã no café local. Amigo e vizinho de Plant por lá, Kevyn Gammond lembra-se de ter passado o Natal de 2013 com o casal. Ele e Plant deram-se o mesmo presente, uma caixa de filmes dos anos 1950 com o ator cômico britânico Leslie Phillips.

“Phillips é um dos grandes heróis do Robert”, revela Gammond. “Teve uma época que ele se registrava nos hotéis com o nome de Phillips, e Robert conseguiu que ele autografasse a caixa pra mim. Ficamos lá sentados, trocando presentes e falando cheios de entusiasmo

de Leslie Phillips, aí Robert me olhou e disse: ‘Então, olha só aonde a gente chegou’.”

Todavia, por mais pé no chão que Plant ainda pareça, por mais prosaicas que sejam suas fraquezas, sua vida não é normal. Pelo menos não no sentido que todos nós definiríamos normal. Ele é um *rockstar* desde os 19 anos, festejado e adulado ao longo de toda a vida adulta. Em maio de 2013, por exemplo, foi obrigado a emitir medida liminar contra uma fã, Alysson Billings, alegando que ela era obsessiva e acreditava ter um relacionamento com ele. O *website* TMZ.com relatou que, nos autos do processo, Plant alegou que Billings o bombardeou por três anos com presentes

e mensagens, sendo que suas súplicas tomaram rumos mais sombrios quando ele começou a namorar Patty Griffin. “Você me trair com outra mulher apunhala minha mente”, diz-se que ela escreveu para ele. “Ela domina e manda tanto em você que eu tenho vontade de vomitar.”

Contudo, ele já viu e provou mais do que a maioria irá ver e provar, embora nada disso o tenha habituado à terrível dor da perda. O sofrimento e as memórias estão ancorados nas profundezas de sua alma. Talvez seja isso que o mantenha em frente, em busca da luz do novo e, assim, distanciando-o das sombras.

Foi o que ele admitiu ao falar com

Mat Snow, da revista *Mojo*, em 1994. “Perdi gente demais na minha volta para sequer ficar vendo espaços vazios”, ele diz. “Eu sei que tem um vazio no meu coração, mas eu preencho esses pontos.”

A jornada que ele seguiu através da música tem sido marcante, e não apenas pelas alturas a que chegou com o Zeppelin ou pelo fato de manter-se firme e forte por conta própria. É mais por ele ainda ser curioso, ainda buscar, ainda querer desafio e surpresa. Isto numa época em que quase todos os seus pares aceitaram a vida que tiveram, pararam de perguntar ou buscar mais, nada mais a fazer além de aguardar a senilidade.

Em busca de paralelos, pode-se apontar para Johnny Cash, que conseguiu

uma bela fase tardia na companhia do produtor Rick Rubin, ou Bob Dylan, ainda hoje capaz de alcançar a grandiosidade, ou Leonard Cohen e Neil Young, embora suas grandes obras estejam no passado distante. Cada um deles mantém-se hoje em seu próprio nicho, contudo. É neste aspecto que Plant é singular. Para ele, não existem barreiras autoimpostas.

Nem tudo que ele fez deu certo. Desde o Led, talvez só uma pequena porcentagem se qualifique como ótima. Mas o mais comum é ele ter sido bom e melhor, e ninguém nunca pôde prever a próxima jogada dele com algum grau de certeza.

“Eu simplesmente me empolgo com o

que faço”, ele me disse há alguns anos. “Eu olho pra tudo que nem um bebê, como diria Robert Johnson. Sou um cara de sorte. Com os contatos que eu tenho – são mil correspondentes, sendo que alguns falam *tamasheq* e vivem no sul do Saara.

“O meu problema é que não consigo fazer nada sozinho. Não posso pensar em fazer uma coisa sem sair para convencer almas e espíritos radiantes. É isso que eu procuro, uma espécie de radiância e bondade inocente. Sei que isso soa *hippie* pra caralho, mas não tem nada do que eu consiga me aproximar que não tenha essa equação.

“Não posso dizer que tenha sorte nesse aspecto, porque eu invisto muito,

mas minhas recompensas não são os louros, as conquistas da vida e todas essas... coisas. É mais o fato de que, com o amor insaciável pela música e o armamento que possuo, o repertório em que eu posso me meter hoje é fenomenal.”

Ele, então, fez uma pausa para considerar o quanto o tempo passa rápido, sua mente já saindo por outra tangente, como costuma fazer. Lembrou de uma ex-namorada, cinco anos antes, e como ela havia insistido para que ele se comprometesse com um determinado futuro. “Acho que ela queria ouvir carrinhos de bebê”, ele disse. “Em vez disso, prometi-lhe uma viagem para a praia.”

Plant diz que levou essa moça infeliz a Cleethorpes, uma cidade ventosa na costa leste da Inglaterra, e, depois, para assistir a uma partida de futebol num tarde gelada. “Também fomos numa boa casa de *fish and chips*”, ele emenda. “Aí a gente se separou. Bem, eu fugi com a Miss Lapland. Aliás, vou me encontrar com ela de novo na semana que vem. Muito querida.”

Ao contar isto, havia um cintilar perverso em seus olhos azul-claros, olhos que viram tanta coisa. Posteriormente, escrevi-lhe perguntando o que acharia de rever toda sua vida e dar sua própria perspectiva.

A resposta veio numa única frase: “Obrigado pela pergunta, mas acho que

é cedo demais na minha carreira para fazer isso – tem muita coisa pela frente.”

AGRADECIMENTOS

Este livro não seria possível sem a ajuda e os conselhos de várias almas caridosas. Sei muito bem que gente sã considera uma lista de nomes comprida tão atraente quanto tratamento de canal, mas seria muito desleixo da minha parte não reconhecer as contribuições significativas que deram.

Primeiro, devo agradecer a Robert Plant pelas entrevistas anteriores e, embora não me tenha dado autorização,

por ter me deixado ir aos lugares que fui durante os meses de pesquisa deste livro.

Um grande alô para meu incomparável agente Matthew Hamilton, da Aitken Alexander Associates, pelos serviços que superam em muito seus deveres. Obrigado também ao meu camarada em Nova York, Matthew Elblonk, da DeFiore and Company. Tenho grande dívida com Natalie Jerome, da HarperCollins de Londres, por conta de seus estímulos e alertas sagazes, e, pelo mesmo motivo, com Denise Oswald, da HarperCollins de Nova York. Obrigado também a Simon Gerratt e Mark Bolland, meu editor *par excellence*, e a todos da HarperCollins que trabalharam

neste projeto.

Minha esposa, Denise Jeffrey, foi uma pesquisadora magnífica. Também estou em dívida com o seguintes: Nicola Powell, Barbara “BC” Cherone, Bernard MacMahon, Steve Morris, Neil Storey, Trudie Myerscough-Harris, Frances McMahon, Paul Brannigan, Mark Blake, Max Lousada, Dave Ling, Simon Raymonde, William Rice, Sue Sillitoe, John Woodhouse, Paul Berry do Wolverhampton Wanderers FC, Julie Wilde do King Edward VI College em Stourbridge, Dave Brolan e Paul Toms, por me salvar na informática.

Eu estaria perdido sem todos vocês que tiveram a graça de me conceder entrevistas para este livro – e não

apenas pelo tempo que tomei e pelos comentários, mas igualmente por muitas outras gentilezas. Obrigado: Jim Lea, Dave Hill, Ross Halfin, Kim Fowley, Anton Brookes, Richard Cole, Bill Flanagan, Glenn Hughes, Bill Bonham, Nigel Eaton, Doug Boyle, Andrew Hewkin, Marco Giovino, Hossam Ramzy, Steve Gorman, Mike Kellie, Steve Bull, Mark Stanway, Christopher Selby, John Crutchley, Bob Harris, Jody Craddock, Michael Des Barres, Carole Williams, Dave Pegg, Roy Harper, Laurie Hornsby, Tony Billingham, Phill Brown, Mike Davies, Andy Edwards, Bev Pegg, Perry Foster, Dennis Sheehan, Chris Hughes, Michael Richards, Tim Palmer, Benji LeFevre, Roy Williams,

Colin Roberts, Mark “Spike” Stent, Trevor Burton, Jezz Woodroffe, John Ogden, Najma Akhtar, Chris Blackwell, Kevyn Gammond, Gary Tolley, John Dudley, Stan Webb, David “Rowdy” Yeats e Dave Lewis.

Também tive a felicidade de entrevistar Jimmy Page em duas ocasiões prévias e, por isso, sou grato a ele.

Da mesma forma, sou grato a todos os autores, jornalistas e fotógrafos cujas obras informaram e ilustraram meu livro.

Tudo que há de bom aqui se deve a todos mencionados anteriormente. Todas as falhas e imprecisões são minhas.

Fui inspirado a escrever pelo

incentivo e pela paciência de bons professores – a Sra. Godby, o Sr. Bowler, a Sra. Jeavons, a Sra. Hinton, a Sra. Wymer e Geoff Sutton. E, acima de tudo, por minha mãe e por meu pai, que nunca deixaram de me apoiar e sempre me mostraram o rumo correto.

Obrigado também, com muito amor, a Mark e Tashi Rees-Martinez, ao “Tio” Michael Rees pela imensa generosidade e auxílio inestimável, e a todos os membros dos clãs Rees e Jeffrey.

Eu me considero imensamente sortudo por ganhar a vida escrevendo – e pontificando – sobre música há duas décadas (e seguir na ativa). Eu não teria chegado aqui se não tivesse contato com Steve Morris, Phil Alexander, Dave

Henderson nem Malcolm Dome. Sou profundamente grato a cada um deles. Também só tive a ganhar ao trabalhar ao lado de Marcus Rich, Jason Arnopp, Caroline Fish, Scarlet Borg, Dave Everley, Lucy Williams, Jo Kendall, Stuart Williams, Gareth Grundy, Matt Mason, Simon McEwen, Steve Peck, Russ O'Connell, Ian Stevens, Matt Yates, Ashlea Mackin, Mark Taylor, Warren Jackson e todo o pessoal legal que me inspirou e me aguentou nos muitos anos de felicidade das revistas *Kerrang!* e *Q*.

Este livro foi escrito ao som de Led Zeppelin, Robert Plant, The Grateful Dead, Buffalo Springfield, Moby Grape, Jefferson Airplane, Fairport Convention,

Van Morrison, The Band, The Byrds, Love, Alison Krauss, Patty Griffin e Gillian Welch. O prazer foi todo meu.

REFERÊNCIAS

LIVROS

Alan Clayson, *The Origin of the Species: Led Zeppelin – How, Why and Where It All Began*, Chrome Dreams.

Charles R. Cross, *Led Zeppelin: Shadows Taller than Our Souls*, Aurum.

Neil Daniels, *Robert Plant: Led Zeppelin, Jimmy Page & the Solo Years*, Independent Music Press.

Stephen Davis, *Hammer of the Gods*,
William Morrow & Company.

Stephen Davis, *LZ-'75: The Lost
Chronicles of Led Zeppelin's 1975
American Tour*, Fourth Estate.

Pamela Des Barres, *I'm with the Band:
Confessions of a Groupie*, Helter
Skelter Publishing. [edição brasileira:
Confissões de uma groupie,
Barracuda, 2004.]

Peter Guralnick, *Careless Love*, Abacus.

Barney Hoskyns, *Led Zeppelin: The
Oral History of the World's Greatest
Rock Band*, Wiley.

Barney Hoskyns, *Waiting for the Sun:
Strange Days, Weird Scenes and the
Sound of Los Angeles*, Bloomsbury.

Nick Kent, *Apathy for the Devil*, Faber

& Faber.

Andy Neill e Matt Kent, *Anyway, Anyhow, Anywhere: A Complete Chronicle of The Who 1958-1978*, Sterling Publishing.

Andrew Loog Oldham, *Stoned*, Vintage.

Paul Oliver, *Blues Fell This Morning*, Collier Books.

Richard Cole e Richard Trubo, *Stairway to Heaven: Led Zeppelin Uncensored*, HarperCollins.

Brad Tolinski, *Light & Shade: Conversations with Jimmy Page*, Virgin Books. [edição brasileira: *Luz e sombra: conversas com Jimmy Page*, Globo, 2012.]

Mick Wall, *When Giants Walked the Earth: A Biography of Led Zeppelin*,

Orion Books. [edição brasileira: *Led Zeppelin: quando os gigantes caminhavam sobre a Terra*, Larousse do Brasil, 2009.]

Ned Williams, *A Century of the Black Country*, The History Press Ltd.

Rob Young, *Electric Eden: Unearthing Britain's Visionary Music*, Faber & Faber.

MATÉRIAS

Phil Alexander, especial Led Zeppelin, *Mojo*, dezembro de 2012.

Jacoba Atlas, entrevista com Robert Plant, *Circus*, março de 1970.

Mark Blake, "Led Zeppelin: Let There

Be Rock”, Q, março de 2005.

Chris Charlesworth, entrevista com Robert Plant, *Melody Maker*, 8 de fevereiro de 1975.

Chris Charlesworth, “Robert Plant: Plantations”, *Creem*, maio de 1976.

Alvaro Costa, entrevista não publicada com Page e Plant, 1995.

Cameron Crowe, “The Durable Led Zeppelin”, *Rolling Stone*, 13 de março de 1975.

Tim Cumming, entrevista com Robert Plant, *Independent*, julho de 2012.

Stephen Dalton, entrevista com Robert Plant, *The National*, abril de 2009.

Anthony DeCurtis, “Refuelled and Reborn”, *Rolling Stone*, 23 de fevereiro de 1995.

Dave DiMartino, “Hot Dog to Big Log”,
Creem, outubro de 1983.

Chuck Eddy, “Robert Plant:
Technobilly”, *Creem*, junho de 1988.

David Fricke, entrevista com Robert
Plant, *Rolling Stone*, 24 de março de
1988.

David Fricke, “The Return of Led
Zeppelin”, *Rolling Stone*, 13 de
dezembro de 2007.

David Fricke, “Beauty and the Beast”,
Rolling Stone, 26 de junho de 2008.

Deborah Frost, “Robert Plant: Last of
the Red-Hot Rock Stars”, *Spin*, 1993.

Andy Gill, entrevista com Robert Plant,
Independent, 16 de novembro de
2010.

Tom Hibbert, “Robert Plant: Guilty!”, *Q*,

março de 1988.

Barney Hoskyns, entrevista com Robert Plant, *Rock's Backpages*, 2003.

Barney Hoskyns, entrevista com Robert Plant, *Tracks*, 2003.

John Hutchinson, entrevista com Robert Plant, *Record Magazine*, setembro de 1983.

Cliff Jones, entrevista com Robert Plant, *Rock CD*, abril de 1993.

James McNair, entrevista com Robert Plant, *Mojo*, julho de 2002.

Charles Shaar Murray, “Robert Plant – and That Below-the-Belt Surge”, *NME*, 23 de junho de 1973.

Mark Petracca, entrevista com Robert Plant, *Creem*, setembro de 1993.

Stephen Rodrick, entrevista com Robert

Plant, *Rolling Stone*, 20 de janeiro de 2011.

Steven Rosen, entrevista com Robert Plant, *Guitar World*, julho de 1986.

Robert Sandall, “Led Who?”, *Q*, maio de 2008.

Austin Scaggs, entrevista com Robert Plant, *Rolling Stone*, 28 de outubro de 2010.

Sylvie Simmons, entrevista com Page e Plant, *Rolling Stone*, 1998.

Mat Snow, “Percy Pulls It Off”, *NME*, 8 de junho de 1985.

Mat Snow, entrevista com Robert Plant, *Q*, maio de 1990.

Mat Snow, entrevista com Page e Plant, *Mojo*, dezembro de 1994.

Mat Snow, entrevista com Page e Plant,

Mojo, maio de 1998.

Phil Sutcliffe, “Not the Led Zep Reunion”, *Q*, dezembro de 1994.

Frank Tortorici, entrevista com Page e Plant, *Addicted to Noise*, 24 de março de 1998.

Steve Turner, “Zeppelin Man Takes the High Road to Nirvana”, *The Times*, junho de 1990.

Mark Williams, entrevista com Robert Plant, *International Times*, abril de 1969.

Richard Williams, “Robert Plant: Down to the Roots”, *Melody Maker*, setembro de 1970.

MISCELÂNEA

The Black Country Society
Down from the Mountain, Momentum
Pictures DVD

The International *Bluegrass* Museum,
Kentucky

Led Zeppelin: How the West Was Won,
Warner Music Vision DVD

*No Quarter: Jimmy Page and Robert
Plant UnLedded*, Warner Music
Vision DVD

Robert Plant: By Myself, BBC TV

TMZ.com

Wolverhampton City Archives

EXTRATEXTO

The Stourbridge Edwardian

Post Free Terms of Subscription (payable in advance): Single Number 2/-; Annually, 4/-; for Five Years, 16/6; for Ten Years, 32/6; Life Subscription, £5. There will be two issues each year.

Editors: J. A. Pagett, R. A. Jones, A. J. Smith.

Vol. XIX

NOVEMBER, 1961

No. 1

EDITORIAL

This is, we are continually informed, a 'modern age,' but one seeks in vain for a conclusive definition of this elusive 'modernity.' As far as present-day trends are concerned, its essential characteristics would, at first sight, seem to be dissonance, cacophony, and an all-pervading element of futile obscurity, which suggests that innovation is not all enlightenment. However, this may be but a period of transition, and transitions are essentially of an ephemeral nature. What then may be understood by 'modernity'? Apart from its obviously shallow connotation of that which is contemporary with, and novel to, us, the real meaning and significance of the word must surely lie in the extent to which depth and durability are apparent in the traits of our present existence, qualities which cannot be assessed in the conflict, and feverish confusion of today. That which is truly modern and consequently permanent, therefore, can only be estimated after these trends have stood the much-advocated but reliable "test of time." R.A.J.

SCHOOL NOTES

The School Prefects for this year are: M. G. V. Larkin (Captain of the School), D. G. Turner (Vice-Captain of the School), M. Bagnall, D. Bourne, S. Childs, A. E. Clark, G. H. Cooksey, S. I. Edwards, P. J. Herbert, D. R. James, R. M. Jenkins, R. E. Jones, A. G. A. Mathews, J. J. Moore, B. Perrins, P. Redfern, R. Robins, I. H. Richards, K. G. Russell, A. J. Smith, C. M. Stray, R. H. Taylor, J. P. Tonks, D. Ward, T. C. H. Wright.

The Form Monitors for this year are: VII.2, L. Chapman; VII.1, D. Ward; VI.M.2, K. G. Russell; VEM.1, K. J. Wright; VIS.2, D. J. Hale; VLS.1, D. S. Moulder; VI.C, J. L. Edwards; V.Alpha, C. N. Carter; V.A1, T. P. Jordan; V.A2, G. B. Gardener; V.B1, R. Keightley; V.B2, M. D. Williams; V.X, R. Barlow; IV.Alpha, M. V. Hill; IV.A, P. W. Harris; IV.B, R. W. May; R.2, J. N. Motteram; III.Alpha, T. S. Smith; III.A, T. J. Stringer; III.B, R. A. Plant; R.1, D. R. Barnard; II.A, C. L. Shotton; II.B, P. P. J. Allen; I.A, D. A. Hakeney; I.B, H. J. Smith; I.C, G. M. Clough.

School for Boys anuncia Plant como monitor da turma. “Parecia que ele estava sempre no centro de tudo o que acontecia.”

(© King Edward VI Grammar School for Boys)



Plant, circulado, na foto escolar de 1963. Gary

Tolley, guitarrista de sua primeira banda, está à
sua direita.

(© Colin Roberts)



Primeiro hábitat natural de Plant, a Rua Central de Stourbridge, aproximadamente 1963. (© Bev Pegg)

Historical Society

Hon. President: The Headmaster; President: J. T. Greany, Esq.; Secretary: P. Chapman.

The Society only held one meeting. This was presented by Mr. Greany, and was entitled "The French Revolution." Making use of a film strip, Mr. Greany gave a talk which was invaluable to all boys doing "A" level history.

It is hoped that next term more people will be prepared to give talks, and a cordial invitation is extended to all boys in the lower School to attend Society meetings.

Jazz Society

Hon. President: The Headmaster; President: N. Cockin, Esq.; Secretary: P. Chapman; Committee: The above, with H. R. Donovan, R. Plant, A. J. Waldron.

At long last, members of the Society have been able to hear live jazz, and, what is even better, the music has been provided by the School's own jazz band, "The Cushion Foot Stompers." The personnel of the band is Mr. C. P. Green (trumpet, banjo), P. Chapman (clarinet, alto, tenor), G. Norwood (trombone), Mr. J. A. Griswold (piano), R. Griffin (banjo), Mr. B. M. Pay and M. H. Johnson (bass), and A. J. Waldron (drums).

The "Stompers" have given three concerts at King Edward's and one at the High School, and their brand of rugged New Orleans jazz was greatly appreciated by the large audiences which attended every session.

So successful have the "Stompers" been that not only have they received several offers to play at dances, but it has also been suggested that they make a private recording of some of their music. It is hoped that this will be achieved during this term, and the extended-play recording will be on sale to all interested in the band and their music of the Crescent City.

This term has indeed been a remarkable one in the history of the Jazz Club, for it also marked the first joint meeting of King Edward's and the High School Jazz Societies. This occurred when P. Chapman presented a detailed history of jazz, which although well received, proved a little too complex for those present.

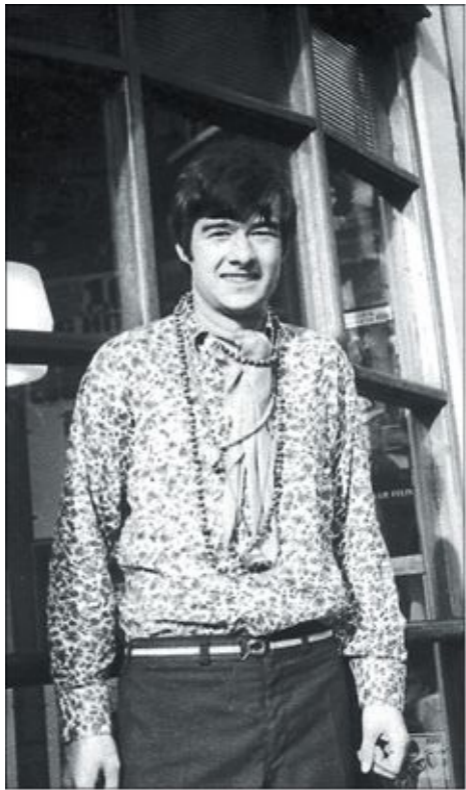
Once again we cordially invite any enthusiasts to join the Society, and hope that they will take this opportunity to hear a type of music which is becoming all too rare nowadays.

Student Christian Movement

Hon. President: The Headmaster; President: C. J. Bishop, Esq.; Secretary: G. Edwards; Committee: The above, with R. G. Mayer, C. Gammon, A. C. Conochie, J. J. Cavell.

O jornal do colégio registra a passagem de
Plant pelo comitê da Jazz Society.

(© King Edward VI Grammar School for
Boys)



Dave “Rowdy” Yeats, proprietário da Groove Record Shop em Stourbridge, hábitat de Plant em meados dos anos 1960.

(© David Yeats)



Plant, no alto à esquerda, com a Listen em

1966. “Ele fazia sucesso com as meninas”,
disse o guitarrista John Crutchley, no alto à
direita.

(© John Crutchley)



Plant em sua malfadada marcha pela
legalização da maconha, em agosto de 1967.
Shirley Wilson está logo à sua esquerda.
(© Redferns)



Plant e John Bonham (de bigode) com a

terceira versão da Band of Joy,
aproximadamente 1968. “Uma música chegava
a durar dez, quinze minutos – pobre da plateia.”

(© Redferns)



Plant e Jimmy Page no palco do primeiro show dos New Yardbirds, no Teen-Clubs de Gladsaxe, Dinamarca, em 7 de setembro de 1968. “A gente notou a potência na mesma hora”, disse Page.

(© Redferns)



Plant na época em que entrou nos New
Yardbirds. “Ele parecia alguma espécie de
deus.”

(© Redferns)



O Led Zepellin reunido em Londres, em 1968.
A partir da esquerda: John Paul Jones, Jimmy
Page, Robert Plant e John Bonham. (©
Redferns)



No palco do Royal Albert Hall de Londres, em
29 de junho de 1969. “Foi como se eles
tivessem levado um foguete na bunda!” (©
Mirrorpix)



Plant em algum lugar dos Estados Unidos durante os dias inebriantes de 1969. “À minha volta as galáxias faziam ‘Bum! Bum! Bum!’.

Eu absorvia tudo, como poeira lunar.”

(© Time & Life Pictures/Getty Images)



O Led chegando no Havaí em maio de 1969
com as fitas master de *Led Zeppelin II*.

(© Redferns)



Abrigo das tempestades – Plant em casa com a esposa Maureen e a filha Carmen, 1969.



Plant e amigo em seu santuário, a Jennings Farm.

“Tive a sorte incrível de ter uma câmara de descompressão nesse lugar e na minha família”.

(© Camera Press / © Randolph)



O hippie proverbial e sua pomba no Kezar Stadium, San Francisco, 2 de junho de 1973.

“Era como entrar na cova dos leões.”

(© James Fortune / Rex Features)



Plant em Headley Grange, cenário dos maiores
triunfos gravados do Led Zeppelin.

(© Idols / Photoshot)



Com a finada Sandy Denny, sua covocalista em
“The Battle of Evermore”, 1971. (© Mirrorpix)



O Led no palco do Bath Festival,
28 de junho de 1969.
(© Getty Images)



O Led dominando as atenções na Sunset Strip de Hollywood, centro de seu império durante os anos 1970. “As pessoas ficavam com um pé atrás, não queriam ser relacionadas àquela suposta dose cavalgar de hedonismo.”

(© Getty Images)



Plant e o empresário intimidante do Led, Peter Grant. “Todo mundo era cagado de medo de ‘G’.”

(© Getty Images)



O momento supremo do Led, no palco do Earl's Court em Londres, em maio de 1975.

(© Redferns)



O último show no Led nos EUA – Plant no Alameda County Coliseum, Oakland, em 24 de julho de 1977. Dois dias depois ele perderia o filho Karac, de sete anos.

(© Redferns)



Plant e Page a caminho do palco em
Knebworth, agosto de 1979.

(© LFI/Photoshot)



Fechando a cortina: a turnê Over Europe, junho de 1980. “A turnê estava mais desorganizada do que eles dizem.”

(© Redferns)



Plant, o artista solo, em 1982. “Eu tinha cortado o cabelo e não tocava nem ouvia um disco do Led há dois anos.”



“Era que nem monomotor.” O turbo-hélice
Viscount em que Plant e banda fizeram turnê
pelos EUA durante 1983.

(© Jezz Woodroffe)



Plant com seu baterista e interlocutor, Phil
Collins.

(© Time & Life Pictures / Getty Images)



Um Led Zeppelin de novo visual reencontra-se para o Live Aid, em 13 de julho de 1985. “A gente praticamente arruinou a coisa toda, porque nosso show foi horrível”, Plant disse mais tarde.

(© Redferns)



Page-Plant gravando com os mestres da
música gnaoua em Marrakech, agosto de 1994.

(© Andy Earl)



Relaxando durante uma sessão de fotos para a
capa da revista *Rolling Stone*, 1988.
(© David Montgomery/Getty Images)



A comitiva da turnê Unleaded na estrada nos
EUA, 1995. (© Nigel Eaton)



Curtindo um descanso com o tocador de *hurdy gurdy* Nigel Eaton, no Arizona, durante a turnê Unledded, maio de 1995. (© Nigel Eaton)



Plant com Najma Akhtar, à direita, num casamento no *Black Country*. “Ele é muito patriota com o vilarejo dele”, ela disse. (© Bev Pegg)



Plant diverte os frequentadores de seu clube de tênis com o velho amigo Bev Pegg, logo à esquerda de Plant, e banda.

(© Bev Pegg)





O Led ensaiando e tocando no show de reencontro na Arena O2 de Londres, dezembro de 2007. “Robert não queria esse reencontro da banda, não mesmo.”

(© Ross Halfin)



Na sua festa de 60 anos com o comediante
Tommy Mundon, do *Black Country*,
agosto de 2008. (© Bev Pegg)



“Uma mulher linda com voz de anjo.”
Plant e Alison Krauss causando furor, 2008.

(© Camera Press/Perou)



Plant no início da partida em Molineux, sede dos Wolverhampton Wanderers, time de futebol

para o qual torce há sessenta anos.

(© Sam Bagnail/AMA Photo Agency/Wolves
FC)



Com a “delicada e encantadora” Patty Griffin,
sua colaboradora e companheira.

(© Getty Images)



Plant, Page e Jones, juntos mais uma vez em
Nova York, outubro de 2012...

(© Ross Halfin)



... e no mesmo ano, em Washington D.C.,
recebendo o Prêmio Kennedy do presidente
Barack Obama. “Eu definitivamente
descartaria mais um reencontro”, Plant disse.
“Estou a fim fazer coisas novas.”

(© Pete Souza/dpa/Corbis)

Índice

CAPA

Ficha Técnica

BIS

PARTE UM O PRINCÍPIO

1 BLACK COUNTRY

2 A MÚSICA DO DEMO

3 O REI DO MOD

4 O HOMEM BORRACHA

5 DESESPERO PURO

PARTE DOIS NAS ALTURAS

6 BUM! BUM! BUM!

7 VALHALLA

8 ELVIS LOIRO

9 SODOMA E GOMORRA

10 COLISÃO

11 DARKNESS, DARKNESS

12 THE OUT DOOR

PARTE TRÊS SOLO

13 EXORCISMO

14 SEA OF LOVE

15 TALL COOL ONE

16 ENCRUZILHADA

17 GOOD TIMES, BAD TIMES

18 DOWN FROM THE MOUNTAIN

19 RENASCIDO

20 GONE, GONE, GONE

21 PRAZER

22 CODA

AGRADECIMENTOS

REFERÊNCIAS

EXTRATEXTO